

MARILITA APARECIDA ARANTES RODRIGUES

CONSTITUIÇÃO E ENRAIZAMENTO DO ESPORTE NA CIDADE

Uma prática moderna de lazer na cultura urbana

de Belo Horizonte (1894-1920)

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2006

MARILITA APARECIDA ARANTES RODRIGUES

CONSTITUIÇÃO E ENRAIZAMENTO DO ESPORTE NA CIDADE

Uma prática moderna de lazer na cultura urbana

de Belo Horizonte (1894-1920)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: História Social da Cultura.

Orientadora: Profa. Regina Helena Alves da Silva

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2006

981.511 Rodrigues, Marilita Aparecida Arantes
R696c Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática
2006 moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920) /
Marilita Aparecida Arantes Rodrigues. 2006.

338f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais –
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientadora: Regina Helena Alves da Silva

1. Belo Horizonte (MG) – História - Teses. 2. Esportes -.História 3.
Lazer – Belo Horizonte (MG) I. Silva, Regina Helena Alves da. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas III. Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação

Tese intitulada *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*, de autoria da doutoranda Marilita Aparecida Arantes Rodrigues, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Regina Helena Alves da Silva – FAFICH/UFMG – Orientadora

Profa. Thaís Velloso Cougo Pimentel – FAFICH/UFMG

Profa. Eustáquia Salvadora de Sousa – PUC/MG

Prof. Victor Andrade de Melo – EEFD/UFRJ

Profa. Andrea Moreno – FAE/UFMG

Profa. Regina Horta Duarte
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 6 de outubro de 2006

Ao meu querido Aclino, pelo apoio e amor incondicional, e pela paciência em ouvir, por um bom tempo, todos os meus “depois da tese”.

À Sabrina, Larissa e Melina, com quem partilho as alegrias da vida. Vocês são a grande motivação para todas as minhas ações.

Obrigada por existirem e fazerem a vida valer a pena.

AGRADECIMENTOS

À Lena, minha orientadora, pela acolhida e confiança.

Ao Tarcísio, meu querido amigo, pelas preciosas observações sobre o texto e pela disponibilidade e estímulo.

À Thaís, pelas sugestões na qualificação e pelas facilidades no acesso ao acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

Ao Raphael, que não somente colocou à minha disposição sua pesquisa realizada sobre o futebol na cidade, como também me auxiliou, com competência, na busca de outras que foram significativas para este trabalho.

À Maria Luiza e ao Tonimar, alunos da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte e estagiários no projeto de pesquisa realizado, que comigo se embrenharam pelos arquivos da cidade à procura de fontes.

À Letícia Julião, com quem aprendi muito sobre Belo Horizonte, por disponibilizar seu acervo de pesquisas sobre a cidade, que se encontra na Biblioteca do Museu Histórico Abílio Barreto.

À amiga Tucha que, como sempre, me auxiliou, na última hora, pela revisão do texto e sugestões que deram mais expressão às minhas palavras.

À bibliotecária Terezinha, que, com carinho, dedicação e muitas horas de trabalho, me auxiliou em todos os detalhes previstos nas normas de uma tese, bem como em todos os detalhes das referências e fontes utilizadas.

À Aline, pela formatação do texto.

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, em especial à Ivana, pelas sugestões, pelo apoio e pelas boas conversas sobre a história da cidade.

Aos funcionários do Museu Histórico Abílio Barreto, em especial Gilvan, Paulo e Beatriz, que com presteza me ajudaram na busca de fontes.

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFMG, por intermédio da Silvana, pelas facilidades de acesso à Coleção Linhares.

Aos funcionários da Hemeroteca Assis Chateaubriant.

À professora Isabel, coordenadora do Curso de Educação Física da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte, pelo incentivo e apoio ao projeto de pesquisa que fundamentou esta tese.

À Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que me concedeu licença dos meus trabalhos para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa.

Ao CEPE da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte, sob a coordenação do Professor Paulo Vitor, que apoiou financeiramente esta pesquisa.

Aos meus colegas de curso, que se tornaram amigos, Tito, Kátia, Ilva e Carminha, pela convivência solidária, pelas sugestões e pelas inúmeras formas de ajuda.

A todos os meus amigos e amigas que me acompanharam e incentivaram na realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo centra-se na discussão sobre a sociabilidade desenvolvida pela relação dos fenômenos modernos – a cidade, o esporte e o lazer –, focalizando-se na análise da constituição e o enraizamento do esporte como forma de lazer na cidade de Belo Horizonte e sua relação na construção da cultura urbana, no período de 1894 a 1920. A intenção foi acompanhar as iniciativas que permearam a construção do campo esportivo nos seus momentos iniciais. Entre as muitas possibilidades de acesso à cidade, foram utilizadas diferentes imagens e narrativas sobre o viver social que permitiram, na sua materialidade, expor a tessitura social daquele período, permitindo uma apreensão ampla e múltipla da realidade, da qual o esporte e o lazer eram partes integrantes e constitutivas. Dentre elas foram utilizados jornais, fotografias, revistas, documentos de arquivos e a literatura. As investigações foram orientadas na direção da história cultural do urbano. Na constituição do campo esportivo, foram identificadas diferentes práticas que se apropriaram da cidade e foram por ela apropriadas, inscrevendo-se em lugares sociais específicos, com funções e finalidades específicas, organizadas, em sua maioria, pelos setores dominantes da população. Foram produzidos diferentes sentidos ao esporte na cidade em decorrência dos interesses dos atores a ele aliados. Desse modo, a cidade foi envolvida por diferentes representações de esporte, forjadas por esses atores que buscavam legitimar-se na cultura urbana. Mas o que se pode avaliar dos valores associados tanto ao lazer como ao esporte, no contexto histórico-social da cidade até 1920, é que, como fenômenos modernos, eles aqui nasceram e se constituíram, como a cidade, repletos de antagonismos e desigualdades, e não como um lugar por excelência da realização da cidadania, pois se revelaram como um o privilégio de classe, um direito de poucos.

ABSTRACT

This study is centered on the discussion on the sociability developed for the relation of the modern phenomena – the city, sport and leisure –, focusing on the analyzes of the constitution and rooting of sport as a form of leisure in the city of Belo Horizonte and its relation in the construction of the urban culture, in the period from 1894 to 1920. The intention was to follow the initiatives that were on the background of the construction of the sportive field in its initial moments. Among the several possibilities of access to that city, there was use of many different images and narratives of social life that enabled, in its materiality, the unveil of that period's social texture, allowing an ample and multiple apprehension of the reality which was integrated and constituted partly by sport and leisure. Amongst them there were photographs, periodicals, magazines, documents of archives and literature. The inquiries were oriented by urban cultural history. In the constitution of the sportive field it was identified different practices that appropriated the city and were appropriated by the city, that were inscribed in specific social places with specific functions and purposes, organized, in its great majority, by the dominant sectors of the population. Different meanings were attributed for sport in the city, from the point of view of the actors involved in the field. Therefore, the city was involved by different representations of sport, forged by these actors who searched to legitimize it in the urban culture. But what can be evaluated by the values associated with both leisure as sport in the historical social context of the city up to 1920, it is that, as modern phenomena, they were born here and they were constituted such as the city, full of antagonisms and inequalities and not a place par excellence for the accomplishment of citizenship, for they were revealed as class privilege, as a right of few.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Planta Geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte.....	46
FIGURA 2 –	Casa da Chácara do Sapo, no Parque Municipal, que serviu de residência para Aarão Reis.....	47
FIGURA 3 –	Projeto Geral do Parque.....	49
FIGURA 4 –	Projeto de ponte rústica.....	51
FIGURA 5 –	Projeto do Cassino	51
FIGURA 6 –	Projeto do Quiosque	52
FIGURA 7 –	Projeto do Observatório	53
FIGURA 8 –	Sobrado colonial onde se instalou o Escritório da CCNC e que foi cedido para os festejos inaugurais do Club Recreativo.....	78
FIGURA 9 –	O circo armado na paisagem da cidade.....	83
FIGURA 10 –	Palacete Steckel.....	87
FIGURA 11 –	<i>Garden-partie</i> no palácio da Liberdade.....	89
FIGURA 12 –	Teatro Municipal.....	91
FIGURA 13 –	Foto de Fernando Esquerdo com sua bicicleta nos trabalhos de construção de galerias de esgotos no Parque.....	103
FIGURA 14 –	Corridas na França no final dos anos 1860.....	108
FIGURA 15 –	Pavilhão do <i>Velo Club</i>	108
FIGURA 16 –	Ciclistas no <i>Velo Club</i>	110
FIGURA 17 –	Modelo de vestimenta para ciclista.....	112
FIGURA 18 –	O pavilhão do <i>Velo Club</i> na paisagem do Parque Municipal.....	116
FIGURA 19 –	Foto da raia do Prado Mineiro tendo ao fundo o pavilhão, em 1911.....	135
FIGURA 20 –	Cartão-postal das arquibancadas do Prado Mineiro.....	139
FIGURA 21 –	As cocheiras do Prado Mineiro.....	147
FIGURA 22 –	<i>Sport Club</i> em 1904.....	158
FIGURA 23 –	Foto do campo do <i>Athletico</i> , de autoria de Higino Bonfioli.....	172
FIGURA 24 –	Os jogadores do <i>America</i> em 1912.....	175

FIGURA 25 –	“Fotografia tirada no <i>Club de Sports Hygienicos</i> , vendo-se senhoras, senhoritas e cavalheiros da nossa alta sociedade”.....	180
FIGURA 26 –	Jogos no <i>Club de Sports Hygienicos</i>	183
FIGURA 27 –	Campeonato de <i>box</i> no Pavilhão Variedades.....	191
FIGURA 28 –	Anúncio do Colégio Anglo-Mineiro.....	215
FIGURA 29 –	O “valoroso” <i>Claret Foot-ball Club</i>	223
FIGURA 30 –	<i>Team</i> do Instituto Claret.....	225
FIGURA 31 –	<i>Team</i> do Instituto Claret.....	226
FIGURA 32 –	Um dos <i>teams</i> do Instituto Claret.....	226
FIGURA 33 –	Time de <i>basket-ball</i> da Escola Normal	233
FIGURA 34 –	Jogos ingleses modernos representados por bonecos.....	236
FIGURA 35 –	Victor Serpa	238
FIGURA 36 –	José Gonçalves – Jogador do <i>Sport Club</i>	241
FIGURA 37 –	Primeiros times dos clubes de <i>football Athletico</i> e <i>Villa Nova</i>	250
FIGURA 38 –	Instantâneos no Prado Mineiro na realização da “Taça Bueno Brandão”	259
FIGURA 39 –	O <i>match</i> realizado no dia 7 de setembro entre o <i>Athletico Mineiro</i> e o <i>Granbery</i> ...	264
FIGURA 40 –	Saída do público depois de um <i>match</i> de <i>football</i> no Prado Mineiro.....	265

SUMÁRIO

Apresentação – INTERESSES E CAMINHOS DA PESQUISA.....	13
Capítulo 1 – CONSTRUINDO A CIDADE, CRIANDO VALORES: A MODERNIZAÇÃO NA CAPITAL DE MINAS GERAIS.....	32
1.1 DECISÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE BELO HORIZONTE.....	35
1.2 OS PASSOS DA COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL.....	38
1.3 A CIDADE SONHADA PARA SER A CAPITAL.....	41
1.4 CORPOS PROJETADOS.....	54
Capítulo 2 – A REALIZAÇÃO DA CIDADE E SUAS PRÁTICAS DE LAZER.....	63
2.1 A CIDADE SE CONSOLIDA.....	63
2.2 AS DIVERSÕES NA CIDADE.....	69
2.3 A CONSTITUIÇÃO DO LAZER NAS PRÁTICAS SOCIAIS DA CIDADE.	82
Capítulo 3 – O ESPORTE NA CIDADE: OS CAMINHOS DAS PRÁTICAS PROJETADAS.....	98
3.1 O ESPORTE NA CIDADE.....	100
3.2 O CICLISMO NO PARQUE.....	101
3.3 O CICLISMO NO FINAL DO SÉCULO XIX.....	104
3.4 A CRIAÇÃO DO <i>VELO CLUB</i>.....	105
3.5 O TURFE NA CIDADE.....	124
3.6 O QUE REPRESENTAVA O TURFE NA ÉPOCA.....	130
3.7 A CONSTRUÇÃO DO PRADO MINEIRO.....	132
3.8 PRADO MINEIRO: PROMOVENDO O TURFE NA CIDADE.....	135

Capítulo 4 – O ESPORTE E AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO	
NA/DA CIDADE.....	149
4.1 O <i>FOOTBALL</i> APARECE NOS ESPAÇOS NA CIDADE.....	151
4.1.1 O <i>football</i> desaparece dos jornais.....	163
4.1.2 O <i>football</i> reaparece dos jornais e nos espaços da cidade.....	166
4.2 O <i>LAWN TENNIS</i> E <i>CROQUET</i> : A APROPRIAÇÃO DO PARQUE	
MUNICIPAL.....	177
4.3 O <i>SPORT</i> DE PATINS NA PRAÇA DA LIBERDADE.....	183
4.4 A LUTA ROMANA: UM ESPETÁCULO NO CINE-TEATRO	187
4.5 O BOX NO PAVILHÃO VARIEDADES.....	190
4.6 O TIRO NO PAVILHÃO VARIEDADES E O SPORT CINEGÉTICO.....	193
4.7 NOS LAGOS DO PARQUE, A NATAÇÃO E AS REGATAS.....	194
4.8 A <i>GYMNASTICA</i> COMO <i>SPORT</i> NOS CLUBES E NAS ACADEMIAS.....	197
4.9 MALHA: UM JOGO DA RUA.....	200
Capítulo 5 – O ESPORTE E A EDUCAÇÃO DE CORPOS	
CIVILIZADOS.....	204
5.1 A ORIGEM DO ESPORTE COMO FORMA DE EDUCAÇÃO.....	206
5.2 A ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE NA CIDADE.....	208
5.3 A EDUCAÇÃO PARA O ESPORTE NA CULTURA URBANA DA	
CIDADE.....	235
Capítulo 6 – O ESPORTE SE CONSOLIDA NA CIDADE.....	243
6.1 OS PRIMEIROS PASSOS PARA A SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO	246
6.2 AS PRIMEIRAS RAÍZES DO FUTEBOL NA CIDADE.....	248
6.3 A CRIAÇÃO DA <i>LIGA MINEIRA DE SPORTS ATHLETICOS</i>	260
6.4 O <i>FOOTBALL</i> : O PRIMEIRO JORNAL ESPORTIVO.....	270
6.5 O <i>TRENO</i> : UM JORNAL ESPORTIVO E LITERÁRIO.....	278
6.6 A LIGA MINEIRA DE DESPORTOS TERRESTRES.....	283

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	289
REFERÊNCIAS.....	301

Apresentação

INTERESSES E CAMINHOS DA PESQUISA

A história do esporte e do lazer na cidade de Belo Horizonte tem sido, nos últimos anos, um dos meus maiores investimentos de pesquisa. Esse interesse parte da necessidade de, como professora de História da Educação Física, do Esporte e do Lazer, conhecer a trama de sentidos e significados que vêm articulando a construção desses fenômenos culturais em nossa sociedade.

O interesse em estudar a cidade, mais especificamente a cidade de Belo Horizonte, na busca do entendimento sobre os modos de viver e de se divertir dos seus habitantes, que, por meio de suas ações no cotidiano, foram constituindo a sua cultura urbana, tem sido motivado, principalmente, pela necessidade de entendimento da relação entre alguns fenômenos considerados modernos: a cidade, o esporte e o lazer.

Se buscarmos a gênese desses fenômenos, vamos encontrar, no século XIX, a Europa, vista como o centro da civilização moderna e “radiadora dos mais altos padrões de civilização e progresso”¹. Esse cenário marca uma época de transformações, das quais os campos de estudo deste trabalho é fruto:

Já é lugar comum pensar o século XIX como um período de transformações e mudanças, marcado pela explosão científico-tecnológica, pela consolidação de um estilo burguês de vida, pela emergência das camadas populares urbanas, pela internacionalização do capitalismo. Embora a maior parte do globo ainda fosse predominantemente rural, a cidade tornara-se o palco por excelência dessas inovações.²

A cidade, nesse período de grande ebulição cultural e especulativa, esteve na mira dos diferentes saberes, que viam nela os fundamentos do mundo moderno – pensar a cidade era pensar nos “problemas urbanos”, nas suas conseqüências sobre a população e na forma de resolvê-los. Dessa forma, a cidade apareceu aos olhos da ciência moderna como um verdadeiro laboratório de observação e experiência, até o urbanismo legitimar-se como

¹ SILVA, 1997, p. 12.

² PESAVENTO, 1996, p. 379.

“ciência da cidade”. Legitimando-se como ciência, o urbanismo “legitima a cidade como objeto de conhecimento e um novo campo de disputas”.³

E foi nessa “sociedade urbana” que nasceu da industrialização e a sucedeu, num processo de construção meio real, meio virtual, como caracteriza Henri Lefebvre⁴, que a práxis humana foi configurando a cidade – espaço por excelência para a construção de significados, expressos em bens culturais.

Como o processo de urbanização das cidades se encontra no cerne das questões colocadas pela emergência do mundo moderno, elas passaram a ser um espaço de intensa inserção das transformações trazidas pela revolução industrial.⁵

Tanto o esporte como o lazer são vistos, por alguns autores, como fruto dessas transformações.

O primeiro – o esporte – tem a constituição do seu sentido moderno, dessacralizando o conceito até então vinculado a funções religiosas e guerreiras, emergindo de transformações de significados e sentidos do jogo, ocorridas por ocasião da Revolução Industrial européia.⁶ Assumindo características tais como: caráter secular dos tempos e dos lugares de seu exercício, a igualdade das condições de acesso e de competição, a especialização dos papéis; a racionalização das regras, a organização burocrática e a perseguição dos recordes como especifica o autor americano Allen Guttmann, o esporte é distinguido como um fenômeno que pertence à mesma substância das sociedades modernas.⁷ George Vigarello avalia que “o esporte, nascido com a sociedade industrial, restituiria em seus lazeres as marcas mais específicas dessa sociedade: livre iniciativa, investimento técnico, competitividade institucionalizada”. Pierre de Coubertin acrescenta, ainda, uma característica mais singular – o “espírito cavalheiresco” – que seria o “objetivo supremo da atividade esportiva”.⁸ Esse sentido moderno de esporte é constituído por competições físicas institucionalizadas, democraticamente organizadas, com regras unificadas e encontros planejados. Tendo sua gênese na Inglaterra industrial, uma Inglaterra que, segundo Vigarello, facilitava encontros de cidades e era sensível ao desempenho individual, à alternância cotidiana trabalho/lazer, o

³ PECHMAN, 1998, p. 31-32.

⁴ Para Lefebvre, a *sociedade urbana* “designa, mais que um fato consumado, a tendência, a orientação, a virtualidade”. Enuncia-a com um *objeto virtual*, ou seja, um “*objeto possível* do qual teremos que mostrar o nascimento e o desenvolvimento relacionando-os a um *processo* e a uma *práxis*”. (LEFEBVRE, 1999, p. 16, grifos nossos.)

⁵ SILVA, 1997.

⁶ BRACHT, 1993.

⁷ GUTTMANN, Allen *apud* LE DÉBAT, 1982, tradução nossa.

⁸ VIGARELLO, 2000, p. 8, tradução nossa.

esporte, fruto de práticas corporais da aristocracia/burguesia e das classes populares que teve seu desenvolvimento nas *publics schools* inglesas, no final do século XVIII e início do século XIX, é considerado o protótipo da modernidade.⁹

O segundo – o lazer – é um fenômeno sociocultural-histórico, produto de representações individuais e coletivas – ocorridas na segunda metade do século XIX – que tomaram corpo mediante reivindicações de trabalhadores europeus, especialmente ingleses, por um tempo de “folga” conquistado sobre o trabalho. O marco da sua constituição como direito social foi também a industrialização capitalista, apesar de ter sido objeto de reflexão desde a Antigüidade Clássica.¹⁰

O “aumento do tempo de lazer” propiciou a difusão do esporte – forma inglesa de ocupação do tempo livre, atividade de “ócio” da aristocracia e da alta burguesia – entre a população operária e urbana, principalmente em decorrência de conquistas trabalhistas, entre 1870 e 1890, com a redução da jornada de trabalho.¹¹ A partir de então, esses fenômenos foram se constituindo como produtos e produtores da cultura urbana da cidade.¹²

Estudos sobre os esportes têm mostrado que sua implantação e sua difusão no Brasil ocorreram com o processo de modernização trazido pela República. Como fenômeno tipicamente moderno e urbano, a prática esportiva encontrou, no seio das elites brasileiras, um terreno fértil e foi, aos poucos, incorporando-se aos elementos da constituição das nossas cidades.¹³

Estudos sobre o lazer no Brasil mostram que desde o século XIX as preocupações com o lazer da população já estavam presentes nos discursos dos engenheiros e sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas, típicas da modernidade que se queria nele implantar, que aconteceram em algumas cidades do País.¹⁴ Visto como fenômeno moderno, o lazer foi marcado, inicialmente, pela urbanização e conquistas sociais, ocorridas nas décadas de 1930, e sedimentado com o capitalismo da década de 1970, momento em que a palavra lazer incorpora o nosso vocabulário comum.¹⁵

Esses estudos motivaram a pesquisa sobre o início da penetração dos valores do esporte e do lazer nos diferentes segmentos populares da cidade. Como existe uma

⁹ BRACHT, 2002.

¹⁰ Esse processo histórico é discutido por Werneck (2000).

¹¹ McINTOSH, 1975; BETTI, 1991.

¹² Santos (1997, p. 69) faz a distinção de urbano e cidade: “O urbano é freqüentemente o abstrato, o geral e o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno”.

¹³ MELO, 1999; LINHALES, 1996.

¹⁴ WERNECK; MELO, 2004.

¹⁵ WERNECK, 2003; MARCELLINO, 1987.

diversidade de interesses no lazer,¹⁶ procurei privilegiar em minhas análises somente as manifestações de interesse físico-esportivo presentes na sua cultura urbana.

E falar de cultura urbana é falar do repertório de elementos que mediam e dão determinadas cargas de valores às relações na cidade – códigos, símbolos ou mesmo imaginários – que lhes são próprios e que explicam atitudes e comportamentos humanos. Mas é dizer, também, de fenômenos dinâmicos, de processos de mudanças e continuidades, de interações e conflitos que acontecem em determinado tempo-espaço da cidade.¹⁷

Para analisar uma história urbana, de uma sociabilidade desenvolvida pela relação dos fenômenos modernos – a cidade, o esporte e o lazer –, Belo Horizonte é uma cidade que tem especificidades interessantes para essa análise, pois foi construída como vitrina da modernidade. Se o esporte e o lazer são, também, expressões dessa modernidade, quando se juntam, qual o resultado dessa equação?

Assim, o trabalho objetivou analisar a constituição e o enraizamento do esporte como forma de lazer na cidade de Belo Horizonte e sua relação na construção da cultura urbana no período de 1894 a 1920.

O período definido abrange o início do planejamento e da construção da cidade, tempo marcado pela implantação da capital com um esforço na busca do desenvolvimento, da modernização, e tempo da constituição da cultura urbana e, nela, da prática esportiva enraizada.

Esses “tempos” despertaram minha atenção para a relação entre a cidade de Belo Horizonte e o esporte naquele momento histórico, dando origem ao problema desta pesquisa. Como Belo Horizonte foi construída como “uma das obras simbólicas de maior envergadura da República em Minas”,¹⁸ uma cidade oficial, idealizada pelo Poder Público para ser a capital moderna e progressista do Estado de Minas Gerais, teve o esporte, uma prática corporal moderna, lugar nos hábitos e costumes idealizados para essa cidade? E como a cidade é “coisa dos homens”, que, com suas ações, vão configurando-a, como o esporte foi se constituindo na cidade apropriada pelos seus habitantes?

Foi nesse movimento de conformação de uma cultura urbana moderna, de uma cidade “idealizada” e de uma cidade “vívda” que desenvolvi a pesquisa, acompanhando a

¹⁶ Existe uma diversidade de interesses nas vivências de conteúdos culturais no lazer: físico-esportivos, artísticos, manuais, sociais e intelectuais, segundo a classificação de Dumazedier (1973). Camargo (1989) acrescenta a esse rol os interesses turísticos.

¹⁷ VALDERRAMA. *Significados de ciudad*. Disponível em: <http://www.lablaa.org/blaavirtual/letras/signi/1p.htm>. Acesso em: 24 maio 2005.

¹⁸ JULIÃO, 1996, p. 49.

constituição do campo esportivo nas práticas sociais de lazer em Belo Horizonte. Esse propósito desdobrou-se em perguntas de interesse do trabalho: Que representações de esporte foram produzidas naquele momento em que se constituía a cultura urbana da cidade? Que práticas eram reunidas em torno do que se denominava “esporte”? Como, quando e onde se originaram essas práticas? Quem tinha acesso a elas? Que atores sociais foram responsáveis por organizá-las? As camadas populares também tiveram, de alguma forma, acesso a tais práticas, já que observamos a história do esporte como diretamente ligada à história das demandas e realizações das elites? Em que tempo e em que lugar ocorreram as práticas esportivas e a quais as mulheres tiveram acesso?

Enfrentar questões como essas foi para mim um desafio, uma vez que considero importante estudar o esporte nesse contexto, pois é um tema pouco explorado na história de Belo Horizonte e como prática constitutiva de sua cultura, conta também a história da cidade e de seus habitantes.

Na visão de Marc Augé, o esporte é um objeto privilegiado para o entendimento do que seria uma verdadeira antropologia de nossas sociedades.¹⁹ Pode ser um espelho no qual se pode decifrar a especificidade de uma sociedade.

Além disso, como fenômeno social tipicamente urbano e moderno, o esporte é um elemento hegemônico da “cultura corporal de movimento”,²⁰ tendo alcançado, ao longo do século, desenvolvimento promissor, articulado com os processos sociais e políticos que o engendraram. Na atualidade, em suas diferentes facetas e dimensões, a prática esportiva encontra-se permeada pela multiplicidade de interesses que constituem as relações humanas, políticas e econômicas, características do século e da modernidade que o acolhem.²¹

Estudos sobre o esporte se inscrevem plenamente na reflexão contemporânea sobre os papéis, as normas, os interesses, os desafios e os perfis das condutas culturais. Encontro em Roger Chartier e Georges Vigarello reflexões interessantes sobre o papel dos estudiosos da Educação Física no desenvolvimento de estudos históricos sobre o esporte. Segundo os autores, se pesquisas dessa natureza surgiram na França, numa perspectiva crítica intelectual, mobilizando instrumentos de análise usados para a compreensão das estratégias disciplinares (e de seus contrários) ou por estudos das práticas culturais, é porque foram colocadas por profissionais vindos da Educação Física, preocupados em dar conta, o mais rigorosamente

¹⁹ AUGÉ, Marc, *apud* LE DÉBAT, 1982, tradução nossa.

²⁰ Compreendida como práticas corporais presentes na cultura que são incluídas nos programas de ensino da Educação Física, tais como esportes, jogos, danças, ginásticas, para citar as mais clássicas.

²¹ LINHALES, 1996.

possível, das determinações não sabidas, não visíveis, que regulavam sua prática e a situavam em relação a outras. Nesse sentido, “há aí uma inspiração essencial que não deve ser perdida, mas, ao contrário, aprofundada”.²²

Foi com o intuito de aprofundar esse conhecimento que procurei escrever sobre a constituição e o enraizamento do esporte na cidade, pois, como destaca Clarice Nunes,

o passado interessa, hoje, pela sua permanência no mundo atual. A contribuição que a história pode trazer para a explicação da realidade em que vivemos faz com que o historiador parta do presente para o passado, sabendo-se situado no futuro do passado que estuda. Este retrocesso é necessário para que ele demonstre não o que aconteceu, mas como a trama do que aconteceu foi tramada. Nesse sentido, ele constrói a sua versão dos fatos e participa da história. Logo, a história nos ensina não em função de erros e dos acertos que devemos aprender a evitar ou assumir na atualidade, e sim porque aguça a atenção para os rumos diferentes que toma segundo as intervenções que nela se operam.²³

Para construir os caminhos trilhados neste estudo, algumas possibilidades foram se constituindo. Dentre as muitas possibilidades de acesso à cidade, na busca de traços, pistas, palavras e discursos que dela falam sobre o seu processo de construção, inicialmente procurei captar e investigar representações da imprensa sobre a vida cotidiana da cidade, nos seus primeiros anos, mediante marcas da vida social deixadas por seus moradores, que poderiam traduzir-lhes os modos de viver e de se divertirem nessa cidade.

Partindo da concepção de que o cotidiano, com tudo o que o atravessa,

é vivido e ordenado através de produções discursivas – que tanto exprimem as diferenças e identidades, a construção dos consensos e a explicação dos conflitos, os pertencimentos locais e a absorção do global quanto, nessa objetivação, fornecem aos indivíduos as imagens, motivos, representações com as quais eles se situam e constroem a *sua* realidade,²⁴

procurei diferentes narrativas sobre o viver social que pudessem, na sua materialidade, expor “os fios, os nós, as costuras da tessitura social”, daquele período.²⁵ Essas *narrativas do cotidiano* poderiam permitir uma apreensão ampla e múltipla da realidade, da qual o esporte e o lazer eram partes integrantes.

²² CHARTIER R.; VIGARELLO, G., 1982, p. 36, tradução nossa.

²³ NUNES, 1996, p. 19.

²⁴ FRANÇA, 2001, p. 8.

²⁵ FRANÇA, 2001, p. 8.

Essa multivocalidade na cidade pôde ser ouvida por diversas formas de narrativas, dentre elas os jornais e as revistas.²⁶

Essa escolha se deu pelo fato de que a imprensa é um veículo que nos possibilita compreender melhor a sociedade e os anseios da época, e a imprensa belo-horizontina estava voltada para os anseios de modernidade da nova capital. Em suas páginas, a sociedade nascente poderia saciar-se de “sua fome de hábitos e costumes das metrópoles que ofereciam a referência da modernidade imaginada para a cidade – cuja maior expressão era Paris”.²⁷ Além disso, a imprensa esteve sempre presente na vida de Belo Horizonte desde o período da sua construção. O primeiro jornal – o *Bello Horizonte* – começou a circular em 1895.

E, nesses anseios de modernização, as práticas culturais de lazer, com destaque para os interesses esportivos, passaram a ser paulatinamente evidenciadas pela imprensa que, além de relatar detalhes sobre jogos – o que nos possibilita entender que valores estavam a ele aliados –, foi também um veículo eficaz de projeção e divulgação dessa diversão moderna na cidade. Essa forma de falar dos jogos pode ter tido, também, a França como referência. Segundo Georges Vigarello, o interesse de uma nova imprensa francesa, no início do século XX, cultivava a narrativa esportiva para além de apenas verificar seus resultados, transformando as provas esportivas em narração, uma maneira especial de dizer e de contar os episódios do jogo.²⁸

Mesmo ciente dos limites dessa fonte, uma vez que, naquele momento, a imprensa possuía um discurso restrito somente a um grupo pequeno que tinha acesso à sua produção e consumo, não me permitindo uma visão ampliada sobre toda a cidade, a não ser alguns indícios, busquei recuperar a memória de Belo Horizonte tendo-a inicialmente como fonte de informação.

Tomei como ponto de partida um dos acervos mais significativos da cidade: a *Coleção Linhares*, que faz parte do acervo de obras raras da Biblioteca Universitária da UFMG. A coleção é formada por um conjunto de exemplares de todas as publicações periódicas – jornais, revistas, boletins, panfletos – que circularam na cidade durante o período de 1895 a 1954.²⁹

²⁶ Optei por manter a ortografia original das fontes por entender que a língua também tem sua história.

²⁷ CASTRO, 1997, p. 23.

²⁸ VIGARELLO, 2002, tradução nossa.

²⁹ Coleção formada por Joaquim Nabuco Linhares.

A pesquisa poderia ter inúmeros caminhos, mas tomei como trilha inicial a análise da obra *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*.³⁰ Busquei nas resenhas elaboradas por Joaquim Linhares sobre a imprensa belo-horizontina os títulos que pudessem, ao descortinar a vida cotidiana de Belo Horizonte, dar pistas sobre como se constituíram e enraizaram o esporte e o lazer na cidade.

Dentre os jornais e revistas especializados na temática em questão, no período abrangido pela minha pesquisa – 1894 a 1920 –, catalogados no livro por assunto, encontrei sobre lazer um título especializado em cinema – *Pathé Jornal* (1920) – e dois em teatro – *Theatro Moderno* (1905), *O Teatro Alegre* (1905). Dentre os esportivos, destacam-se *O Football* (1917) e *O Treno* (1918).

O período inicialmente analisado na obra de Linhares – 1895-1926 – é assinalado como a “primeira fase da imprensa belo-horizontina”, caracterizada por jornais de vida efêmera e produção artesanal.³¹ Ampliei a pesquisa até meados da década de 1930, quando a imprensa se modificou continuamente, ganhando um perfil próprio e moderno de sua segunda fase, porque havia o interesse de compreender o efetivo enraizamento do esporte na cidade. Assim, foram encontrados: mais um título sobre cinema – *O Cinema* (1925); um sobre o teatro – *A Ribalta* (1922); e dez sobre o esporte – *Minas Sport* (1925), *Minas Sport* (1927), *Vida Sportiva* (1927), *Gazeta Sportiva* (1927), *O Pirulito* (1928), *Gazeta Pequena* (1929), *Folha Esportiva* (1930) *Goal* (1930), *AMA* (1932) e *O Esporte* (1936).

No lazer, de forma geral, fica claro o papel do teatro no início do século e o desenvolvimento do cinema a partir da década de 1920. Merecem destaque jornais especializados em artes, humorísticos, culturais, literários e carnavalescos que não foram classificados nessa temática. No esporte, especificamente, no final da década de 1910, aparecem os primeiros jornais especializados, sendo destacado um verdadeiro *boom* editorial esportivo no final da década de 1920. Mas houve necessidade, também, de buscar jornais de outras cidades que falassem de Belo Horizonte no período em que aqui ainda não existia imprensa, isto é, o ano de 1894.

Assim, ao procurar novas experiências sociais e urbanas, características da modernidade que marcou a criação de Belo Horizonte, deparei com uma diversidade de periódicos apresentados em vários formatos, de associações de classes, militares, de

³⁰ LINHARES, 1995. Obra que reúne o catálogo de jornais da cidade, elaborada pelo colecionador Joaquim Nabuco Linhares, e um estudo crítico e nota bibliográfica da professora do Departamento de Comunicação social da UFMG, Maria Ceres Pimenta Spínola Castro.

³¹ CASTRO, 1997, p. 21.

emigrantes, humorísticos, noticiosos, literários, de operários, estudantes, blocos carnavalescos, esportivos e de lazer, dentre outros, com temas ligados ao cotidiano, à cultura, à educação, à política, à economia e à religião, vistos por Joaquim Linhares como “‘folhas ao vento’, dispersas, efêmeras, modestas, artesanais, que guardam pouca ou quase nenhuma semelhança com o que hoje conhecemos como ‘imprensa’”.³²

Natércia Viana considera que o estudioso deve ter uma prática investigativa diante do objeto e, sendo assim, deve reconhecer a importância do detalhe, buscando nos pequenos fatos grandes revelações. Inspirei-me também nessa visão, uma vez que escolhi os jornais e as revistas produzidos na cidade como fonte, para encontrar as características da sociedade belo-horizontina nos anos iniciais da cidade.³³ Iniciei a pesquisa pelos jornais que representavam o cotidiano vivido na cidade. Foi um trabalho árduo, na busca de traços que pudessem sugerir a constituição do esporte e do lazer na sua cultura. Intercalava essa pesquisa com jornais essencialmente esportivos, para me faltar de notícias sobre o tema, tão raras nos anteriormente pesquisados. As revistas foram muito significativas, por mostrarem representações imagéticas do cotidiano urbano de Belo Horizonte.³⁴

³² LINHARES, 1995, p. 25.

³³ VIANA, 2003.

³⁴ Os jornais pesquisados foram os seguintes: *A Capital*, 1898/1902/1913/1921; *A Epocha*, 1904/1905/1906; *A Epocha 2º*, 1909; *A Estação*, 1897/1899; *A Farpa*, 1918; *A Flor*, 1907; *A Floresta*, 1914; *A Folha*, 1904/1905/1906; *A Folha Acadêmica*, 1914; *A Gazeta*, 1º, 1904/1905; *A Gazeta 2º*, 1907/1908; *A Gazeta*, 1914/1915/1923; *A Idéia*, 1904/1905; *A Justiça*, 1908/1909; *A Luz*, 1904; *A Moda*, 1909; *A Noite*, 1936; *A Nota*, 1915/1916/1918; *A Notícia*, 1907; *A Notícia 2º*, 1909; *A Notícia 3º*, 1913/1914; *A Notícia*, 1913; *A Notícia*, 1920/1936; *A Nova Estação*, 1936; *A Prensa*, 1936; *A Provincia* 1907; *A Reação*, 1936; *A Renascença*, 1936; *A República*, 1936; *A Rua*, 1907/1908; *A Semana* 1º, 1910; *A Tarde*, 1912/1913; *A Tarde 2º*, 1914; *A Tribuna*, 1912/1913; *A Vanguarda*, 1906/1907/1908/1909/1910/1911/1912/1913/1914; *Animus*, 1912; *Avante*, 1924; *Bello Horizonte*, 1896/ 1898/1899; *Bello Horizonte 2º*, 1905/1906; *Correio da Tarde*, 1917/1918; *Correio das Locais*, 1910/1911; *Correio do Dia*, 1º 1909/1910; *Correio Mineiro*, 1927/1929; *Diario da Manhã*, 1927; *Diario da Tarde* 1º, 1910/11; *Diario de Minas*, 1898; *Diario de Minas*, 1909/1910/1911/1912/1913/1914/1915/1916/1917/1918/1919/1920/1922; *Diario de Notícias*, 1907/1908/1909; *Diario de Notícias*, 1922; *Diario do Povo* (prospecto); *Diario Mineiro* 1º, 1906; *Diario Mineiro*, 1929; *Diario Popular*, 1921; *Estado de Minas*, 1911/1912/1913/1914/1915; *Folha do Dia* 1o, 1910/1911; *Folha do Dia*, 1930; *Folha Pequena*, 1904/1905; *Footing*, 1921; *Floresta Jornal*, 1920/1922; *Gazeta de Notícias*, 1910; *Grito de Minas*, 1927; *Heliantho*, 1902; *Jornal da Manhã*, 1936; *Jornal da Noite*, 1936; *Jornal de Minas* 1º, 1905; *Jornal de Minas*, 1918/1920/1921; *Jornal do Povo*, 1899/1900; *Jornal do Povo*, 1924; *Minas Sport*, 1925; *Novidades* 1919; *O Acadêmico*, 1929; *O Arauto*, 1922; *O Bohemio*, 1906; *O Bogari*, 1904; *O Chicote*, 1916; *O Collegio*, 1926/1927; *O Commercio* 1º, 1910; *O Commercio* 2º, 1913; *O Contemporaneo*, 1904; *O Confederal*, 1907; *O Cravo*, 1906; *O Debate*, 1934/1935; *O Dia*, 1936; *O Echo*, 1921; *O Estado* 1º, 1911/1912/1913/1914; *O Estado de Minas*, 1889-1906, *O Faísca*, 1916, *O Festim*, 1919; *O Flirt*, 1918; *O Foot-ball*, 1917; *O Horizonte*, 1925/1927/1931/1933; *O Instituto Fundamental*, 1917; *O Jahú*, 1927, *O Japecanga*, 1918, *O Labor*, 1905/1906; *O Operário*, 1900; *O Operário*, 1903; *O Operário*, 1920/1921/1922; *O Operário*, 1928; *O Pírolito*, 1928/1929; *O Prelúdio*, 1907; *O Propagador Mineiro*, 1907; *O Raio X*, 1913; *O Rebate*, 1º 1906; *O Reclamo*, 1905; *O Treno*, 1918; *Primeiro de Maio*, 1912; *Quasi!...*, 1910/1911; *Tribuna do Norte*, 1906/1907; *Vida Mineira*, 1904/1906, *Voz da Escola*, 1929. As revistas foram: *A Cidade*, 1931, *A Cidade Vergel*, 1927; *A Reação*, 1907/1908; *A Vida de Minas*, 1915; *A Vida Mineira*, 1910/1911; *As Alterosas*, 1916; *Horus*, 1902; *Minas em Foco*, 1920; *Novo Horizonte*,

Para ampliar a pesquisa, procurei outros acervos, como a Hemeroteca Pública Assis Chateaubriand, que possui, também, um número significativo de jornais e revistas da época; a Biblioteca da Escola de Arquitetura, em especial seu acervo de obras raras sobre Belo Horizonte; o Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais, que possui obras interessantes sobre a cidade, em especial a revista *Radium* (1920/1923) e o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Neste último, o acervo da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), a coleção de Relatórios de Prefeitos, apresentados à Câmara Municipal no final de governo, os mapas e plantas cadastrais de Belo Horizonte, além do banco de teses sobre a cidade, foram significativos para o entendimento sobre a “cidade oficial” sonhada e edificada.

Além de mobilizar tais fontes, recorri a três obras que me possibilitaram apreender a vivência cotidiana em Belo Horizonte no período inicial de sua edificação. Para tanto, agreguei não somente as fontes, como também algumas análises de seus autores. Estas são narrativas de um historiador “oficial” da cidade, de um literato engajado, que viveu, militou e fez ficção na cidade, e de um cronista que, além de atuar como construtor da cidade, relatou em colunas jornalísticas a dinâmica das práticas sociais naquele momento.

A primeira, *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – História média*, do historiador “oficial” da cidade, Abílio Barreto,³⁵ é uma obra reconhecida como referência descritiva do processo de construção da cidade até as solenidades que marcaram a instalação oficial da capital, com a criação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Abílio foi um apaixonado pela cidade que viu nascer e se desenvolver. Mesmo sendo um historiador autodidata e fazendo uma história à moda positivista, própria do seu tempo, sua obra tem grande valor, pois é um banco de dados significativo sobre a construção da cidade.

A segunda é o romance *A Capital*, de Avelino Fóscolo,³⁶ publicado em 1903, obra que nos permite melhor captar as imagens dessa época. Mineiro, de Sabará, o autor cria uma trama que envolve personagens, cujas trajetórias têm como cenário a nova capital em

1910/1911; *Revista de Minas*, 1912; *Semana Ilustrada*, 1927; *Vida de Minas*, 1915; *Vita*, 1913/1914; *Radium*, 1920/1923.

³⁵ Abílio Velho Barreto (1883-1959), mineiro de Diamantina, veio para Belo Horizonte em 1895 com 12 anos de idade. Teve empregos humildes no início da vida, depois trabalhou como contínuo numa seção da 9ª Divisão da Comissão Construtora da Nova Capital, o que lhe permitiu ver de perto o processo de construção da cidade. A atividade jornalística sempre foi uma constante em sua vida. Colaborou em quase todos os jornais e revistas publicados em Belo Horizonte e também no Rio de Janeiro e São Paulo, bem como em várias cidades mineiras e do Brasil. A sua produção literária é variada, incursionando por todos os gêneros literários: poesia, romance, teatro (ABREU, 1995.)

³⁶ Antônio Avelino Fóscolo (1864-1944) teve sua trajetória de vida pautada por atividades teatrais, jornalísticas, literárias e políticas. “Provavelmente maçom em sua mocidade, envolvido na luta abolicionista e na causa republicana, um exemplo de ação radical no período, cuja sede de justiça social o levaria a identificar-se com os ideais socialistas e depois com o comunismo libertário, em especial” (DUARTE, 1991; LENHARO, 1991, p. 14). O romance *A Capital* foi escrito em um período de rompimento com a República.

construção. Segundo Regina Horta Duarte, em *A Capital*, “a cidade é a grande protagonista”. Nela, Belo Horizonte “é mostrada na miséria que as fachadas não lograram esconder”.³⁷ Percebe-se, também, um autor crítico com as mazelas republicanas, que critica a sociedade moderna, a urbanização e a ciência.

E como a crônica é um gênero literário que tão bem ajuda a conhecer o cotidiano de uma cidade, pela crítica aos seus diferentes aspectos sociais e políticos e pela narrativa envolvente, em que o cronista procura sempre estar atento não somente às questões locais, mas também à sua relação com as novidades nacionais e mundiais, recorri às crônicas escritas por Alfredo Camarate,³⁸ publicadas no *Minas Gerais*, em 1894, sob o pseudônimo de Alfredo Riancho.

Merece destaque, também, o jornal *O Contemporâneo*, de 1894, da vizinha cidade de Sabará, que contém informações significativas sobre os primeiros fatos relacionados à mudança da capital para Belo Horizonte, seus projetos e realizações de um período em que ainda não havia imprensa na cidade.

No acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, pude ter acesso não somente ao “Arquivo Privado do Abílio Barreto”, que possui manuscritos preciosos sobre a memória do esporte na cidade, como também ao banco de dados coletados por Letícia Julião sobre a história de Belo Horizonte. A coleção de plantas originais da capital e fotografias de práticas esportivas e espaços de lazer também foram consultadas. Destaco representações imagéticas das primeiras manifestações de prática esportiva, como do ciclismo e do futebol.

Foi realizado, ainda, um levantamento bibliográfico sobre Belo Horizonte, que, além de constituir uma fonte alternativa de dados, serviu como parâmetro para as informações obtidas na pesquisa documental, que constou de teses, trabalhos acadêmicos, literatura, relatórios e fotografias, dentre outros.

Marc Bloch, ao refletir sobre o campo do saber (a história) e aqueles que o animam (os historiadores), afirma que a história distrai, diverte, seduz a imaginação, “tem prazeres

³⁷ DUARTE, 1991, p. 51.

³⁸ Alfredo Camarate (1840-1904), engenheiro-arquiteto e músico português, chegou a Belo Horizonte no período da sua construção. Colaborou com os trabalhos da CCNC, sendo encarregado de dar pareceres sobre as plantas de edificações particulares. Com os pseudônimos de Alfredo Riancho, e Alberto Screw, relatou fatos ligados à edificação da cidade, ao clima, às condições de salubridade, costumes e vida social, publicados nos jornais *Minas Gerais*, *O Contemporâneo*, *A Capital*, *Bello Horizonte*, que o tornaram conhecido como cronista. Camarate é considerado por Eduardo Frieiro como o primeiro cronista, em data, de Belo Horizonte. Além disso, era maestro, professor de piano, tocava flauta e compunha peças para piano. Foi organizador da Corporação Musical Carlos Gomes. (DICIONÁRIO, 1997, p. 67-68; FRIEIRO, 1985, p. 18.)

estéticos que lhe são próprios”.³⁹ Como ele, vejo a pesquisa histórica como o mais estimulante campo do saber, pois cada documento encontrado desperta prazeres e sabores especiais.

Dessa forma, na pesquisa realizada, busquei utilizar fontes de mais diversas naturezas: desde jornais da época até documentos armazenados em arquivos, iconografias de Belo Horizonte, crônicas sobre a cidade, estudos sobre a história de Belo Horizonte, revistas, enfim, fontes que pudessem contribuir para o alcance do objetivo da investigação.⁴⁰

Luciano Faria Filho chama a atenção para o fato de que devemos estar atentos para não concebermos que a inteligibilidade do nosso objeto, conhecida por meio do texto que escrevemos, advém de um somatório de pontos de vistas, concordantes ou discordantes, apresentados pelo conjunto dos documentos. Nesse caso, muito mais que um somatório, estaremos diante de documentos que supõem serem interrogados a partir, e do interior mesmo, de inteligibilidades bastante diferenciadas.⁴¹ Carlo Ginzburg também chama a atenção para essa questão, tendo em vista que vê a necessidade de se compreender não somente a fonte em si, mas a “rede interpretativa” sugerida pela fonte.⁴²

Dessa forma, meu ponto de partida para investigar as relações sociais instituídas na cidade, onde seus moradores, no decorrer de um tempo histórico, foram deixando marcas que podem traduzir a maneira como se relacionaram ou constituíram seu modo de vida, no entendimento da sua participação na construção da cultura urbana, foi orientado na direção da história cultural.

Diante do reconhecimento da pluralidade da história cultural, em que existem posições distintas de tratá-la, tomei como referência para esta tese os estudos de Roger Chartier. O referido autor propõe um conceito de cultura como *prática* e sugere para o seu estudo as categorias de *representação* e *apropriação*.

Para Chartier, tendo como principal objeto a identificação do modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada e lida, a

³⁹ BLOCH, 1974, p. 14.

⁴⁰ Entendo de que todo documento é criação. Segundo Jacques Le Goff o “documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura; o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe documento-verdade. Todo o documento é mentira”. (LE GOFF, 1992, p. 547-548.)

⁴¹ Essas idéias são discutidas por Faria Filho (1996).

⁴² GINZBURG, 1998.

história cultural nos permite reconhecer como textos culturalmente apreensíveis tanto as ações sociais como as representações sobre o social. Dessa forma,

pode-se pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou gostariam que fosse.⁴³

Assim, a via teórico-metodológica utilizada para realizar a análise histórica parte inicialmente do entendimento de que a cultura ocupa o lugar de uma instância central e globalizante que reorienta o olhar sobre o real. Essa postura aborda os sistemas simbólicos de idéias e imagens de representação coletiva a que se dá o nome de *imaginário social*.⁴⁴ Nessa perspectiva, o papel do historiador seria o de captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção de significados, isto é, a “representação do mundo”.

Assumir essa postura implica admitir que a representação do mundo constitui também a realidade. Assim, para buscar atingir o “real” por meio de suas representações, deve-se partir de determinado referencial teórico. Inicialmente, se faz necessário definir o que é representação.

Etimologicamente, o termo “representação” provém da forma latina *repraesentare* – “fazer presente” ou “apresentar de novo”; fazer presente alguém ou uma coisa ausente, mesmo uma idéia, por intermédio da presença de outro objeto. Outros sentidos podem ser adotados como: “apresentar-se perante um tribunal”, “colocar um objeto no lugar de outro”, “encenar um acontecimento”, “reapresentando-o no presente”. Ao longo da Idade Média, essas significações foram adquirindo novas conotações, ora teológicas e místicas, ora

⁴³ CHARTIER, 1990, p. 19.

⁴⁴ O entendimento sobre o *Imaginário social* é encontrado em Bronislaw Bazcko como “uma das forças reguladoras da vida coletiva, porque através dele uma coletividade designa sua identidade, elabora uma certa representação de si, estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns e constrói uma espécie de código de ‘o bom comportamento’”. (BAZCKO, 1986, p. 309.) Maria Helena Capelato e Eliana Dutra assim o consideram: “Integrando o campo da representação, isto é, exprimindo a representação o imaginário tem sua existência afirmada pelo símbolo e sua expressão garantida pela evocação de uma imagem seja ela acionada por palavras, por figuras de linguagem ou por objetos. Quando uma sociedade, grupos ou mesmo indivíduos de uma sociedade se vêm ligados numa rede comum de significações, em que símbolos (significantes) e significados (representações) são criados, reconhecidos e apreendidos dentro de circuitos de sentido; são utilizados coletivamente como dispositivos orientadores/transformadores de práticas, valores, normas; e são capazes de mobilizar socialmente afetos, emoções e desejos, é possível falar-se da existência de um imaginário social. Ele se traduz como sistema de idéias, de signos e de associações indissolúvelmente ligado aos modos de comportamento e de comunicação”. (CAPELATO ; DUTRA, 2000, p. 229.)

políticas. Na Modernidade, a idéia de representação aparece associada a, pelo menos, duas acepções: a “representação” entendida como *objetivação*, figurada ou simbólica, de algo ausente – um ser, animado ou inanimado, material ou abstrato –, e a “representação” definida como “estar presente em lugar de outra pessoa”, substituindo-a, podendo-se ou não “agir em seu nome”, na qualidade de seu “representante”.⁴⁵

Para Chartier, na análise do trabalho de representação o objetivo é identificar as “classificações e as exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço”.⁴⁶

O seu conceito de representação

permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.⁴⁷

Assim, para ele, a categoria de representação seria o elemento constitutivo de um novo modelo de história. O conceito de representação possibilita unificar três dimensões constitutivas da realidade social: *as representações coletivas*, herdadas de Durkheim e Mauss, que constituem a matriz das formas de percepção, de classificação e de julgamento; *as formas simbólicas*, com as quais os grupos e indivíduos percebem suas identidades; e a *delegação* atribuída a um representante.⁴⁸

Ciente das críticas a Chartier por um reducionismo culturalista⁴⁹, abraço sua defesa de definição de história primariamente sensível às desigualdades na apropriação, por indivíduos ou grupos, de materiais ou de práticas comuns. Para ele, a apropriação

tal como a entendemos visa à elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem. Prestar, assim, a atenção às condições e aos processos que muito concretamente são portadores das

⁴⁵ Essas idéias são apresentadas por Falcon (2000).

⁴⁶ CHARTIER, 1990, p. 27.

⁴⁷ CHARTIER, 1990, p. 23.

⁴⁸ SILVA, 2000.

⁴⁹ HUNT, 1989; VAINFAS, 1997; BURKE, 1991, *apud* CARDOSO, 2000.

operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga e história intelectual, que nem as idéias nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas.⁵⁰

Mas o autor adverte que

a noção de apropriação, utilizada como instrumento de conhecimento, pode também reintroduzir uma nova ilusão: a que leva a considerar o leque das práticas culturais como um sistema neutro de diferenças, como um conjunto de práticas diversas, porém equivalentes. Adotar tal perspectiva significaria esquecer que tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objeto de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação).⁵¹

Para Chartier, as percepções do social não são discursos neutros; elas produzem estratégias e práticas que tendem a impor autoridade. Ao investigá-las, devemos percebê-las colocadas em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.⁵² Assim, para a história cultural, tal como a entende Chartier, as “lutas de representações” têm tanta importância quanto os conflitos econômicos para a compreensão da organização e hierarquização da estrutura social.

Nesse sentido, como apreender cidade mediante a “leitura da cidade” ou de suas representações?

Se a “cidade é coisa dos homens”⁵³ e o “lugar onde o seu usuário inscreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo”,⁵⁴ pensar a cidade e os caminhos eleitos para rastrear as condições de “ser urbano” ou de “ser de uma cidade” leva a vários enfoques de reflexão. Dentre outros, pode-se falar de sua história, das condições materiais ou econômicas, da organização social e de classes, de características e modos de vida e das práticas sociais. Assim, os olhares são muitos. Historiadores, economistas, sociólogos, antropólogos, artistas, geógrafos e outros mais têm dado várias e importantes demonstrações sobre as condições do “homem cidade”.⁵⁵ Dessa forma, “sendo a cidade, por excelência, o

⁵⁰ CHARTIER, 1995, p.184.

⁵¹ CHARTIER, 1995, p.184.

⁵² CHARTIER, 1990.

⁵³ RAMONEDA, 1994, p. 11.

⁵⁴ FERRARA, 1996, p. 120.

⁵⁵ SILVA, 1993, p. 88.

‘lugar do homem’, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados”.⁵⁶

O empenho dos urbanistas em analisar a cidade fez com que a história urbana ganhasse historicidade, pois uma “história urbana deve ser vista como o esforço de inscrever o urbano na história como verdade hegemônica e, a partir daí, constituir sua linhagem, sua historicidade”.⁵⁷

Assim, os caminhos deste estudo vão também na direção da história urbana, ou seja, uma história cultural do urbano.

Diante dessas ponderações, como ler a cidade de Belo Horizonte em um dado momento?

Dentre as muitas possibilidades de acesso a ela, optei por analisar as narrativas e imagens que dela falam, nas fontes levantadas, o que possibilitou lidar com os imaginários sociais que seus habitantes puderam construir, ao longo de sua história.

Considerando que a cidade é um espaço por excelência para a construção de significados expressos em bem culturais e que com isso ela pode ser lida por suas representações, ao ler Belo Horizonte, pude perceber que o espaço construído da cidade pôde ser modificado tanto por um projeto político de gerenciamento sonhado, realizado e até imposto pelos “produtores do seu espaço”, como pela intervenção dos seus habitantes no cotidiano vivido, que puderam descaracterizar e requalificar o planejado, conferindo-lhe novos sentidos. Essa análise estaria relacionada à classificação de Marcel Roncayolo, em que estaríamos diante dos “produtores do espaço”, aqueles “traçam o plano da cidade” – classes dominantes, elites dirigentes, profissões ligadas à administração da cidade, e diante dos “consumidores do espaço” –, seus habitantes, atores capazes de modificar, graças às suas práticas, o sentido atribuído aos objetos e locais urbanos.⁵⁸

E, para discutir bens simbólicos e as práticas culturais de Belo Horizonte, vejo, também com a ajuda Lucrécia Ferrara, que não podemos perceber as ruas, as praças, as avenidas, as edificações e os parques da cidade como elementos autônomos, mas como partes de um conjunto. A cidade é percebida como resultado da atividade desse conjunto que dinamiza suas estruturas, o contexto urbano, que contribui para o significado da cidade, e toda mudança que nele acontece implica a alteração do seu significado. Entendida como unidade de percepção, a cidade é vista como um processo contextual no qual tudo é signo, tudo é

⁵⁶ PESAVENTO, 2002, p. 9.

⁵⁷ PECHMAN, 1998, p. 33.

⁵⁸ RONCAYOLO, 1986.

linguagem. Mas o elemento que aciona essa percepção global e contínua e estabelece seleções e relações em um repertório contextual é o seu usuário, e o uso é sua fala, sua linguagem. Dessa forma, “o uso é uma leitura da cidade na relação humana das suas correlações contextuais. [...] o usuário processa a leitura do mutante espaço contextual, ao mesmo tempo, que nele inscreve sua linguagem: o uso flagra e é flagrado na cidade”. Como signo de si mesmo, encerra em si e projeta para o contexto um universo de significados.⁵⁹

Assim, procurei perceber os vestígios das práticas esportivas em Belo Horizonte analisando os lugares da cidade em que foram praticadas, que constituem a forma pela qual os habitantes se apropriaram da cidade. Nesses espaços qualificados, informados pelo uso, pude ver não somente uma Belo Horizonte projetada, mas uma cidade habitada, vivida, socializada e requalificada .

Essa apropriação feita em ritmos e formas tão diversos como as experiências cotidianas dos usuários da cidade foi fragmentando a cidade em pedaços e dando origem a esses “lugares” de práticas esportivas, construídos a partir de relações e experiências socialmente produzidas. Assim, diz Lucrecia Ferrara, o lugar na cidade

está permeado pelo tempo do espaço social que contracena com a cidade como espaço físico. Identificar os lugares da cidade supõe perceber o processo de imagens presentes e passadas que os qualificam e atestam um modo de apropriação. Essas imagens, geradoras e geradas pelo imaginário, constituem os elementos de identificação dos lugares, porém são signos, representações, mediações de formas de relações do homem com o espaço. Entendê-las é indispensável para reconhecer os lugares e a sua história.⁶⁰

Mas, ao analisar essa apropriação dos espaços pelo uso, não deixei de destacar a tensão proposta por Chartier

entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam – mais ou menos fortemente, dependendo de sua posição nas relações de dominação – o que lhe é possível pensar, enunciar e fazer.⁶¹

⁵⁹ FERRARA, 1996, p. 119-120.

⁶⁰ Segundo Lucrecia Ferrara, a “geração dos lugares da cidade é uma atividade informal acionada pelo imaginário contido no repertório cultural dos habitantes de um lugar; a apropriação e a criação dos lugares é uma manifestação perceptiva entendida como forma de gerar informação acionada pelo reservatório de imagens contido em um repertório cultural ou em um imaginário. A apropriação corresponde a uma atividade que torna clara a dimensão experiencial do imaginário, libertando-o daquela inefabilidade com que o contemplou o saber comum e, sobretudo, mostrando-o como um real objetivo é concretamente realizado”. (FERRARA, 2000, p. 123-124.)

⁶¹ CHARTIER, 1994, p.106.

Considerando as representações sobre o esporte que circulavam naquela época na imprensa, aliadas a uma prática moderna, higiênica e que propiciava, principalmente, divertimento, procurei analisar a presença dele na cidade sonhada por seus edificadores e na cidade apropriada por seus habitantes. É importante destacar que essas duas análises não podem ser vistas como dois momentos distintos, pois há uma tensão constante entre o projetado e o praticado, que se constituem num movimento único na construção cultural da cidade.

Assim, o trabalho foi organizado em seis capítulos. No primeiro – *Construindo a cidade, criando valores: a modernização na capital de Minas Gerais* – procurei inicialmente, partindo das representações construídas sobre a cidade que deveria ser e parecer moderna, no final do século XIX, entender os meandros do seu processo de criação analisando como ela foi idealizada, os passos de sua edificação e a racionalidade desejada para os corpos que nela habitariam. Diante do projetado, foi analisado no segundo – *A realização da cidade e suas práticas de lazer* – que cidade vai se realizando pelas suas formas de habitação e produção do espaço, indicando como suas práticas sociais projetadas e valorizadas como formas de lazer, foram se constituindo. A ênfase foi dada, no terceiro – *O esporte na cidade: os caminhos das práticas projetadas* –, aos espaços projetados para práticas esportivas que faziam parte da sua planta “oficial” – o velódromo para a prática do ciclismo e o hipódromo para o turfe –, analisando essa escolha, o papel dos membros da Comissão Construtora na sua organização e sua participação na cultura da cidade.

A partir do quarto capítulo, a análise se volta para a cidade apropriada por seus habitantes. Dessa forma, nesse capítulo – *O esporte e as formas de apropriação na/da cidade* – acompanhei o aparecimento de diferentes práticas que receberam a denominação de esporte e as suas diferentes formas de apropriação na/da cidade, que foram modificando a cidade, criando os “lugares” do esporte. Mas, para que o esporte pudesse se consolidar na cultura urbana da cidade, foi preciso educar os corpos para sua prática e sua organização social, como destacado no quinto capítulo – *O esporte e a educação de corpos civilizados*. As representações sobre a prática esportiva, produzidas tanto na cultura urbana como na cultura escolar, foram “estratégias” que contribuíram para a reordenação da cidade e nela a conformação do campo esportivo. Nesse processo, a consolidação e o enraizamento do esporte na cultura urbana da cidade estão apresentados no sexto capítulo – *O esporte se consolida na cidade*.

Procurei, assim, dar visibilidade aos primórdios da cidade e nela o esporte e o lazer, acompanhando o movimento de constituição do campo esportivo na sua cultura urbana.

Com a realização deste trabalho, fica a sensação de missão cumprida, mas ainda envolta no desejo de me aprofundar em questões que seriam relevantes para o entendimento da relação desses fenômenos com a cidade. Ainda há muito a ser analisado, mas tenho certeza de que este trabalho pode ser o ponto de partida para outras histórias. Como muito pouco se tem escrito sobre a história do lazer e esporte na cidade, espero que este estudo possa instigar o alargamento desse campo de investigação.

Capítulo 1

CONSTRUINDO A CIDADE, CRIANDO VALORES: A MODERNIZAÇÃO NA CAPITAL DE MINAS GERAIS

Dizem uns que Bello Horizonte vae bem; dizem outros que vae mal e eu digo que não vae nem bem nem mal.

Proclamam uns que elle vâa com azas de condor; lamentam outros a sua morosidade de jaboty; para mim elle nem vâa e nem vae a passos demasiado vagarosos. Uns dão-lhe o nome de cidade moderna e elegante; outros chamam-lhe de aldeia; para mim elle não é uma perfeita cidade moderna, mas também não é uma aldeia: – fico sempre no meio termo, porque Bello Horizonte esta num meio termo.

Elle tem, não ha negar, alguma cousa de urbs moderna, mas possui também muita coisa de cidade do interior. Si temos bellas ruas e avenidas alinhadas rigorosamente, arborizadas, falta-nos, todavia, um bom calçamento e o pó anda sempre maculando o ar em ondas que apavoram.

Possuimos excellentes installações para agua e exgotto, mas si a agua é demasiado escassa, ha fatalmente falta de hygiene. Não nos falta uma boa installação electrica, mas a tal Usina geradora do Rio das Pedras é uma vergonha! Temos um bello theatro, mas que é de Companhias?

Dispomos de um parque vasto e formoso que se presta ao SPORT e outros generos de diversão, mas nem um restaurant ha alli onde se possa tomar um chop nos dias de verão.

Assim é tudo mais! E daqui a razão de pensarmos que Bello Horizonte não vai bem nem mal, de que elle não voa e nem vae a passos de jaboty, de que, finalmente elle não é a urbs moderna nem tambem a aldeia antiga. Nem tanto para lá, nem tanto para cá. [...].⁶²

Assinada por Zut, esta crônica é o retrato dos anos iniciais de uma cidade que foi concebida para ser a capital moderna do Estado de Minas Gerais no final do século XIX. O mito do progresso e o desejo universal de modernizar as cidades constituíam a tônica da época. Ao ser planejada para sediar a capital de Minas Gerais no período de 1894 a 1897, Belo Horizonte se insere no contexto nacional e mundial das novas experiências sociais e urbanas que aconteceram naquele final de século.

⁶² ZUT, 1910, p. 6.

Na época, a cidade passou a ser o espaço e o tempo de realização da modernidade, e a nova capital de Minas Gerais deveria expressar uma transformação do Estado em um Estado moderno, em consonância com a nova ordem trazida pela República.

Esse desejo de modernização vinha aliado, dentre outros aspectos, a um verdadeiro repúdio a tudo que estivesse ligado ao antigo regime colonial, representado pela antiga capital Ouro Preto. Pretendia-se romper com um passado colonial escravista e agrário.

Apesar de todo esse contraste e toda essa exaltação a uma *vasta, bela e sadia cidade*, para o povo mineiro, constituía orgulho lembrar o que Ouro Preto representou:

Se Bello Horizonte symboliza o nosso vigor actual de povo que vibra e espera, Ouro Preto lembra as nossas glórias de um passado que foi longo e brilhante pelos feitos de nossos maiores e pelos faustos que constituiram o sublime apogeu de Minas no século dezoito.

Se a nova capital é signal de nossa futura industria e commercio, a velha metrópole, que definha pacientemente, foi e é o padrão de nosso predomínio colonial, pela exuberância de ouro e diamante. Se Bello Horizonte terá de ser uma das maiores e mais ricas capitais de nossa Pátria, Ouro Preto já foi o melhor, mais rico e mais admirável centro intellectual, de todo o Brazil, ao findar o século de 1700.

Olhemos para o futuro e caminhemos resolutos, porém não esqueçamos nunca o passado de nossa terra.⁶³

Minas Gerais deveria possuir uma capital que pudesse atender às necessidades de seus habitantes, gestada no padrão do que havia de mais moderno na época, livre de problemas de saneamento, livre de doenças, e que pudesse ser um pólo irradiador de progresso do Estado. Esse era o discurso dos políticos mineiros que sonhavam a mudança da capital como um novo símbolo para a República.⁶⁴

O desejo e a confiança na idéia do desenvolvimento e ruptura com a herança colonial já eram, desde a década de 1870, compartilhados por uma parcela específica da inteligência brasileira. Uma dimensão presente nas interpretações dessa elite nacional era a relação entre a República que se instaurava e o ideário do progresso, consolidando uma “cultura da reforma” comprometida com a crença de que a ciência e a técnica seriam fiadoras da organização da sociedade, em moldes completamente distintos dos que haviam vigorado até então. Nesse sentido, “técnica e vida urbana conformaram os termos de uma nova civilização brasileira”.⁶⁵

⁶³ A NOVA capital..., 1916, p. 1.

⁶⁴ SILVA, 2003.

⁶⁵ CARVALHO, 1989, p. 314.

Assim, no final do século XIX, o Brasil vivia a “aventura da modernidade”.⁶⁶ Esse processo era revestido de promessas de transformações radicais que visavam a um rompimento dos laços da sociedade com os moldes tradicionais. A questão urbana foi marcada por acontecimentos que redefiniram a face do País. A passagem do Império para a República e a Abolição foram marcos de mudanças que atingiram diferentes dimensões da sua vida, preparando efetivamente o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade não mais nos domínios rurais, mas nos centros urbanos.⁶⁷

As cidades se tornaram, então, o foco das atenções reformistas que procuravam implantar em seus espaços um novo padrão civilizatório. Com isso, o declínio dos centros de produção agrária foi o fator decisivo da hipertrofia urbana. As cidades, que “outrora tinham sido como complementos do mundo rural, proclamaram finalmente sua vida própria e sua primazia”.⁶⁸ Os serviços urbanos e os estilos de vida na cidade se aperfeiçoaram.

Com o crescimento das cidades, um novo tipo de vida social se apresentou. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, passou a haver um incentivo do “‘viver por si’, libertando-se dos velhos laços caseiros”. Essa liberdade se fazia sentir nos espaços públicos das cidades, tornados como locais de sensações e relações que não poderiam ser experimentadas na ordem familiar moralmente rígida e cujo centro de gravidade se sobrepunha aos domínios rurais. Assim, a partir de então, as virtudes repousariam no espírito de iniciativa pessoal e na concorrência entre os indivíduos.⁶⁹

Nesse contexto, como resultado das relações de dominação estabelecidas no País, passou a ser primordial a necessidade de intervenções urbanas que visassem à possibilidade de criar uma nova imagem de cidade, em conformidade com os modelos estéticos europeus, pois a Europa era vista como berço de civilização e progresso. Essas intervenções foram realizadas, tanto no País como na Europa, de forma elitista, não levando em conta as necessidades reais dos seus habitantes, e, sim, o capital. Esses modelos permitiam às elites dar materialidade aos símbolos de distinção relativos à sua nova condição, uma vez que procuravam afastar da fase visível da cidade – e das vistas do estrangeiro – o populacho inculto, os desprovidos de maneiras civilizadas, os mestiços. Eram reformas “para inglês ver”. O princípio organizador das intervenções era a modernização, mas sua principal característica

⁶⁶ JULIÃO, 1992, p. 11.

⁶⁷ HOLANDA, 1995, p. 172.

⁶⁸ HOLANDA, 1995, p. 172.

⁶⁹ HOLANDA, 1995, p. 144.

foi a não-universalidade.⁷⁰

Nesse sentido, Regina Silva reforça que

as reformas pensadas durante o século XIX, como a de Paris, justificadas pelo discurso da competência técnica, serviram para que a burguesia consolidasse seus espaços nas cidades e para que fossem bem-definidos os espaços do trabalho, da moradia e do lazer e os lugares daqueles que não podiam ou não queriam participar desse ‘admirável mundo novo’ urbano e industrial.⁷¹

A historiografia brasileira tem dado especial destaque às reformas urbanas e à politização do espaço público. Nas últimas décadas do século XIX, Rio de Janeiro e São Paulo, pólos da economia nacional, vivenciaram intenso processo de urbanização que alterou a fisionomia dessas cidades: crescimento populacional, surto industrial, instalação de serviços de utilidade pública, como energia elétrica, redes de água e esgotos e transportes, dentre outros. Pereira Passos e Antônio Prado buscaram, com uma reforma urbana, dissipar, pelo menos em parte, o ar provinciano que caracterizava a atmosfera desses locais.⁷²

Inúmeras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, também promoveram reformas nos anos iniciais da República, e a urbanização, nesse momento, passou a ser “entendida como higienização e limpeza para a melhoria das condições de habitabilidade”⁷³. Essa concepção estava carregada de representações no sentido de que havia necessidade de higiene, porque as cidades se encontravam insalubres, e de limpeza, porque estavam sujas.

No Estado de Minas, ainda mais radicalmente, criou-se uma nova cidade, uma nova capital, que seria a tradução da modernidade pretendida, em vez de reformar a antiga Ouro Preto, que não comportaria “as exigências urbanísticas de uma cidade moderna”.⁷⁴

1.1 DECISÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE BELO HORIZONTE

A mudança da capital mineira tem sido um tema recorrente em diversos estudos sobre Belo Horizonte. Nesses estudos, a cidade como problema e objeto de reflexão tem tido

⁷⁰ RIBEIRO; CARDOSO, 1996, p. 59.

⁷¹ SILVA, 2003, p. 149.

⁷² DE LUCA, 1999.

⁷³ SILVA, 1997, p. 23.

⁷⁴ SILVA, 1997, p. 21.

diferentes interpretações que têm contribuído com elementos concorrentes na construção do seu imaginário. Não pretendo aqui fazer novas interpretações sobre a criação da cidade, mas, a partir de estudos realizados, procuro entender o que foi idealizado para a capital mineira, para, a partir daí, analisar o esporte como uma das práticas constitutivas de sua cultura.

Nesse sentido, o que se pode avaliar nesses estudos é que a idéia de mudar a capital de Minas Gerais foi revestida de forte conotação política, como também de fatores econômicos. Sonhada pelos inconfidentes, esse intento somente foi conseguido com o advento da República e a parcial autonomia adquirida pelos Estados, com o estabelecimento do regime federativo em 1891. As transformações econômicas advindas do desenvolvimento da cafeicultura também foram significativas.⁷⁵

O projeto da nova capital foi gestado em meio a uma crise política interna, na qual facções diversas disputavam o poder. Era preciso, então, criar uma capital que fosse o centro político-administrativo capaz de congregar suas elites, garantindo a ordem interna e preservando a autonomia do Estado perante a nação.

A escolha da localidade foi feita com base em um estudo minucioso, realizado pela Comissão d'Estudo das Localidades indicadas para a nova capital..., sob a coordenação de Aarão Leal de Carvalho Reis,⁷⁶ em cinco lugares indicados pelo Congresso Mineiro: Belo Horizonte, Paraúna, Barbacena, Várzea do Marçal e Juiz de Fora.⁷⁷ Esse estudo abrangia desde o levantamento da planta topográfica até a redação das regras a que as edificações particulares deveriam obedecer, sob o ponto de vista técnico, estético e higiênico.⁷⁸ Esse documento, que pode ser considerado inovador para o Brasil do final do século XIX,

⁷⁵ CHIAVARI, 1985.

⁷⁶ Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936) era natural de Belém do Pará, filho de família ligada à política. Estudou na Escola Central do Rio de Janeiro, mais tarde Escola Politécnica, onde se habilitou como engenheiro-geógrafo (1872), bacharel em ciências físicas e matemáticas (1873), e engenheiro civil (1874). Foi professor nessa escola, na qual se tornou, em 1880, catedrático de Economia Política, Estatística e Direito Administrativo. Amigo pessoal de Afonso Pena, foi pessoa de sua absoluta confiança. (Cf. DICIONÁRIO, 1997, p. 222; BARRETO, 1995, v. 2, p. 29.)

⁷⁷ Segundo Rezende (1974, p. 155), essas localidades foram escolhidas após uma seção extraordinária do Congresso Legislativo Mineiro, quando foi promulgada uma lei adicional à Constituição – Lei Adicional n.1, de 28 de outubro 1891. A duas primeiras situavam-se na zona central do Estado, no vale do rio das Velhas, sendo que a segunda se situava mais ao norte, aproximadamente no centro geométrico do Estado.

⁷⁸ REIS, 1893. Comissão d'Estudos das Localidades indicadas para nova capital – janeiro a maio de 1893 – *Relatório apresentado a Dr. Afonso Pena (Presidente do Estado) pelo engenheiro Civil Aarão Reis*. A comissão foi composta por Aarão Reis, cinco engenheiros, quase todos egressos da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e um médico higienista – Dr. José Ricardo Pires. Cada engenheiro ficou responsável por fazer um minucioso levantamento sobre os locais que haviam sido indicados, pelo Congresso Mineiro, para a nova capital. Samuel Gomes Pereira foi para Belo Horizonte; Eugênio de Barros Raja Gabaglia para Juiz de Fora; Luiz Martinho de Moraes para Paraúna, na região de Diamantina; José de Carvalho Almeida para Várzea do Marçal, nas proximidades de São João del-Rei, e Manuel da Silva Couto para Barbacena, local em que Aarão Reis instalou o escritório da Comissão.

apresentava um conhecimento técnico-científico com referência à cidade e o território, tendo como suporte o pensamento de mestres franceses.⁷⁹

Das cinco localidades, a Várzea do Marçal, nas proximidades de São João del-Rei, foi a indicada pelo estudo, por possuir “condições topographicas verdadeiramente excepcionaes para a fundação de vasto e importante centro de população”. Foi seguida pelo Arraial Belo Horizonte, que também, sob o ponto de vista topográfico e localização geográfica, possuía boas condições técnicas para a edificação de uma grande cidade.⁸⁰

No relatório de Samuel Pereira, engenheiro que analisou Belo Horizonte, os valores aliados ao sítio eram significativos por

apresentar a localidade, em seus principais lineamentos topographicos, a bella forma de um vasto e amplo amphiteatro, aberto para o oriente, como que para receber desde cedo os beneficos raios solares [...]. Esse bello amphitheatro offerece, sob forma de um dodecagno, superficie superior a 1.900 hectarios e sufficiente portanto para o estabelecimento, em boas condições hygienicas, de uma população de 190.000 habitantes a razão de 100m² por habitante, média mais folgada, como ja dissemos, que as principais cidades europeas e americanas edificadas em condições sanitárias vantajosas.⁸¹

Ao analisar a composição da representação que aprovou Belo Horizonte por pequena margem de votos, Maria Efigênia Resende afirma que, mesmo diante das polarizações de interesses regionais que se mantiveram inalteradas após o estudo e debates, os votos para Belo Horizonte vieram predominantemente da zona central e do norte do Estado, bem como de alguns aliados de outras zonas. Votaram contra os representantes da zona da Mata, do sul e do Triângulo, além de parte da zona dos Campos. O que pesou na escolha, segundo Efigênia, foi a atuação de Afonso Penna, que parece ter desempenhado “papel decisivo na luta por Belo Horizonte”. Sua atuação teria sido motivada pela busca do equilíbrio econômico como condição da unidade política do Estado, posição que ultrapassava os interesses regionais.⁸²

Em diferentes estudos, mesmo apresentando posturas divergentes, os autores vêm a questão da localização da nova capital mineira como objeto de disputa das forças políticas ou como um projeto modernização da economia mineira.⁸³

⁷⁹ SALGUEIRO, 2001.

⁸⁰ REIS, 1893, p. 19-21.

⁸¹ REIS, 1893, p. 20-21.

⁸² RESENDE, 1974, p. 149.

⁸³ LE VEN, 1977; PLAMBEL, 1979; JULIÃO, 1992.

Assim, no dia 17 de dezembro de 1893, pela Lei n. 3, adicional à Constituição do Estado, foi escolhido o local para a nova capital, que passaria a se chamar *Cidade de Minas*. O nome Cidade de Minas não vingou. Em 1901, o Congresso estabeleceu o nome *Bello Horizonte*, dado ao arraial em 1890.⁸⁴ A referida lei oficializava o recorte do arraial, autorizando a divisão dos terrenos em lotes nas suas respectivas funções, a determinação de terrenos para edificações públicas, as questões de desapropriações, concessão de diversos serviços a particulares, bases para a construção de moradias para funcionários públicos, concessão de títulos de propriedade para ex-habitantes de Ouro Preto. Para a edificação da cidade, no prazo de quatro anos, foi constituída uma comissão de engenheiros⁸⁵ e técnicos de reconhecido prestígio no País.

A derrubada do arraial para construir uma cidade moderna simbolizava a tradução da pretensão republicana: sair do atraso para o progresso.

1.2 OS PASSOS DA COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL

Organizada pelo Decreto n. 680, de 14 de fevereiro de 1894,⁸⁶ a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) encarregou-se, durante o período de quatro anos, do planejamento e da construção inicial da nova capital do Estado de Minas Gerais. Instalada no Arraial Bello Horizonte, antes Curral del-Rei, a partir de 1º de março de 1894, conduziu os trabalhos necessários à construção da cidade até sua inauguração, com a transferência do Poder Público para a nova capital, em 12 de dezembro de 1897.

A sua missão era implantar os espaços necessários e suficientes para iniciar a cidade, para a instalação dos primeiros 30 mil habitantes, mas que pudesse comportar, no futuro, até 200 mil habitantes. A comissão foi extinta pelo Decreto n. 1.093, de 3 de janeiro de 1898⁸⁷.

⁸⁴ BELO Horizonte: bilhete... 1997.

⁸⁵ Alguns desses engenheiros eram egressos da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e da Escola de Minas em Ouro Preto, como também de escolas no exterior. Segundo Simon Schartzman, o que deu sentido à Escola Politécnica do Rio de Janeiro, como também à Escola de Minas e, de certa forma, à Politécnica de São Paulo, foi “o papel que desempenhou na criação de uma nova linhagem de intelectuais de elite, capazes de pôr em cheque a cultura estabelecida dos bacharéis e da Igreja, em nome da ciência moderna. A doutrina positivista deu aos engenheiros a certeza de que tinham o direito e a competência de gerir a sociedade, que se tornaria melhor e mais civilizada se o poder estivesse em suas mãos”. (SCHARTZMAN, 1987, p. 51.)

⁸⁶ MINAS GERAIS. *Decreto n. 690...*, 1895, p. 118-129.

⁸⁷ MINAS GERAIS. *Decreto n. 1.093...*, 1899, p. 1.

A instituição desse órgão específico, que possuía completa autonomia e era subordinado diretamente ao presidente da Província, representou, segundo Maria Chiavari, o fortalecimento do Poder Executivo, substituindo a ação parlamentar pela ação direta de um órgão técnico-administrativo, ficando o poder decisório concentrado nas mãos do presidente da Província:

Esse procedimento frisa, paralelamente, uma ruptura com a corrente liberal que combatia a intervenção do Estado e estabelece uma imposição do público sobre o privado, no papel atribuído ao Estado de árbitro capaz de garantir o funcionamento da sociedade capitalista.⁸⁸

Essa forma escolhida teve como referência o modelo de organização com o qual Haussman assumira o comando das operações em Paris. A adoção de um esquema envelhecido e definido por uma realidade econômica diferente, na percepção de Chiavari, tinha, naquele contexto, a exigência de concentrar e reorganizar a estrutura do poder, para que, no tempo estipulado, pudessem realizar “uma obra urbana ‘moderna’, de dimensão sem precedentes”. Além do mais, o modelo francês apresentava uma solução possível para o contexto específico de uma estrutura parlamentar administrativa e legislativa jovem e frágil, na qual a bagagem colonial ainda pesava muito.⁸⁹

Os trabalhos da CCNC apresentaram duas fases distintas. A primeira, fase inicial de planejamento, foi organizada e chefiada pelo engenheiro Aarão Reis.⁹⁰ A segunda, fase de execução das obras de construção da cidade, teve à frente o engenheiro Francisco Bicalho.⁹¹

⁸⁸ CHIAVARI, 1985, p. 584.

⁸⁹ CHIAVARI, 1985, p. 584.

⁹⁰ Na fase inicial, Aarão Reis concebeu a CCNC como um sistema organizado em seis divisões de serviço, com tarefas especificadas e separadas entre serviços técnicos, administrativos e contábeis. Nesse momento, a Planta Geral da Cidade já havia sido aprovada e as obras já haviam sido iniciadas, entre elas a construção do Ramal Férreo ligando o arraial à Estrada de Ferro Central do Brasil e a demarcação de avenidas, ruas e quarteirões. Aarão Reis permaneceu a frente da CCNC no período de fevereiro de 1894 a maio de 1895, tendo deixado a comissão por divergência com o governo do Estado, no mandato de Bias Fortes, iniciado em 7 de setembro de 1884. (BARRETO, 1995, v. 2.)

⁹¹ Francisco de Paula Bicalho, natural de São João del-Rei (1847- 1919), era engenheiro civil, diplomado em 1871 pela Escola Central, mais tarde Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Antes de ingressar na CCNC, atuou na construção ferroviária (Estrada de Ferro D. Pedro II) e no serviço de abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro. Bicalho ficou à frente da CCNC de maio de 1895 a janeiro de 1898, período em que a CCNC passou por uma reforma, reduzindo seu quadro de pessoal e reorganizando as divisões de serviço. Merece destaque a organização da 3ª divisão, especificamente criada para cuidar dos serviços municipais, que seria o núcleo inicial da futura Prefeitura Municipal. Com essa divisão, aumentou o controle do Governo do Estado sobre a ocupação dos espaços da cidade. Responsável pela execução de inúmeras obras, o período de sua administração foi caracterizado pelo ritmo intenso de construções, com o assentamento da pedra fundamental de importantes edifícios públicos, como o Palácio da Liberdade e secretarias, e pela inauguração do Ramal Férreo. Em dezembro de 1897, logo após a instalação oficial da nova capital, Bicalho solicitou sua exoneração

Todo o trabalho da CCNC, baseado no saber técnico dos engenheiros, estava voltado para a busca da civilização e do progresso, e a cidade a ser construída deveria ser um monumento que representasse os valores da República que se consolidava. E a modernidade – expressão artística e intelectual de um projeto histórico chamado “modernização” produzido pela ordem burguesa capitalista⁹² – deveria permear todas as ações, numa encenação repetida de *nouveauté*. Com ela aparece a experiência histórica, individual e coletiva do viver em metrópole.

Para um entendimento sobre os pilares da modernidade, podemos aliá-lo a quatro eixos estruturantes de significados: o primeiro estaria ligado a uma forma específica de organização do poder – o Estado Moderno. O segundo é relativo ao mercado e as relações capitalistas de produção. O terceiro, considerado fundante da modernidade, parte da contribuição de Max Weber no sentido de que há na cultura ocidental, durante os séculos XIV, XV e XVI, uma autonomização das esferas da ética, da ciência e das artes, dos contingentes religiosos e metafísicos. O quarto seria a institucionalização de um critério de sociabilidade, na qual o sentido é dado pela liberdade individual.⁹³

Os valores da modernidade possibilitavam, assim, constante invenção, em que tudo poderia ser modificado, como os negócios, a política, o Estado e os indivíduos, nos quais a consciência de “novo” e mudanças estética impunham-se a todo instante. Assim, a concepção e a construção de Belo Horizonte foram permeadas de uma simbologia do moderno, por meio da qual a política e a técnica aspiravam a uma nova racionalidade.

As medidas indispensáveis às cidades modernas, como a salubridade, o saneamento e o embelezamento, foram evocadas salientando a necessidade de melhorias higiênicas e de conforto.

Angel Rama diz que “uma cidade, antes de aparecer na realidade, existe como representação simbólica”.⁹⁴ Tendo a cidade sido planejada, produzida em representações, antes mesmo da escolha do local, é importante ressaltar que, ao se decidirem por um pequeno arraial dos tempos coloniais, a postura da CCNC, seguindo as decisões do Congresso Mineiro, foi de destruir totalmente o lugar, desqualificando o que antes ali havia existido, para no espaço edificar a nova capital, que surgiu sobre as ruínas do velho Curral del-Rei.

do cargo de engenheiro-chefe, fato que ocorreu somente em janeiro de 1898, com a extinção da CCNC. (DICIONÁRIO, 1997; BARRETO, 1995, v. 2.)

⁹² Conceito apresentado por Wille Bolle, numa leitura benjaminiana de cidade em Bolle (2000, p. 24).

⁹³ Essas idéias são discutidas por Paula (2000).

⁹⁴ RAMA, 1985, p. 29.

1.3 A CIDADE SONHADA PARA SER A CAPITAL

Para falar de uma cidade de sonho, remeto-me a visão de Walter Benjamin. Segundo ele, nos “sonhos coletivos” do século XIX – que se materializaram na arquitetura de construções como as passagens, nas modas e na produção de imagens –, se expressa a modernidade. São, assim, consciências oníricas do coletivo. As imagens do sonho coletivo são imagens de desejo, que buscam transcender e dissimular uma realidade insatisfatória. O transcender está, para Benjamin, a cargo da utopia; dissimular, a cargo do mito. Assim, a utopia e o mito são partes indissociáveis do sonho coletivo. A primeira aponta para a salvação, libertando o homem do sempre igual; a segunda é a que impede o advento do genuinamente novo e impõe a temporalidade do eternamente idêntico. Para Benjamin, o homem habita uma cidade real e é habitado por uma cidade de sonho. O seu *Trabalho das Passagens* resume essa dualidade, e aí ele joga com dois níveis de realidade, a objetiva e a onírica, e, nesta, a tensão entre a utopia e o mito.⁹⁵

Mas o sonho pode ser interpretado, e essa é uma tarefa do historiador. Sua função é contribuir para despertar o coletivo que sonha. Somente o despertar é a consciência realmente dialética, porque é a síntese do saber do estado de vigília com o saber adquirido durante o sonho. A ele cabe conhecer e revelar os valores de um período, construindo uma versão sobre a multiplicidade de sinais emitidos pelo passado.

Assim, como cidade onírica, Belo Horizonte foi idealizada com um traçado urbano que seguia um esquema do urbanismo em voga na época, pois o sonho utópico era estabelecer a civilização e a tecnologia avançada do mundo moderno. Nesse sentido, a planta da cidade foi inspirada em grandes projetos urbanísticos do século XIX, como Paris, de Haussmann; Washington D. C., de L’Enfant; e La Plata.

Aarão Reis apresenta a planta geral definitiva, elaborada pela CCNC em março de 1895, para aprovação do governo.⁹⁶ Nela, a cidade é dividida em três setores: urbano, suburbano e rural. Segundo descrição do próprio Reis,

foi organizada a *planta da futura cidade* dispondo-se na parte central, no local do actual arraial, a area urbana de 8.815.382 m², divididas em

⁹⁵ Parto das análises de Rouanet e Peixoto, [s.d.] para o entendimento da imagem dialética da cidade proposta por Walter Benjamin.

⁹⁶ Aarão Reis encaminha o ofício n. 26 de 23 de março de 1895, apresentando ao governo as plantas da cidade. (MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 59-60.)

quarteirões de 120 X 120m, pelas ruas, largas e bem orientadas, que se cruzam em ângulos retos, e por algumas avenidas que as cortam em ângulos de 45°. As ruas fiz dar a largura de 20 metros, necessária para a conveniente arborização, a livre circulação de veículos, o tráfego dos carris e os trabalhos da colocação e reparações das canalizações subterrâneas. As avenidas fixei a largura de 35m, suficiente para dar-lhes a beleza e o conforto que deverão, de futuro, proporcionar á população. Apenas á uma das avenidas – que corta a zona urbana de norte a sul, e que é destinada à ligação dos *bairros* opostos – dei a largura de 50 metros, para construí-la em centro obrigado da cidade e, assim, forçar a população, quanto possível, a ir-se desenvolvendo do centro para a periferia. Como convém à economia municipal, à manutenção da higiene sanitária, e ao prosseguimento regular dos trabalhos técnicos. Essa zona *urbana* é delimitada e separada da *suburbana* por uma avenida do contorno, que facilitará a conveniente distribuição de impostos locais, e que, de futuro, será uma das mais apreciadas belezas da nova cidade. A zona *suburbana*, de 24.930.803 m², – em que os quarteirões são irregulares, os lotes de áreas diversas, e as ruas traçadas de conformidade com a topographia e tendo apenas 14m de largura – circunda inteiramente a *urbana*, formando varios bairros, e é por sua vez envolvida por terceira zona de 17.474.619 m, reservada aos *sítios* destinados á pequena lavoura.⁹⁷

Na análise de Maria Chiavari, a escolha de um esquema clássico de barroco tardio se deu porque esses exemplos eram fáceis de ser encontrados em enciclopédias francesas, muito divulgadas na época. Essa escolha refletia tanto a formação politécnica e as idéias positivistas de Aarão Reis como sua interpretação dos objetivos mineiros de fazer uma cidade de porte monumental para abrigar o poder.⁹⁸

Na planta da cidade adotou-se um traçado de malhas ortogonais, com uma dupla trama, orientado em sentidos diversos: um quadriculado e outro diagonal, ambos tecendo a rígida regularidade global. O sistema adotado basicamente era desenhado por ruas retilíneas, que se cortavam em ângulos retos, encerrando quarteirões quadrados semelhantes. A esse esquema foi sobreposto outro, construído por uma série de diagonais, menos fechado e formado por longas e largas avenidas. A função das avenidas era estabelecer ligações com pólos funcionais, facilitar os deslocamentos da população e direcionar o desenvolvimento da cidade.

Encontro em Chiavari uma explicação de que o plano foi traçado com um rigor geométrico, não deixando brechas para modificações diante da realidade em que seria aplicada. “Prova disso é o fato de a cidade começar a ser projetada, antes de ter sido escolhido o lugar, ou seja, independente dele”.⁹⁹

⁹⁷ MINAS GERAIS... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 59-60.

⁹⁸ CHIAVARI, 1985.

⁹⁹ CHIAVARI, 1985, p. 584.

Essa concepção fechada de cidade, definida pelo desenho, sem levar em conta outros fatores que não a própria idealização da cidade, típica do urbanismo europeu, especialmente o francês, segundo Berenice Guimarães, inspirou o projeto de Aarão Reis no qual

a preocupação central era a concretização de uma cidade projetada, utópica, cujo processo de ocupação se orientaria por princípios da racionalidade técnica, sem levar em conta, no entanto, a dinâmica das forças sociais, o que gerou críticas e trouxe problemas à implementação do modelo.¹⁰⁰

No entanto, outros estudos, como o de Luiz Mauro Passos, analisam que Aarão Reis não tinha a intenção de construir uma utopia, no sentido de uma ordenação urbana fechada, estática e totalmente regulada. Em vez disso, em seu plano podem ser reconhecidos aspectos característicos dos modelos utópicos, tais como o ordenamento geométrico e delimitado do espaço central da cidade, vinculado à ordenação de sua ocupação. Mas considera que

estes dispositivos são assinalados dentro de uma perspectiva que estava ausente naqueles modelos, ou seja, seu plano não constitui numa configuração definitiva e estabelecida de modo completo, mas ao contrário aberta à transformação e à expansão, porém de modo que estas se dessem segundo uma ordem, tanto no espaço como ao longo do tempo.¹⁰¹

Nesse sentido, para Luis Mauro Passos, os dispositivos de ordenação espacial característicos dos modelos chamados utópicos foram utilizados no plano de Aarão Reis como recursos instrumentais, e não como uma aplicação desses modelos.

Em seu plano o desejo da ordem, inscrito na soberania da geometria do desenho, nos limites da área urbana, na previsão da ocupação de espaço segundo funções e categorias sociais e nas medidas de direção da ocupação inicial, foi combinado com o reconhecimento e a previsão da mudança e do crescimento, entendidos como inevitáveis e portadores do progresso. Face às perspectivas de ameaça que este crescimento continha, posto a amplitude que assumia as transformações do ambiente urbano do século XIX, impunha-se a necessidade de uma conduta dirigida pelo Estado, no sentido de evitar os desvios de curso considerado natural dos processos sociais e preparar o terreno para sua espontânea floração no sentido da melhor ordem 'que for sendo possível obter'.¹⁰²

¹⁰⁰ GUIMARÃES, 1996, p.129.

¹⁰¹ PASSOS, 1996, p. 176.

¹⁰² PASSOS, 1996, p. 176.

A planta de Aarão Reis pode ser considerada como um “amalgama de elementos de modelos de construções urbanas do passado”, nos quais se verifica não uma reprodução dos modelos, mas a aplicação de alguns elementos. Mauro Passos afirma:

Marcada pelo positivismo, sua visão do conhecimento e das organizações sociais, como resultado de uma evolução gradativa e cumulativa pode estar na base dos procedimentos que reconhecemos no modo de concepção de sua Planta Geral da Nova Capital.¹⁰³

Parece ser esse o procedimento de Aarão Reis na composição da planta da cidade, cuja concepção é decorrente do acúmulo das realizações e do pensamento relativo às cidades, aplicados de acordo com a conveniência necessária. Assim numa concepção eclética e numa visão positivista de conhecimento resultante de processos progressivos e cumulativos, Belo Horizonte não foi planejada a partir de uma configuração absolutamente definida e instauradora de uma ordem urbana estática; deixaram-se aspectos abertos a serem definidos no futuro. Foi projetada assim, conforme uma dimensão temporal, evolucionista, concebida por etapas.

Em sua primeira etapa de implantação, foi prevista a ocupação de uma área na cidade por 30 mil habitantes, que compreendia as sete primeiras seções da zona urbana, uma faixa que era delimitada pelas Avenidas Araguaia (depois Francisco Sales) e Cristóvão Colombo (em parte hoje designada Bias Fortes), tendo a Avenida Afonso Pena como eixo, que cortaria a zona urbana no sentido norte-sul e se prolongaria pela VI secção suburbana ao norte (Lagoinha/Floresta) e pela I suburbana ao sul (Serra/Cruzeiro).¹⁰⁴ De acordo com a planta aprovada, esse espaço continha 3.639 lotes, que teriam uma distribuição planejada, que envolvia doação aos proprietários de Ouro Preto, concessão aos funcionários públicos e ex-proprietários do arraial, ficando parte como reserva do Poder Público.

Uma segunda etapa, relativa a uma base de 200 mil habitantes sobre a qual foi elaborada a planta geral da cidade, e uma terceira, apenas implícita, uma vez que não foi definida como tal nos planos, mas que pode ser reconhecida tanto em relação às expectativas de crescimento para além do limite como pela abertura à expansão que o desenho da planta indica podem ser identificadas também.¹⁰⁵

¹⁰³ PASSOS, 1996, p. 176.

¹⁰⁴ MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895.

¹⁰⁵ PASSOS, 1996.

O desejo da ordem planejada na planta de 1895, numa dimensão reguladora imposta pelo traçado geometricamente estruturado, partia de pressupostos que buscavam disciplinar o espaço físico, adaptando-o às exigências econômicas e sociais, com a criação racionalizada de vias de circulação, nas quais a salubridade e a higiene ditavam as regras. A influência médico-higienista podia ser percebida na elaboração da planta.¹⁰⁶

Mas, além dos espaços físicos, projetava-se, também, a forma de seus habitantes se fixarem material e culturalmente na cidade. Ao ser criada para atender às demandas da vida moderna, a cidade deveria promover mudanças profundas na vida social e cultural dos mineiros. Baseando-se nos exemplos das cidades européias, propunha um novo padrão de sociabilidade voltado para o espaço público, cosmopolita e urbano. As suas ruas e avenidas, com suas dimensões monumentais, eram vistas como verdadeiras artérias, apropriadas ao tráfego, à circulação de mercadorias, da multidão e de veículos.¹⁰⁷

Richard Sennet, ao tratar das cidades planejadas do século XIX, esclarece que na busca da ordem o individualismo assumia um sentido particular. As cidades

pretendiam tanto facilitar a livre circulação das multidões quanto desencorajar os movimentos de grupos organizados. Corpos individuais que transitam pela cidade tornam-se gradualmente desligados dos lugares em que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os através da locomoção e perdendo a noção de destino compartilhado.¹⁰⁸

Assim, o espaço público – a rua – deveria ser a expressão dos padrões de limpeza, de beleza e de ordem. Diferente do espaço privado, as pessoas tinham de seguir padrões de comportamento regidos pelos valores do mundo civilizado. A rua deveria “reunir os atributos e as condições indispensáveis à saúde, à moralidade e à organização do corpo físico e social”.¹⁰⁹

Uma das medidas indispensáveis era educar a população e ensiná-la a se comportar de forma saudável. Era preciso preparar a população para viver numa cidade moderna. E, aí, o papel de higienistas foi significativo. Foram organizadas várias comissões para realizar estudos e criar projetos que garantiriam o saneamento básico da cidade.

¹⁰⁶ Na época, a medicina, mais especificamente a higiene, foi considerada a ciência mais importante para a sociedade, uma vez que abrangia questões individuais e sociais ligadas à saúde e à doença, à salubridade, às questões arquitetônicas, nas quais o saber médico orientava as transformações da sociedade.

¹⁰⁷ JULIÃO, 1992, p. 77.

¹⁰⁸ SENNETT, 1997, p.264.

¹⁰⁹ PECHMAN, 1992, p. 34.

Com isso, o espaço urbano necessitava ser traçado conforme uma lógica funcional, com lugares distintos para habitação, trabalho e diversão.

Como o interesse deste estudo está principalmente voltado para os lugares do esporte e do lazer, podemos notar que, na cidade sonhada, que seria construída com método, com racionalidade, e deveria seguir códigos modernos, sua planta apresentava espaços projetados especificamente para o lazer, como o Parque Municipal, o Hipódromo e o Jardim Zoológico, além de algumas praças.

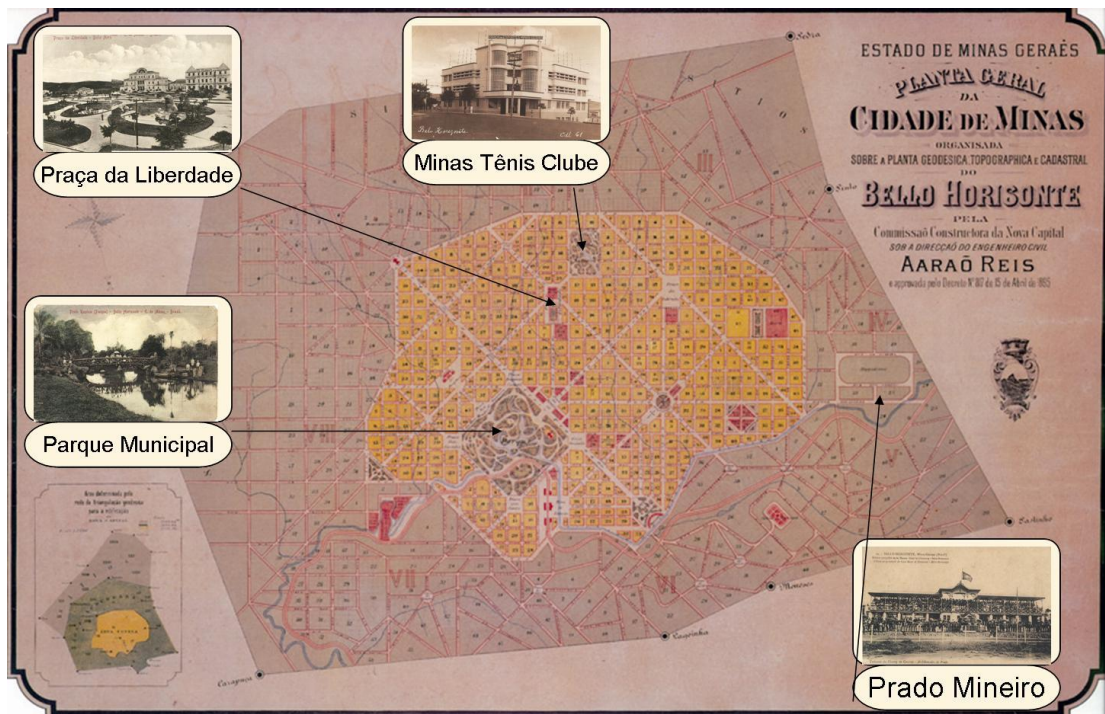


FIGURA 1 – Planta Geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte.

Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (adaptações da autora)

Numa cidade moderna, novos valores deveriam ser projetados como forma de divertimentos, pois o processo de modernização das cidades trazia, no seu bojo, representações negativas da cidade antiga, aliadas, principalmente, a argumentos higiênicos. Assim, a cidade deveria ser equipada com parques, praças e jardins que trariam novas condições cotidianas para os divertimentos saudáveis.

Dos espaços idealizados especificamente para o lazer no planejamento de Belo Horizonte, o mais significativo foi o Parque Municipal, que nos seus anos iniciais foi o

cenário privilegiado para a realização das primeiras atividades físicas, esportivas e de diferentes interesses no lazer. O Hipódromo somente foi construído em meados da primeira década do século XX e o Jardim Zoológico, planejado para o espaço onde hoje se encontra o Minas Tênis Clube, nas imediações do Palácio da Liberdade, acabou sendo construído no Parque Municipal. A Praça da Liberdade, espaço do poder, foi também espaço de lazer na década de 1910, no qual o *footing* e a patinação marcaram época.

Construído na área de uma das maiores chácaras da cidade – a Chácara Guilherme Vaz de Mello, conhecida como *Chácara do Sapo*, território que mesclava matagal, árvores de porte e córregos –, margeando a Avenida Afonso Pena, programada para ser a principal artéria da cidade, o Parque Municipal foi projetado para ser um monumental jardim público da nova capital.

A decisão sobre sua construção havia sido tomada logo no início dos trabalhos da CCNC, em março de 1894, quando, após desapropriação do terreno, recebeu como morador o próprio Aarão Reis.



FIGURA 2 – Casa da Chácara do Sapo, no Parque Municipal, que serviu de residência para Aarão Reis

Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

A escolha do terreno se deveu à sua centralidade e, principalmente, como pode ser observado na foto acima, pelo sítio acidentado, onde poderia ser construído um espaço pitoresco, belo e útil, segundo valores higienistas da época.

A utilidade de parques no urbanismo moderno é caracterizada pela sua função de pulmão da cidade. Na visão de Bruno Fortier, circulando através de ruas-artérias, as pessoas passariam pelos parques respirando seu ar fresco.¹¹⁰

Segundo Lewis Mumford, o século XIX foi, antes de tudo, consciente da função higiênica e sanitária dos espaços livres. Em decorrência da densidade do *habitat* nas grandes cidades, era natural que se valorizasse a necessidade dos espaços livres. “O parque era entendido não como uma parte integrante do meio urbano, mas como um local de refúgio cujo valor essencial vinha do contraste com a ruidosa e empoeirada colméia urbana”. Uma de suas funções era fornecer meios de recreação.¹¹¹

Visto como uma alternativa civilizada, o parque deveria fornecer/oferecer atrativos para a recreação.

A localização do Parque Municipal na planta geral da cidade, encontrava-se delimitada por quatro grandes avenidas: a Afonso Pena, a da Mantiqueira (atual Alfredo Balena), a Araguaia (atual Francisco Sales) e a Tocantins (atual Assis Chateaubriant).

Alfredo Camarate, sob o pseudônimo de Alfredo Riancho, descreve o que projetava os construtores da capital sobre o parque:

O que sei é que a Comissão Construtora da Nova Capital projeta um esplêndido parque, que, com certeza, será citado no mundo estrangeiro; porque é difícil encontrar-se, em outra parte do mundo, um tão acertado conúbio da arte com galas da natureza Quem o está planejando é o jardineiro-paisagista Villon; o homem a quem realmente se deve o magnífico Jardim do Campo da Aclamação. Mas, em Belo Horizonte, o terreno é graciosamente acidentado; a água, aproveitada de vários córregos e nascentes; mais abundantes; o horizonte mais vasto, mais agradável, mais ameno e, por entre todos esses pródigos dons da natureza mineira, formigam: cascatas, grutas, ruínas, tanques, coretos, chalets, viveiros, gaiolas, alamedas frondosas, clareiras; todos os grandes atrativos dos jardins notáveis, reunindo, num só ponto, os encantos dos Campos Elísios, do Parque Monceaux, das Butts Chaumont, do Campo de Marte, do Parque Montsourise, de todos os jardins que se ufana Paris. O nosso parque terá tudo.¹¹²

¹¹⁰ Essas idéias são apresentadas por Sennett, 1997.

¹¹¹ MUNFORD, 2002, p. 286.

¹¹² RIANCHO [Camarate], 1985, p.185.

Como previa Camarate, o parque da nova capital de Minas Gerais foi notícia no *Echo du Brésil*, que foi traduzida e publicada pelo *O Contemporâneo*.¹¹³ O artigo é iniciado relatando a escolha do terreno realizada pelo engenheiro Aarão Reis, auxiliado pelo primeiro engenheiro Hermílio Alves. A forma criteriosa da escolha, bem como a idéia da criação de um parque anexo aos demais trabalhos de construção da cidade revelava a “esclarecida competência do infatigável dr. Aarão Reis, que não [conhecia] obstáculos a vencer para seguir o rumo que traçou a si próprio, o caminho do progresso”.¹¹⁴

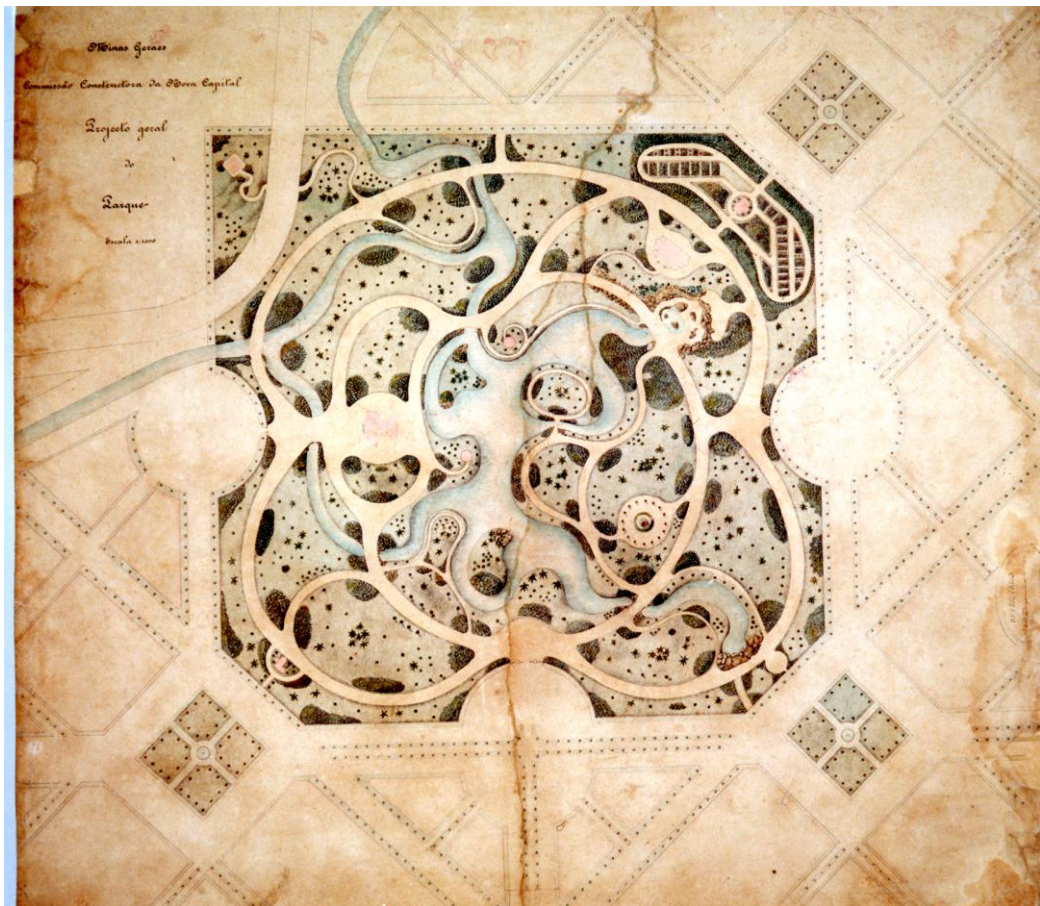


FIGURA 3 – Projeto Geral do Parque
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

¹¹³ BELLO Horizonte, 1895, p. 1. O jornal *O Contemporâneo* não esclarece o local onde foi publicado o *Echo du Brésil*.

¹¹⁴ BELLO Horizonte, 1895, p. 1.

O projeto foi de responsabilidade do arquiteto-paisagista francês Paul Villon,¹¹⁵ auxiliar de Glaziou, diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial do Rio de Janeiro, de competência reconhecida tanto no Brasil como na Europa. Com Glaziou, iniciou-se no paisagismo romântico de influência inglesa, em moda durante o século XIX, em oposição ao jardim francês, de estrutura geometrizarante. No paisagismo romântico, “é a natureza que serve de inspiração para o artista, que a ornamenta de acordo com sua fantasia”, mas com discernimento e seguindo regras.¹¹⁶

Segundo o artigo publicado em *O Contemporâneo*

o projeto é dos de maior êxito, dos mais felizes por se distanciar do que se tem visto, do que é commum, porquanto, além de ser original pela novidade, vem elle a ser, ao mesmo tempo, grandioso pela extensão, e não só apenas belleza e gosto que constituirão o encanto desse trabalho será elle, realmente, um logar feerico pela riqueza e variedade de plantações, dos gramados, etc., etc.[...] O sr.Villon não se descuidou de coisa alguma, para fazer um trabalho digno de renome de que elle gosa, e já nos deu a satisfação de podermos julgar sua obra, porquanto todos os dias passeiamos nas extensas e soberbas alamedas com que, paulatinamente, se enriquece o parque.¹¹⁷

O artigo traz, também, uma descrição detalhada do projeto que seria executado em uma superfície de 60 hectares, em forma de polígono irregular, que possuía nos lados principais 765 metros de comprimento. Sua entrada principal daria para uma praça, por onde passariam cinco extensos *boulevares*, dentre eles a Avenida Afonso Pena, tendo à sua frente o Palácio do Presidente. Seu interior seria cortado por numerosas avenidas de curvas harmoniosas, entrecortada por ruas sinuosas de variadas medidas. Com uma superfície de águas de 35 mil metros, formada por regatos vindos de diversas direções da cidade, ali se laçariam em quedas d’água, cascatas que formariam lagos, onde surgiriam ilhas, penínsulas, etc. Esses ribeirões seriam atravessados por sete pontes, dentre as quais duas seriam numa arquitetura comum e as outras construídas de forma rústica.

¹¹⁵ Paul Villon (Côtes Saint-André/França, 1842 – ?), arquiteto paisagista, foi discípulo de Alphand, diretor dos jardins e parques de Paris, e de Dubrel, professor de arborização. Trabalhou em Grenoble, com Meunier et Rocher Frères, estudando horticultura e arboricultura. Em Marselha, dirigiu as obras do Parque Borely e trabalhou também na arborização da cidade, com Alphand e Lejourdan. No Brasil, morou inicialmente no Rio de Janeiro, participando na arborização da Praça da Aclamação (atual Campo de Santana) e da Quinta da Boa Vista, com Auguste Marie Glaziou. Participou, também, da recuperação dos jardins do Palácio do Catete. Em Belo Horizonte, veio convidado para ocupar cargo na 4ª Divisão (Estudos e Preparos do Solo) e depois na 6ª Divisão (Arruamentos, Calçamentos, Parques e Jardins) da CCNC. Participou do Planejamento do Parque Municipal (1894/1897), do projeto e construção da represa no córrego do Acaba-Mundo (1897), projetou os jardins do Palácio da Liberdade (1898), a Praça da Liberdade (1902). (DICIONÁRIO, 1997, p. 266-267.)

¹¹⁶ COMPANHIA VALE DO RIO DOCE, 1992, p. 19.

¹¹⁷ BELLO Horizonte. *O Contemporâneo*, 1895, p. 1.



FIGURA 4 – Projeto de ponte rústica
 Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

Assim, todo esse projeto seria

construído de acordo com as regras modernas admitidas nesse gênero de construção[...]. [Possuiria] um cassino com teatro, restaurante, coreto, ruínas, / ? / labirintos, cascatas, fontes naturais e artificiais, grutas, jatos luminosos, tudo constituindo efeitos admiráveis de sombra e luz.¹¹⁸

Dentre os arrojados planos, das cinco pequenas e duas grandes quedas d'água, uma cascata com altura de 6 metros deveria cair sobre o terraço, onde seria construído o Cassino.

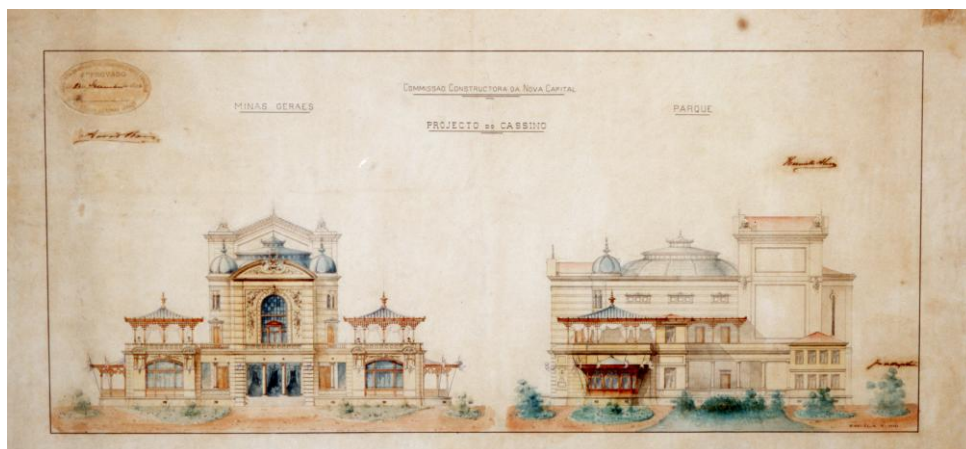


FIGURA 5 – Projeto do Cassino
 Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

¹¹⁸ O Parque. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 23 out. 1897, p.5 *apud* GRAVATÁ, 1982, p.144-145.

E todas as edificações que ali seriam feitas mereceram destaque nos jornais:

O cassino será uma verdadeira *tetéia* de architectura e gosto pela disposição interior. Será construído em estylo moderno, elegante, gracioso, contendo grandes salas de baile e concertos, um teatro para 400 pessoas, folgadoamente. Haverá também um Observatório Metereológico, edificado em um dos pontos mais altos da cidade, em forma de torre, com 30 metros dáltura, e donde se poderá dominar a cidade inteira e uma parte dos arredores a distancia bem longa. Ahi haverá também um coreto (kiosque) para a música; perto, a casa do administrador e a do guarda. Um como que tunnel especial para carros será também construído.¹¹⁹

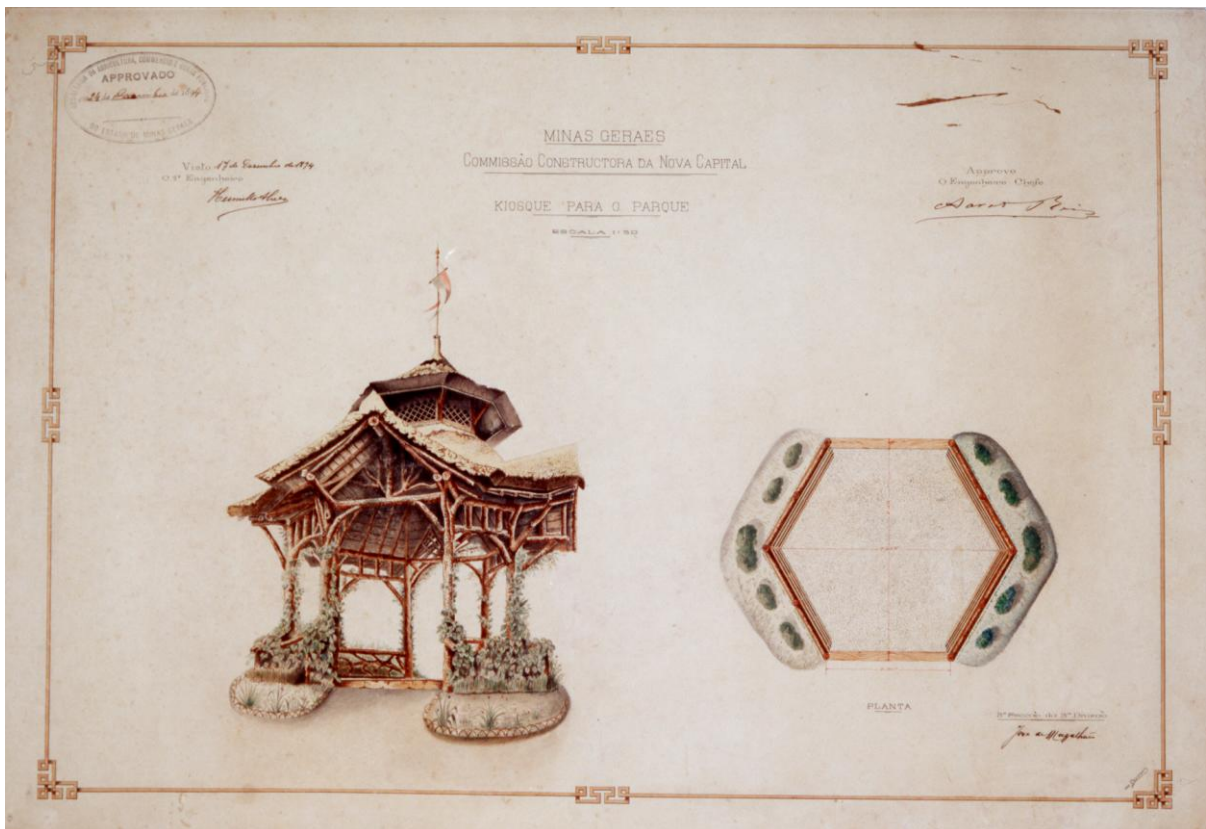


FIGURA 6 – Projeto do Quiosque
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

¹¹⁹ BELO Horizonte. *O Contemporâneo*, 1895, p. 1.

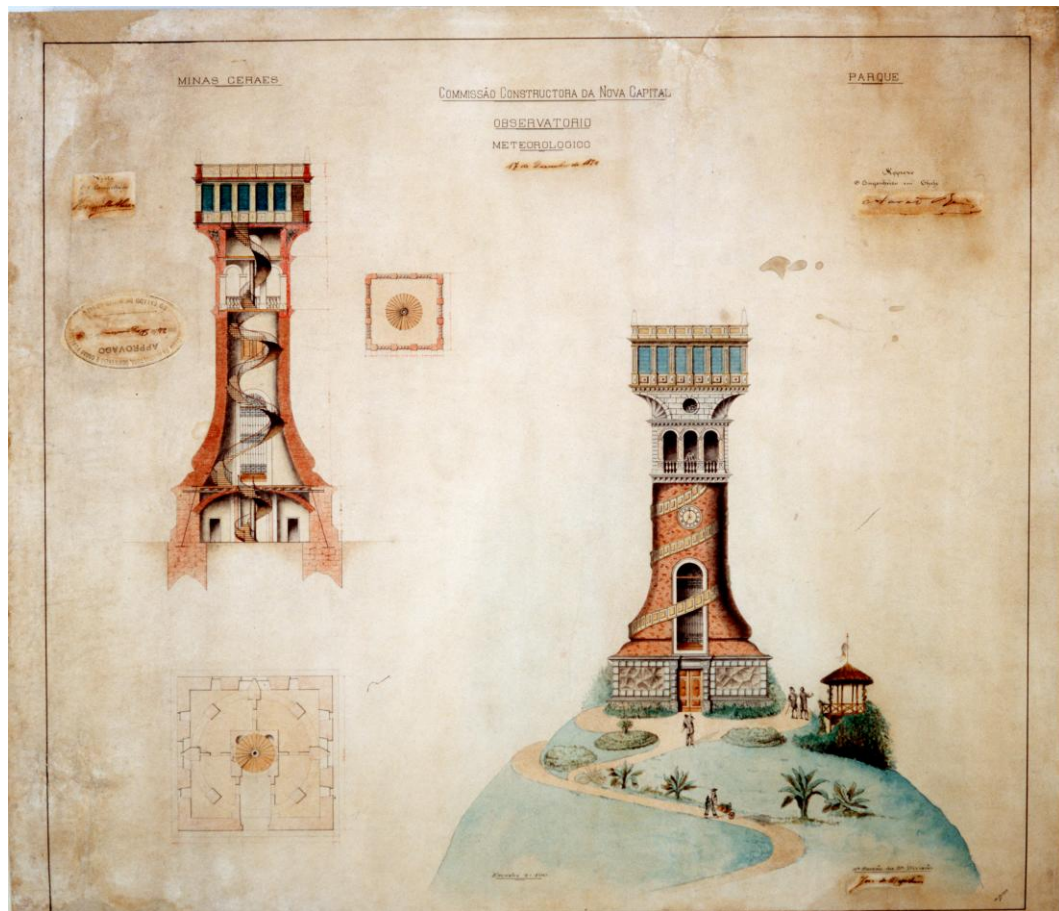


FIGURA 7 – Projeto do Observatório
 Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

O autor do projeto procurou valorizar o local oferecendo espaços aprazíveis para o lazer, além de criar locais específicos para divertimentos valorizados na época como os jogos, os bailes e o teatro.

Mas como o corpo bronzado e musculoso deixou, a partir do final do século XIX, de estar associado somente à “desagradável” idéia de trabalho braçal, de sol a sol, por uma nova consciência higiênica das cidades, que passou a valorizar o exercício físico sob o lema *mens sana in corpore sano*¹²⁰, o projeto do parque também agregou, no seu espaço, o exercício físico, que era realizado por uma prática moderna do século XIX: o esporte.

¹²⁰ Lema do poeta satírico romano, *Decimus Junius Juvenalis* (60 d.C./ 130 d.C.), cuja obra era cheia de frases que, pela clareza e precisão, passaram à posteridade como proverbiais. (ENCICLOPÉDIA..., 1976, p. 6.590.)

Para tanto, o parque contaria com uma raia oval para as corridas de *bicyclettes*.¹²¹ O velódromo possuiria 500 metros de circunferência, tendo ao centro fontes luminosas.¹²²

Dessa forma, se todo o projeto fosse executado à risca, a imprensa relatava que “o nosso parque [seria] o primeiro da América do Sul”, e que a capital ganharia um poderoso elemento de higiene e conforto. As representações aliadas aos parques naquele momento podiam ser percebidas na seguinte nota:

Todos conhecem à saciedade o papel predominante que hoje, em todas as grandes capitais, representam os parques públicos. A criação destes jardins constitui uma fonte de gozo, tão necessária ao homem, por ser um reflexo da própria natureza.¹²³

Se o parque seria uma fonte de gozo tão necessária ao homem, que corpos foram idealizados para representar o homem que se queria como habitante desta cidade?

1.4 CORPOS PROJETADOS

Criar uma nova imagem de cidade significava, também, projetar para ela corpos que representassem esse novo ideal. Para uma cidade símbolo da República em Minas, os valores ligados à racionalidade, à higiene, à assepsia e à civilidade também deveriam estar impregnados nos corpos dos cidadãos que habitariam essa cidade.

Para inserir Minas Gerais no tempo da história, seria necessário constituí-la à base de uma nova era em que, segundo Cynthia Veiga, estava aliada ao

estabelecimento de dimensões racionais no tratamento da propriedade, das relações de trabalho, das relações sociais e culturais, um sentido novo da política implicado na tarefa de começar aparentemente do nada, transformar a região em oficina de trabalho e negócios configurando a concretização ideal da dimensão de progresso e civilidade, no sentido de reeducar as pessoas, orientar seus caminhos, ‘acordá-las’ para a modernidade.¹²⁴

¹²¹ O Parque. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 23 out. 1897, p. 5 *apud* GRAVATÁ, 1982, p. 145.

¹²² O jornal *O Contemporâneo* escreve “Bellodromo”, não sei se por erro ortográfico, por desconhecimento dessas práticas modernas ou, mesmo, para fazer uma relação com a cidade.

¹²³ O Parque. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 23 out. 1897, p. 5 *apud* GRAVATÁ, 1982, p. 145.

¹²⁴ VEIGA, 2002, p. 101.

E, para construir essa modernidade sonhada, os idealizadores da nova capital fizeram do local escolhido – o velho arraial – um “terreno limpo”, um “lugar vazio”, no qual seus antigos moradores não tinham lugar no novo projeto da cidade, principalmente aqueles cujos corpos não estavam de acordo com os valores desejados. Avelino Fóscolo assim relata a transformação então vivida com a construção da nova capital:

Grande parte da população indígena havia imigrado para Venda Nova, com a morte n'alma, vendo esboroarem-se as suas ilusões, destruída como um brinco às mãos infantis a capital sonhada.¹²⁵

É nas palavras de Avelino Fóscolo, em seu romance *A Capital*, publicado em 1903, que podemos captar as imagens dessa época. Fóscolo, em sua narrativa, descreve como os desprovidos de corpos saudáveis foram tratados para que o local fosse considerado um ambiente propício para ali se construir uma cidade moderna, higiênica, prazerosa e saudável:

Não olhavam sacrifícios para impor o velho arraial ao conceito público. Contavam mesmo que em dias vesperais à vinda da Comissão incumbida de estudar o local, tinham ido ao albergue de uns pobres cretinos, muito magros e de um amarelo ocráceo, enormes bócios, forçando-os a partir, a abandonar a triste choupana onde havia decorrido a mísera existência, exilando-os para sempre qual chaga cancerosa. Foram aos empurrões, lamentando-se numa queixa dorida, pesarosos, embora promettessem-lhes colocação melhor, lá ao longe, no desconhecido... Não podiam compreender porque aquela insólita expulsão do velho arraial onde tinham nascido, vendo desfiar-se o rosário de suas penas, sem jamais arredar o pé dali como árvores plantadas no solo. Dessem-lhes embora um palácio, valeria porventura o triste tugúrio – testemunha da vegetação deles, esburacado, recurvo, quase a tombar, com a cobertura de colmo enegrecida de fumo, onde o vento assobiando em noite invernos, fazia-os tiritar e a borrasca zumbindo através das ruínas, arremessando buquês fosforáceos de raios, jatos d'água, deixava-os imóveis, mais bestificados ainda com o olhar dos cretinos não alcançando a razão das tormentas? Tudo lhes fazia saudade e lá do alto, no cimo da montanha, caminho do desterro, último ponto onde se divisava ainda a aldeia, com os olhos banhados de lágrimas, o semblante de mártir, opilado, vinculado de miséria e os enormes bócios a tombarem no peito, causando-lhes fatigante dispnéia, voltaram-se, fitaram ainda uma vez o velho berço e seguiram soluçando, numa lástima calma de besta impotente, acossados pelo guia incumbido da expulsão.¹²⁶

Abílio Barreto fala da invenção da existência na cidade do bócio e da cretinice como males endêmicos, o que a levou ser batizada perversamente de “papudópolis”. No entanto,

¹²⁵ FÓSCOLO, 1979, p. 97.

¹²⁶ FÓSCOLO, 1979, p. 81- 82.

existia ali um ou outro caso, como há em toda parte. O número reduzido não poderia ser tomado como índice de endemia. As causas estariam aliadas às condições pessoais de vida das próprias vítimas.¹²⁷

Nessas explicações podemos perceber posturas diferenciadas, que geram um embate na constituição da imagem da cidade. Assim, essa imagem é conflituosa. Se por um lado Avelino Fóscolo critica a forma “autoritária” de se fazer a cidade, por outro é destacada a postura defensiva do historiador (jornalista) Abílio Barreto, ao construir uma história “oficial” para a cidade.

Essa postura defensiva é percebida também nos escritos de padre Francisco Martins Dias, pároco do arraial de Belo Horizonte no período da construção da cidade. O que se pode observar é que, para construir a cidade saudável e livre dos males relatados, Aarão Reis se mostrava ansioso por ver livre e desimpedido o terreno para os trabalhos da CCNC. Mas em seu *Traços Históricos e Descritivos de Bello Horizonte*, livro que reúne crônicas publicadas no primeiro jornal da cidade – o *Bello Horizonte* –, semanário fundado em setembro de 1895 e dirigido por padre Francisco, ele relata:

Mais de uma vez ouvimos-o dizer, é verdade, que não queria nenhum dos antigos habitantes de Bello Horizonte dentro da área urbana ou suburbana traçada para a nova cidade, e que tratasse o povo de ir se retirando; mas si, com effeito, eram esses os planos e o desejo do dr. Aarão, não se realisaram, porque foram modificados e abrandados; e, como se viu e se vê ainda, grande parte dos habitantes permaneceu no arraial. Apenas 6 ou 7 famílias se retiraram para fora do districto e o fizeram espontaneamente; todas as demais se estabeleceram, umas nas immediações da área suburbana da nova cidade, e outras conservaram-se mesmo na povoação como acima já dissemos.¹²⁸

Os moradores do antigo arraial, de modo geral, não constituíam um tipo de população que seria considerada adequada e condizente com a imagem de cidade que se queria cunhar, pois, na descrição de Fóscolo, eram

uns homens magros, esgrouviados, amarelos, de feições melancólicas, olhos amortecidos, cabelos mal cuidados, unhas grandes, negras de pó, pés mal resguardados, como todo o corpo, em vestes insuficientes. As mulheres, porém, eram bem conformadas em sua maioria, destacando-se, apesar da singeleza do meio, da carência de arte tão necessária ao aformoseamento, algumas verdadeiramente belas.¹²⁹

¹²⁷ BARRETO, 1995, p. 275.

¹²⁸ DIAS, 1897, p. 84.

¹²⁹ FÓSCOLO, 1979, p. 90.

Viver nessa cidade em sua fase inicial de construção representou para muitos uma aventura, um desafio, não somente no sentido de se estabelecerem e crescer com a cidade, mas, principalmente, por vivenciar suas necessidades e possibilidades. Para compreender a vida das pessoas naquele tempo, recorro a Camarate, que narra, em suas crônicas, sua primeira impressão sobre o povoado:

O que, em todo o caso, vi desde logo, é que o bom, hospitaleiro, mas inerte povo mineiro desta localidade, não se preparou para abrir os braços, com avidez e desafogo, à inesperada fortuna que lhe entrou pela casa a dentro.¹³⁰

Camarate analisa os moradores da cidade mostrando que o “tipo geral deste povo é doentio. Magros, amarelos, pouco desempenados na maioria; havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e raquíticos”.¹³¹

Nessa análise, o cronista diz que essa fisionomia quase geral da população do Arraial Belo Horizonte desarmonizava-se completamente com a amenidade do clima, com o ar seco e perpassado quase constantemente pela brisa, bem como com a natureza do solo, que era magnífica. Com esse cenário fantástico, propício a uma vida saudável, era inconcebível que ali somente existissem corpos de natureza doentia. E Camarate, baseado no saber médico da época, apresentava o porquê dessa desarmonia:

Por muito pouco que eu entenda de higiene da alimentação, conheço ainda o suficiente dessa ciência tão querida e explorada dos franceses, para que possa asseverar, sem medo de engano ou do *cochilo* científico, que um regime permanente de feijão e arroz, com algumas raras surtidas pela carne-de-vento, não pode levar ninguém a ostentar faces rubicundas e bochechudas [...]. Portanto, a palidez e magreza dos filhos cá da terra, é enfermidade (se é enfermidade) muito fácil de corrigir, e, neste caso, é que está aplicada acertadamente a sentença de um célebre médico, que profetiza que, para séculos vindouros, a higiene há de completamente substituir a medicina.¹³²

Diferente da crítica de Fóscolo, Camarate, como Abílio Barreto, contribuía em favor da “imagem oficial” da nova cidade.

Mas, segundo ele, não era somente a falta de alimentação que deteriorava os corpos na cidade. A explicação para “os descambados de costas, os defeituosos, os aleijados e os

¹³⁰ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 35.

¹³¹ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 43.

¹³² RIANCHO [Camarate], 1985, p. 44.

raquíticos” estava no fato de que as famílias da cidade tinham por hábito casamentos consanguíneos, para os quais o cronista tinha uma solução:

A inoculação de novos agentes de povoação, disseminará mais as simpatias que terão mais amplo ensejo de procurarem aclimar-se em terrenos novos e, nesta forçada mescla, que provocam todas as grandes coletividades, os filhos e netos do povo de Belo Horizonte hão de vir a ser desempenados, esbeltos e robustos, e aqui é o caso de dizer: quer queiram, quer não queiram!¹³³

Isso porque, para criar a civilização inerente a uma grande cidade, mudanças teriam de ser realizadas. Uma nova e bela cidade requeria novos e belos corpos. A organização social, cultural e material anterior teria de ser negada, por isso os corpos de seus antigos moradores não condiziam com a racionalidade desejada para a cidade. O projeto era substituir o povo e impor novos costumes.

E a grande responsável por realizar essas mudanças, com “ares de educadora”, que aqui chegou com uma missão pedagógica de quem veio para mudar, para transformar, foi a CCNC.¹³⁴

Avelino Fóscolo descreve a cidade quando os primeiros trabalhos técnicos se haviam iniciado:

nas velhas ruas cruzavam-se os recém-vindos, os especuladores, como os denominavam apontando-os com um olhar desconfiado e odioso; a gente da comissão correndo aos escritórios ao badalar das dez, muito agasalhados em vestes de lã, compridos casacos, capas à espanhola, botas de meio cano, indo afanosos, semelhando um povo estranho, de longes terras entre aqueles patrícios morosos, entorpecidos de frio e de ócio, inativos no seio daquela natureza tão rica e tão bela.¹³⁵

A missão da CCNC na capital pode ser sentida nas palavras de Fábio Nunes Leal, seu secretário:

Não primam as cidades e povoados de Minas por belezas artísticas de qualquer espécie: o homem parece até hoje alheio ao instinto do belo, não aproveitando sequer os encantos de uma natureza tão rica de sublimes no assentamento dos seus lares: a veia de ouro ou de qualquer minério industrial, a queda d’água como força motriz, os gastos espontâneos ou humos cafeeiro ou a terra sã do milho eis as balisas únicas das preferências de sua localização no solo fertilíssimo de Minas. O conforto do corpo e o encanto do espírito não tinham até hoje ainda entrado como fatores nestes

¹³³ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 45.

¹³⁴ Essa análise da CCNC como *grande educadora* foi feita por Veiga (2002).

¹³⁵ FÓSCOLO, 1979, p. 90-91.

problemas da vida; a preocupação até estes últimos tempos limitava-se à garantia daquela que é a independência individual [...]¹³⁶

Essa “independência individual” e a forma de localizar-se física e culturalmente na cidade seriam, aos olhos da CCNC, alguns dos elementos que deviam ser destruídos. O espaço físico onde seria implantada a cidade era repleto de potencialidades que, aliadas aos conhecimentos científicos trazidos pela CCNC, fariam daquele local uma cidade nos moldes que a modernidade queria. Mas o que realmente destoava eram os seus habitantes. Para Nunes Leal,

a população indígena é toda ella atrophada e fraca, sem cores, nem alegrias! Parece que fora transplantada, na véspera da chegada da Comissão para este arraial, vinda de margens pouco salubres do São Francisco, onde as cachexias paludosas imperam sem respeito, nem temor á quinina. Não se concebe, á primeira vista como em logar tão salubre, com todas as condições higiênicas de primeira ordem, possa ter degenerado uma população destas, superior talvez a duas mil almas, com tão fortes elementos da vida, tão excelente clima e solo tão fértil!¹³⁷

As análises do secretário da CCNC não foram diferentes das de Camarate.

Analysando, porém, mais detidamente o facto e conhecendo os hábitos e costumes della, a sordidez da vida, a penúria extrema e sua alimentação, a falta de resguardo das habitações e o desasseio geral e isso nos próprios abastados do logar se chega a evidencia, de que a depauperação é simplesmente o producto da falta de alimentação e dos cuidados higiênicos, comum, em geral, as classes menos favorecidas da fortuna, por todo o Brazil.¹³⁸

O secretário buscou uma análise não somente física dos antigos curralenses, mas também moral de seus hábitos e costumes:

Não tem saliencia os outros typos, que ainda poderia descrever, mas os englobo n'um só conceito, que os pinta esgrouvinhados, pálidos, anêmicos e tristes como doentes; sem alegrias, nem folguedos próprios e naturais, tendo por único consolo as rezas nas Igrejas, os terços e procissões pelas ruas. A litteratura não andava por estes sertões. Dáhi a pouca ciência da mocidade horizontense que, entretanto, honra lhe seja prestada, é morigerada e trabalhadora, não vivendo em vadiações pelas ruas, nem invadindo os

¹³⁶ MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 12.

¹³⁷ MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 14.

¹³⁸ MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 14.

quintais dos vizinhos, apesar de andarem descalços os meninos na quase totalidade.¹³⁹

Assim, consciente do pesado incômodo do passado e confiante no trabalho que seria realizado pela CCNC na cidade, por um projeto que procuraria, também, a “regeneração” de corpos doentes, o secretário, já em outubro de 1894, ao fazer um relato sobre o arraial de Belo Horizonte, já vislumbrava o futuro:

Quem no futuro, cortado já o arraial de largas avenidas, de espaçosas e bellas ruas, ornadas de palacetes dos mármoreos do Gandarella, de ajardinamento de luxo, chácaras de primor, formoso parque etc. ficará tendo lido esta pequena descrição, surpreendido de ter habitado n'ella uma população tão mesquinha e não haver, há muitos annos, sido escolhido este arraial para a construção de uma grande cidade.¹⁴⁰

Inicialmente, entretanto, a população do arraial não aceitava as decisões da CCNC de forma cordata. Encontro em alguns personagens de Avelino Fóscolo críticas ao progresso que se buscava para a cidade e para a República. Havia outros, no entanto, que sonhavam com as possibilidades de que a nova capital poderia lhes oferecer. Mas a resistência contra a CCNC aparece em alguns personagens, como na fala do *Mestre*: “É o que se vê agora: violência de toda a espécie, desde o chefe ao ínfimo empregado... O desrespeito pelo que há de mais santo”.¹⁴¹

Aarão Reis procurava projetar e construir a cidade em harmonia com a população, como revela o ofício enviado à chefia da 6ª Divisão:

No intuito de manter, por nossa parte, quanto possível, a ordem e a tranquilidade publicas, dou por muito especialmente recomendado a V. Sa. bem comprehenderá quanto devemos nos esforçar para não dar pretextos a desordens e rixas que podem comprometter o regular prosseguimento dos árduos trabalhos que estamos encarregados.¹⁴²

Assim, a missão da CCNC em construir uma grande metrópole – lugar por excelência do desempenho dos potenciais técnicos – estava aliada não somente à necessidade de edificar uma nova cidade, mas incluir também uma reforma dos corpos e das mentes, pois naquele

¹³⁹ MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 15.

¹⁴⁰ MINAS GERAIS.... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p. 15.

¹⁴¹ FÓSCOLO, 1979, p. 93.

¹⁴² REIS, 1894, p.6.

momento se pregava que “era preciso educar física, intelectual e moralmente o povo para a nova era”.¹⁴³

Essa visão tem sua gênese, a partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia européia, que trouxe uma mudança significativa nas concepções de saúde e aparência física. “Moleza das fibras e fragilidade muscular tornam-se índices de uma falta de rigidez do caráter”. Com a noção de população como força anônima, o espectro da degenerescência moral desencadeia temores e, por conseguinte, novos valores são fornecidos aos métodos de higienizar também os costumes. É a partir daí que o ideal de beleza e de saúde pautado pela robustez das aparências atinge lugar de destaque.¹⁴⁴

No final do século XIX e início do século XX, as teses higienistas deram grande importância não somente ao tema da higiene racial e corporal, mas também ao da termodinâmica.¹⁴⁵ A concepção de um corpo energético, produtor de energia, por um trabalho conjunto de órgãos e pulmões passou a vigorar, acreditando-se nesse corpo como transformador da natureza, fonte produtora e transformadora de riquezas. O que escapasse dessa visão era sinônimo de degenerescência. Passou a haver, então, uma aversão às experiências consideradas ociosas, improdutivas, filhas do vício e da fraqueza das vontades.

¹⁴⁶

Partindo da idéia de um corpo saudável, limpo, deslocando-se com total liberdade, os desenhos urbanos previam que as cidades funcionassem assim. Nada podia ser visto de forma ociosa na cidade, que cada vez mais buscava ser mais arejada e cuja beleza estava estreitamente associada ao trabalho de regeneração dos espaços e do ar. Campanhas contra ambientes fechados, em que não circulava o ar, contra os indivíduos pálidos e avessos aos exercícios respiratórios foram valorizadas. A partir de então, o corpo e a cidade deveriam ser transformados em verdadeiras usinas que domesticavam os fluidos, canalizando-os, filtrando-os, acelerando, assim, suas funções produtivas. “A obsessão higiênica e produtivista atinge o social visível, corpos e espaços, e o invisível, ar e costumes”.¹⁴⁷

¹⁴³ PECHMAN, 1992, p. 35.

¹⁴⁴ SANT’ANNA, 2001, p.107.

¹⁴⁵ Os princípios das leis da termodinâmica foram estabelecidos pelo físico francês Sadi Carnot em 1824. A partir delas, concebe-se o corpo humano como uma “máquina energética”. Não mais o modelo mecanicista, cuja principal metáfora é o relógio, mas o modelo de energia, ilustrado pelo exemplo da máquina a vapor. Desde então, o alimento se torna um elemento combustível, que será queimado pelo organismo, resultando em energia necessária à vida. Assim, torna-se essencial aumentar a quantidade de oxigênio em contato com os pulmões, fazer do homem um atleta, assimilá-lo a uma usina moderna. (SANT’ANNA, 1996, p. 122-123.)

¹⁴⁶ SANT’ANNA, 1996, p. 122-123.

¹⁴⁷ SANT’ANNA, 1996, p. 125.

Diante da leitura de representações da cidade idealizada, que falam dos sonhos de uma cidade moderna, construídos pelos produtores do seu espaço, busco, no capítulo seguinte, representações que falam da cidade que vai sendo construída, realizando-se pelas suas formas de habitação e produção do espaço, além de revelar como suas práticas projetadas e valorizadas como forma de lazer foram se constituindo.

Capítulo 2

A REALIZAÇÃO DA CIDADE E SUAS PRÁTICAS DE LAZER

A “montagem” de uma cidade empírica, habitada por homens, uma entidade concreta, com suas ruas, praças, parques e sistema de transportes, dentre outros, que incluía a cidade dos sonhos, para a obtenção de uma cidade messiânica, isto é, humana, é o que, para Walter Benjamin, significa despertar uma consciência dialética. E esse despertar de seu sonho, para a cidade, significa para o autor, “desencantá-la”.¹⁴⁸

Para “desencantar” Belo Horizonte, é necessário “montar na cidade real a cidade de sonho”. É ver Belo Horizonte como configuração composta de todos os planos de edifícios, dos esboços de ruas, dos projetos de parques, de todas as tentativas que não se realizaram. Assim, neste capítulo, encontram-se informações de como a cidade vai se constituindo, onde homens habitam a cidade dos homens, contemplando os “sonhos que a sonharam”, mas deixando esses sonhos de ser mitos, por uma “ação irmã do sonho”¹⁴⁹. E, como o interesse do estudo é o esporte como forma de lazer na cidade, as análises apresentadas neste capítulo foram na direção de como as vivências lúdicas foram se constituindo, o que era valorizado e o que foi projetado como lazer na cidade nos seus anos iniciais e nos subsequentes, até a segunda década do século XX.

2.1 A CIDADE SE CONSOLIDA

A construção da nova capital e as possibilidades que ela ofereceria despertaram sonhadores e visionários que, segundo Abílio Barreto, vieram como verdadeira torrente humana, todos com seus haveres e cheios de sonhos. Esse crescente número de recém-chegados, muitos com a missão de levar a cabo o planejamento e a construção da cidade, aqui foram se instalando em alojamentos improvisados.¹⁵⁰

¹⁴⁸ ROUANET; PEIXOTO, [s.d.].

¹⁴⁹ Expressão utilizada por Walter Benjamin, *apud* ROUANET; PEIXOTO, [s.d.].

¹⁵⁰ BARRETO, 1995, v.2.

O que se podia ver naqueles anos iniciais era um grande canteiro de obras, agitado pelas construções, um ar empoeirado nas ruas que iam cortando a cidade e uma grande especulação na venda de terrenos.

Durante a administração de Aarão Reis, a autonomia da CCNC na execução do seu projeto foi gradativamente retirada com a entrada de novos interesses políticos. A situação é caracterizada a partir da mudança política na presidência do Estado, o que culmina no afastamento de Reis da direção da CCNC, por não aceitar modificações no projeto inicial. Esse fato, segundo Berenice Guimarães, se deu, por um lado, pela racionalidade técnica que cercou a elaboração do projeto, um projeto de gabinete, que em momento algum foi submetido à apreciação das elites políticas. Essa atitude, após mudanças na orientação política, introduziu negociações não previstas que levaram a modificações que comprometeram o projeto inicial. Por outro lado, a concepção de um modelo de cidade administrativo, com exigências preestabelecidas aos seus futuros moradores, criou problemas que imprimiram uma dinâmica específica ao processo de ocupação do solo.¹⁵¹

Encontro na obra de Abílio Barreto o seguinte registro:

Correndo célere por toda parte a notícia das rendosas obras que se encetavam em Belo Horizonte, com perspectivas sedutoras de ganho abundante e fácil, crescia vertiginosamente a população local, com a chegada contínua de operários e outros elementos adventícios de ambos os sexos e de todas as nacionalidades, em maioria italianos, muito turbulentos, de reputação duvidosa, que iam improvisando cafuas e barracões para suas moradias, sendo que alguns vadios ficavam mesmo perambulando pelas ruas, dormindo ao relento, dada a impossibilidade absoluta de encontrarem abrigo.¹⁵²

Nesse processo, a ausência de previsão de um local específico para alojar os trabalhadores gerou o surgimento de problemas de moradias, quando terrenos públicos foram invadidos, com a construção de cafuas e barracos em zona nobre, o que levou à necessidade de mudanças no projeto inicial. Por outro lado, a ocupação de forma desordenada na zona suburbana, para fugir dos preços e exigências de padrões construtivos da zona urbana, foi caracterizada não como previra Reis: como uma faixa de ocupação inicial que atingia a metade da área urbana e 15% da suburbana em relação à definida na Planta Geral, o que indicava que a ocupação de ambas deveria ser pelo menos de forma distribuída entre ambas.¹⁵³ Ele previra uma forma de expansão e desenvolvimento que vai ser modificada pela dinâmica

¹⁵¹ GUIMARÃES, 1996.

¹⁵² BARRETO, 1995, v. 2, p. 347.

¹⁵³ PASSOS, 1996.

que se estabelece entre as classes sociais, especialmente entre trabalhadores e governo, em torno do processo de ocupação do solo.¹⁵⁴ Esse processo, contribuiu para gerar “um dos principais problemas que, desde o começo impediam a concretização do ideal de ‘cidade perfeita’”.¹⁵⁵

O Poder Público foi o principal responsável pelo processo de ocupação do solo, pois, com as desapropriações efetuadas, o Estado se transformou no único detentor das terras da capital. Ele controlava o acesso aos terrenos, buscando criar uma população definitiva que representasse o ideal que se queria para capital. Nesse sentido, privilegiou os funcionários públicos, os proprietários de Ouro Preto e, excepcionalmente, uma parcela dos antigos moradores de Belo Horizonte, pois nessa população definitiva os antigos habitantes do arraial, bem como os que trabalhavam na construção da cidade, ou pobres em geral, não se enquadravam nos padrões desejados.

Esse interesse pode ser observado nas palavras de Francisco Bicalho, citadas por Abílio Barreto: “Naqueles dias, era grande a afluência de pessoas que ‘por suas condições sociais e de fortuna’, eram ‘elementos que deveriam ser francamente aproveitados para o núcleo da população definitiva’”.¹⁵⁶

Os funcionários públicos e os proprietários de Ouro Preto tiveram acesso às propriedades por meio de sorteio, sendo-lhes possível também a compra de outras, diante das facilidades de preço e pagamento. Essa população foi favorecida, uma vez que suas casas foram construídas pelo Estado, cujo valor da construção foi descontado, em longo prazo, de seus salários.

A área, inicialmente calculada para 30 mil habitantes, continha 3.639 lotes de terrenos para edificações particulares, dos quais 417 foram reservados para ser vendidos somente no prazo de 10 anos; 353 para os funcionários públicos; 597 foram doados por lei aos proprietários de prédios em Ouro Preto; 114 foram concedidos em pagamento a ex-proprietários de Belo Horizonte. Os 2.158 restantes foram postos à venda, e o governo teve grandes dificuldades em vendê-los. Segundo Abílio Barreto, *A Capital*, em sua edição de 10

¹⁵⁴ Embora a zona urbana fosse dotada de infra-estrutura, poucas pessoas nela habitavam. Ao contrário, a zona suburbana, desprovida de serviços e equipamentos, era ocupada por um grande número de trabalhadores. Em 1905, 56% da população vivia na zona suburbana, número que cresceu para 70% em 1912. (GUIMARÃES, 1996, p. 137.)

¹⁵⁵ SILVA, 1991, p. 21.

¹⁵⁶ Barreto cita as palavras de Francisco Bicalho, ao defender, no seu Relatório de abril de 1896, a venda de lotes fora de concorrência pública. (BARRETO, 1995, v. 2, p. 411.)

de junho de 1897, afirmava que, dos 2.518 lotes colocados à venda, apenas 210 haviam sido vendidos, o que não correspondia à expectativa geral.¹⁵⁷

Como a maioria dos terrenos foi objeto de leilão público, isso definiu o caráter de seleção da ocupação pelo nível de renda, uma vez que possibilitou a concentração de lotes e a conseqüente especulação com os preços dos terrenos urbanos. Mas isso foi válido somente para a zona urbana. A zona suburbana apresentava padrões mais flexíveis de urbanização e, dada a diferença de preços, foi a que se adensou mais rapidamente. Nesse sentido, “favelas e sobrados neoclássicos, edifícios públicos monumentais e casario do funcionalismo, ruelas e grandes avenidas, subúrbio e centro, nascem todos simultaneamente nessa cidade de contrastes, planejada para ser modelo”.¹⁵⁸

Avelino Fóscolo, em seu romance *A Capital*, descreve o cotidiano da cidade naquele momento:

Os trabalhos de terraplenagens estavam bem adiantados, haviam derrocado casas e as desapropriações tinham sido feitas. Numa das avenidas erguia-se um edifício novo, de cimento e ferro, ‘à prova de fogo e à prova d’água’, como repetiam enfaticamente. Aldeias de cafuas desenrolavam-se às margens do Leitão, começando em cima e estendendo-se até a barra; do outro lado, no ribeirão dos Arrudas, dominando a estação, surdia uma pequena cidade de choupanas, semelhante habitação de térmitas vermelhas e aglomeradas confusamente, onde reinava à noite um bruaá medonho.¹⁵⁹

Em todo esse processo de construção da cidade, podemos perceber, por intermédio de alguns autores que analisam a sua história, que o seu planejamento em zonas demarcadas funcionava como instrumento para o controle da cidade, fixando limites que classificavam e hierarquizavam seu território. Essas concepções destacam que a cidade procurou demarcar diferenciações sociais para produzi-las e reproduzi-las. Segundo análises de Letícia Julião sobre a cidade, nos seus anos iniciais, para os habitantes da zona urbana – território que foi se fazendo elegante e acessível a poucos, com terrenos entregues às leis do mercado –, a cidade começou a oferecer uma infra-estrutura moderna, onde viviam suas elites, que ali “construíam suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer”. Nos subúrbios, zona desprovida de planejamento, as camadas mais ínfimas da sociedade viviam em casebres e cafuas. Além disso,

¹⁵⁷ BARRETO, 1995, v. 2, p. 413-414.

¹⁵⁸ MOURA, 1994, p. 54.

¹⁵⁹ FÓSCOLO, 1979, p. 97.

uma longa avenida que circundava a cidade, fixando os limites entre as zonas urbana e a suburbana. Também ela funcionava como recursos de comunicação e integração, não entre dois pontos extremos, como as demais, mas interligando diferentes bairros da cidade. Ao encerrar a área urbana em um território circular, criava-se o que se pode chamar de uma versão moderna de fortaleza. Embora, supostamente, não impedisse o acesso à zona urbana, a avenida do contorno separava a cidade da não cidade, funcionando como uma fronteira sutil entre a vida urbana e suburbana.¹⁶⁰

Nas palavras de Angel Rama, dentro de cada cidade sempre houve outra cidade, constituída a partir das representações elaboradas pela elite urbana sobre o espaço e seus habitantes.¹⁶¹

De acordo com a experiência histórica de alguns povos, a cidade, a vida e os valores urbanos deveriam favorecer a prática republicana, que se caracterizava pela ampliação da cidadania. A República deveria apresentar um regime de liberdades civis, base necessária para o crescimento da participação política.¹⁶² Mas, em Belo Horizonte, todas as projeções do seu planejamento estavam afinadas a um projeto republicano conservador, pois foi se constituindo como uma sociedade hierarquizada e marcada pela segregação social. Ao permitir um poder disciplinar e proclamar uma vida asséptica e higiênica,

constituía, com certeza, uma cidade ideal para uma sociedade às voltas com a afirmação capitalista.[...] Uma ordem que tentava formar uma nação, mas negava a participação política aos setores populares e contrariava, com seus mecanismos de controle social, os princípios da liberdade e igualdade proclamados pela lei. Não seria adequada a essa sociedade, que organizava a esfera pública, deixando à margem os setores populares, uma cidade capital cujo urbanismo segregava a pobreza para que a elite se apropriasse, com exclusividade, do espaço público? Mais que isolar, seus espaços abertos, sua geometria clara e orientadora permitiam ‘iluminar’ a turba urbana, expondo-a ao conhecimento, a um olhar que vigiava e moldava seu comportamento.¹⁶³

Busco essas análises para entender como a cidade foi se constituindo nas suas diferentes esferas e, mediante estudos de Letícia Julião, pude perceber que Belo Horizonte não escapou às contradições inerentes ao fenômeno da modernização. Como uma cidade que foi construída para se tornar símbolo de um esforço emancipatório, ela ostentava, justamente, aspectos que negavam a civilidade:

¹⁶⁰ JULIÃO, 1992, p. 73, 78-79.

¹⁶¹ RAMA, 1985, p. 42.

¹⁶² CARVALHO, 2000.

¹⁶³ JULIÃO, 1992, p. 81-82.

Nas suas ruas e esquinas planejadas da capital, a elite belo-horizontina vivenciou essa modernidade que nascia mutilada, repleta de paradoxos, fincada em irrealidades [...]. Mas eram experiências que pelo menos se aproximavam dos sonhos de cidade moderna, ao contrário dos ‘esquecidos’ do progresso, para quem a cidade pouco contou, condenados como estavam à exclusão quase absoluta dos subúrbios.¹⁶⁴

E essas diferenciações surtiram impactos nas diferentes esferas da sociedade que ia se constituindo na capital, mas que são destacadas principalmente nas possibilidades de vivências do lazer. Chama atenção o mais importante espaço para o lazer planejado na cidade, o Parque Municipal, que já nos seus anos iniciais acabou se transformando em um espaço no qual era destacada somente uma freqüência elegante.

Muito do que foi planejado para ele acabou não sendo construído por questões financeiras, como o cassino¹⁶⁵ – do qual apenas a fundação foi executada –, o restaurante, o observatório meteorológico, a ponte artística e o majestoso portão de entrada. Os 555.060 metros quadrados do parque projetados por Aarão Reis sofreram mutilações diversas, com terrenos cedidos para outras finalidades, ficando o parque, no século XX, reduzido à quarta parte do projeto original, mas, mesmo assim, ele teve papel de destaque na vida social da cidade.

Pedro Nava retrata assim essas mutilações:

A invasão foi lenta e sorrateira. Parece que primeiro vieram a Limpeza Pública, os Esportes Higiênicos, a Faculdade de Medicina e depois os hospitais São Geraldo, São Vicente, o das Clínica, a Diretoria de Higiene ou Desinfectório, o Estádio do América, o Instituto do Radium. Eu sei eu? Já nos meus tempos de Belo Horizonte, isso pelos vinte, seu desmembramento estava feito e as urbanizações dos Governos Melo Viana e Antônio Carlos davam-lhe a forma atual e quase definitiva. Digo quase porque não sei o que virá depois da dentada que ainda abocanhou a lasca do teatro. Para isso concorreu a indiferença da população.¹⁶⁶

Na época de sua construção, a vida social de Belo Horizonte não apresentava muitos atrativos para sua população. Camarate não deixa de relatar a monotonia com que se passavam os dias na capital: “Em Belo Horizonte, a vida continua na sua suave e encantadora

¹⁶⁴ JULIÃO, 1992, p. 85.

¹⁶⁵ Nos documentos da CCNC encontro um ofício assinado pelo Secretário da CCNC, Fábio Nunes Leal, encaminhado ao Chefe da 6ª divisão (arruamentos, parque), datado de 13 julho de 1895, com os seguintes termos: “O Snr. Dr. Engenheiro Chefe manda-vos recomendar que retireis de serviço do Parque todo o pessoal que não está nos trabalhos do Snr. [Villon], empregando-os nos [arruamentos] de que se tem maior urgência, e bem assim, que suspendais as obras do Cassino – logo que estejam prompts os alicerces”. (LEAL, 1895.)

¹⁶⁶ NAVA, 1976, *apud* COMPANHIA VALE DO RIO DOCE, 1992, p. 27.

monotonia, que, como a toadilha dos fados populares, acaba por adormecer nesses meios sonos, que representam a suprema delícia de dormir acordado”.¹⁶⁷

Os personagens de Avelino Fóscolo, durante várias passagens de sua obra, ansiavam por alguns “meios de amenizar a vida” nessa cidade. Nas palavras do autor, “as diversões” somente viriam “mais tarde, quando a vitalidade sadia do trabalho produtor” houvesse “concluído a capital sonhada”.¹⁶⁸ Lená, sua personagem principal, buscava se divertir em “romances, passeios, bailes, como se buscasse com a esponja dos folguedos apagar a melancolia infiltrada no coração”.¹⁶⁹ Vivia ansiosa por ver a cidade moderna oferecer-lhe oportunidades diferentes, pois, na sua construção,

com a mudança das famílias, nem conhecidos tinha já e não podia relacionar-se facilmente com uma população efêmera, vinda em busca de lucro e retirando-se decerto com a mesma facilidade. Só mais tarde, realizada a fantasia da cidade modelo, à irradiação do comércio, à forja potente da indústria, viriam os habitantes definitivos e, então, abrir-se-ia a estrada das relações, dos divertimentos familiares, desses meios enfim de amenizar a vida, desnublando-a de amargas reminiscências. Ela não possuía nada, por enquanto, a Capital.[...] mas as diversões, a sociabilidade, o que constitui o prazer, não podiam existir ainda numa população heterogênea e provisória.¹⁷⁰

Assim, o sonho da diversão estava aliado também a uma cidade que se queria real, pronta, com uma população mais definida, cujos relacionamentos pudessem ser construídos na busca do prazer, da alegria e do divertimento. O que se pode observar, entretanto, é que, mesmo no período do trabalho de edificação da cidade, algumas possibilidades de divertimentos foram se constituindo.

2.2 AS DIVERSÕES NA CIDADE

Analisar as diversões em Belo Horizonte é buscar compreender que possibilidades de vivências lúdicas¹⁷¹ foram nela se constituindo como forma de lazer.¹⁷² Mas, antes de iniciar

¹⁶⁷ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 66. (Publicado no Minas Gerais em 6 maio 1894, p. 2.)

¹⁶⁸ FÓSCOLO, 1979, p. 134.

¹⁶⁹ FÓSCOLO, 1979, p. 85.

¹⁷⁰ FÓSCOLO, 1979, p. 101-102.

¹⁷¹ Para o entendimento sobre o lúdico como elemento da cultura Huizinga (1980), em seu *Homo Ludens*, apresenta uma referência básica que tem sido criticada por apresentar uma visão idealizada e

essa análise sobre as possibilidades de vivências lúdicas ocorridas no passado, é importante ter o cuidado de não partir de significados atuais sobre o lazer para, por meio desses conceitos, compreender o passado. Os estudos sobre o lazer são relativamente recentes no Brasil,¹⁷³ e o próprio termo “lazer” somente a partir da década de 1970 passa a fazer parte do nosso vocabulário corrente.¹⁷⁴

A sociedade urbano-industrial do século XIX procurou romper com a ordem rural fazendo com que, no espaço urbano, o tempo fosse vivenciado e concebido com uma grande demarcação entre o tempo de trabalho e o tempo livre.

Esse processo gerou novas formas de vida, e novos costumes foram criados, passando a existir a necessidade de normatizar o lazer, que foi se constituindo com práticas diferenciadas pelos sujeitos. Christianne Werneck destaca que, no final do século XIX, estabeleceu-se uma nova ordem social, na qual as práticas sociais diversas deveriam ser organizadas e vivenciadas em tempo/espaço próprios, diferentes do dedicado ao trabalho produtivo. No local do trabalho, disciplinado e sério, não se podia perder tempo, por isso era inadequado para a vivência de “passatempos improdutivos”. No entanto, o que se observa é que foi dado como direito ao trabalhador apenas o repouso necessário para a reprodução da

descontextualizada, mas que pode ser completada por Eco (1989) em *Huizinga e o Jogo*. Werneck (2003, p. 27-28) analisa o lúdico como “uma das essências da vida humana que instaura e constitui novas formas de viver marcadas pela exaltação dos sentidos e das emoções – misturando alegria e angústia; relaxamento e tensão; prazer e conflito; regozijo e frustração; satisfação e expectativa; liberdade e concessão; autonomia e constrangimento; gratuidade e interesse; entrega e privação; renúncia e deleite. Ele pressupõe, a valorização estética e a apropriação expressiva do processo vivido, e não apenas do produto alcançado.[...] o lúdico é construído culturalmente e cerceado por vários fatores, tais como normas políticas, regras educacionais, princípios morais, condições concretas de existência. Por essa razão, o lúdico estabelece relações dialéticas com o universo das obrigações e varia conforme referências que orientam um determinado grupo social em diferentes contextos e épocas. [As atividades lúdicas] construídas social e historicamente pela humanidade, constituem as raízes do lazer, estabelecendo interfaces com as diversas dimensões da vida em sociedade”.

¹⁷² A palavra *lazer* tem sua origem etimológica proveniente do latim *licere*, que significa ser lícito, ser permitido. O lazer vem se constituindo por meio de práticas culturais lúdicas diversas produzidas social e historicamente. Os seus significados têm sido apresentados por diferentes enfoques, existindo controvérsias nas diversas interpretações. Alguns estudiosos consideram que o lazer existe desde a Antiguidade. (DE GRAZIA, 1966.) Outros situam-no como fruto das modernas sociedades urbano-industriais (DUMAZEDIER, 1979.) Além disso, o seu conceito tem sido considerado tendo em vista diferentes aspectos nos quais os estudiosos da área o têm associado: a) ao *tempo*, um *tempo livre* do trabalho e de outras obrigações (DUMAZEDIER, 1976); b) à *atitude*, em que o lazer é um *estilo de vida* (RIESMAN, 1971); c) a esses dois aspectos, *tempo* e *atitude* (MARCELLINO, 1987); d) a tempo/ espaço/ oportunidade da vivência lúdica, entendida como a construção da alegria pela prática de liberdade (PINTO, 1998), e) a partir de quatro elementos inter-relacionados: ações/ tempo/espaço/lugar, e conteúdos culturais vivenciado de forma lúdica pelos sujeitos. (WERNECK, 2003.)

¹⁷³ A obra de Acácio Ferreira (1959) – *O lazer operário* – é considerada o primeiro trabalho brasileiro dedicado ao lazer; no entanto, Werneck, (2003) nos mostra que diversos estudos sistematizados já procuravam refletir sobre o lazer na primeira metade do século XX, como os de Arnaldo Sussekind (1946) – em especial *Trabalho e Recreação* –, que apresenta a análise sobre a problemática do lazer. Na maioria dos seus trabalhos não aparece a palavra lazer, e sim recreação, pois era o termo mais conhecido e empregado na época.

¹⁷⁴ MARCELLINO, 1987.

força de trabalho, ao passo que, para a burguesia, a oportunidade de vivenciar passatempos acabou por gerar um novo estilo de vida. Com isso, “o passatempo é visto como estratégia de poder e distinção social, uma vez que o acesso a determinadas práticas culturais reforçava ainda mais o status da burguesia”. Os segmentos burgueses dispunham de tempo e recursos para participar de festas, jogos, espetáculos teatrais, óperas, banquetes, dentre outros divertimentos nas suas horas de lazer.¹⁷⁵

Já o tempo livre dos trabalhadores, conquistado pela diminuição das horas de trabalho, foi sempre uma questão polêmica em algumas sociedades desde a Revolução Industrial, pois não existia garantia de que esse tempo liberado do trabalho fosse preenchido somente por atitudes consideradas lícitas e conformadas socialmente. Jofre Dumazedier analisa que essa redução das horas de trabalho com a instauração da jornada de oito horas, acarretando o aumento do tempo livre, acabou provocando não somente *inquiétude*, mas também *esperança* nos reformadores sociais, uma vez que se colocava uma questão: “O tempo liberado será utilizado para o florescimento ou para degradação da personalidade?”¹⁷⁶ O receio era de que as horas de folga fossem empregadas em atividades que pudessem degradar moralmente à sociedade, como o alcoolismo, os jogos de azar e a ociosidade, dentre outros vícios, em vez de ocupá-las com atividades saudáveis, educativas e socialmente úteis. Richard Sennett reforça essa análise afirmando que, na Europa do século XIX, um dos receios da burguesia não era a presença dos trabalhadores nos *pubs* e cafés só para se embebedarem, pois isso destruía o discurso, mas, sim, quando pares se reuniam nesses locais, sóbrios, para conversar, o que era uma ameaça à ordem social.¹⁷⁷ Diante disso, no início do século XX, a burguesia buscou exercer controle até mesmo sobre o tempo livre dos trabalhadores, em benefício do próprio trabalho, mediante um lazer normatizado, controlado e regulado, proporcionando ao trabalhador “a adequada utilização das suas horas de lazer”.¹⁷⁸

Vejo o lazer não como fruto exclusivo da sociedade urbano-industrial, mas com suas raízes nas antigas civilizações. Seu processo de constituição foi fundamentado em ações realizadas em espaço/tempo de produção humana que, influenciando e sendo influenciadas pelas diferentes esferas da vida social, vêm contribuindo tanto na produção quanto na reprodução cultural. Assim, as possibilidades de vivências do lazer vêm historicamente se constituindo ora aliadas ao ócio, ora ao tempo livre, ora à vivência de atividades lúdicas,

¹⁷⁵ WERNECK, 2003, p.33.

¹⁷⁶ DUMAZEDIER, 1979, p. 21.

¹⁷⁷ SENNETT, 1988.

¹⁷⁸ SUSSEKIND; MARINHO; GÓES, 1952, p.5

conforme o contexto social histórico em que são desenvolvidas. Como elemento da cultura, o lazer, independentemente dos motivos que o incitam, quer sejam o divertimento, o descanso, o desenvolvimento pessoal ou a fruição do ócio, dentre outros, vem historicamente se referindo a práticas culturais diversas, como festas, jogos e divertimentos, organizadas de forma coletiva pela sociedade.

Mas como o lazer foi se constituindo na cidade de Belo Horizonte e que sentidos foram a ele atribuídos pelos seus habitantes?

Do período colonial brasileiro ao século XX, a Igreja foi a grande responsável pelas “boas oportunidades de alegre conagraçamento”, podendo ser considerada como uma “empresária das alegrias do povo”.¹⁷⁹ Em Belo Horizonte, a Igreja também desempenhou papel de empresária da alegria do povo na época do arraial e no início da construção da cidade. Alfredo Camarate, em suas crônicas, fala sobre as festas religiosas da Semana Santa, que eram, naquele momento, um *derivativo salutar*. Apesar de ser uma localidade relativamente pobre, suas solenidades religiosas eram realizadas com uma pompa natural e espontânea, agradável de se ver e de se admirar.¹⁸⁰

Outras festas religiosas também mereceram destaque para o cronista. Descrevendo um dia de festa no mês de agosto, Camarate inicia o texto queixando-se do esfuziar dos foguetes, que começava às cinco horas da madrugada, e acrescenta:

Devo começar primeiro por dizer que Belo Horizonte tem andado, estes últimos dias, num desengaçar de festas religiosas muito edificantes para a alma; mas muito amoladoras para o corpo. Há três dias que sucede invariavelmente esta série de cerimônias do culto religioso.[...] os sinos multiplicam-se como pães na mão do Redentor e toda a população religiosa e profana salta da cama, os primeiros com preces mastigadas a custo nos lábios; os segundos murmurando pragas e maldições, capazes de arrepiarem o próprio diabo caudato e bicornuto.¹⁸¹

Descrevendo a seqüência que se iniciava com a missa pela manhã, a banda de música que aparece tocando polcas, marchas, quadrilhas e dobrados em toda a parte até a tarde, na hora da reza, seguida de procissão, sermão, fogueira e levantamento de mastro embandeirado, acompanhado de nutridas girândolas de foguetes, Camarate comenta sobre a simplicidade do trajas das senhoras – que compunham a maior parte dos fieis –, da satisfação dos festeiros, do

¹⁷⁹ Adjetivo utilizado por Edmundo (1951), citado por MEDEIROS (1975), p. 16.

¹⁸⁰ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 42. (Publicado no Minas Gerais de 1 abr.1894, p. 1-2.)

¹⁸¹ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 137. (Publicada no Minas Gerais de 26 ago. 1894, p.3)

gáudio da garotada e da forma comovente e sincera sem-cerimônia com que tudo era realizado, esclarecendo uma participação de todos “no maior respeito e decência”.

O que chama atenção na crônica em questão é a crítica que Camarate faz à CCNC que, no seu papel de impor novos valores para a cidade, acabaria por transformar também essas festas tradicionais:

Disseram-me que o luzido corpo de festeiros, para o ano é quase todo composto de engenheiros da comissão construtora que, acostumados ao trânsito e ao nível, vão saber agora *de que pau é a canoa!* Poderão fazer muito, enriquecer as festas com desusados esplendores, incorporar nos cânticos cantores e músicos de primeira plana, mas as festas de Belo Horizonte perderão o cunho da sua piedosa sinceridade, deixarão de ser as alegres rondas campestres, para se transformarem em majestosos bailes, em que deverão aparecer o amarrotado *gibus* e a prosaica casaca.¹⁸²

As festas da cidade, ainda na passagem do século, também foram descritas por Avelino Fóscolo, em especial as festas juninas, vivenciadas pelos moradores do subúrbio da cidade:

Nesse dia, em junho, o contentamento irradiava em tudo.[...] o Leitão, com a sua cidade de cafuas, formigando num rumor confuso em que o espipocar das bombas, o guincho dos foguetes e o som de instrumentos músicos se confundiam com as vozes humanas a festejarem São João, e as fogueiras, faróis imensos, projetavam luz intensa iluminando os grupos a se removerem numa colméia estranha. Ali, ao lado um do outro, eles não sentiam o frio – aguçadas lâminas de vento cortando-lhes a epiderme e continuaram assim, ate alta noite, **invejando de certo aqueles proprietários, mais felizes pela convivência facilmente criada, encontrando prazer em tudo.** E havia algo de fantástico naquelas figuras vagas, vistas ao longe, a se removerem aos saltos – sombras anãs – num sabá desconhecido, enrubescidos de luz sangüínea da fogueira, surdindo e eclipsando-se nas trevas. De quando em vez, um grito muito alto ecoava como um ululo bárbaro em país conquistado e um foguete, coriscando, explodia no ar.¹⁸³

A descrição de Avelino Fóscolo é sugestiva de que, naquela cidade que se constituía, as experiências e as possibilidades de vivências lúdicas também iam se diferenciando para os que habitavam as diferentes zonas da cidade.

As festas foram destacadas também pelo padre Francisco Dias, pároco da cidade.¹⁸⁴ Dias relata sobre o costume de “dignas dioceses” do Brasil intercalarem alguns divertimentos

¹⁸² RIANCHO [Camarate], 1985, p. 140. (Publicada no *Minas Gerais* de 26 ago. 1894, p. 3.)

¹⁸³ FÓSCOLO, 1979, p. 137, grifos nossos.

¹⁸⁴ DIAS, 1897, p. 56.

profanos às festas religiosas para dar-lhes maior solenidade. Dentre os divertimentos “aprovados”, cita as *contradanças*, as *cavallhadas*¹⁸⁵ e os *dramas inofensivos à moral*, fazendo uma ressalva de que as *touradas*,¹⁸⁶ ou *curro*, seriam sempre reprovadas. Segundo ele, a dança tinha sua utilidade higiênica e fazia parte da civilização atual, mas poderia tornar-se inconveniente e fonte de corrupção de costumes, quando feita entre pessoas de diferentes sexos que não primassem pela seriedade, educação e bons costumes. Comenta da inconveniência dos bailes carnavalescos promovidos por “moços e rapazes pândegos, devassos e viciosos”, com o objetivo de expandir paixões e manifestar “afetos indignos e imorais” e das danças chamadas *batuques*, onde naufragam muitas “donzelas e raparigas incautas, se perdem muitos moços e se desencaminham muitos esposos”.

Segundo Francisco Dias, as danças do Curral del-Rei eram simples e inocentes distrações, promovidas pelos festeiros para o entretenimento por ocasião das festas e nos seus intervalos. No tocante às cavallhadas, diz não haver inconvenientes, pois proporcionavam ao público horas de agradável *recreio* quando bem dirigidas e preparadas. Já o *teatro* seria uma verdadeira escola de virtudes religiosas e cívicas, não fosse “sua degeneração atual, que o tem convergido em verdadeira escola de vaidades, de vícios e de immoralidades”.¹⁸⁷ Para ele o teatro poderia ser

o mais terrível sorvedouro, onde se submerge a innocencia da incauta e inexperiente mocidade, que ávida de novidades e de distrações, corre aos espectaculos, nonde sabe quase sempre, trazendo incendiado no coração o gérmen de violentas paixões, que hão de martyrisar e bestificar os dias de sua mocidade, e desgraçar os da velhice.¹⁸⁸

¹⁸⁵ Uma descrição genérica sobre as *cavallhadas*, somente a título de ilustração, pois não se sabe ao certo como elas eram feitas em Belo Horizonte, é que “apresentavam lances dramáticos: em galope vistoso, defrontavam-se dois grupos de cavaleiros, vestidos de cores contrastantes, buscando cada qual superar o outro em rapidez e destreza. Após as primeiras manobras e figurações de conjunto, começavam os jogos, muito variados. Ora deviam os cavaleiros fisgar com a lança quantas cabeças de massa pudessem, das que estavam fincadas ao chão, ora precisavam derrubar com tiros de pistola as colocadas no alto de plintos”. (MEDEIROS, 1975, p.17-18.) Segundo Fernando de Azevedo (1960, p. 286-287), as cavallhadas tinham caráter esportivo da cavalaria medieval. Foram trazidas pelos portugueses, que as viam como um arremedo de guerra: “As cavallhadas em que os cavaleiros jogavam alcanzias [bola de barro] e se encontravam com canas, corriam parelhas, às cabeças, aos pombos, às argolas, ao estafermo, à barquinha, e se adestravam em várias outras escaramuças, constituíram, durante a história colonial e imperial, um dos mais atraentes exercícios para os jovens ricos e um dos divertimentos mais caros ao povo, que então despertava extremunhando, de sua pasmaceira, para assistir a esses memoráveis torneios de origem aristocrática”.

¹⁸⁶ As *touradas*, oriundas da Península Ibérica, no Brasil sofreram adaptações, porém, pelo que parece, nas representações encontradas, continuavam com o mesmo objetivo – exibição de audácia e agilidade. (MEDEIROS, 1975, p.17-18.)

¹⁸⁷ Duarte (1995, p. 167) esclarece que, no século XIX, as atividades teatrais consistiram em alvo privilegiado de discursos marcados por intenções pedagógicas e moralizadoras. Invadido por uma lógica utilitarista, o teatro assumiu papel educativo, que lhe atribuiu a expressão *escola viva de costumes*.

¹⁸⁸ DIAS, 1897, p. 57-58.

Mas os teatros que havia em Belo Horizonte por ocasião das festas, segundo Francisco Dias, não tinham esses inconvenientes, pois somente ia à cena peças escolhidas, simples, morais, religiosas que o povo em imenso apreciava.¹⁸⁹ O velho rancho de tropas existente em frente à igreja da Boa Viagem já servia de palco para algumas apresentações teatrais, também, quando aparecia alguma companhia na cidade.

Como as vivências lúdicas são construídas culturalmente, mas podem ser cerceadas por diferentes fatores, como normas, regras e princípios estabelecidos pelo contexto em que se inserem, esses fatos indicam um uso moralista em relação a elas. Naquele momento, as atividades lúdicas vão delineando o sentido da recreação, palavra que, no final do século XIX, ainda não fazia parte do vocabulário corrente, mas que podia ser percebida por meio dos termos *recreio e jogo*, com uma conotação no sentido de manter a ordem, mediante o controle da disciplina, como mostra Francisco Dias, ao referir-se ao agradável *recreio* proporcionado por atividades *bem dirigidas e preparadas*.¹⁹⁰

Os termos *recreio e jogo*, aliados a *divertimento que alegra, entretenimento, alimento do espírito, derivativo salutar, distração e gáudio*, foram encontrados nas representações de lazer no período estudado. Eram vistos como benéficos para a sociedade, desde que se apresentassem de forma moralmente aceita.

A palavra *recreação* passa a ser empregada em nosso meio somente no século XX. Vale destacar que o termo *recreação* tem sido confundido com *lazer* na sua construção histórica. Até a primeira metade do século XX, o foco das discussões e das práticas recaía sobre a recreação e, nos dias atuais, observa-se uma maior valorização do lazer. Ambos foram constituídos a partir da mesma matriz inicial, como nos mostra Christianne Werneck, ou seja, ambos se inserem no âmbito das chamadas atividades lúdicas. Mas, na sua construção

¹⁸⁹ DIAS, 1897, p. 57-58.

¹⁹⁰ Em análise realizada por Werneck (2003, p. 50), para uma compreensão sobre o termo “recreação” em dicionários do século XIX, a autora indica que, de maneira geral, o sentido etimológico de *recreação* parece encaminhar-se para o recreio, para a brincadeira e para o divertimento que alegra, renova e restabelece. Se analisarmos os significados de recreação no Brasil, podemos perceber, segundo Ysayama (2001, p. 95), que a origem etimológica do termo pode dar significado a dois usos diferenciados: “o primeiro, proveniente do latim *recreatio*, que representa recreio, divertimento, sendo derivado do vocábulo *recreare*, com o sentido de reproduzir, restabelecer, recuperar, destacando-se a idéia de que o objetivo da recreação era a renovação/recuperação para o trabalho” O segundo relaciona o termo com outro sentido e está ligado “à possibilidade de *recriar, criar de novo, dar novo vigor*”. O autor destaca que, desde o segundo quartel do século XIX até meados do século XX as atividades recreativas dirigidas eram trabalhadas mais no sentido da reprodução cultural.

histórica, embora em alguns momentos apareçam como entrelaçados, existem marcas que os distinguem.¹⁹¹

Em Belo Horizonte, já no início da construção da cidade, as atenções não estavam somente voltadas para o trabalho. Os divertimentos também fizeram parte dos interesses da CCNC. Os ares da modernidade propiciaram o desejo de outros hábitos de lazer.

Esse desejo pode ser percebido nas crônicas de Camarate. Nelas, o cronista destacava que, apesar do bom estoque com que seus armazéns já contavam e da posse de quase todos de sua choupana, na cidade ainda faltava um “alimento para o espírito”. Para ele, esse “alimento para e espírito”, principalmente para as senhoras, eram os

bailes, musicatas e reuniões de todo o gênero; reuniões que se fazem sem programa, porém que o espírito da mulher substitui vitoriosamente, com milhares de frivolidades, de belos nadas; mas que ao adormecer, nos deixam recordações vagas e gratíssimas de uma noite deliciosamente passada.¹⁹²

Pelo visto, para Camarate, além do divertimento em si, essas atividades estavam aliadas a um forte sentimento de satisfação renovadora. E o cronista concluiu que, como o homem veio ao mundo para servir de editor responsável das idéias, caprichos e manias da mulher, apareceu,

em Belo Horizonte, uma lista cheia de nomes de membros da comissão, subscrita com o fim de utilizar os momentos de ócio em dar bailes, reuniões, concertos, naturalmente epiloados por chá com doces e torradinhas, que nesta especialidade, são as senhoras mineiras mestras sabidas como nenhuma outras.¹⁹³

Assim, apareceu na cidade, dois meses depois de instalada a CCNC, a sua primeira sociedade recreativa – o *Club Recreativo* –, construída pelos membros da Comissão Construtora, segundo nota em *O Contemporâneo*, de 16 de maio de 1894, jornal da vizinha cidade de Sabará.¹⁹⁴ A finalidade da sociedade era proporcionar aos sócios

¹⁹¹ Conferir WERNECK, 2003.

¹⁹² RIANCHO [Camarate], 1985, p. 69. (Publicado no *Minas Gerais* de 10 maio 1894, p. 4.)

¹⁹³ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 69. (Publicado no *Minas Gerais* de 10 maio 1894, p. 4.)

¹⁹⁴ A iniciativa foi de João Ewerton da Silva Castro. Aprovado o seu estatuto provisório, foi eleita, no dia 10 de maio de 1884 a seguinte diretoria: Dr. Samuel Gomes Pereira, presidente; Dr. Recenvindo Rodrigues Pereira, vice-presidente; Luiz Gomes Pereira, 1º-secretário; Arthur Rodrigues Lyra, 2º-secretário, Júlio César da Silva, tesoureiro. (CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, p. 1, 16 maio 1894.)

meios de diversão, tais como: bailes, jogos de armas, xadrez, bilhares, representações teatraes, corridas a pé e outros quaisquer que a directoria julgar de utilidade. Também manter uma sala de leitura para o uso dos sócios.¹⁹⁵

Voltado para atender a interesses sociais, artísticos, intelectuais e esportivos, o *Club Recreativo* seria representativo para seus sócios, que eram pessoas da CCNC e famílias da elite da cidade, pois proporcionaria às “distintas famílias de Belo Horizonte agradáveis passatempos”.¹⁹⁶ O acesso a esses diferentes meios de diversão era restrito a seus associados. Aqueles que não faziam parte desse grupo seletivo, como os trabalhadores da periferia, com dificuldades de se apropriarem dos espaços públicos da cidade e desfrutar as possibilidades criadas para a diversão, foram fazendo da rua e do botequim o espaço para o seu lazer.¹⁹⁷

Segundo Abílio Barreto, esse clube realizou lindas festas para a “melhor sociedade do pachorrento meio horizontino”, que naquele momento nada mais era que um contínuo e vertiginoso trabalhar de uma legião de homens, com o pensamento voltado para a data fatal – 17 de dezembro de 1897 – em que se deveria inaugurar a cidade.¹⁹⁸

O jornal *O Contemporâneo* noticiava todas as decisões desse clube. A nota do dia 27 de maio de 1894 já anunciava a primeira festa que seria promovida pelo clube, que aconteceria no dia 23 de junho seguinte, destacando todos os preparativos necessários à sua realização.¹⁹⁹ Essa inauguração foi assim noticiada:

Realisou-se no dia 23 do mez ultimamente findo a primeira partida que o *Club Recreativo de Bello Horizonte* promettera ao seus associados. Cedido pelo digno chefe da comissão o edifício em que funciona o escriptorio tecnico, os incansáveis directores dos festejos procuravam ornal-o com apurado gosto, sendo bello de ver-se a ornamentação interior, feita de vistosas folhagens, bandeiras, lanternas, emblemas e vários lindos enfeites. A modéstia das *toilettes* e a elegância muito se fizeram notar, assim como a boa ordem que existiu e a abundancia *buffet* onde o Castro²⁰⁰, o correto e sempre atencioso Castro, não se cansava de atender a todos, sempre risonho e amável, tendo como valente companheiro o Sr. Julio Cezar de Souza, um dos mais esforçados batalhadores em prol do nascente club. E enquanto isto,

¹⁹⁵ CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, 16 maio 1894, p. 1.

¹⁹⁶ CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, 16 maio 1894, p. 1.

¹⁹⁷ Diferentes notas de jornais que relatam desavenças nos espaços públicos sugerem esses usos.

¹⁹⁸ BARRETO, 1995, v. 2, p. 111.

¹⁹⁹ O jornal relata: “Em sessão de 23 do corrente foram eleitas diversas commissões, encarregadas de diversos misteres, cabendo aos srs. Ewerton Castro, Candido de Araújo e Antonio Baptista o encargo de obterem a musica que deve funcionar nesta primeira festa do futuro club”. Nessa nota, há um esclarecimento de que, enquanto ficasse pronto o prédio destinado ao clube, a *soirée* inaugural seria realizada em uma casa particular. (CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, 27 maio 1894, p. 1.)

²⁰⁰ João Ewerton da Silva Castro, membro da CCNC – 3º-escriturário. Membro da 1ª. Divisão (Administração Geral), armazenista lotado na 2ª. Seção na administração de Aarão Reis e escriturário da 4ª. Divisão, na administração de Francisco Bicalho. (BARRETO, 1995, v. 2.)

no salão destinado às brilhaturas choreographicas, o Quadros,²⁰¹ empunhando o bastão de general, ia repetindo, lesto e incansável, o *avant deux, tour de main, promenade, chaîne de dame, à vos places*, etc. Tocaram nesta festa, bastante concorrida e que correu na melhor ordem desejável, alguns músicos da banda *S. Cecília*, desta cidade.²⁰²

Em Belo Horizonte, pelo visto no relato acima, os membros da CCNC procuravam desenvolver na cidade práticas valorizadas pela civilização européia, que eram consideradas elegantes e de bom gosto. Como não se tinha ainda um espaço para o clube promover suas atividades, foi cedido o prédio onde funcionavam os escritórios da CCNC.



FIGURA 8 – Sobrado colonial onde se instalou o Escritório da CCNC e que foi cedido para os festejos inaugurais do Club Recreativo.

Fonte: Álbum Lauro Jacques/ MHAB.

O jornal *O Contemporâneo*, no mesmo número em que comentava sobre a primeira festa organizada pelo clube, já noticiava a próxima, que seria realizada no mês seguinte:

²⁰¹ Benjamim Constant Quadros, Chefe da 2ª. Divisão (Contabilidade) – Guarda livros. Tinha a seu cargo todo o serviço financeiro e de contabilidade da CCNC, distribuídos em três seções: 1ª. de Escrituração Geral; a 2ª. Tesouraria; a 3ª. Tombamento. Posteriormente foi representante da CCNC no Rio de Janeiro. (BARRETO, 1995, v. 2.)

²⁰² CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, 11 jul. 1894, p. 3.

Previno-te que em agosto teremos nossa própria música para estrear na inauguração do nosso Castelo Provisório, realizando-se um importante baile, antecedido de boas comédias, monólogos e discursos. Nessa ocasião será hasteado o pavilhão do club. Haverá então magicaturas só usadas no grande palácio de Lúcifer, isto é, kagado se transformará em nympha de lindos cabellos e velhos carecas em dandys de boas camadas. Nas proximidades dessa festa *O Contemporâneo* terá oito paginas, que talvez sejam poucas para mencionar o programma phantasmagórico do viso e da dansa dessa *fundanguassúculosa* festa do Club Recreativo. Hurrah! Portanto aos valentes organizadores de taes festejos, que tantos momentos de prazer proporcionam ás distintas famílias residentes em Bello Horizonte.²⁰³

Mas não era somente essa sociedade recreativa que proporcionava os divertimentos na cidade. O circo e as companhias eqüestres foram atividades que ocasionalmente também ofereciam horas de prazer e alegria à população belo-horizontina.²⁰⁴ Como as companhias deveriam tomar cuidados especiais para garantir uma boa acolhida, necessitavam sempre de aprovações municipais.²⁰⁵ E os circos que se apresentavam na capital tinham sempre de receber aprovação da CCNC.²⁰⁶

Como na Europa do século XIX, o circo exerceu um grande fascínio na sociedade belo-horizontina. Os espetáculos circenses representavam uma “atração cultural sedutora, quase sem concorrentes”. Segundo Regina Horta Duarte, seus anúncios sugeriam promessas de alegria, de divertimento, de surpresa, de emoção, de beleza, de movimento.²⁰⁷ Eram diversões garantidas que não foram convertidas em alvo de discursos pedagógicos e racionalistas:

Os espetáculos ilusionistas, acrobatas, contorcionistas, homens de físico hercúleo, anões, domadores, moças lindas e de corpo provocantes exposto sob as malhas de ginástica tinham como único objetivo divertir e despertar emoções.[...] Simplesmente cultuava-se o riso, a surpresa e a ilusão.²⁰⁸

²⁰³ CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, 11 jul. 1894, p. 3.

²⁰⁴ Segundo Duarte (1995), os circos do século XIX, em sua maioria, eram de cavaleiros. Dentre eles, alguns em suas chamadas e anúncios se apresentavam como a qualidade de companhias ginásticas, além de eqüestres. Esses nada valiam sem seus números hípicos. O número mais especial dos espetáculos era o que envolvia esses animais.

²⁰⁵ DUARTE, 1995.

²⁰⁶ Na correspondência n. 595, endereçada ao Chefe da 4ª divisão, em 11 de maio de 1895, assinada pelo secretário da CCNC é apresentado o seguinte texto: “De ordem do Snr. D.º Engenheiro-Chefe, communico-vos, para os fins convenientes, que foi deferido, mediante o pagamento de 25,000 [] por cada espetáculo, pagos antecipadamente á 2ª Divisão, o requerimento em que o Snr. Antonio Manuel pedia permissão para dar alguns espetáculos de trabalhos eqüestres, competindo á essa Divisão dar a competente guia para o pagamento á 2ª, indicar o local para a construção do circo e fiscalisar-o quanto a sua segurança” – CC DA. 11/073. (MINAS GERAIS. Governo do Estado... *Correspondência...*, 1895.)

²⁰⁷ DUARTE, [s./d.].

²⁰⁸ DUARTE, 1995, p. 167.

E na cidade havia interesses por esses espetáculos. Avelino Fóscolo descrevia que, “na planície, junto ao Parque, a música convidava ao circo”. E essa diversão despertava, também, envolvimento de interesse financeiro de moradores da capital, como o seu personagem Almeida, que “estava metido agora num horror de negócios, tinha duas companhias trabalhando por conta dele – a de ‘Zarzuela’ e uma ‘Eqüestre’”.²⁰⁹

Como Belo Horizonte, no seu segundo ano de construção, ainda não possuía casas públicas de diversões, Abílio Barreto diz que, atraído pela fama da capital que se construía e pela abundância de dinheiro que por aqui circulava, um artista espanhol, Félix Amurrio, conseguiu que se construísse um teatro para trazer a sua Companhia de Zarzuelas. O teatro, chamado *Provisório*, era uma construção improvisada, térrea, coberta de zinco, sem forro, despida de qualquer conforto, localizada na Rua Sabará, pouco além do Largo da Matriz. Segundo Abílio Barreto, a construção do teatrinho partiu dos Sr. Aurélio Lobo e do coronel Daniel da Rocha, influenciados por Félix Amurrio. No teatro, “não havia frisas e os camarotes eram pequenos cercados de maneira grosseira, roliça e as cadeiras destes e as da platéia eram bancos toscos de tábuas, tudo forrado com ganga vermelha”. Por ele passaram várias companhias. Alterando períodos de temporadas e fechamentos, o *Provisório* construído em setembro de 1895, funcionou até junho de 1897, período em que foi demolido pela CCNC, pois sua estética não condizia com a capital moderna que seria inaugurada naquele ano.²¹⁰

Camarate chega a representar a sociedade da capital, naquele momento, com “a mão na maça dos divertimentos” ao relatar, dentre outras ações, uma procura minuciosa por cantoras da localidade para se apresentarem nas festas de caráter sacro e profano. Com ele também se poderia perceber que outros interesses eram valorizados como forma de diversão, ao descrever as suas atividades diárias fora do trabalho:

Enquanto se conspiram estas festas de caráter sacro e profano, eu alterno os afazeres de redação e colaboração de folhas diárias, com passeios matutinos e vespertinos e, nas horas intermediárias, passo o tempo... – A dormir? Perguntarão uns. – A ler? perguntarão outros. – A cismar? acudirá este? – A comer? Interrogará outro, mais propenso aos prazeres materiais e positivos. Não senhor: passo o tempo a pintar potes de barro fabricados em Caeté.²¹¹

O passar o tempo pode ser evidenciado por Camarate como um tempo que se escoava, descompromissadamente, sem obrigações ou deveres. E, para ele, a pintura dos potes era uma

²⁰⁹ FÓSCOLO, 1979, p. 100-101.

²¹⁰ BARRETO, 1995, v. 2, p. 433-434.

²¹¹ RIANCHO [Camarate], 1985, p. 70. (Publicado no *Minas Gerais* de 10 maio 1894.)

atividade extremamente prazerosa e desinteressada, uma vez que sua produção era “vendida” pelos *preços de amáveis agradecimentos*, para uma *freguesia gratuita*.²¹²

Isso valia para Camarate, que era um engenheiro/arquiteto que colaborava com a CCNC, além de jornalista. Valeria para os habitantes da cidade que estavam trabalhando na sua construção? As fontes pouco revelam sobre isso. As notícias esporádicas sobre os circos, uma forma de acabar com a “pasmaceira” da cidade, destacam frequências elegantes, mas, na maioria das vezes, encerravam com “Ao circo, Zé povinho!”²¹³

O que se pode perceber é que a cidade, nesse período da sua construção, “sem conforto e pouco divertida”, tinha poucos atrativos para “quebrar um pouco a monotonia do viver”.²¹⁴ O teatro, o circo, os bailes e as festas religiosas temporárias eram suas possibilidades de divertimentos, ao lado da troca de visitas e dos refúgios em uma biblioteca – a Sociedade Literária de Belo Horizonte –, construída pela CCNC, ponto favorito de reuniões de seus funcionários e demais pessoas letradas do arraial. “Era ali, em sala apropriada, que comentavam os acontecimentos de cada dia e as novidades que iam pelo mundo. E era ali que nasciam as iniciativas daqueles dias e daquela gente”.²¹⁵

A construção dessa biblioteca partiu do interesse de engenheiros da CCNC, como Samuel Pereira, José de Magalhães e Fábio Nunes Leal, que em carta dirigida a Aarão Reis, expuseram os valores de se construir na capital “núcleos das instituições científicas e litterarias, que se lhe serão as glórias do futuro, e o maior estímulo para seu povoamento no presente”. A proposta seria unir esforços para fundar uma modesta biblioteca, que seria o início da futura biblioteca da capital e um museu. Citam como exemplo a ser seguido os Estados Unidos da América, onde o primeiros cuidados de seu povo ao fundar as suas cidades era “levantar, junto aos templos – as escolas, as bibliotecas e os museus, offerecendo desde logo aos seus habitantes conforto ao corpo, luz ao entendimento, tranqüilidade á alma”.²¹⁶

Assim, a cidade moderna “sonhada” vai se constituindo aos poucos não somente numa cidade real, fruto dos interesses dos produtores oficiais do espaço que procuravam intervir em

²¹² RIANCHO [Camarate], 1985, p.70-71.

²¹³ Existem poucas referências ao circo na época da construção da cidade. Essas já são do *Diario de Minas* de 1899, portanto, depois da inauguração da cidade. (COMPANHIA Eqüestre, 1899, p.1.)

²¹⁴ BARRETO, 1995, v. 2, p. 434.

²¹⁵ A proposta de criação da Biblioteca partiu de um ofício assinado por Samuel Gomes Pereira, José Magalhães e Fábio Nunes Leal, encaminhado a Aarão Reis em 27 de agosto de 1984, falando dos propósitos desejados e convidando-o para ser o presidente honorário. Paralelamente à biblioteca seria criado também um museu, com a justificativa de que, como na América do Norte, o primeiro cuidado de seu povo, ao fundar suas cidades, era levantar, nos templos, nas escolas, as bibliotecas e museus que pudessem oferecer aos seus habitantes, “conforto ao corpo, luz ao entendimento e tranqüilidade à alma”, ao aqui imitá-los, gostariam de também criar essas possibilidades. (BARRETO, 1995, v. 2, p. 185-186, 188.)

²¹⁶ NOVA capital, 1994, p. 2.

todas as esferas da sociedade nascente, propondo práticas sociais em conformidade com os valores do mundo moderno, já pautadas por segregações que se faziam notar, mas também numa cidade “real” vivida por seus antigos e novos moradores que, de acordo com seus interesses, iam se apropriando dos seus espaços e valorizando tanto os velhos, como criando novos valores.

Os divertimentos na cidade, sempre raros como destacam as notícias dos jornais, foram se constituindo, nas suas duas primeiras décadas, por meio de circos e companhias eqüestres, passeios no parque, touradas, teatro, bares, clubes, *footings* e, posteriormente, o cinema, mas não como direito de todos, como veremos a seguir.

2.3 A CONSTITUIÇÃO DO LAZER NAS PRÁTICAS SOCIAIS DA CIDADE

Para o entendimento do esporte como uma prática de lazer na cidade, faz-se necessário o conhecimento de que valores foram sendo aliados aos momentos de diversão e que práticas se fizeram importantes no cotidiano da cidade.

No período analisado neste estudo, a palavra “lazer” ainda não fazia parte do vocabulário corrente da cidade, mas encontrei algumas referências em que a palavra, no plural, foi utilizada. Numa crônica assinada por Pif, publicada no *Jornal do Povo*, em dezembro de 1899, o cronista, ao fazer uma crítica ao “povo”, aspira vivenciar somente o “chic e o indispensável do chic”. Ao dizer “vou agora distrahir lazeres, lançando o meu jamegão na papelada”, vê o trabalho como forma de afastar-se das possibilidades lúdicas.²¹⁷ Outra referência é um livro de prosa e verso, contos e fantasias, uma leitura amena, indicada para o público feminino, intitulado “Serões e Lazeres”, de Arthur Lobo, publicado em 1906.²¹⁸ O sentido do termo é aliado à diversões, mas foi uma palavra pouco utilizada naquela época.

Dentre os espaços para vivências lúdicas, nos anos iniciais da cidade, o circo é citado como uma atração. Essa forma de divertimento, que parecia destoar da cidade moderna sonhada, representou um espaço significativo para a diversão dos belo-horizontinos de todas as classes sociais. Como relatou o cronista, “sempre houve nesta vasta Minas, uma *troupe* que

²¹⁷ PIF. *Jornal do Povo*, 8 dez. 1899, p. 1.

²¹⁸ LOBO, 1906.

se arriscasse a vir até á nossa Capital, offerecer-lhe algumas noites divertidas”.²¹⁹ E as notícias sobre eles destacavam que, “como há muito tempo, não temos aqui diversão alguma, é de se esperar uma enchente á cunha”.²²⁰

Espectáculos eqüestres, domadores de animais ferozes, cães e cabritos amestrados, exhibições ginásticas em barra fixa, pantomimas e os palhaços eram as atrações mais anunciadas. Os anúncios dos circos e companhias eqüestres foram manchetes que despertavam o interesse pelas cambalhotas dos *clowns*, pelos jogos malabares, pelos equilibristas da corda bamba, pelo homem que engolia espadas, e pelas pilherias do palhaço.

Toda a propaganda dos espetáculos era lembrada nas crônicas como

anúncios espalhafatosos que por aí voam levando aos extremos da cidade a nova de mais um sucesso teatral, de mais uma surpresa de los toureros, a despertar a curiosidade do público com uns dizeres pretensamente sensacionais; [...] Teremos saudades sim, de todo esse desvario de festas que nos obriga a malbaratar o dinheiro, bem apreensivos, em verdade, mas que nos vai **amenizando a vida**, apagando pequeninas mágoas e **ascendendo pequeninos prazeres...**²²¹

Nos espaços da cidade nascente, a imagem do circo destacava-se na sua paisagem, como retratado na imagem abaixo.



FIGURA 9 – O circo armado na paisagem da cidade
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

²¹⁹ COMPANHIA Eqüestre, 1899, p. 1.

²²⁰ DIARIO DE MINAS, 30 jul. 1899, p. 2.

²²¹ CHRONICA, 1904, p. 3, grifos nossos.

Nos primeiros anos da capital, os circos costumavam fazer alguns espetáculos em benefício de algumas instituições, como a Santa Casa, Capelas, Loja Maçônica, etc. Os cronistas dos jornais, nessas ocasiões, faziam críticas ao imposto que eles tinham de pagar:

O imposto de 50\$ por noite de espetáculo de companhia de cavallinhos passou no Concelho Deliberativo. Lembre-se o sr. dr. Prefeito de que, nesta capital, há instituições e edificios que se beneficiam com a estada da troupe e, parece-nos, que nessa ocasião, o imposto deve ser perdoado, e oxalá não seja elle motivo para o nosso povo ter, raramente, o prazer de ver o palhaço e a bicharada ensinada. Metade da quantia taxada era sufficiente, porque *quien tudo lo quer tudo lo perde...*²²²

Em alguns espetáculos destacava-se um público formado pelo “que a [...] capital [tinha] de mais *selected* e de mais *smart*.”²²³ Mas sobre esses espetáculos podiam aparecer notícias como:

Tendo corrido hontem boatos de que a ordem publica seria perturbada^(sic) por ocasião do espectáculo do Circo Zoológico, boatos estes provenientes da attitude de alguns italianos por causa da pantomima annunciada *Os Garibaldinos*, o sr. dr. Chefe de Policia ordenou que não se realisasse o espectáculo.²²⁴

As narrativas dos jornais²²⁵ referem-se ao interesse que esses espetáculos despertavam no belo-horizontino, destacando sempre a participação das famílias das elites, mas não deixando de relatar atitudes descorteses de populares, não condizentes com uma cidade “mais ou menos civilizada” da época.²²⁶ As tensões nos locais de relações é uma forma de se perceber, por intermédio da imprensa, a presença popular nos espaços de diversões, uma vez que ela se pautava somente em destacar as participações da elite em tais eventos.

Como os circos, as companhias tauromáchicas também apareciam na cidade. As touradas prometiam muita diversão com bois possantes e bravos, que seriam bandarilhados e pegados *à unha*²²⁷ pelos hábeis artistas da companhia. Chamadas na imprensa para esses espetáculos eram uma constante.

²²² JORNAL DO POVO, 3 out. 1900, p. 1.

²²³ DIARIO DE MINAS, 24 ago. 1899, p. 1.

²²⁴ DIARIO DE MINAS, 27 ago. 1899, p. 1.

²²⁵ Destaco aqui os jornais *Diario de Minas* (1899), *Jornal do Povo* (1900), *A Epocha* (1904) e *Diario de Notícias* (1908).

²²⁶ DIARIO DE NOTICIAS, 17 jun. 1908, p. 7.

²²⁷ “Pegar o touro a unha” era expressão dos expectadores. (A GAZETA, 21 abr. 1907, p. 3.)

Dentro de poucos dias estreará nesta capital a importante companhia touromachica do sr. Rodero, a qual já escolheu o local para o circo, na avenida Paraná.[...] A *toilette* dos toureiros é riquíssima, dispondo a companhia de habilíssimos artistas (A EPOCH, p. 3, 4 set. 1904).

Para o Colyseu Tauromachico Mineiro, chamamos a atenção do público desta capital. Hoje se realizará mais uma esplendida corrida que terminará pela deslumbrante e chistosa pantomima (A EPOCH, p. 1, 18 set. 1904).

Tais eventos pareciam ser comuns nas festas religiosas desde a época do arraial, as quais ainda se mantinham na cidade, depois de sua inauguração, sendo destacada sua presença nos eventos populares. O *Jornal do Povo*, de 26 de julho de 1900, trazia o seguinte anúncio:

Grandes Festas

Ao Calafate Bello-horizontino!!

Subúrbio progressista e essencialmente saudável desta capital. Todas as noites novenas para os festejos da Senhora Sant'Anna a 29 do corrente. TOURADAS no sabbado e domingo e á noite CONTRADANÇA. A popular banda de música do club operário fará ouvir naquelles dias escolhidas peças do seu repertorio.

Christãos á festa!

NB. – O_(sic) festeiros pedem ao publico algumas prendas para os costumados leilões. Os Festeiros: Francisco Manuel de Almeida. Manuel Cardoso.²²⁸

Mas transformar a cidade em num centro cultural privilegiado era o desejo de seus idealizadores, e já nos seus primórdios suas elites buscavam hábitos e costumes das grandes metrópoles, que ofereciam a referência da modernidade imaginada para a cidade. Assim, logo após sua inauguração, em dezembro de 1897, Belo Horizonte foi palco para uma profusão de sociedades destinadas às reuniões recreativas, artísticas e literárias das famílias ricas em ascensão. Eram os clubes de estilo inglês, com salões para festas e salas de leitura, salões de jogos lícitos, construídos por iniciativa de particulares, que mantinham vínculo próximo com o Poder Público. Dentre essas sociedades, destaca-se o *Club das Violetas*, criado em 1898, que promovia periodicamente concertos vocais e instrumentais; o *Club Rose*, criado no mesmo ano e presidido pela primeira-dama do Estado, Sra. Esther Brandão; e o *Club Schumann*, que organizava concertos vocais e instrumentais.

O *Club das Violetas* realizava suas “partidas” no palacete do comendador Frederico Steckel, presidente do clube, situado na Rua dos Guajajaras, que aparece nas notícias dos jornais sempre muito bem decorado, oferecendo um serviço de *buffet* irrepreensível. Destacam-se também as “deslumbrantes *toilettes*” das senhoras e senhoritas e as casacas

²²⁸ JORNAL DO POVO, 26 jul. 1900, p. 3.

pretas dos cavalheiros, pois participavam dessas festas a “escol da sociedade”. Mas todo esse esplendor durou pouco. O *Diario de Minas* publicou a seguinte nota no dia 31 de janeiro de 1901:

Acabou-se! Todo esforço, todas as lutas, todas as tradições esvairam na indiferença e na inércia. Acabou-se! O Club das Violetas expirou dolorosamente [...] As tradições do renascimento litterario e artístico da capital esvaíram com ele [...].²²⁹

Uma característica encontrada nos belo-horizontinos, principalmente em relação a divertimentos, era o grande envolvimento com novas promoções, enquanto novidade, mas esse envolvimento era efêmero, não se enraizava. Essa característica pode ser observada não somente naquele momento, mas sua permanência, ainda hoje, na cultura local parece ser um traço marcante dos belo-horizontinos, questão que merece ser analisada por outros estudos.

Outro clube da época, o *Club Rose*, possuía as mesmas características do anterior. Presidido pela primeira-dama do Estado, esse clube realizou “partida inaugural” nos “magníficos salões do palácio presidencial. Segundo o cronista do *Diario de Minas*, essa partida

teve uma concurrencia e um brilhantismo inusitado merecendo a directoria, sem favor, os mais francos applausos pelo character tinamente^(sic) artístico e elegante que imprimiu áquela festa. Para ella convergiu tudo o que a sociedade horizontina possui de mais distincto, os salões foram decorados com apurado gosto; as galerias e a magnífica escadaria que ligava os dois pavimentos do palácio eram flanqueadas de massicos de verdura através dos quaes os globos de luz electrica produziam deslumbrante effeito.²³⁰

Realizando suas promoções com grande pompa, em locais tais como os salões do Palácio do Governo, do Senado e também do Palacete Steckel, foi também um clube de vida efêmera.

²²⁹ DIARIO DE MINAS, 31 jan. 1901, p. 1.

²³⁰ DIARIO DE MINAS, 3 jan. 1899, p. 2.



FIGURA 10 – Palacete Steckel
 Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

A música era cultivada e valorizada nos eventos culturais da cidade. Prova disso foi a criação da banda Carlos Gomes, desde os tempos do arraial, que tocava nas festividades da capital. Essa valorização motivou a criação do *Club Schumann*, em 1904, que promovia concertos musicais dirigidos pelo maestro Ramos de Lima, quando eram executadas peças musicais de autores estrangeiros e nacionais. Esses concertos atraíam um público fiel.

Vários outros clubes foram criados na mesma época, como o *Elite Club* (1901), *Ideal* (1902), dentre outros, e uma característica comum entre essas instituições foi o fato de que foram efêmeras, não se enraizaram na cidade, apesar de seus eventos terem sido considerados como um combate à pasmaceira que periodicamente assoberbava a capital. Dentre esses clubes, somente o *Club Bello Horizonte*, criado em 1904, está até hoje em funcionamento, na orla da lagoa da Pampulha. As “partidas” dançantes do *Bello Horizonte* eram notícias em vários jornais, que descreviam sua decoração, as *toilettes* elegantes e o *buffet* servido. O clube foi palco para freqüentes palestras literárias e, também, assunto de várias crônicas da época.

Seus eventos promoviam noites

de fino prazer, vibrando uma nota de graça, de beleza e de chic em meio a habitual quietude de nosso meio, ao indiferentismo glacial desta cidade. E o *Club Bello Horizonte* nada mais quer fazer que fazer atrair para os seus

salões os elegantes de bom gosto que vivem a aturar a displicência de uma cidade que boceja.²³¹

Encontrei notícias nos jornais da cidade, até 1920, de aproximadamente 30 clubes. A maioria teve vida efêmera. Eram associações recreativas, culturais, literárias, artísticas, cívicas e também carnavalescas, com destaque para os *Mataquins* e os *Progressistas*. Representavam a possibilidade aproximação das pessoas, e o contato com hábitos de civilidade. Mas eram também espaços restritos e seletivos. As crônicas não deixavam de retratar que

muitos hábitos foram sendo substituídos por outros mais de acordo com a época atual [...] – O império da valsa, meu amigo, vai decaindo sensivelmente... e hoje, o que está em dia nas rodas *smarts*, é o *five o'clock*, a palestra literária, etc. [...] Aqui, [...] quem não dança e não recita não é um gentleman, não é um elegante! Quanto mais piruetas faz um rapaz em uma sala, quanto mais esbugalha os olhos em um recitativo, mais admirado é!²³²

Dentre os clubes criados nesse período encontrei referências ao *Club Recreativo União Operária*²³³ criado para proporcionar “noites de divertimentos aos associados”, em dezembro de 1899 e o *Club Operario Nacional*,²³⁴ que aparece nos jornais, em fevereiro de 1900. Por apresentar uma diretoria diferente do primeiro, parece se tratar de outra instituição. Com sede instalada na Rua Tupinambás, esquina com a Rua Guarani,²³⁵ o *Club Operario Nacional* promovia teatro, principalmente infantil, dirigidos pelo coronel Júlio Pinto,²³⁶ e ainda possuía uma banda que tocava em festividades da cidade. São poucas as referências a essas instituições, sugerindo também uma vida efêmera.

Mas o que se destacava na cidade era que o projeto civilizatório impunha às elites que substituíssem suas *caipirices* pelas novidades provenientes do Rio e São Paulo, para não dizer da Europa. E esse modernismo, segundo Letícia Julião, foi surgindo em alguns pontos em que, tradicionalmente, fluía o movimento urbano. Dentre eles, destaca a Rua da Bahia e o Parque Municipal, que “aglutinavam elementos de civilidade e encerravam as promessas de

²³¹ CLUB BELLO HORIZONTE. Tribuna do Norte, 23 set. 1906. p. 2.

²³² UM BAILE *Diario de Noticias*, 14 abr. 1907, p. 1.

²³³ Faziam parte da sua diretoria: José Alves Pereira, presidente; Manoel da Costa, vice-presidente; Pedro Verçosa, 1º-secretário; Marciano Pereira de Miranda, 2º-secretário; Francisco de Paula Matos, tesoureiro e, como procurador, Abílio Barreto. (JORNAL DO POVO, 11 jan. 1900, p. 3.)

²³⁴ Sua diretoria era formada por João Batista da Silva Castro, Octavio Barreto, José Cerqueira, Luiz E. de Magalhães e Manuel de Oliveira. (JORNAL DO POVO, 21 fev. 1900, p. 2.)

²³⁵ JORNAL DO POVO, 26 dez. 1899, p. 3.

²³⁶ DIARIO DE MINAS, 22 mar. 1900, p. 1.

uma vida em comum, assim como suas mazelas e paradoxos”.²³⁷ A Rua da Bahia, principalmente na esquina com Avenida Afonso Pena, onde ficava o Bar do Ponto, era o espaço onde pessoas elegantes transitavam.

O *footing* foi adotado amplamente na cidade, chegando a se constituir uma de suas principais atividades sociais. Suas características estavam adequadas à lógica do movimento que regia o urbanismo moderno em relação à visibilidade. E entre os espaços mais utilizados para esse “trânsito” encontravam-se a Rua da Bahia e a Praça da Liberdade.

Como a “praça do poder”, a Praça da Liberdade também foi a praça do lazer na década de 1910, mas um lazer com espaços diferenciados para ricos e pobres. O *footing*, aos domingos, realizado ao som da banda de música, separava de um lado rapazes e moças de famílias e de outro criadas e soldado de polícia.²³⁸

No Parque Municipal, nos anos iniciais da cidade, não se tem notícia de eventos populares. Ali, também, a elite conseguia privacidade para realizar festas beneficentes, *garden-parties*, concertos e comemorações. As *garden-parties* eram valorizadas, e a frequência elegante pode ser observada na foto abaixo.



FIGURA 11 – *Garden-partie* no Palácio da Liberdade
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

²³⁷ JULIÃO, 1992, p. 90.

²³⁸ Esses critérios classistas, citados por Ciro dos Anjos, foram observados em Vago, 2002.

Os prazeres do teatro, iniciados desde a época do antigo Curral del-Rei, continuaram também a fazer parte dos interesses da cidade. O industrial e construtor de edificações públicas em Belo Horizonte, Francisco Soucasseeux, em novembro de 1899, sugeriu à Administração Municipal a construção de teatro provisório, que passou a ser conhecido como Teatro Soucasseeux.²³⁹

Situado entre as Ruas Goiás, Bahia e Avenida Afonso Pena, o Teatro Soucasseeux, como ficou conhecido, foi decorado pelo artista Bertolino Machado. Sua instalação ocorreu em um amplo galpão de zinco convenientemente adaptado, no local onde anteriormente funcionava a oficina de carpintaria e marcenaria da Comissão Construtora.²⁴⁰

Inaugurado em 1900, o novo espaço para os lazeres na cidade, situava-se em um ponto agradável, nos fundos de um jardim feito por Soucasseeux, com um coreto, onde bandas de música se apresentavam. Apesar de não ser ainda um espaço moderno, digno da capital, ele representava opções variadas de divertimentos, desde o *footing* no jardim ao convívio no botequim e as apresentações de teatro no seu interior. Soucasseeux havia criado, naquele ano, em companhia de amigos, o *Club Dramatico Recreativo*.²⁴¹

As apresentações de retetas musicais, concertos vocais e instrumentais, cançonetistas e várias peças teatrais faziam com que o Teatro Soucasseeux conseguisse uma boa concorrência, o que era “um atestado, mais do que frisante, do valor artístico que [inspirava] a escól de nossa sociedade”.²⁴²

O crescimento do teatro refletiu na criação de uma coluna destinada a cobrir espetáculos culturais no jornal *A Luz*, de 1904, denominada Galeria Artística.

Com a intenção de dotar a capital de um teatro definitivo, o prefeito Bernardo Pinto Monteiro contratou Soucasseeux, em 11 de novembro de 1901 para executar o empreendimento no local onde se encontrava o teatro provisório.²⁴³ Com a morte de Soucasseeux, a construção foi adiada.

²³⁹ O contrato entre as partes foi assinado em 18 de julho de 1900. Ao contratante foi concedido provisoriamente o quarteirão n. 23 da 3^a. seção urbana. Nele se manteria o Teatro provisório, aproveitando o barracão já ali construído. (BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Metrópole...*, 1993, p. 18.)

²⁴⁰ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Metrópole...*, 1993, p. 18.

²⁴¹ A diretoria do clube era composta por Francisco Soucasseeux, presidente; Arthur Haas, vice-presidente; João Goursand de Araújo, secretário; Theodoro Lopes de Abreu, 2^o-secretário; José Xavier Ourivio, tesoureiro; Octávio Barreto, diretor de orchestra e Arthur Lobo, diretor de cena. (JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, 12 jan 1900, p. 3.)

²⁴² A EPOCHA, 4 set. 1904, p. 1.

²⁴³ BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório de 1899-1902*, p. 54.

No *Teatro Soucasseeaux* se apresentaram companhias nacionais e estrangeiras até 26 de abril de 1906, ano em que se registrou a consolidação do projeto de construção definitiva do teatro de Belo Horizonte – o *Teatro Municipal*. O teatro levou três anos para ser construído e, em outubro de 1909, foi inaugurado.

Construído seguindo o “estilo das construções modernas”, o seu projeto descrito no *Diário Mineiro*, de setembro de 1906, comportava 700 espectadores, distribuídos nas seguintes seções; “20 camarotes com 100 lugares; uma galeria nobre com 20; 11 filas de cadeiras de primeira classe com 176; 5 de segunda, com 48 e uma galeria de segunda, com 100 e gerais”. Possuiria também “salões para recreio, bilhares, restaurante, toilette para senhoras, etc”. Com isso, o teatro de Belo Horizonte satisfaria “plenamente a exigência do nosso meio social”.²⁴⁴



FIGURA 12 – Teatro Municipal
Fonte: BELLO HORIZONTE: bilhete postal.... 1997, p. 94.

Mas o teatro, um edifício “digno” de figurar numa capital moderna, permanecia fechado quase o ano inteiro, “abrindo-se raramente para dar ingresso aos que alli vão assistir a umas duas operetas, uns concertos musicais e umas poucas arengas litterarias”. A causa desse abandono era assim explicada:

²⁴⁴ O NOVO teatro, 1906, p. 1.

Belo Horizonte não pode ‘comportar ainda a permanência constante de companhias que explorem qualquer gênero de diversões e nem haverá empresario bastante audacioso que se abalance a manter aqui já não uma companhia de primeira, mas mesmo de quinquagésima ordem’.²⁴⁵

A revista *Vita* também se posicionava a esse respeito:

[...] Acanhado o Theatro Municipal! Ora ahi esta como se prova facilmente a difficuldade em se encontrar duas opiniões iguaes. Demasiado grande para o publico frentador de theatros que temos, é que elle é. Demasiado grande, porque não temos publico. Sem publico não há movimento e sem movimento de bilheteria...

Vêm companhias, vão companhia e nos vemos em noite de espectáculo, no Municipal, as mesmas caras, assentadas nas mesmas cadeiras, enchendo os mesmos camarotes. O culto da arte em Belo Horizonte tem os seus trezentos de Gideão.²⁴⁶

O problema básico, comum em outras cidades, como a própria Capital Federal, como analisa Jeffrey Needell, era a falta generalizada de interesse permanente e variado por parte das pessoas pagantes. O público abastado, evidentemente, saía de casa, mas não com a assiduidade para sustentar mais do que poucas instituições. Tal apatia podia estar relacionada à tradição ainda arraigada de entretenimentos domésticos que essas famílias promoviam como encontros regulares com amigos, nos quais a música, os recitais e as danças eram comuns. “Esse aspecto doméstico da alta sociedade seguramente contribuiu para tornar menos relevantes muitas instituições públicas”.²⁴⁷

E em Belo Horizonte o teatro era a grande alternativa cultural, mas isso era para poucos. A frequência elegante ao teatro era selecionada pelos preços dos ingressos, pois “não há duvida que nesses logares o dinheiro é o melhor seleccionador”.²⁴⁸ E esses poucos não eram suficientes para manter boas temporadas na cidade.

Outros espaços foram também representativos, como o *Theatro Circo Variedades* – onde se podia assistir a trabalhos ginásticos, ao cinematógrafo, a boas pilherias e a pantomimas – e o *Parque Paris*, pequeno teatro, anexo ao *Café e Restaurante Paris*, onde se

²⁴⁵ ECHOS. *Estado de Minas*, 3 dez. 1911, p. 1.

²⁴⁶ VITA, v.1, n.1, jul. 1913.

²⁴⁷ NEEDELL, 1993, p.87.

²⁴⁸ ECHOS. *Estado de Minas*, 3 dez. 1911, p. 1.

apresentavam orquestras, atrizes, operetas e um moderno biógrafo – o precursor do cinema.²⁴⁹ Nesse espaço surgiu a primeira sala de cinema da capital.

A partir de então, as diversões mais baratas, como o cinema, ganharam terreno na cidade.

O cinema, cujas fitas, inicialmente, eram acompanhadas de piano e violinos, alguns até por bandas, teve grande sucesso, o que motivou alguns donos de estabelecimentos a criar espaços para esse lazer, que era uma nova forma de obter lucros. Assim, algumas salas foram improvisadas em salões e confeitarias, dentre elas o *Cine Colosso*, que aparecia na imprensa para noticiar: “Para curar-se do tédio, comum neste meio insosso, só há na terra um remédio: Ir ao Cinema Colosso”.²⁵⁰

E na cidade “o povo vae se habituando a essa espécie de diversão”.²⁵¹ “Muito concorridos vão sendo os cinemas installados na Rua da Bahia”.²⁵² E essa rua passa a ser o ponto dileto “para recreio”²⁵³ e de “atração das famílias e da boa rapaziada” pois lá se encontrava “a boa diversão”,²⁵⁴ como acontecia nas grandes cidades. Na platéia, era sempre destacada a freqüência elegante.

A partir de 1910, o cinema passou por uma nova fase, com a criação de salas luxuosas, ambientes propícios a encontros, à sociabilidade e à visibilidade pública, constituindo-se como um importante elemento na construção de uma imagem moderna para a cidade e afirmando-se como um dos principais conteúdos do lazer. Com interesses na obtenção de lucros, foram criadas também salas não tão luxuosas, destinadas às classes populares, mais que também ofereciam possibilidades de uma sociabilidade pública visível como nas demais.²⁵⁵

Assim, como narra a revista *Vita*, “ninguém contesta que o cinematografo empolgou definitivamente o grande publico e é a diversão predilecta de todas as classes sociais”.²⁵⁶

Mas mesmo com todas essas diferentes possibilidades para diversão, algumas narrativas revelam uma cidade que só lentamente foi se interessando pela sociabilidade no

²⁴⁹ O biografo é um aparelho especialmente de vistas fixas, mas projetava também algumas cenas animadas, tipo lanterna mágica. Interessante é que os anúncios diziam: cinematógrafo falante que funcionava da seguinte forma: projetada a vista ou qualquer chapa, um indivíduo oculto nos bastidores, descrevia em voz alta a effígie, edifício, monumento ou panorama exibido. (LINHARES, 1995, v. 2, p. 106.)

²⁵⁰ QUASI, 23 out. 1910, p. 1.

²⁵¹ DIARIO DE NOTICIAS, 1908, p. 1.

²⁵² CINEMATOGRAFOS, 1908, p. 1.

²⁵³ DIARIO DE NOTICIAS, 10 ABR. 1908, p. 2.

²⁵⁴ CINEMATOGRAFOS, 1908, p. 2.

²⁵⁵ SOSNOWSKI, 1997.

²⁵⁶ VITA, v. 1, n. 4, out. 1913.

espaço público. As notícias dos jornais chegavam a mostrar grandes “concorrências” em espaços de lazer, e pouco tempo depois faziam insistentes apelos para evitar o abandono deles.

Nessa época, enquanto as elites buscavam cada vez mais oportunidades de se divertir em teatros, clubes e espaços criados especialmente para esse fim, os divertimentos dos que não faziam parte desse grupo seletivo pareciam acontecer nas ruas, pois era-lhes restrito o acesso aos espetáculos pagos na cidade. E esses divertimentos eram sempre vistos como caso de polícia. O jornal *Bello Horizonte* narra uma violência policial contra alguns indivíduos que estavam “tocando sanfona e cantando”, uma “inofensiva diversão”, em que soldados da polícia interviram ordenando que parassem. Como eles negaram obedecer a essa ordem absurda,

originou-se logo troca de palavras, e o *valente* cabo, assumindo ares de mata-mouros, mandou que os soldados espalderassem um cidadão inerte, que estava se divertindo sem incomodar a ninguém. O engraçado é que o espancado ainda foi preso.²⁵⁷

Esse tipo de arbitrariedade era uma constante nos divertimentos populares. As investidas policiais eram contra as classes populares que “vagabundeavam pelas ruas”. Qualquer comportamento que insinuasse o ócio era visto como vadiagem. As horas de folga do trabalho, os divertimentos populares e o uso da rua com liberdade eram vistos como perigo à ordem pública, assim como todas as atividades fora do controle do trabalho. Mas essas condutas geravam resistências por parte dos setores populares, que buscavam, mesmo sob cassetetes, o direito à cidade. Reclamações e denúncias eram constantes nos jornais. Era uma forma de resistir à imposição cultural dos setores dominantes. Existiu aí grande tensão nos espaços de relação.

De todos os espaços, o botequim era o mais visado, pois representava um território livre, aparentemente situado fora da ordem dominante, local onde trabalhadores, desocupados e prostitutas se reuniam segundo suas próprias regras e códigos. Visto como endereço certo da transgressão pelas elites e autoridades municipais, o que mais os preocupava era que, nesses espaços, o “povo miúdo” podia escapar das malhas do poder. Ali, eles criavam uma espécie de espaço de igualdade, que no convívio público lhes era negada. Ali também se

²⁵⁷ VIOLENCIA policial, 1898, p. 1.

solidarizavam e traziam à luz seus conflitos e identidades. A bebida podia funcionar como um elemento encorajador.²⁵⁸

Nos jogos de azar, que passaram a fazer parte da cultura da cidade desde os seus anos iniciais, essas diferenças também se destacavam. Embora estivessem presentes em todas as camadas sociais, a repressão aos “jogos do zé-povinho” é que ganhavam a imprensa.²⁵⁹ Denúncias sobre locais de jogos e reclamações sobre atitudes policiais eram constantes. O jogo era condenado somente quando estivessem envolvidos trabalhadores e gente pobre – o “povo miúdo”. Sua proibição tinha dois pesos e duas medidas. Enquanto os jogos das elites eram vistos como passatempo, eram considerados um delito para o “povo miúdo”.

As críticas do jornal *O Operário* a essa arbitrariedade policial foram relatadas numa fina ironia, como se pode observar na descrição, a seguir, de uma perseguição aos jogadores do “Jogo de bola” em uma “venda” da Lagoinha:

De repente aparece um tal Malta com dois soldados e manda prender os jogadores. Íamos protestar pela violência, mas ficamos calados, porque soubemos de um decreto policial concebido nestes termos. O dr. Edgardo Carlos da Cunha Pereira por graça de Deus e vontade do Presidente do Estado, Rei da Polícia mineira, ouvidos os delegado e outras pessoas graúdas, decreta:

Art. 1º O bacarat, a roleta e outros jogos da azar ficam reservados para o honesto recreio dos exmos., senadores e deputados e de quantos gozem de um rendimento ou ordenado avultado.

Art. 2º As loterias, o jogo do bicho, a tombola, etc., são jogos tolerados para todo o mundo, salvo a intermitente intervenção das autoridades policiais.

Art. 3º Todo e qualquer jogo que não seja de azar e que sirva só para divertir o povo miúdo sem enriquecer nenhum empreiteiro do jogo, é absolutamente proibido, e os jogadores serão recolhidos à cadeia para contribuir com o imposto de carceragem ao aumento das rendas do Estado.

Os nossos delegados assim o façam executar.

Hipotecápolis, 14 agosto 1900.

Eu, rei da policia.²⁶⁰

A crítica da Liga Operária,²⁶¹ proprietária do jornal, continuou ferrenha em outros exemplares:

²⁵⁸ Cf. JULIÃO, 1992.

²⁵⁹ ROLETAS, 1900, p. 2.

²⁶⁰ O OPERÁRIO, 19 ago. 1900, p. 3.

²⁶¹ “Uma associação de indivíduos de qualquer nacionalidade que professam idéias democráticas e querem sinceramente contribuir para o melhoramento material, moral e intelectual das classes operárias”. (O OPERÁRIO, 29 jul. 1900, p. 1.)

É fato indubitável que a polícia abre muito um olho sobre os jogadores de bolas e outros jogos populares e fecha o outro sobre os jogadores do high-live. Que diabo! Um olho aberto e outro fechado não embelezam muito a cara policial.²⁶²

O que se percebe é que os jogos praticados pelas elites da cidade eram sempre bem aceitos e vistos como forma de status, e os praticados pelas camadas populares, como casos de polícia. Afinal, segundo Letícia Julião,

era uma diversão que figurava na contramão da disciplina e ética do trabalho, rivalizando com valores caros a uma sociedade em vias de modernizar-se e que passava a desprezar tudo que não fosse produtivo e útil. Além do desperdício de horas gastas improdutivamente, o jogo implicava a troca do ganho obtido, por meio de um salário honesto, pelo risco do lucro rápido, decidido na sorte, sem o esforço dignificante e inerente ao trabalho. Era compreensível, assim, o fascínio que exercia nos meios mais populares e a inquietação que provocava nas classes dominantes.²⁶³

Assim, no lazer, as desigualdades de tratamento entre as diferentes camadas sociais são, também, decorrentes do modelo imposto no projeto da cidade, que, além de delimitar os espaços, exclui aqueles que não eram “eleitos” para usufruir os prazeres que a cidade podia oferecer.

Críticas à jogatina estavam sempre nas notícias dos jornais. Foi decretada uma verdadeira guerra, cujos alvos eram o *jogo do bicho* e as casas de jogos. Segundo essas críticas, a Rua da Bahia havia se transformado no “Principado de Montenegro”. Lá funcionavam “publicamente nada menos de três roletas bem organizadas, que têm encarregado de *caçar* parceiros. Operários, menores, deputados, todos se confraternizam pela roleta e pela pavuna.²⁶⁴ Essa guerra estendeu-se por toda a primeira e segunda décadas do século XX. No jornal *A Capital*, de abril de 1921, o jogo ainda era destaque:

Enquanto a nossa polícia anda seriamente preocupada com o jogo do bicho, na rua da Bahia, destacando diariamente uma legião de soldados para fiscalizar os banqueiros, o ‘sete e meio’, o ‘vinte e um’, o ‘trinta e um’, a ‘pavuna’, a ‘roleta’ e etc, campeiam assustadoramente em outros pontos da cidade, especialmente nos subúrbios.²⁶⁵

²⁶² O OPERÁRIO, 2 set. 1900, p. 2.

²⁶³ JULIÃO, 1992, p. 162-163.

²⁶⁴ A JOGATINA, 1905, p. 1.

²⁶⁵ O JOGO em...1921, p. 2.

Assim, pelo exposto neste capítulo, podemos perceber que, como resultado do caráter excludente do desenvolvimento urbano e a conseqüente desigualdade na apropriação dos espaços e equipamentos, privilegiando alguns setores em detrimento de outros, na cultura urbana da cidade vão se revelando universos culturais distintos e conflituosos, mas que buscavam, cada um a seu modo, o direito à cidade e ao lazer.

Como elemento da cultura, as práticas de lazer vão se constituindo na cidade de acordo com os interesses de seus moradores, mas fortemente influenciadas pelos novos valores modernos, como almejava a CCNC. É nesse sentido que, a partir do capítulo seguinte, passo a analisar os interesses esportivos no lazer, principal objeto deste estudo, a partir das práticas esportivas que aconteciam nos espaços projetos pela CCNC para a cidade.

Capítulo 3

O ESPORTE NA CIDADE: OS CAMINHOS DAS PRÁTICAS PROJETADAS

Conhecer a constituição e o enraizamento de práticas de esporte²⁶⁶ na cidade que se queria moderna, bem como seu papel na sua construção cultural demandou, inicialmente, um entendimento sobre que espaços foram projetados para práticas esportivas na cidade para, a partir daí, analisar o que foi posteriormente apropriado e produzido pelos seus moradores.

A cidade idealizada na planta criada pela CCNC criara oportunidades de nela se praticar esporte, e para isso reservaram-se espaços em locais demarcados especificamente para a realização de duas modalidades esportivas que tinham, na época, grande repercussão na Europa, considerada o centro da civilização moderna: o ciclismo e o turfe.

Neste capítulo, construo a trajetória dessas modalidades esportivas na cidade. Mas, inicialmente, faz-se necessário compreender como essa prática inglesa chegou ao Brasil.

Por volta do final do século XIX, o esporte inglês passou a ser largamente difundido, propagando-se por todo o mundo ocidental, sendo aceito em sociedades capitalistas e socialistas, mediante ações de embaixadores, missionários, comerciantes, soldados, militares, marinheiros, educadores, administradores coloniais e colonos, que passaram a praticá-lo em seus novos lares, permanentes ou temporários.²⁶⁷ No Brasil, os filhos das elites que estudavam na Europa e os imigrantes que para aqui vieram naquele momento tiveram importância significativa na implantação de várias modalidades esportivas. Nessa difusão, o esporte passou por mudanças e sofreu interferências dos diversos contextos socioeconômicos, políticos e culturais que o acolheram.

²⁶⁶ O termo *sport* foi adotado em muitos países para designar genericamente uma classe de passatempos. (ELIAS; DUNNING, 1992.) No entender de Grifi (1989), o termo “esporte” é fruto de uma evolução que se realizou entre os séculos XIII e XIV. Na França, já no século XIII, era usada a palavra *desport*, que deriva de *depórter*, com o sentido de recreação ou jogos – conjunto de meios para transcorrer agradavelmente o tempo. Também na Inglaterra, no início do século XIV, esse termo manteve o mesmo significado, sendo traduzido por uma terminologia mais britânica (*to sport, disporter, disporteres*). Magnane (1969, p. 69) acrescenta que o inglês devolveu a velha palavra *desport* – jogo – ao francês, “após ter-lhe feito modificações bastante profundas, das quais a principal é ter restringido e precisado o sentido, reservando ao plural: *sports* aos jogos atléticos submetidos a regras restritas”.

²⁶⁷ McINTOSH, 1975.

Como o início da República no Brasil foi um período marcado por crises, transformações e rupturas, em que a modernidade ditava os caminhos a seguir na busca do novo, da velocidade e do progresso, em contraposição ao velho, ao tradicional da ordem monárquica anterior, as práticas sociais também deveriam estar ligadas ao conceito de cidade moderna e de civilização. Exigências morais, higiênicas e estéticas imperiosas se impunham diante da necessidade de ser e de parecer moderno.

Naquele contexto cultural, o que se valorizava era a saúde, a limpeza e a beleza, cujo símbolo era “a imagem do corpo humano, utilizado intensamente pela publicidade comercial ou pela oficial, e apresentado em geral semidespido, jovem, saudável, atlético e impoluto”.²⁶⁸

Dessa forma, os cuidados com a cultura física e o prazer da prática de jogos recreativos passaram a ser valorizados nos novos tempos republicanos. Educar o corpo e disciplinar hábitos significava integrar o País no perfil do mundo moderno e civilizado. O desenvolvimento da prática esportiva foi valorizado como forma de adaptar corpos e mentes à demanda acelerada das novas tecnologias.²⁶⁹

Segundo Fernando de Azevedo, foi nesse meio social exacerbado pela inquietação da vida moderna que se deu, aqui no Brasil, a invasão dos esportes anglo-saxônios, primeiro nas escolas de origem estrangeiras “donde transbordaram para as associações atléticas”. Esse desenvolvimento foi rápido, destacando-se, naquele momento, uma “heterocromia entre a influência impetuosa das associações esportivas e a ação lenta do poder público em favor da educação física”.²⁷⁰

A partir de então, o esporte e tudo o que trazia as suas conotações se tornavam, no entender de Sevcenko,

um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos da distinção social. Ele surgiu e se impôs como um ritual elitista, revestido de valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do *sportsmanship* (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade).²⁷¹

Ao ser apropriado inicialmente pela burguesia, seria traduzido em termos de agressividade, competitividade e imperativo da vitória. O seu prestígio garantiu que essas

²⁶⁸ SEVCENKO, 1998, p. 575.

²⁶⁹ SEVCENKO, 1992.

²⁷⁰ AZEVEDO, 1960, p. 293.

²⁷¹ SEVCENKO, 1998, p. 575.

conversões prosseguissem ao longo da escala social, o que permitiu que ele fosse se popularizando, desde os fins do século XIX até o *boom* na década de 1920.²⁷²

As análises de Nicolau Sevcenko são sobre o Rio de Janeiro. Mas se a tarefa de uma história do ou dos esportes é identificar, em cada situação nacional, os lugares e os meios que trazem essas novas práticas, como nos sugere Chartier e Vigarello,²⁷³ como o esporte foi se constituindo e se enraizando na cultura de Belo Horizonte?

3.1 O ESPORTE NA CIDADE

A primeira referência que encontro sobre esporte na cidade foi a criação do *Club Sportivo 17 de Dezembro*, em 1895. Segundo nota no jornal *O Contemporâneo*, o clube foi fundado por um grupo de moços entusiastas “desse apreciado gênero de diversão”. Na sua diretoria eleita, estavam nomes de engenheiros ligados à CCNC.²⁷⁴

Abílio Barreto afirma que esse clube tentou lançar práticas de esporte na cidade realizando corridas de cavalos em uma pista improvisada nas proximidades das Ruas Guarani, Tamoios e Avenida São Francisco (hoje Olegário Maciel). São poucas as referências a esse clube, talvez pelo fato de ter tido uma duração efêmera.²⁷⁵

Para a cidade moderna que se queria construir, os membros da CCNC assumiram a postura de serem educadores na formação de uma mentalidade para ela, impregnada de idéias racionais, higienistas e assépticas, na busca da civilidade desejada. Assim, além de desenharem a cidade, procuravam (re)definir também a trajetória das pessoas, numa tentativa de propor novas formas de convivência e práticas sociais nas quais as de esporte passam a ser valorizadas.

Nessa cidade foram projetados espaços próprios para a realização de duas modalidades esportivas: o ciclismo e o turfe. Nesse sentido, sua planta já previa a construção de um velódromo no Parque Municipal e um hipódromo na IV secção suburbana. O velódromo foi construído ainda pela CCNC, mas a construção do hipódromo iniciou-se somente em 1905.

²⁷² SEVCENKO, 1998, p. 575.

²⁷³ CHARTIER; VIGARELLO, 1982.

²⁷⁴ Faziam parte da diretoria: Dr. Ludgero Dolabela, presidente; Dr. Joaquim Lustosa, vice-presidente; Carlos Quadros, 1º-secretário; Henrique Burnier, 2º-secretário, Dr. Américo de Macedo, tesoureiro; Dr. Eduardo Porto, gerente. (CLUB Sportivo, 1895, p. 2.)

²⁷⁵ BARRETO, 1995, v. 2.

3.2 O CICLISMO NO PARQUE

Em Belo Horizonte, o ciclismo foi uma prática esportiva que movimentou a cidade nos seus primórdios. Ele foi, por um tempo, a sua principal diversão nos fins de semanas e feriados, como nos conta Avelino Fóscolo, em seu romance *A Capital*:

Era a principal diversão da afamada Capital. Os ciclistas iam e vinham percorrendo o vasto circo. Famílias aburguesadas passeavam o seu dissabor; o chefe encasacado, suando por todos os poros, a mulher de capa, apesar do calor intenso, e os pequenos metidos numa fatiota de cor viva, com uns gorros carnavalescos.²⁷⁶

Fóscolo fala da freqüência elegante no Parque nos anos iniciais, mas não deixa de mostrar que

em cima, no gradil, o povo ávido de distrações formava uma linha extensa. A gargalhada franca da multidão estridulava ali à queda de algum ciclista neófito e frases incompletas, em várias línguas, sobressaindo o italiano, ecoavam no ar.²⁷⁷

O interesse pelo ciclismo na cidade teve como grande incentivador o engenheiro que prestava serviços à CCNC, Dr. Fernando Esquerdo, o primeiro a possuir uma bicicleta em Belo Horizonte.

Montado em sua bela e admirada maquina Cleveland, aí por voltas de 1896, ele, franzino, trajado de branco e de botas, pedalava pelas velhas ruas do arraial, foi o único durante algum tempo, que possuiu bicicleta em Belo Horizonte.²⁷⁸

Abílio Barreto, em seus manuscritos, afirma que outras bicicletas foram aparecendo, e o gosto por esse gênero de esporte foi sendo despertado. Após a inauguração da capital, o ciclismo tornou-se moda, “fez-se chic” e era “exercitado por moços, velhos, senhoras e

²⁷⁶ FÓSCOLO, 1979, p. 155.

²⁷⁷ FÓSCOLO, 1979, p. 156. É importante ressaltar que no período da construção da cidade, o serviço de imigração do Estado promoveu, entre 1888/1898, a vinda de 68.622 imigrantes, com grande predomínio de italianos, sendo que, desse total, 49.459 chegaram ao Estado entre 1894/1897, fase de construção da capital. (BARRETO, 1895, v. 2, p. 354.)

²⁷⁸ BARRETO. *Os esportes antigos na capital II ...*[s.d.], p. 1.

senhoritas da melhor sociedade”. Possuir uma bicicleta era investimento aristocrático. No cotidiano da cidade,

principalmente as tardes, pelas ruas poeirentas [...] ou pelos arruamentos e alamedas do Parque desfilavam os ciclistas de ambos os sexos, com gosto e elegância, montando as mais modernas máquinas dessa espécie então conhecida.²⁷⁹

Abílio acrescenta que o gosto pelo ciclismo na Cidade de Minas chegou a tal ponto que, em maio de 1898, um cronista do jornal *A Capital* assim comentou:

É um bom exercício o que executam os srs. bicicletistas, pedalando a mais não poder pelas ruas da cidade e nas alamedas do Parque. Alguns fazem até equilíbrio de japonezes alta escola na livre e delicada machina, que [deslisa] rápida e sem ruido. As ruas do Parque, porem, são largas e extensas e isso de pedalar por entre as pernas do publico, tenham paciência [...]²⁸⁰

Na foto a seguir fica evidenciado o lugar de destaque ocupado pela bicicleta em meio às pessoas que posavam sobre um dos feitos da CCNC – a galeria de esgotos – em um momento comemorativo.

Abílio destaca que Fernando Esquerdo, ao mesmo tempo em que pedalava a serviço da construção da cidade, lançava ali o ciclismo.²⁸¹

²⁷⁹ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 2.

²⁸⁰ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 3.

²⁸¹ BARRETO, 1995, v. 2.



C8. Trabalhos de tubulação - Pessoas em cima de uma plataforma (Ávulsa/MHAB)

FIGURA 13 – Foto de Fernando Esquerdo com sua bicicleta nos trabalhos de construção de galerias de esgotos no Parque

Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

Mas o que representava esse esporte naquela época?

3.3 O CICLISMO NO FINAL DO SÉCULO XIX

O ciclismo, no final do século XIX, despertava grande interesse no País, principalmente por parte da sua elite, que desejava ver aqui “vulgarizado este útil e interessante gênero da mais inocente distração, tão festejada pelas famílias da culta Europa”.²⁸²

O aparecimento dessa prática somente foi possível a partir do momento em que, segundo Georges Vigarello, Pierre Michaux, em março de 1861, montou uma manivela e dois pedais sob a roda dianteira da velha *draisienne*,²⁸³ fazendo surgir a indústria da bicicleta. Com isso, surgiu também uma nova prática física que para numerosos pedaladores se traduzem, de início, em jogo de equilíbrio ou de acrobacia efetuado no conforto de raras salas arranjadas adotando o modelo da equitação.²⁸⁴

Construída para mostrar sua utilidade social como meio de transporte, inicialmente, por seu custo elevado, a bicicleta não era acessível a todos. Como meio cômodo de rápida locomoção, a bicicleta foi fazendo parte dos costumes da época, pois era parte integrante do instrumental da civilização moderna.

Na França, as corridas foram organizadas inicialmente de forma esporádica, mas chegaram a ser numerosas no final da década de 1860, estruturadas por clubes semelhantes aos das sociedades de regatas, permanecendo dependente de outros modelos de corridas, como as de cavalos. O aparecimento da imprensa financiando provas para dar notícias exclusivas fez surgir uma imprensa especializada, uma das formas de difusão do esporte.²⁸⁵

Mas como o esporte produz, contraditoriamente, desde a sua origem, efeitos de distinção e processos de imitação, o que deve conduzir a situar o enraizamento social de cada prática nos seus deslocamentos e nas suas relações recíprocas, podemos notar que “a

²⁸² CORREIO DO POVO 20 dez. 1896, Porto Alegre, *apud* LICHT, 2002, p. 23.

²⁸³ Nos jornais de Porto Alegre, referenciados por Henrique Licht (2000, p. 31), médico porto-alegrense, garimpeiro na pesquisa sobre a estruturação do ciclismo no Rio Grande do Sul no período de 1869-1905, são encontradas referências sobre essa *draisienne* – primeiro aparelho de locomoção rápida, parecido com a bicicleta. Criação do alemão Dreise, esse primitivo velocípede foi primeiramente denominado *cellifero*. Essa crônica que referencia os primórdios da bicicleta, publicada no *Correio do Povo*, apresenta datas divergentes das indicadas por Vigarello, que considera 1855 a época em que dois franceses, Michaux e Lallement, simples segeiros, reformaram a *draisienne*, inventando os pedais e fazendo outras modificações.

²⁸⁴ VIGARELLO, 2000, p. 104.

²⁸⁵ VIGARELLO, 2000, p. 104.

popularização da bicicleta bem no final de século XIX é tanto mais marcada, quando o investimento aristocrático se fixa, a partir daí, sobre um novo objeto, o automóvel”.²⁸⁶

No Brasil, esse esporte teve boa aceitação no final do século XIX, tanto no Rio de Janeiro quanto em outros Estados. Cito por exemplo o Rio Grande do Sul, cuja história do ciclismo teria tido início em 1869:

Em Porto Alegre, o sr. Dillon, importador de ‘objetos americanos’ já dispunha de velocípedes para a venda, e seu filho Alfredo, em São Leopoldo fazia demonstrações na bicicleta para vender o ‘CAVALO DE FERRO’.²⁸⁷

Considerado naquele momento como “moderníssimo genero de sport”,²⁸⁸ o ciclismo passou a fazer parte das diversões que cresciam em importância para o público das cidades, em especial para as elites, que se tornaram amadoras desse “interessante genero de sport”,²⁸⁹ considerado uma das “diversões mais finas, mais elegantes e mais úteis”.²⁹⁰

Para praticá-lo, os amantes desse divertimento, passaram a criar sociedades para cultivar a sua prática, como foi o caso de *Velo Club* em Belo Horizonte.

3.4 A CRIAÇÃO DO VELO CLUB

O esporte moderno, naquela época, tinha o clube como espaço para a sua realização. Se buscarmos o significado da palavra *club*, um termo inglês, podemos perceber que ele está relacionado ao local onde se reúnem cavalheiros. Foi assim que, em 19 de junho de 1898, tendo à frente o engenheiro da CCNC, Fernando Esquerdo, foi deliberada a fundação do *Velo Club*, com a finalidade de desenvolver o gosto pelo esporte e proporcionar distração aos habitantes da cidade. E os detalhes dessa reunião foram assim descritos por Abílio Barreto:

Tomando a palavra, dr. Fernando Esquerdo expôs a necessidade da fundação de um club desportivo. Terminou convidando o sr. coronel Felipe de Melo, então comandante da Brigada policial, para dirigir os trabalhos da reunião. Este, assumindo a presidência, convidou os dr. Fernando Esquerdo e

²⁸⁶ CHARTIER; VIGARELLO, 1982. p. 42.

²⁸⁷ LICHT, 2002, p. 13.

²⁸⁸ JORNAL DO COMERCIO, Porto Alegre, 6 mar. 1895, *apud* LICHT, 2002, p. 17.

²⁸⁹ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 20 dez. 1896, *apud* LICHT, 2002, p. 24.

²⁹⁰ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 01 fev. 1898, *apud* LICHT, 2002, p. 43.

Affonso Pena Junior para secretários. Obtendo novamente a palavra, o dr. Fernando Esquerdo apresentou à mesa um projeto de estatutos, que foi entregue a uma comissão para estudá-lo e dar sobre ele o seu parecer.²⁹¹

A esse clube estavam aliados nomes de pessoas de grande influência na cidade. Como novidade, sua criação teve grande destaque na imprensa, que relatava, por meio de crônicas e notas, os feitos desse grupo pioneiro:

Feliz idéia tiveram alguns moços da nossa sociedade, fundando uma associação destinada a desenvolver entre nós o gosto pelo sport cyclista. Muita gente se queixa da falta de diversões nesta capital, de modo que o Velo-Club vem preencher uma lacuna sencível, se permitem usar do sedição chavão. [...]

Quero apenas significar o meu aplauso aos fundadores do Velo-Club, e trazer à nova associação os votos que faço por seu engrandecimento e realização dos fins que se propõe. Que não fique embryonaria idéia, e que todos os habitantes de Bello Horizonte, cujas condições topographicas tão admiravelmente se prestam ao sport em questão, concorram para a consecução do desideratum do Velo-Club.²⁹²

Essa imprensa não deixava de ressaltar os valores do exercício físico que esse *sport-byciclettico* proporcionava ao homem moderno, que habitava a cidade moderna, valores considerados, “deixem passar o neologismo, [...] dos melhores, dos mais higiênicos”.²⁹³

A sociedade foi definitivamente fundada no dia 24 de junho de 1898, em reunião realizada no salão da Biblioteca, sob a direção de Fernando Esquerdo, com a presença dos entusiastas desse esporte, quando foi eleita sua diretoria.²⁹⁴ O jornal *Bello Horizonte*, destacando o nome do *Velo Club*, relatou a realização dessa segunda assembléia do clube, quando compareceram 26 sócios, que deliberaram pela impressão dos seus estatutos, apresentados pela comissão designada para estudá-los.²⁹⁵

Criado o clube, tomaram a decisão de realizar corridas periódicas na pista do Parque. Sua corrida inaugural foi programada para o dia 25 de julho de 1898, assim representada em nota de *A Capital*:

²⁹¹ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 3-4.

²⁹² K. LOURO, 1898, p. 48.

²⁹³ K. LOURO, 1898, p. 48.

²⁹⁴ Dr. Fernando Esquerdo foi eleito presidente; dr. Bráulio Pena, vice-presidente; Affonso Horta de O’Leary, 1º-secretário; Elysio de Campos Melo, 2º-secretário e Emydio Rodrigues Germano, tesoureiro. (BARRETO. *Os esportes antigos na capital II...* [s.d.], p. 5.)

²⁹⁵ Nesta reunião, foi marcada a 3ª sessão deste clube para o dia 29 de junho, às 7 horas da noite, com o objetivo de aprovar o Estatuto. (VELO Club, 1898, p. 2.)

Teve logar no dia 25 do corrente, às 4 horas da tarde, a inauguração do Velo-Club há pouco fundado. No local destinado pela prefeitura para as corridas, a directoria armou com graça e simplicidade as archibancadas que estavam ocupadas por grande numero de famílias, onde causavam agradabilíssima impressão as cores variadas de elegantes *toilettes*. Foi enorme a concurrencia do povo que cobria as alamedas do Parque que apresentava um aspecto muitíssimo agradável. Disputaram os 3 pareos que houve diversos associados vencendo o primeiro – Lucifer, 2º Hefeslo e o 3º Nelumbro, tendo sido muito rendosa a venda dos poules. Tocou durante a festa a banda de policia. Deu um sortão, o *Velo Club* e desejamos que o mesmo elle faça todos os domingos.²⁹⁶

Nos manuscritos de Abílio Barreto foram encontrados mais detalhes dessa festa, que teve grande repercussão na cidade:

Perante uma concurrencia extraordinária de povo e de pessoas da mais alta sociedade local, ocupando as arquibancadas do pavilhão com [] de taboas e coberto de [zinco] que o prefeito dr. Adalberto Ferraz mandara logo construir no local que presentemente fica em frente á fachada do edificio Sulacap a rua da Bahia e á margem do arruamento do Parque. [...] Muitas famílias, antes das corridas, passeavam pelos arruamentos do Parque, em charretes e carros de praça ou a pé, ao passo que os ciclistas, vestidos de branco, com indumentária apropriada, percorriam a pista em suas máquinas ainda de tipos diversos.²⁹⁷

A imagem de cidade moderna, agitada, repleta de pessoas e carros começa a se mostrar na capital também com o esporte. Nessa imagem se destaca a presença da elite da cidade, que nesses eventos poderia expressar seu sentimento de distinção com suas vestimentas elegantes, a exemplo das corridas realizadas na França, referenciadas em imagens apresentadas por Georges Vigarello.²⁹⁸ Nas palavras de Abílio Barreto, percebe-se, também, a presença de “povo” que, sem o destaque da elite, contribuiu para o sucesso inicial das corridas do clube. Esse sucesso estava aliado, principalmente, às possibilidades de diversão que esse esporte traria para uma cidade que desconhecia atividades dessa natureza.

Na figura abaixo, apresentada por Vigarello, pode-se perceber espaços diferenciados para a assistência às corridas e o estilo considerado elegante pela cultura da elite, das vestimentas.

²⁹⁶ A CAPITAL, 4 ago. 1898, p. 1.

²⁹⁷ BARRETO. *Os deportes antigos na capital II...*, [s.d.], p. 5.

²⁹⁸ VIGARELLO, 2000, p. 105.



FIGURA 14 – Corridas na França no final da década de 1860
Fonte: VIGARELLO, 2000, p. 104-105.

No *Velo Club* de Bello Horizonte, em seu pavilhão, freqüentado pela elite, o estilo das vestimentas seguia a moda francesa.



FIGURA 15 – Pavilhão do *Velo Club* no final do século XIX.
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

A imagem das pessoas que freqüentavam o pavilhão, na época, revela a presença da elite da cidade exibindo seus trajes de passeio. Senhores engravatados, de bengala, chapéu e luvas eram acompanhados por senhoras e senhoritas com saias longas e volumosas, com cabelos presos por chapéus “elegantes”. As crianças seguiam o padrão “elegante” dos adultos.

A organização das corridas era semelhante à das corridas de cavalo, nas quais os termos *páreos* e *poules* faziam parte do linguajar dessas pessoas. Como as possibilidades de apostas eram restritas àqueles que possuíam condições para tal, podemos entender as palavras de Avelino Fóscolo:

O Parque estava bem concorrido nessa tarde e se havia alguma nota alegre, o riso estridente e são, vinha de cima, do gradil onde a multidão enfileirada seguia com olhar curioso e feliz única diversão que lhe fornecia a famosa cidade.²⁹⁹

O riso espontâneo, sem reservas, dos espectadores era percebido somente naqueles que acompanhavam a novidade da cidade do lado de fora, gente do povo, amontoados no gradil do Parque, pois à freqüência elegante não devia permitir excessos.

O que chama a atenção também é o fato de que os sócios do *Velo Club*, moços pertencentes à elite da cidade, tinham o hábito de usar pseudônimos nas corridas.³⁰⁰

Na primeira corrida, realizada em três páreos, figuraram nomes tais como: Riograndense, Lúcyfer, He feslo, Brasil, Joly, [Lusbel], Nelumbo, Stylla, Bull, o que despertava grande interesse da assistência. No primeiro páreo, foi vencedor Lúcyfer, chegando o Riograndense em segundo. A *poule* rendeu 10[\$]000. O segundo páreo foi vencido por Hefesto, chegando Brasil em segundo lugar. A *poule* rendeu 3[\$]000. No terceiro páreo foi Nelumbo o vencedor, chegando Bull em segundo lugar. A *poule* rendeu 2[\$]500. A renda total das *poules* foi de 604[\$]000.³⁰¹

A segunda corrida foi realizada na semana seguinte, no dia 31 de julho.³⁰² Nesta e em corridas posteriores, foram utilizadas máquinas de tipos e velocidades diversas, alugadas,

²⁹⁹ FÓSCOLO, 1979, p. 159.

³⁰⁰ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 8-9.

³⁰¹ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 7-8.

³⁰² Faziam parte da comissão diretora: juiz de partida, Dr. Fernando Esquerdo; juízes de chegada, Drs. Cícero Ferreira e Ludgero Dolabela; juízes de raia, Teodoro Lopes de Abreu, Antônio Raimundo [Ivani], Adolfo de Castro e Alberto Horta; juízes de arquibancadas, drs. Salvador Pinto e Josafá Belo. Correram cinco páreos, dos quais foram vencedores: do primeiro Guarany, rendendo a *poule* 4[\$]300; do segundo Cid, produzindo a *poule* de 8[\$]800; do terceiro, *Brasil*, a *poule* de 3[\$]200; do quarto Cing Mars, cuja *poule* rendeu 6[\$]500; do quinto, Guarany, com o rendimento de 4[\$]000. (BARRETO. *Os deportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 7.)

emprestadas ou de propriedade dos sócios. Somente em setembro do mesmo ano o clube pôde adquirir bicicletas Cleveland, todas iguais, para que todos pudessem ter igualdade de chances durante a corrida.³⁰³



FIGURA 16 – Ciclistas no *Velo Club*
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

Na imagem do *Velo Club*, nos anos iniciais da cidade, que mostra um grupo de ciclistas prontos para a partida, os modelos variados de bicicleta e a vestimenta elegante de seus condutores podem ser notados. O pavilhão é destacado ao fundo.

O grande interesse por essas corridas fez com que os seus resultados passassem a ser utilizados em anúncios de vendas de bicicleta nos jornais, tais como:

Bicycletas Cleveland
Vencedoras em todos os pareos nas ultimas corridas do Velo-Club.

³⁰³ Corrida realizada em 18 de setembro de 1898. (BARRETO. *Os desportes antigos na capital II...*, [s.d.], p. 7.)

Depositário nesta cidade
Olympio de Assis.³⁰⁴

As corridas eram organizadas sempre à tarde, aos domingos e às quintas-feiras, com o tempo calculado para que terminassem antes do anoitecer, pois a iluminação do Parque não era suficiente. Posteriormente é que a Prefeitura iluminou toda a pista “com arcos voltaicos, melhoramento que imprimiu maior realce às corridas”.³⁰⁵

Apesar de Abílio Barreto citar a presença feminina no ciclismo, o que se pode perceber é que ela acontecia não de forma competitiva, mas como uma prática higiênica moderna, uma forma de divertimento. Nas competições do *Velo Club* as mulheres eram somente freqüentadoras assíduas das arquibancadas.³⁰⁶

As representações, aliadas à prática feminina do esporte em Belo Horizonte, podem ser caracterizadas na crônica intitulada “Cyclista”, que aparece no *Jornal do Povo* em 1900:

Brrravô! epatante! Diz um addido de legação, quando vê a donairosa cyclista, pedatant com um garbo, uma faceirice encantadora, na toilette azul marinho, os pequeninos pés em sapatinhos couro da Rússia, meias pretas modelando os jarretes que o addido julga ‘adorables’, o chapeusinho preto com o tope de uma penna esverdeada, muito gracioso!

O sport, que vae ao Parque, conhece de longe a sua machina scintillando ao bello sol das manhãs e ela passa... zut! como uma aparição, um sonho, coroadada, bonita, achando divertidíssimo esse prazer, que o seu papae não considera nada higiênico e resmungua, quando a cyclista regressa afogueada, rosas nas faces, para almoçar com muito com muito bom appetite.

Á tarde... zut! volta ao Parque e sempre a mesma garridice no seu velo chic, que todo o sport conhece...

Suas amigas, pacatas burguezasinhas, tem medo de andar naquillo e uma, experimentando uma vez, ah! foi como se o tufão desencadeasse: rendas, fitas, saias... em que desordem, e houve gritos, houve sustos.

Brrravô! épatante! diz, sorrindo, o addido de legação que anda a aprender o ciclismo, afim de ver se pode, nessa volta da alameda, ali onde as frondes das arvores fazem uma suave penumbra, dizer á cyclista que ela é

³⁰⁴ A CAPITAL, 4 ago. 1898, p. 3.

³⁰⁵ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 10-11.

³⁰⁶ Abílio chega a destacar os nomes das senhoritas belorizontinas que freqüentavam as arquibancadas, tais como: Rosinha Sigaud, Amália Trompowsky, Coralia e Ordalia Magalhães, [Herenia] Lopes, Maria José Sales, Eugênia Sales, Catita e Eugênia Speltz, Cesarina, Luiza e Evangelina Cerqueira, Palmyra Gomes, Chiquinha [Fonseca], Antonietha de Souza, Luizinha Negrão, Clotilde Silveira, Amélia Souza, Maria, Alda e Florentina Ferraz, Cândida Magalhães Alves, Guiomar e Carlota Pereira e Angélica Nogueira. (BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 10.)

simplesmente v'lan na toilette própria, o chapeusinho preto com tope de um penna esverdeada...

A.³⁰⁷

Como não foram encontradas fotos de ciclistas belo-horizontinas, encontrei no jornal *A Estação*, um jornal de modas parisienses dedicado às senhoras brasileiras que circulou por assinatura, no Brasil, na época da criação de Belo Horizonte, alguns modelos que podem ter sido referências para as vestimentas esportivas das ciclistas femininas da cidade.



FIGURA 17 – Modelo de vestimenta para ciclista

Fonte: *Jornal A Estação*. 30 jun. 1897, a. 26, n. 12, p. 95.

³⁰⁷ A. Perfis:... *Jornal do Povo*, p. 1, 14 mar. 1900.

Se o corpo é um constructo histórico e cultural, ao analisarmos os valores aliados ao corpo feminino naquele final de século XIX, podemos perceber que as atividades corporais e esportivas não eram recomendadas para as mulheres, pois eram vistas como prejudiciais à natureza do sexo considerado frágil. Uma visão biologicista, que se centrava na fragilidade dos órgãos reprodutores, tinha a preservação para uma maternidade sadia como necessidade.³⁰⁸ Mas havia quem enfrentasse isso corajosamente, como a ciclista da crônica acima. Naquele mundo “até então polarizado quase que exclusivamente pela figura masculina”, como afirma Sevcenko, as moças foram aderindo, também, aos hábitos modernos e desportivos.³⁰⁹

Como nossa cultura foi fortemente influenciada pelos valores europeus, Witold Rybczynski diz que na Europa, no século XIX, o lugar correto para as mulheres direitas era dentro de casa e que a diversão pública era território exclusivo dos homens. As mulheres que freqüentavam as casas de danças e outros lugares de lazer público, como tavernas, parques de diversão, cassinos e até salões de música, eram consideradas prostitutas. As mudanças ocorrerem somente a partir dos meados do século, quando os esportes e as recreações se transformaram em lazer da classe alta.³¹⁰

No Brasil, atento aos valores europeus, a educação da mulher também era voltada exclusivamente para o espaço do privado, mas as novas práticas de lazer e divertimento que vão se constituindo em novas necessidades sociais, como as práticas esportivas, trouxeram a visibilidade das mulheres nos espaços urbanos. Essas aparições públicas eram sempre motivo de apreensão por parte das famílias, em especial as burguesas, temerosas da desmoralização feminina diante dessas exhibições, que poderiam ser julgadas vulgares e desonrosas. Mas, segundo Silvana Goellner, além dessa representação, ao contrário, a prática esportiva pode ser identificada como um dos impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade.³¹¹

Não foram encontradas outras fontes que sugerissem a presença feminina no ciclismo, somente as referências de Abílio Barreto sobre o desfile de ciclistas de ambos os sexos em passeios pela cidade e nas alamedas do parque e a crônica assinada por A. Nesta, a roupa apropriada, a garridice, os temores do pai, a audácia, a ousadia e a satisfação são registrados como representações aliadas à prática feminina do ciclismo na cidade.

³⁰⁸ GOELLNER. A produção Cultural..., 2003.

³⁰⁹ SVECENKO, 1992, p. 49.

³¹⁰ RYBCZYNSKI, 2000.

³¹¹ GOELLNER. Bela, maternal..., 2003.

Mesmo como prática competitiva masculina, algumas representações aliavam o esporte a uma valorização do fazer corporal em detrimento do intelectual, como podemos notar na caracterização do farmacêutico no romance de Avelino Fóscolo:

E parecia ter orgulho naquela ignorância. Ostentava bem patente o seu porte reto e belo de sportman; conservava na cabeça o boné do ciclista, trajava o costume dos últimos figurinos. Era um velomaníaco; jamais se envolvera em medicina; jamais abrira um livro de farmácia. Fazia pílulas para se enriquecer, apenas, e pouco lhe importava se o doente vivia ou morria: isto era com o médico. A farmácia mesmo, deixara-a a cargo de um prático que tomara.³¹²

As corridas no parque pareciam ser, naqueles anos iniciais, a única manifestação esportiva da cidade e uma das poucas possibilidades de divertimento. Mas a cidade que se queria moderna, agitada, feérica, naquele momento ainda não se consolidara na realidade. No romance de Avelino Fóscolo, fica destacado o que representavam os eventos no parque:

O Parque, [...] prenhe de gente, uns recostados ao gradil, outros buscando a soledade dos ermos, enquanto outros, boquiabertos, acompanhavam com o olhar os ciclistas a correrem num movimento incessante de maquinas. Nas ruas havia raros transeuntes concentrando-se todos no único ponto de prazer. Ao longe as serras apareciam coroadas de bruma. Flocos róseos, grandes filões sangüíneos, áureas montanhas de nuvens engalanavam o azul, ao sol poente, muito tristes, diademando com luz esmaecida os montes e os edifícios. O multicolor das nuvens foi-se esbatendo lentamente em plúmbeo e os focos elétricos estrejaram à sombra, subindo melancólica naquela cidade tão jovem e contaminada já pela tristeza doentria de vetustez.³¹³

Apesar dos eventos esportivos, a imagem-paisagem que se segue na narração do autor, exaltando a beleza da natureza do local, mostra-nos um momento significativo que é o pôr do sol para descrever o estado de espírito melancólico da vida na cidade. E a visão de Avelino Fóscolo parece não destoar de outros que narram o cotidiano da cidade. Nas crônicas podem ser observadas as queixas quanto à monotonia reinante, principalmente nos dias consagrados ao lazer. Transcrevo a crônica assinada por Pif, publicada no *Diario de Minas*, que descreve um dia de domingo na cidade.

O sujeito com cara de enfastiado, aparentando sofrer de uma tristeza de hepático, entrou no meu escritório e disse: - Sou o domingo bello horizontino. Tenho a gravidade de um defuncto, a melancholia de um

³¹² FÓSCOLO, 1979, p. 241.

³¹³ FÓSCOLO, 1979, p. 139.

cemitério, o aborrecimento de um discurso de engrossa. Vou a missa, porque não tenho onde ir. Entro no templo, o velho templo, namorisco as moças, examino as caras dos devotos, todos de uma [hy]pocondria igual á minha, e saio. Na rua, o vento me amola, o pó me afflige. Chego ao Grande Hotel: á mesa do café, alguns deputados de uma circunspecção que entristece, cochicham frioleiras políticas; outros bocejam, lendo os jornais. Aquillo irrita-me os nervos, ponho o chapéu e ... rua! Vou ao Restaurant do Congresso: dois sujeitos, de um sério de quem assiste a sessão fúnebre, fumam, calados bebendo cerveja. Silencio e pasmacera. Ouço o zumbir das moscas. Fico danado e desço ao Café Acadêmico: numa mesa, dois sujeitos ainda, mudos, mordendo a ponta dos cigarros, jogam fleumaticamente o dominó. Desespero e, de novo, rua! Casas fechadas. Grupos esparsos de operários passam , conversando, e só distingo as palavras ‘dinaro’, ‘per la madona’. [...] Vou flunar no parque. Muita gente, mas todos andando com ar de fastio, [...]. A musica chora umas walsas sentimentaes. O povo continua a andar numa besteira hedionda. [...] Cyclistas correm, suam e ... o povo andando, andando. De repente, vejo toda a gente ir saindo. A noite chega e o parque mergulha em treva. [...] A banda segue caminho do quartel...

Nisso, um farrancho de guapas mocetonas e um mocinho entraram e o rapazito deitou o monoculo e o verbo:

– Seu domingo, eu sou o assustado; trago aqui as minhas dilectissimas irmãs: a polca, a mazurka, a walsa, a quadrilha... que sou eu? Terpsychore completa... Vamos dançar.

– Seu assustado, então é tudo quanto Belo Horizonte me pode dar? Por Deus já estou encabulado de só ter este divertimento...

– Que quer o sr., seu domingo? [...] é o que há no mercado...

– Nem um theatro, nem um café com música, nem um prado de corridas... nada, nada... a não ser o baile e o assustado. [...]

Mas isso será viver? Trabalhar a semana toda e chegar o meu dia e eu não poder oferecer outra diversão a não ser o assustado?³¹⁴

Essas representações refletem a distância que ainda existia da Belo Horizonte “Cosmopolita” que se queria, que se sonhava para a capital de Minas, da Belo Horizonte “pueirópolis”, pacata, sem a vida *smart* daquele tempo. Não seria uma expressão de uma cultura daqueles seus habitantes? Outras análises ainda se fazem necessárias para essa resposta, pois naquele período a cidade contava, ainda, com apenas pouco mais de um ano de vida. Mas, na imagem da cidade, o esporte já trazia a sua marca, como se pode ver na figura abaixo.

³¹⁴ PIF. *Diario de Minas*, 2 jul. 1899, p. 1.



FIGURA 18 – O pavilhão do *Velo Club* na paisagem do Parque Municipal
 Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

O lazer como contraponto do trabalho fez do fim de semana um prêmio. Para a maioria das pessoas, a vida poderia assumir um ritmo diferente nesses fins de semana. E essa nova estrutura do tempo afetava não somente *quando*, mas *como* descansamos. Witold Rybczynski nos ajuda a entender essa necessidade de se fazer “algo”. Baseando-se em Cherterton, que escreveu no início de 1900, o autor relata que a palavra *lazer* era usada para três coisas diferentes: “A primeira, é poder fazer alguma coisa. A segunda, é poder fazer qualquer coisa. E a terceira (talvez a mais preciosa) é poder não fazer nada”. Segundo ele, a primeira definição era a forma mais comum de lazer e a que vinha sofrendo aumento quantitativo naquele momento.³¹⁵

Esse desejo de fazer algo no tempo de lazer fez do fim de semana uma busca por diferentes possibilidades de divertimentos. A prosperidade, cuja conseqüência foi o aumento do consumo, constituiu um dos valores modernos mais marcantes no lazer, por ter permitido o consumo de uma grande variedade de bens e de cultura. Passa-se aí a ser incentivado o interesse pelos jornais, pelas bibliotecas públicas, pelos teatros, pelos concertos, pelas galerias de arte ou pelos museus, pelos jardins botânicos e, também pelo esporte, que vai fazendo com que, cada vez mais, seja destacado o fim de semana como a possibilidade para o exercício físico e os jogos. Não se pode esquecer também de que, no século XIX, houve um incentivo

³¹⁵ RYBCZYNSKI, 2000, p. 22.

ao uso dos parques públicos, pois andar fazia bem ao corpo e acreditava-se que ficar em meio à natureza melhorava o espírito.³¹⁶

Em Belo Horizonte, as possibilidades de divertimento no domingo diminuem bastante com a interrupção das atividades do *Velo Club*, como aparece em algumas referências da imprensa em 1899. O exemplo é a crônica publicada no *Diario de Minas*:

Suspensos os festejos do mez de Maria, não sabe a população horizontina aonde deva ir buscar uma diversão menos monótona do que o passeio ao parque aos domingos. A não ser os namorados que ali se dão entrevistas, este pobre parque, tão parco de sombras e de folhagens, pouco attractivo offerece, mesmo quando a banda militar põe ali a estridencia dos metaes e o estrondo da pancadaria.

Antigamente ainda havia o Velo-Club, cujo pavilhão lá está sofrendo o rigor dos temporaes; mas os cyclists exhalaram-se e o parque deixou de proporcionar aos freqüentadores e visitantes o espetáculo das corridas e dos palpites do sport.³¹⁷

Sem o funcionamento das corridas promovidas pelo *Velo Club*, o ciclismo era praticado, no Parque, somente por alguns interessados em aprender esse esporte considerado de grande valor higiênico na época. Mas a imperícia de alguns e a imprudência de outros acabavam por provocar atropelamentos de crianças, que por várias ocasiões, em 1899, foram manchete nos jornais da cidade. Esses fatos foram suficientes para que aparecesse a seguinte nota no *Diario de Minas*:

Attendendo aos repetidos desastres que se devem á imperícia ou imprudência de alguns cyclists, o dr. Francisco Salles baixou uma portaria proibindo terminantemente as corridas de bicycleta no Parque, enquanto não se reorganizar o Velo-Club ou outra associação que delimite a pista para as corridas.³¹⁸

A ausência do esporte, que tanto movimentava o Parque, aliada à monotonia reinante na cidade, também mereceu o destaque de Avelino Fóscolo:

O Parque, lá embaixo, deserto, emudecido, desnudado de seu antigo atrativo – o ciclismo; as avenidas solitárias com raros transeuntes morosos e tristonhos; a Piedade sempre com o seu panorama monótono de serro imutável; o canal da grande avenida inacabada, obstruído, já em ruínas no alvorecer da existência e por toda a parte, como um sudário imenso, a luz

³¹⁶ RYBCZYNSKI, 2000.

³¹⁷ CHRONICA. *Diario de Minas*, 21 maio 1899, p. 1.

³¹⁸ DIARIO DE MINAS, 14 abr. 1899, p. 1.

empalidecida do sol coando-se por entre nuvens, afogando em ondas de melancolia a capital – envelhecida ao nascer, com a pacatez das velhas cidades coloniais.³¹⁹

O sonho da cidade moderna, após dois anos de sua inauguração, ainda estava longe de ser concretizado. Nem o ponto que vinha sendo referência identitária da modernidade – o esporte no Parque – existia mais. Não há referências que esclareçam o fim das corridas, mas acredito que possam estar relacionadas à saída de Fernando Esquerdo da cidade.³²⁰ O *Jornal do Povo*, ao exibir a crônica *Bohemios*, em 1900, sugere a sua ausência:

Macambusio embora gosando as folgas de domingo na convivência dos livros, [...] ou dos jornais estrangeiros que contam a vida que estúa la fora, gloriosamente, venho trazer as minhas saudações aos cyclistas cá da terra, os quaes, parece-me, desejam reviver o *vieux temps* do Velo Club, quando a silhueta de Fernando Esquerdo destacava-se ali na pista, bello typo de árabe, adorável trocista de binóculo.³²¹

Essa crônica relata o interesse em reviver os bons tempos do *Velo Club*, quando era comandado por Fernando Esquerdo. Outros jornais, como o *Diario de Minas*, já faziam referência a ausência do ciclista, desde janeiro de 1899, ao falar sobre o Parque como: “ahi onde já não se vê a petulante silhueta do Esquerdo, de monóculo, cavalgando o *velo*”.³²²

A partir de então, o clube passou por várias interrupções e retomadas, mas nunca mais obteve o sucesso dos tempos iniciais. As suas corridas reapareceram aliadas a grandes comemorações ou a eventos de cunho beneficentes e humanitários como:

Realizam-se hoje as corridas do Velo Club comemorativas do 4^o centenário e em benefício da Santa Casa desta capital. O gênero da diversão e o fim humanitário a que se destina o producto são sufficientes para que hoje á 1 hora tarde esteja repleto o Parque, onde se effectuarão as corridas.³²³

A retomada das atividades do *Velo Club* foi recebida com entusiasmo, pois era o divertimento domingueiro mais animado e desejado na cidade.

³¹⁹ FÓSCOLO, 1979, p. 220.

³²⁰ Encontro referência no Diário de Minas de 21 de maio de 1899 (CHRONICA, 1899, p. 1), que fala do *Velo Club* como um fato antigo, que não mais existia e outra em (PIF. *Jornal do Povo*, 20 maio 1900, p. 1), que relata o desejo de reviver os bons tempos do esporte, diferente do que cita Abílio Barreto, de que após 25 agosto de 1898 o *Velo Club* imprimiu “maior realce ás corridas naquelas e nas tardes subseqüentes, **com a mais perfeita regularidade**, até 6 agosto de 1900”. (BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 11, grifo nosso.)

³²¹ PIF. *Jornal do Povo*, 20 maio 1900, p. 1.

³²² BOHEMIOS, 1899, p. 1.

³²³ FESTAS do centenário, 1900, p. 2.

O Velo Club dará, de certo, alguma animação a esse Parque, a que falta iluminação, como lhe faltam mesas, onde o bom burguez poderia beber um bock a palear.

Algo precisa esta cidade para divertir-se [...].

Se o Velo não offerecer ao povinho essa distração, os domingos bello-horizontinos terão apenas o esplendor da natureza, mas nem toda gente é pantheista para achar admirável o espetáculo destas colinas verdejantes realçadas pelo azul limpo do céu. [...]

Que o Velo se reorganize e tenha o brilho de outrora, dos dias em que os *cyclermen* faziam os jogadores perder alguns cobres – é, de certo, o desejo das senhoritas que, nas tardes domingueiras, vendo o céu tão formoso quanto ellas, não sabem onde ir matar o tempo.³²⁴

Essa retomada das corridas, inicialmente para eventos beneficentes, despertou o interesse de se organizar o clube para que ele voltasse a promover corridas no velódromo do Parque. O *Jornal do Povo* apresentou a seguinte nota:

Sob a presidência do acadêmico Affonso Penna Junior reuniram-se hontem no salão do Grande Hotel os sócios do Vello_(sic)-Club.

Sendo pelo presidente da reunião exposto o fim da mesma, foram em seguida apresentadas diversas propostas prevalecendo a do sócio Raul Mendes que manda nomear uma comissão para angariar acções no valor de 30\$000.

Uma vez feito isto a comissão deliberará conforme o fundo extinto se reorganiza o antigo Velo Club ou se funda outro.³²⁵

Há referências de que a reorganização não tenha sido um processo tranqüilo, uma vez que o *Jornal do Povo* redigiu a seguinte nota: “Parece que se não houver accordo com a directoria do *Velo Club* por parte da commissão, encarregada de reorganisar esta sociedade, fundar-se-á uma outra com o nome de Velodromo Horizontino”.³²⁶ Não foi possível desvendar o desenrolar desses fatos, mas o que se pode evidenciar é que *Velo Club* continuou ativo, pois os jornais noticiaram eventos do clube no período de junho a agosto de 1900, marcados por “pouca concurrencia e muitos tombos de cyclistas”.³²⁷

³²⁴ PIF, 1900, p. 1.

³²⁵ A comissão era composta dos srs. Raul Mendes, E. Cerqueira, dr. Vaz de Lima, Salvador Pinto Junior T. de Abreu e Affonso Penna Junior. (VELO-CLUB, 1900, p. 2.)

³²⁶ JORNAL DO POVO, 26 maio 1900, p. 2.

³²⁷ Corrida realizada em 5 de agosto de 1900. (JORNAL DO POVO, 7 ago.1900, p. 2.)

Durante 1901, o nome *Velo Club* não aparece mais aliado às corridas de bicicletas que por várias ocasiões foram realizadas em benefício das obras da Santa Casa.³²⁸ O *Diario de Minas* destacava:

Corridas. É provável que no domingo próximo se realize no Parque, ora tão faltoso de divertimentos, uma corrida de byciclettes, organizada por alguns rapazes amantes desse gênero de sport. O Programma será organizado amanhã, á tarde, no Parque. O produto da venda de poules será applicado ás obras da Santa Casa desta cidade.³²⁹

O convite para essas corridas beneficentes podia aparecer até em forma de versos:

A rir
Ao Parque, o dia convida;
E tolo é quem fica em casa;
Não deixem de ir a corrida
P'r'as obras da Santa Casa!³³⁰

A cidade passou, a partir daí, por mais um período sem corridas organizadas no Parque. E anúncios de venda de bicicletas aparecem nos jornais:

BICYCLETTA
Vende-se uma em perfeito estado.
Informações nesta redação das 10 ás 4 horas da tarde.³³¹

Somente em março de 1902, o *Diario de Minas* noticiava que alguns rapazes amadores do esporte convidavam seus companheiros para uma reunião que se realizaria no hotel Tibúrcio, “afim de tratarem do início de uma nova série das antigas e saudosas corridas no Parque. É uma tentativa digna de applausos.”³³²

E a imprensa lembrou o que representavam as corridas do Velo para a cidade, além de ser sua grande incentivadora:

³²⁸ É interessante destacar que estas corridas foram organizadas de forma autônoma, por um grupo de rapazes, que durante o período de junho de 1901 a agosto de 1901 eram noticiadas no *Diario de Minas* somente como *Corridas de Bicycles*. Nos meses de agosto e setembro, aparece como título das chamadas para os eventos, todos em benefício da Santa Casa, o nome *Velo Brasil*, cuja última corrida foi programada para 22 setembro de 1901 (VELO Brasil, 1901, p. 1).

³²⁹ CORRIDAS, 1901, p. 1.

³³⁰ PUNCH, 1901, p. 1.

³³¹ BICYCLETTA, 1902, p. 1.

³³² SPORT. *Diario de Minas*, 30 maio 1902, p. 1.

Ao que dizem vão resurgir as bellas tardes de outr'ora no Parque... As ruas flexuosas do Parque, onde a relva nova dava uma cariciosa impressão de frescura, enchiam-se de gente, de uma cidade alegre, de senhoritas graciosas, orgulhosamente sedutoras nos vestidos leves e claros de passeio, enquanto junto ao pavilhão do Velo-Club os apostadores e os 'sportmen' discutiam a corrida que findava e as probabilidades da que viria dahi a pouco, disputando sobre a agilidade e a resistência dos cyclists – a primavera da cidade florescendo em força e graça – que passavam por entre a multidão, petulantes nas suas camisetas de cores e nos seus triumphos... Era ali a reunião da sociedade horizontal, feliz de poder desalterar-se em uma tarde fresca e movimentada, cheia de claridade e de música, da semana monotona que a cidade arrastava somnolentemente... A fanfarra da Brigada enchia o ar de harmonias excitantes [...] E as corridas do Velo [...] eram a 'great attraction' das formosíssimas tardes da capital mineira. Isso passou como tantas outras cousas... [...] Anunciam-se de novo corridas no Parque, um novo Velo toma o lugar e as tradições do outro... bom tempo vai ser lembrado. Cyclistas, a postos!³³³

A nova fase do *Velo Club* também teve uma vida efêmera. Realizou somente cinco corridas. A primeira foi realizada em 15 de junho, em homenagem ao prefeito Bernardo Monteiro, ao Coronel Alfredo Vicente Martins e ao dr. Pedro Sigaud. Para o evento o pavilhão passou por uma reforma. A segunda, em 23 de junho, homenageou a imprensa. A terceira foi realizada em 6 de julho e a quarta, em 20 de julho, evento em benefício das obras da Capela do Sagrado Coração de Jesus. A última corrida foi em 10 de agosto de 1902.³³⁴ Depois disso, entrou novamente na inatividade. Com a extinção do *Velo Club*, as referências às corridas na cidade, naquele início de século, passam a ocorrer somente em alguns eventos beneficentes e comemorativos.³³⁵

E o *Velo Club*, por um bom tempo, foi lembrado nos jornais da época. A cobrança por incentivos aos divertimentos e à prática esportiva na cidade eram uma constante na primeira década do século XX. Transcrevo parte da crônica de Abílio Barreto, publicada no jornal *Diario de Noticias* em 1907, que descreve, com riqueza de detalhes, as diversões da cidade, cobrando políticas para o melhor desenvolvimento de suas práticas esportivas e de lazer:

Temos jardins, prados, bondes, luz e algum conforto, mas nos faltam diversões. Temos meio de vida para o corpo, mas não temos para a alma; portanto o que necessita o povo, agora, é de diversões. Os domingos, aqui, são piores [...], as suas tardes são mais tristes[...] e as suas noites[...].O Theatro municipal, em construção, apesar de parecer a obra de Santa Engracia, sempre trouxe alguma esperança `a alma do povo, mas quando

³³³ ECHOS. *Diario de Minas*, 9 jun. 1902, p. 1.

³³⁴ BARRETO. *Os deportes antigos na capital II*:... [s.d.], p.13-14.

³³⁵ Recebeu um grande apoio da imprensa uma corrida realizada em 6 de novembro de 1904, em benefício do clube carnavalesco Progressista. (A EPOCHÁ, 6 nov. 1904, p.1.)

ficará pronto, eis o que é ainda um mistério. Possuímos um parque vasto e admirável, esquecido agora, onde já fizera época o saudoso Velo-club, com suas corridas de bicicletas, animadamente encantadoras. Bom tempo! Saudoso tempo! Por que não nos dá a Prefeitura outra fase como aquela? Que lhe falta? O Parque d'agora não é o mesmo daqueles áureos tempos, com suas árvores, flores, pássaros, lagos, cascatas e bosques? E então!... Carece de ser banido dali aquele ar de solidão ignota, e para isto não é bastante a retreta de duas horas impróprias aliás, que ali faz a Lyra Carlos Gomes aos domingos; mas também a reanimação do parque não depende senão de boa vontade da Prefeitura e das classes poderosas da capital. Voltasse para ali o excelente Velo-club, com as suas elegantes corridas; criassem-se ali jogos esportivos e outros exercícios; fizessem-se concessões vantajosas a quem se estabelecesse ali com um bom café-restaurant; e tocasse ali, às terças, quintas feiras e domingo uma das bandas musicais da capital e veríamos sanadas as lamentações do povo contra a falta de diversões, contra o tédio e contra a Prefeitura.[...] Aqui fica pois, a idéia, e que ela se transforme em verdade é um desejo meu e de toda gente da capital.³³⁶

As notícias sobre o Parque, em 1907, revelam um novo uso para o pavilhão do *Velo Club*. A *Lira Carlos Gomes* passou a utilizá-lo para retretas nos domingos. O interessante é que, numa notícia do *Diario de Noticias*, foi encontrada a seguinte solicitação: “[...] destaque a Prefeitura alguns guardas municipais, com fardamento e distintivo que faça conhecida essa qualidade. Nas entradas da Avenida Affonso Penna e rua dos Tamoyos, fiquem dous guardas para impedir a entrada cyclistas”.³³⁷

Até a década de 1920, foram encontradas somente mais três referências a corridas de bicicleta. A primeira, em 1908, realizada em quatro páreos, no Parque Municipal, sem maiores referências, esclarecia somente os prêmios por cada páreo, que seriam: “um par de abotoaduras”; “uma rica chantellaine”; “um belo alfinete” e “um rico relógio”.³³⁸ A segunda, em 1915, em um grande festejo popular em benefício do *Club dos Progressistas*, e a terceira, em uma quermesse realizada no Parque Municipal, em 1917, que constava do programa corridas a pé e de bicicletas. Essa última era em benefício das famílias dos reservistas italianos que haviam ido para a guerra.

É preciso destacar que, nas corridas de bicicletas, a comissão organizadora dos festejos, havia avisado que “não seriam admittidas bicycletas de fabricação allemã”, por rixas da guerra. As medalhas para premiação também foram divulgadas. Nas corridas a pé, medalha de ouro para o 1º lugar e de prata para o 2º. Nas corridas de bicicletas, para o 1º lugar, uma “grande e artística medalha de ouro”; para o 2º, “uma pequena e artística medalha de ouro; e

³³⁶ CHRONICA. *Diario de Noticias*, 22 fev. 1907, p. 3.

³³⁷ DIARIO DE NOTICIAS, 6 mar.1907, p. 2.

³³⁸ CORRIDAS no parque, 1908, p. 1.

para o 3º, uma medalha de prata. O interessante é que, nas provas esportivas, a premiação já procurava características dessas práticas diferentes das provas como corridas “de saco” e de “burros”, nas quais os prêmios eram em dinheiro.³³⁹ Ressalta-se que, premiação com medalhas de ouro, prata e bronze foi instituída nos Jogos Olímpicos de Atenas de 1906.³⁴⁰

Assim, ao recuperar os caminhos iniciais percorridos pela primeira manifestação esportiva na cidade, são necessárias algumas considerações.

Fruto dos interesses da CCNC em criar na cidade uma prática social moderna, de grande repercussão na Europa, o ciclismo em Belo Horizonte não teve o desenvolvimento que se esperava. Usado inicialmente como forma de sofisticação da vida social da cidade, teve boa acolhida por parte das elites que, por suas representações, aliadas à distinção social e principalmente aos valores higiênicos do exercício físico, passaram a valorizá-lo. Mas o que se percebe é que não houve participação popular. A bicicleta ainda era um artigo inacessível aos “bolsos” populares.

Como as corridas no Parque consistiam na primeira manifestação esportiva da cidade que se constituía, elas foram significativas como uma das poucas possibilidades de divertimento que se poderiam oferecer. Como novidade, despertava o interesse de toda a população que, ávida por divertimentos para fugir da monotonia reinante, se dirigia ao Parque nos fins de semana.

No entanto, como organização esportiva moderna, o ciclismo em Belo Horizonte apresentou somente uma fase embrionária. Apesar de possuir um espaço próprio – o velódromo – e buscar se institucionalizar com a criação do *Velo Club*, naquele momento ainda não possuía regras específicas, uma vez que usava como referencial os modelos do turfe. Seu calendário de competições não apresentava uma organização esperada, e a inconstância do próprio Club fez com que o esporte fosse somente um divertimento esporádico, funcionando de acordo com interesses a ele relacionados.

E esses interesses podem ser destacados, inicialmente, como os sonhos da CCNC, que era representada pela figura de Fernando Esquerdo, que procurou criar as bases para o funcionamento de uma prática esportiva nos moldes modernos, condizente com a cidade idealizada por ela. Com o afastamento de seu idealizador, o esporte deixa de existir na sua

³³⁹ CORREIO DA TARDE, 27 dez. 1917, p. 2.

³⁴⁰ Os Jogos Olímpicos de 1906, realizados em Atenas por interesse dos gregos, mesmo com o apoio do COI, foi considerado posteriormente como torneio extra-oficial. Em 1906 foi construída a primeira vila olímpica, criada a cerimônia de abertura e a premiação com medalhas de ouro, prata e bronze. “Até então, o vencedor ficava com a prata e o segundo com o bronze”. Disponível em <http://br.yahoo.com/olimpiadas2004/especiais/1908.php>.

concepção inicial, passando a funcionar como espetáculos esporádicos organizados pela elite da cidade e, principalmente, em campanhas beneficentes.

Como um jogo de apostas realizado nos moldes do turfe, as corridas de bicicletas se prestaram a essas campanhas, pois despertavam, inicialmente, no público belo-horizontino um grande interesse, além de ser uma das formas mais eficientes de angariar fundos com fins humanitários. É preciso ressaltar que o período em que esse esporte existiu na cidade foi marcado por crises financeiras no governo. O Estado estava sem recursos, pois havia investido muito na construção da cidade, o que gerou um êxodo de trabalhadores pela falta de emprego, uma vez que até as construções particulares se tornaram raras.³⁴¹

Como, no período, o jornal era um meio de comunicação que mais se aproximava da população urbana, a imprensa belo-horizontina teve papel importante desde a criação do *Velo Club*, divulgando seus eventos, mostrando a eleição de suas diretorias e, principalmente, incentivando e convocando a população para prestigiar as suas corridas. Esse incentivo foi vantajoso para o clube e para a própria imprensa, pois, ao divulgar os resultados das corridas e difundir suas atividades, ela podia colher lucros com anúncios, bem como com o aumento das vendas dos jornais. Essa relação foi sempre bem explorada por ambas as partes, tendo o clube, inclusive, homenageado a imprensa em uma das suas últimas realizações.

Assim, como sonho dos “produtores do espaço”, o ciclismo em Belo Horizonte não chegou a ser efetivamente apropriado pelos habitantes da cidade, tendo, com isso, contribuído somente para propiciar uma prática de divertimento e imprimir na cidade a imagem do espetáculo.

3.5 O TURFE NA CIDADE

A primeira tentativa de praticar o turfe em Belo Horizonte foi realizada com os membros da CCNC, no *Club 17 de Dezembro*, que realizava corridas de cavalo em uma pista improvisada. Por esse clube ter tido duração efêmera, o esporte não chegou a ser implantado efetivamente, mas a idéia havia sido semeada.

Com um local específico reservado pela CCNC na planta da cidade para a construção de um hipódromo na esplanada, que ficava entre o bairro do Barro Preto e o subúrbio do

³⁴¹ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório 1899/1902*, 1902.

Calafate, logo após a inauguração da capital, algumas pessoas que buscavam promover negócios e divertimentos cogitaram de fundar na cidade um clube de corridas. Segundo Abílio Barreto, em 2 de janeiro de 1898, em reunião realizada na redação de *A Capital*, houve a tentativa de se criar um clube de corridas. Na ocasião, além de elegerem a diretoria, foram nomeadas duas comissões: uma para conseguir auxílio com o governo e outra para organizar a sociedade.³⁴²

Embora fosse uma iniciativa aplaudida pela sociedade belo-horizontina e apesar da boa vontade de seus membros, pessoas de grande influência na cidade, e do interesse da imprensa, a idéia não foi adiante, sobretudo, pela crise financeira por que passava a Prefeitura e o Estado, em virtude dos gastos com a construção da capital. Segundo ata lavrada pelo Sr. Luis Gomes Ribeiro Júnior, foi eleito presidente o capitão Mariano de Abreu. Compareceram a essa reunião os senhores Eugenio Thibau, Arthur Haas, José Pinto Valente, Alberto Bressane Lopes, Leopoldo Cesar Gomes Teixeira, dr. Oscar Trompowisky, Miguel Francisco de Matos, capitão Marianno Ribeiro de Abreu, José Tricoli, Leonardo Gutierrez, Antônio Alves, Pedro Joaquim de Almeida, José d'Avila Goulart, dr. Olynto Meirelles e dr. João Proença.³⁴³

Mas a idéia se manteve e outras iniciativas foram se constituindo.

A primeira, destacada por Barreto, refere-se à permissão obtida pelo coronel Júlio César Pinto Coelho para mandar preparar o terreno destinado ao Prado de Corridas nas proximidades do quartel do 1º Batalhão da Brigada Policial, ação que não foi a termo.³⁴⁴ No entanto, existem evidências de que seu projeto havia sido preparado. Segundo o *Jornal do Povo*, de agosto de 1900, sua planta já havia sido preparada para a construção do hipódromo, aguardando modificações pelo então prefeito.³⁴⁵

Outra iniciativa foi encabeçada pelo coronel João Alfredo de Athayde, que propôs ao então prefeito Bernardo Monteiro organizar uma sociedade e construir, no lugar designado na Planta Geral da capital, um Prado de Corridas com a capacidade para 4 mil pessoas, tomando como referência para modelo qualquer um dos existentes na Capital Federal.³⁴⁶

³⁴² Essa reunião foi notícia no *Minas Gerais*, em NOTÍCIAS Diversas, 12 jan. 1898, p. 6.

³⁴³ BARRETO. *Os desportos antigos na capital II...*, [s.d.], p. 1. É interessante destacar que Abílio Barreto, em seu manuscrito *Desportos*, cita esses mesmos fatos na história do ciclismo, mas o clube de corridas que iria ser criado, tudo leva a crer, era de cavalos, semelhante ao primeiro clube do turfe do Rio de Janeiro – o Club de Corridas.

³⁴⁴ BARRETO. *Os desportos antigos na capital I...*, [s.d.], p. 2.

³⁴⁵ JORNAL DO POVO, 17 ago. 1900, p. 3.

³⁴⁶ ATHAYDE, 1902.

Em carta endereçada ao prefeito da capital, o coronel João Alfredo expôs as condições a que estariam sujeitas ao critério da Prefeitura. Dentre elas, comprometia-se a iniciar as obras de construção do Prado de corridas e seus acessórios no prazo de oito meses e concluí-las em um ano, a partir da assinatura do contrato, sujeitando-se à fiscalização de engenheiro nomeado pela Prefeitura, o qual daria parecer sobre sua segurança e embelezamento antes de sua inauguração. A Prefeitura deveria conceder gratuitamente, sem ônus algum, por vinte anos, a área do terreno para sua construção, além da isenção absoluta de todos os direitos e impostos, quer fossem relativos às corridas ou a outros festejos que ali se realizassem, quer para o funcionamento de botequins, restaurantes, etc. Caberia à Prefeitura, também, fornecer, livre de impostos, a água potável necessária e estender até o Prado a linha de bondes, com a ressalva de que não poderia conceder favores para fins idênticos no mesmo período. O coronel João Alfredo encerrou dizendo que esperava que o prefeito pudesse ligar “o seu nome a mais este importante melhoramento, que virá contribuir mais ainda para a prosperidade desta florescente Capital, que tudo deve a [sua] sabia administração e incansável patriotismo”.³⁴⁷

Aceitando a proposta, o prefeito Bernardo Monteiro firmou contrato com o coronel Athayde, conforme apresenta no seu Relatório anual:

A 7 de maio do corrente anno, firmei com o sr. coronel João Alfredo de Athayde ou companhia que organizar, contracto para construcção, uso e gozo de um prado de corridas no logar designado na planta geral da cidade, approvada pelo decreto n.817 de 15 de abril de 1895. O prado terá capacidade para mais de 5000 pessoas, modelado pelo que houver de melhor. O contractante obrigou-se a iniciar as obras dentro de 8 meses e a concluil-as definitivamente dentro de um anno. A planta, guardando todas as condições technicas, já foi approvada. A Prefeitura consedeu-lhe isenção de impostos pelo prazo de 5 annos, obrigou-se ainda a fornecer-lhe água potável necessária e a extender até o local do prado a linha de bonds actualmente em construcção, de modo a funcionar tudo por ocasião da inauguração do hippodromo. No caso de não lhe ser possível a construcção deste trecho de bonds, dar-lhe-á a Prefeitura o privilégio por 15 annos, para uso e gozo de uma linha de bonds por tracção animal, partindo do ponto mais conveniente da viação urbana até o referido local, sendo distribuída neste caso á Prefeitura 3% da renda líquida do tráfego, verificada semestralmente, podendo ser encampada a dita linha a todo o tempo, pelo preço do orçamento, que será feito e approvedo pela Prefeitura. O terreno tem 19 hectares. Com verdadeiro contentamento, vi organizar-se promptamente nesta cidade uma sociedade anonyma para execução d'este utilissimo

³⁴⁷ ATHAYDE, 1902.

empreendimento, tendo sido subscripto todo capital e recolhida uma parte das chamadas.³⁴⁸

No ato de assinatura do contrato, estavam presentes: Bernardo Monteiro, prefeito da capital; Ludgero Dollabela e Pedro Sigaud, diretores de obras da Prefeitura; Henrique Salles; José Benjamin e Cel. João Athayde.³⁴⁹ No dia seguinte, o *Turf Horizontino* foi manchete no *Diario de Minas*, que detalhou todos os aspectos do contrato, acrescentando que o projeto, incluindo o perfil da raia e o desenho das arquibancadas, fora confiado a um competente engenheiro da capital federal cuja “technica de profissional” reunia “habilidade delicada de fino e entendido *sportman*”. Segundo a nota, o desenvolvimento da pista seria idêntico ao do Derby Club do Rio,³⁵⁰ com 1.870 metros de extensão e arquibancadas construídas para 4 mil pessoas, além dos pavilhões para sócios e para o público, um pavilhão central para a diretoria e autoridades do Estado convidadas.³⁵¹ Com essas referências, o clube mineiro seria construído no padrão do que existia de mais moderno no País.

Abílio Barreto esclarece que em 17 de maio o coronel Athayde já tinha subscrita quantia superior a 50 contos para o estabelecimento do Prado e que a planta do novo estabelecimento, trabalho do arquiteto Edgard Nascente Coelho, ficaria exposta na casa comercial do senhor Narciso Coelho, a partir de 10 de junho de 1902. A partir daí, constituiu-se a *Companhia Anonyma Derby Mineiro*. A primeira diretoria tinha como presidente, dr. Henrique Salles; vice-presidente, dr. José Pedro Drummond; diretor-secretário-gerente, coronel João Athayde; diretor-tesoureiro, José Benjamin.³⁵² E sua criação passou a fazer parte dos sonhos tecidos para a cidade:

Daqui a alguns meses (como é bom sonhar cousas belas!) a cidade, vigorosamente modificada pelo bond, pela gente nova que virá de toda a parte com as repartições, com as fábricas, com as fardas do 28º, pelos novos edifícios construídos nas ruas onde o carril electrico levará alma e seiva – terá nos dias festivos, a feição distincta que o sport imprime aos bairros, aos dias e as cidades em que impera; a avenida Paraopeba, rasgada largamente até o Prado de corridas, dará passagem aos carros descobertos e aos

³⁴⁸ BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório de 1899/1902*, 1902, p.55-56.

³⁴⁹ DERBY Horizontino, 1902, p. 1.

³⁵⁰ No Rio de Janeiro, o *Derby Club* surge no quartel final do século XIX, destacando-se pela organização, sucesso de público e modernidade implementada. Diferente do *Jockey Club*, que era o favorito do setor mais antigo das elites ligado à economia agrícola, o *Derby Club* estava mais ligado aos novos setores da elite, como os novos ricos, os emergentes, os intelectuais, os profissionais liberais, os engenheiros, os médicos, os industriais e os setores urbanos que ganhavam espaço no cenário político nacional. Foi o clube de maior sucesso naquele período. (MELO, 2001.)

³⁵¹ TURF Horizontino, 1902, p. 1.

³⁵² BARRETO. *Os desportos antigos na capital I...*, [s.d.], p. 3.

cavalheiros galhardos, á representação elegante da urbs a caminho do Derby; rutilarão ao sol as garridas toilettes das damas, os para-soes de seda multicores, de tintas álcres, as jóias finas e polidas; e os bonds circularão cheios de rapazio bohemio e do povo domingueiro, corações flammando em uns ao influxo de uma manhã clara e bela, palpitando em outros á visão de uma chegada vencedora, em cuja probabilidade fizeram a fé que a polícia não permite mais que se faça no bicho [...] Belo Horizonte carece de emoção e é isso o que trará o Derby... Vibrar, viver!³⁵³

As representações do esporte destacadas nesses sonhos estavam associadas à distinção que ele poderia trazer não somente para aqueles que dele participassem, com suas belas e elegantes vestimentas, a exemplo dos eventos ingleses e franceses, mas também para a cidade que o promoveria. O movimento destacado de bonds circulando cheios era um “poderoso índice de urbanização, transformação tecnológica e ampliação do espaço público”.³⁵⁴ Destaca-se também a emoção do jogo de apostas, que teve uma valorização crescente no período, mas aponta para as apostas no turfe consideradas distintas em detrimento das do jogo do bicho, que era perseguido pela polícia .

Com o início das obras de nivelamento do terreno agendado para o final do mês de maio, previam o início das obras de construção em 1º de julho e a sua conclusão em fins de setembro,³⁵⁵ mas, mesmo diante de todas essas ações e projeções, a iniciativa não foi concretizada, pois em 9 de dezembro de 1904 foi decretada a caducidade do contrato por falta de cumprimento de cláusula nele prevista.³⁵⁶

Nesse mesmo ano, antes mesmo de ser decretada a referida caducidade do contrato, outro grupo foi organizado com o mesmo objetivo em uma reunião realizada em 27 de agosto de 1904.³⁵⁷ O jornal *A Epocha* informava:

Um grupo de cavalheiros da nossa melhor sociedade pretende fundar nesta capital uma sociedade sportiva para corridas de cavallos, a qual já conta com os melhores elementos. **Não terá ella ligação alguma com as associações recreativas aqui existentes. Será organizada em bases completamente novas,** de maneira a offerecer inteira garantia aos associados. A julgar pelo

³⁵³ ECHOS, *Diario de Minas*, 8 maio 1902, p. 1.

³⁵⁴ SEVCENKO, 1998, p. 527.

³⁵⁵ DERBY Horizontino, 1902, p. 1.

³⁵⁶ Segundo documento assinado pelo secretário da Prefeitura [] Ramos de Lima, por ordem do prefeito interino, de acordo com a cláusula 13ª do contrato (“a falta de cumprimento, por parte da sociedade, de qualquer das demais clausulas do presente contrato importará a sua caducidade, que será declarada por simples edital da Prefeitura”) foi decretada a caducidade do contrato em 9 de dezembro 1904. Doc. 2 Pasta 31 do Patrimônio. (BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal, 1904.)

³⁵⁷ Fazia parte desse grupo os senhores Raul Mendes, Francisco de Castro Ribeiro, Antônio de Castro, Cláudio Andrade, Arthur Machado e Antônio Garcia de Paiva. (BARRETO. *Os desportos antigos na capital I...*, [s.d.], p. 4.)

entusiasmo que tem despertado a idéia, dentro em breve se converterá em realidade, dotando-se a nossa capital com mais esse gênero de diversão interessante e proveitoso.³⁵⁸

Os insucessos anteriores fizeram com que notícias como essa reforçassem a criação de um grupo em bases novas, sem associação com as anteriores, cujos nomes a ela aliados eram “uma garantia para o êxito da mesma”.³⁵⁹

Segundo Abílio Barreto, em 17 de setembro já estava subscrito todo o capital para a constituição de uma sociedade que seria denominada Prado Mineiro. Esse capital era de 20:000\$000 e já se achava recolhido na Delegacia Fiscal. Com uma comissão de acionistas criada para organizar seus estatutos,³⁶⁰ realizou-se uma reunião em 16 de outubro, na Junta Comercial, na qual compareceram 59 acionistas, representando 71 ações, com o objetivo de aprovar os estatutos e eleger a primeira diretoria.³⁶¹

Uma instituição criada nos moldes de uma sociedade anônima deixava nítido o interesse em fundar um grande empreendimento esportivo, como vinha sendo organizado o turfe na capital do País e na Europa. Para além do interesse em promover uma diversão na cidade, que era carente nesses aspectos, havia o interesse nos negócios que poderiam ser proporcionados a partir dessas corridas. É interessante observar que, como no Rio de Janeiro, todas as pessoas que encabeçaram os grupos interessados em criar um clube de corridas em Belo Horizonte ostentavam a patente de “coronel”.

Os Estatutos da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro*, publicados no *Minas Gerais* de 24/25 de outubro de 1904, expunham que a sociedade tinha por fim, “por meio de corridas, exposições de outros divertimentos e meios de seu alcance, promover o desenvolvimento da raça cavallar neste estado”.³⁶²

Esse grupo solicitou à Prefeitura, em 19 de setembro de 1904, a construção do prado de corridas no local designado na Planta Geral da Cidade. Antes mesmo da resposta da Prefeitura, o jornal *Folha Pequena* já comentava sobre o projeto que seria executado:

³⁵⁸ A EPOCHA, 28 ago. 1904, p. 3, grifos nossos.

³⁵⁹ A EPOCHA, 4 set. 1904, p. 2.

³⁶⁰ A comissão era composta pelo coronel Manoel Lopes de Figueiredo, Manoel Affonso Alves e pelo doutor Álvaro da Silveira.

³⁶¹ A sessão foi aberta pelo presidente interino do grupo, Francisco de Castro Ribeiro, que, expondo os fins da reunião, pediu à assembléia que indicasse alguém para presidir os trabalhos, que ficou a cargo de Álvaro da Silveira. Foi eleita a seguinte diretoria: presidente, Coronel Manoel Lopes de Figueiredo; vice-presidente, Manoel Affonso Alves; 1º-secretário, Cláudio Andrade; 2º-secretário, Arthur de Oliveira Machado; tesoureiro, Antônio de Castro Ribeiro; comissão fiscal, Antônio Pereira Soares, Antônio Garcia de Paiva e Álvaro da Silveira. (ACTA da Assembleia... 1904, p. 6.)

³⁶² ESTATUTOS da Sociedade... 1904, p. 6.

Vimos hoje a planta do pavilhão e archibancadas que a directoria do Prado Mineiro, desta capital, adoptou e vae mandar construir brevemente. O pavilhão central, destinado aos sócios, é de forma elegante com altura sufficiente a dominar toda a área do prado, e as archibancadas para os espectadores, extensas e confortáveis, estão dispostas aos lados no mesmo nível, tendo o pavimento térreo, á direita os compartimentos da pezagem e venda de poules e á esquerda accomodações especiais para botequins etc. O pavilhão tem uma vistosa cúpula, onde tremula e estandarte^(sic) da associação, e toda a cobertura das archibancadas é ornada de lambrequins e arabescos de muito gosto, dando a todo o edificio o aspecto sportivo dos grandes prados europeus. O trabalho é feito pelo hábil artista Luiz Olivieri, o que basta para garantir a sua perfeição.³⁶³

A devoção por modelos europeus se fazia presente também nas imitações na arquitetura e decoração. E os lugares que acomodariam as pessoas – as arquibancadas – deveriam ser espaços confortáveis e que dariam oportunidades para que elas vissem e fossem vistas.

3.6 O QUE REPRESENTAVA O TURFE NA ÉPOCA

O turfe é outra modalidade esportiva que se desenvolveu no cotidiano das cidades modernas. Pode ser considerado não somente um dos primeiros esportes no sentido moderno a ser realmente organizado no Brasil, mas também como aquele que por um bom tempo gozou de grande prestígio, como indica Victor Melo. Segundo ele, o primeiro clube de turfe brasileiro, criado no Rio de Janeiro em 1849 – o *Club de Corridas* –, foi organizado de acordo com as normas e regulamentos da escola inglesa.³⁶⁴ Esse clube teve como inspiração o “Jockey Club inglês, ou francês, pois ambos simbolizavam a importância atribuída ao turfe pela sociedade e dos dois lados do canal da mancha”.³⁶⁵

Desde o século XVIII, para os aristocratas ingleses, os clubes destinados às corridas de cavalos serviam de local privilegiado para a diversão e o encontro. Para os franceses, o *Jockey Club*, fundado em 1838 pela “elegante aristocracia anglomaníaca da Restauração francesa”,

³⁶³ FOLHA PEQUENA, 25 nov. 1904, p. 1.

³⁶⁴ MELO, 2001.

³⁶⁵ NEEDELL, 1993, p. 98.

foi referência, desde então, como um dos clubes mais exclusivos de Paris.³⁶⁶ Organizador de corridas e de atividades hípcas, esse clube, segundo Vigarello, é um exemplo canônico de uma mutação de sociabilidade, dominado pela aristocracia, no qual 12 dos seus 16 sócios fundadores pertenciam às maiores famílias da nobreza francesa. No entanto, seu funcionamento era mais igualitário, uma vez que cada membro tinha o mesmo status que os outros. Foi o embrião de uma sociedade mais democrática que foi se instalando lentamente no século XIX, na qual, pela primeira vez, jogadores livremente eleitos garantiam coletivamente o desenrolar do jogo.³⁶⁷

Analisando o turfe no Rio de Janeiro, Victor Melo comenta que da Inglaterra (e indiretamente da França) é que foram copiados não somente o modelo de realização de competições, os regulamentos, como também a tentativa de estabelecer um *glamour* ao redor da atividade. Esta era uma forma de demonstrar proximidade e identificação com o mundo europeu.³⁶⁸

Vigarello esclarece que a palavra *sportman*, descrita pela primeira vez na França por Rodolphe d'Ornano no *Les Français peints par eux-mêmes*, em 1841, estava relacionada quase exclusivamente ao amador de cavalos. O aparecimento da palavra não corresponde à das corridas, pois os jóqueis já se enfrentavam no final do século XVIII. A novidade estava no número das provas que foram cada vez mais crescentes e também na organização e nos comentários dos quais as corridas foi objeto. O hipódromo mudou por volta de 1840 e era mais ainda concebido para o espetáculo e para a aposta. Dentre as mudanças podemos encontrar percursos mais balizados, tribunas mais espaçosas e protegidas, espectadores mais “bem-vestidos”. Um comissário para as corridas nomeado para cada departamento tinha a missão de fazer respeitar as regras, em via de unificação, como o peso dos jóqueis, o controle do tempo e o julgamento da chegada.³⁶⁹

No século XIX, como esporte por excelência do patriarcalismo brasileiro, o turfe, segundo Ricardo Lucena, “casa com a figura do chefe de família, o Sr. Barão, o *sportman* capaz de se distinguir de tudo e de todos”. O *sportman* se destacava pelo seu estilo de vida, com hábitos poucos usuais, adotando estilos europeizados e buscando a distinção. Esse

³⁶⁶ NEEDELL, 1993, p. 98.

³⁶⁷ VIGARELLO, 2000, p. 94-95.

³⁶⁸ MELO, 2001.

³⁶⁹ VIGARELLO, 2000, p. 94.

destaque também estava aliado ao poder familiar quase imperial, político e econômico. Geralmente, quase todos eram coronéis, proprietários de fazendas e de sobrados urbanos.³⁷⁰

Assim, no turfe, o *sportman* não era aquele que se envolvia diretamente nas provas, montando os cavalos, levando tombos e tomando banhos de sol, e, sim, o criador de cavalos, financiador e organizador de páreos, que da tribuna, elegantemente vestido, “comandava” o espetáculo.

Ao redor desse esporte, no Brasil da segunda metade do século XIX, foi se constituindo uma representação de um meio de distinção, *status* e possibilidade de realização de negócios para as elites.

3.7 A CONSTRUÇÃO DO PRADO MINEIRO

Em 1904, a imprensa já anunciava que a construção do Prado Mineiro seria iniciada brevemente e que sua planta já havia sido aprovada,³⁷¹ mas a liberação pela Prefeitura foi dada somente em 5 de janeiro do ano seguinte, com a assinatura de um contrato, nos mesmos termos do realizado com o grupo do coronel Athayde, em 10 de janeiro de 1905.³⁷²

A construção do Prado foi iniciada em 1906 e o levantamento da cumeeira das arquibancadas foi marcado por uma festa que mereceu destaque em alguns jornais da capital³⁷³:

No dia 6 foi levantada a cumieira do pavilhão que se acha quase concluído faltanto as archibancadas. Hasteado o pavilhão nacional foi levantada ao estourar de foguetes, servido um copo de cerveja e doces. Orou o dr. Agostinho Penido, respondendo o coronel Lopes de Figueiredo que falou das dificuldades com que a sociedade tem luctado para levar avante a grandiosa idéia. Ainda foi brindada a imprensa pelo Coronel Garcia de Paiva, empreiteiro do Prado. Apesar das grandes chuvas que têm havido a área se acha bastante conservada . O local é agradabilissimo e de lá descortina-se

³⁷⁰ LUCENA, 2001.

³⁷¹ A EPOCH, 20 nov. 1904, p. 3.

³⁷² Termos de contrato feito entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a Sociedade Anonyma “Prado Mineiro”, para construção, uso e gozo de um prado de corridas nesta capital. 10 jan.1905. Assinaram o contrato o coronel Francisco Bressane de Azevedo, prefeito; coronel Manoel Lopes de Figueiredo, presidente da Sociedade Anonyma Prado Mineiro; Antônio Prado Lopes Pereira e Olympio Moreira. (BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Termo de contrato...* 1905.)

³⁷³ Para a sua construção foram contratados os serviços de Garcia de Paiva & Comp., pela quantia de 11:000\$. (ESTADO DE MINAS, 7 jan. 1906, p. 2.)

parte da cidade. [...] A directoria espera concluir o Prado até junho próximo.³⁷⁴

Durante o período da construção, as expectativas em relação a esse novo espaço de divertimentos na cidade foram crescendo a ponto de a diretoria chegar a solicitar ajuda à polícia para evitar os abusos por parte de pessoas que, no intuito de ver o Prado, afastavam os arames da cerca e cometiam outras irregularidades.³⁷⁵

As exaltações à construção do Prado Mineiro passaram a ser uma constante. Com ele a capital seria dotada de “um melhoramento excellent e útil, único aqui no gênero de *sport*.”³⁷⁶ Esperava-se que o sucesso de suas corridas fizesse “desaparecer os domingos insípidos e modorrentos da capital,”³⁷⁷ permitindo que Belo Horizonte, em bem pouco tempo, pudesse “rivalizar com o Rio e outros centros civilizados.”³⁷⁸ Mas ao lado dessa exaltação surgiu um problema para a concretização do projeto: a Prefeitura ainda não havia cumprido a cláusula do contrato no que dizia respeito à construção da linha de bondes, que facilitaria o acesso dos espectadores ao hipódromo, uma vez que ele se distanciava 2 quilômetros do centro da cidade. Isso foi motivo para que se desencadeasse uma campanha da imprensa, principalmente a contrária à administração da época cobrando esse feito. Um dos jornais que fizeram críticas mais ferrenhas ao então prefeito Antônio Carlos foi *O Estado de Minas*:

Resta agora que a prefeitura não se esqueça da linha de bondes, que se obrigou a construir, como já temos dito muitas vezes, e que, graças a politiquice, até hoje não começada, apesar de ter havido ordem para se atacar o serviço já contratado.³⁷⁹

Daqui ao prado há, aproximadamente, 2 kilometros de distancia. As primeiras corridas haverá forçosamente curiosos que vencerão essa distancia mesmo a pé; depois alli só irão os srs. drs. Salles, Delfim e Antônio Carlos, o compadre Goulart e mais alguns outros felizardos que possuem carruagens mantidas pelo povo. Tempo ao tempo, e veremos a lucta de mais uma bella e louvável iniciativa contra a indiferença dos nossos homens de governo.³⁸⁰

Em junho fica prompto o Prado Mineiro e corre como certo que o dr. Antônio Carlos consentiu que se iniciasse, afinal, a construcção da linha de bondes que a Prefeitura é obrigada a construir para o Calafate. Damos a

³⁷⁴ PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, 11 mar. 1906, p. 2.

³⁷⁵ VIDA MINEIRA, 1906, p. 1.

³⁷⁶ PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, 19 abr. 1906, p. 1.

³⁷⁷ PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, 15 jul. 1906, p. 1.

³⁷⁸ PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, 30 ago. 1906, p. 3.

³⁷⁹ PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, 11 mar. 1906, p. 2.

³⁸⁰ PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, 19 abr. 1906, p. 1.

notícia com a devida reserva porque é sabido que o dr. Antônio Carlos é o maior inimigo de Bello Horizonte.³⁸¹

Outros jornais também contribuíram para essa campanha:

O prado já se fez. No entanto queremos ver se o público chuchador de impostos para goso da malandragem governamental, poderá ir, a pé, até [aquelas] paragens sem uma linha de Bonds. O melhoramento é altamente necessário. Que não continue pois, a fazer ouvidos de mercador o dr. Antônio Carlos e atenda o pedido da imprensa que não vive alugada.³⁸²

Concluída a obra, os seus construtores Garcia de Paiva & Comp. fizeram a sua entrega oficial à diretoria do Prado Mineiro no dia 3 de maio de 1906, com uma festa que assim foi descrita pelo *Vida Mineira*:

Quinta-feira passada, foi solennemente entregue á Directoria do Prado Mineiro o bello pavilhão construído, a três Kilometros da cidade, no aprazível bairro do Calafate. Desde cedo, grande foi o movimento de pessoas que de carro, a cavallo e a pé, demandavam o encantador subúrbio. Á uma e meia da tarde chegaram ao Prado os srs. drs. Francisco Salles, presidente do Estado, João Pinheiro, Antônio Carlos, Delfim Moreira, Olavo de Andrade, Olynto Ribeiro e major Vieira Christo. Áquela hora, as archibancadas estavam já repletas de distintas famílias e cavalheiros.³⁸³

Destacando a presença de autoridades, pessoas influentes na cidade e de representantes da imprensa, a nota relata a gentileza da diretoria em servir um “esplendido *lunch* e copiosa cerveja”, bem como destaca as palavras do coronel Manoel Figueira, com agradecimentos ao governo e à imprensa, seguidos de um passeio pela raia do Prado feito pelas autoridades e presentes:

A pista, de forma elíptica, tem de circuito 1054 e de largura 20 metros, estando já completamente explorada e apta para o funcionamento ao apreciado sport. O bello pavilhão, donde se contempla, á direita, o panorama da cidade e a esquerda e em frente a bellíssima planura em que foi traçado o ‘Prado’ uma obra sólida e bem acabada, com varias ordens de archibancadas, sendo a sua lotação para cerca de 1500 pessoas.³⁸⁴

³⁸¹ BONDES para..., 1906, p. 2.

³⁸² O REBATE, 1906, p. 1.

³⁸³ PRADO Mineiro. *Vida Mineira*, 8 maio 1906, p. 2.

³⁸⁴ PRADO Mineiro. *Vida Mineira*, 8 maio 1906, p. 2.



FIGURA 19 – Foto da raia do Prado Mineiro tendo ao fundo o Pavilhão, em 1911
 Fonte: Álbum de Belo Horizonte, 2003, p. 125.

Assim, com o apoio do governo e da imprensa, que foi uma incentivadora na criação e no desenvolvimento do turfe belo-horizontino, nasceu “a mais bella e útil diversão, digna da civilização da capital mineira”.³⁸⁵

3.8 PRADO MINEIRO: PROMOVEDO O TURFE NA CIDADE

Com sua primeira corrida programada para ser realizada no dia 8 de julho, a imprensa, um mês antes, não deixava de questionar: “Quando teremos bondes para esse local, conforme obrigação contraída pela prefeitura?”³⁸⁶ Em quase todas as notas sobre o Prado Mineiro, a motivação para a participação do público era uma constante: “O programa, que o *Estado* já

³⁸⁵ PRADO Mineiro. *Vida Mineira*, 26 maio 1906, p. 4.

³⁸⁶ PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, 10 jun. 1906, p. 1.

deu a publico, promette uma excelente festa de inauguração deste *sport*, a qual nesse dia não faltará, certamente, a presença do povo de Bello Horizonte”.³⁸⁷

Esse programa nomeou os cinco páreos que deviam ser realizados com palavras significativas que representavam os valores do esporte, naquele momento, para a cidade: “Progresso”, “Bello Horizonte”, “Prado Mineiro”, “Inauguração” e “Animação”.³⁸⁸

E a primeira corrida realizada no dia 8 de julho de 1906 foi um grande acontecimento que, pelo interesse e pela novidade, conseguiu despertar o público belo-horizontino. A *Tribuna do Norte* destacou:

Tiveram um sucesso colossal as corridas inaugurais desta sympathica sociedade sportiva realizadas no domingo passado. Desde cedo era enorme o numero de espectadores nas archibancadas que se achavam vistosamente ornamentadas, e onde se viam bellissimas toilettes de senhoritas, as quaes muitas concorreram para o realce da magnífica festa. Por toda parte circulava gente numa satisfação, salutar e communicativa, enquanto a banda de musica do 2º batalhão e uma outra vibravam os accordes de escolhidos trechos musicaes. O divertimento correu sempre na melhor ordem possível.³⁸⁹

A linha de bondes somente ficou pronta para a realização da segunda corrida, que aconteceu no dia 12 de agosto. Nesse início, ficava evidente a presença elegante da elite da cidade nos eventos, que era digna de ser noticiada pela imprensa, pois havia uma representação do esporte para esse grupo seletivo. Até então, ainda não havia evidências da presença daqueles que não faziam parte desse grupo nesses eventos, o que não significava que essas camadas populares fossem deles excluídas. É precisamente nos bondes que existem referências a atitudes pouco corteses e civilizadas de pessoas que se dirigiam às corridas. O *Diario Mineiro* relatou:

Com extraordinária concurrencia, realizaram-se ante-hontem no Prado Mineiro as festas annunciadas pela imprensa local. Às 11 horas começaram os bondes a trafegar para o Calafate, aprazível arrebalde da capital, e onde fica aquelle apreciado centro de diversões. Não podemos deixar correr sem reparo o procedimento pouco cavalheiresco de certos indivíduos, que, invadindo desenfreadamente os bondes, obrigavam as famílias a abandonarem seus lugares. Muitas senhoras ficaram expostas ao sol, na avenida Paraná, á espera que os marmanjos se transportassem. A não ser

³⁸⁷ A EPOCHÁ, 5 jul. 1906, p. 1.

³⁸⁸ PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, 21 jun. 1906, p. 2.

³⁸⁹ PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, 15 jul. 1906, p. 1.

esse ato de grosseria, os festejos se effectuavam sem o menor incidente e com o maior entusiasmo.³⁹⁰

O bonde representava para a cidade um dos elementos na construção da imagem da modernidade. Para o Prado, que se situava na periferia, ele era uma necessidade e se constituía num espaço relativamente democrático, no qual se misturavam as diferentes classes sociais. Era nesse ambiente que podiam existir igualdades, no qual seus passageiros podiam adquirir o mínimo de dignidade, indispensável à sua participação na vida pública, como observou Letícia Julião. Ao analisar o bonde na cidade, ela afirma:

Era ali que, por momentos fugazes, seus passageiros abandonavam o papel de massa passiva e assumiam os encontros explosivos, os confrontos ou comportamentos ousados, ainda que não passassem de demonstrações individuais.³⁹¹

Mas era um espaço temerário para a elite urbana, de onde se podiam esperar comportamentos não condizentes com os valores por elas abraçados.

Embora a imprensa sempre destacasse notícias tais como “o Prado Mineiro, não há de negar, impoz ao bom gosto da nossa sociedade e, assim alli se vê, todos os domingos o que há de mais fino e selecto no nosso meio”,³⁹² como um único centro esportivo da capital, a sua diretoria, eleita em 1907,³⁹³ tomou várias providências para conseguir o apoio do público para seus eventos, que foram divulgadas no *Diario de Noticias*:

Ficou resolvida a criação de poule dupla e bem assim a redução da comissão cobrada pela sociedade. Ficou igualmente reduzido o preço da entrada no Prado. Outras deliberações foram tomadas no sentido de movimentar-se a concurrencia nas diversões. [...]determinou a abertura do Prado aos domingos e dias santificados ás exmas. famílias e bem assim a abertura provisória de um botequim ate que seja contractado definitivamente esse serviço. [...] ficou determinada a expedição de convites as altas autoridades do Estado e da Imprensa local.³⁹⁴

³⁹⁰ PRADO Mineiro. *Diario Mineiro*, 16 out. 1906, p. 1.

³⁹¹ JULIÃO, 1992, p.108.

³⁹² PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*. 21 jul. 1908, p. 2.

³⁹³ Presidente, major Raymundo de Paula Dias; vice-presidente, capitão Cláudio Andrade; 1º-secretário, capitão Francisco Neves; 2º-secretário, major Alexandre Coutinho; tesoureiro, capitão Eugênio Thibau. (PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*. 21 fev. 1907, p. 2.)

³⁹⁴ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 8 mar. 1907, p. 2.

Além disso, a diretoria conseguiu com o prefeito a redução do valor das passagens de bondes nos dias de corridas no Prado.³⁹⁵ Essa medida foi um grande incentivo para que mais pessoas pudessem participar dos eventos programados.

A presença de autoridades do governo que prestigiavam os eventos era sempre destacada pela imprensa. Esse destaque poderia aparecer tanto em reportagens realizadas após as corridas quanto anteriormente, como forma de dar mais prestígio aos eventos que seriam realizados. Esse destaque era uma forma de dar legitimidade ao esporte, representando-o como prática adequada e respeitada. Mesmo nas ausências, essa representação era evidente: “É lastimável que o mundo oficial não comparece a esse útil passatempo, o que daria mais animação faria maior concorrência”.³⁹⁶

E o entusiasmo foi crescente em relação ao esporte, por meio do qual os *sportmen*³⁹⁷ procuram, de todas as formas, oferecer uma boa diversão ao público. As notícias de novas aquisições de animais de “sangue” no Rio de Janeiro, também montados por jóqueis cariocas – “aqueles que são verdadeiros oficiais do officio”³⁹⁸ –, passaram a ser frequentes. Os jornais chegavam a noticiar que cada dia crescia a concorrência de pessoas ao Prado, as quais não iam ali levadas mais por mera curiosidade, mas por verdadeiro e elogiável interesse.

O cartão-postal a seguir mostra essa frequência. Como veículo publicitário de uma casa comercial da cidade – a Haas & Clemence –, esse cartão, escrito também em francês, mostrava, na imagem impressa, uma representação de Belo Horizonte como uma cidade moderna, que oferecia possibilidades de diversão, à semelhança do que existia na Europa. Essa era uma imagem significativa para a publicidade, pois revelaria ao mundo uma cidade moderna, de hábitos modernos – a imagem do progresso que a casa comercial queria mostrar.

³⁹⁵ A passagem até o Prado tinha o valor de 100 reis. (SPORT. *Diario de Noticias*, 19 maio 1907, p. 1.)

³⁹⁶ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 21 maio 1907, p. 1.

³⁹⁷ O termo *sportman* usado nas corridas de cavalos na França, como já citado inicialmente, referia-se ao amador de cavalos. Na imprensa belo-horizontina o termo era usado para referir-se tanto aos dirigentes do clube e proprietários de cavalos como ao público assíduo ou praticante.

³⁹⁸ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 2 abr. 1907, p. 1.

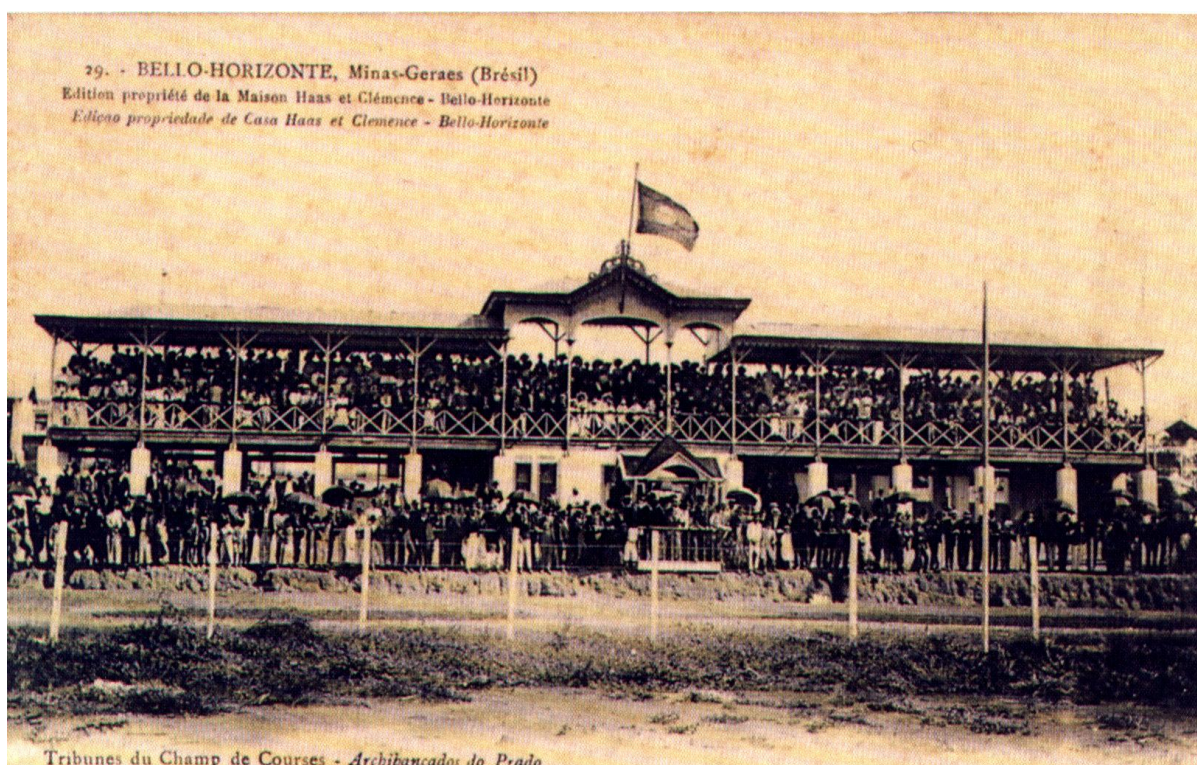


FIGURA 20 – Cartão-postal das arquibancadas do Prado Mineiro
 Fonte: BELLO Horizonte: bilhete postal. Coleção Otávio Dias Filho, 1997, p. 81.

Pela imagem do postal, percebe-se o lugar elegante das arquibancadas, que era ocupado por cavalheiros, senhoras, senhoritas e rapazes da elite da cidade, e o pavilhão inferior que era “apinhado de povo”. Ao público pagante e não associado era destinado o pavilhão inferior. Mas aqueles que não podiam pagar não tinham acesso ao Prado, apesar de diferentes tentativas nesse sentido: “E na cerca que fica por detrás da archibancada apesar do panno que foi posto para tapagem, havia muita gente”.³⁹⁹ Por intermédio do *Diario de Noticias*, pode-se perceber alguns critérios de pagamento:

Uma outra facilidade encontrarão as famílias para esse gênero de diversão, na redução de preços das entradas. As senhoras terão ingresso exclusivamente para as archibancadas mediante a taxa de 1\$000, inclusive as famílias de sócios. Os cavalheiros que quiserem tomar assento nas archibancadas pagarão além da entrada geral, mais 1\$000.⁴⁰⁰

Não há referências claras do grau de participação das camadas populares no turfe. Creio que o interesse era apenas aliado à possibilidade de assistir a um grande espetáculo,

³⁹⁹ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 21 maio 1907, p. 1.

⁴⁰⁰ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 7 abr. 1907, p. 2.

como um dos poucos divertimentos na cidade. Essa prática era aceita sem que se criasse nenhum problema, pois naquele início de século o que se pôde identificar nas práticas de divertimentos populares é que elas eram sempre vistas como caso de polícia. Os jogos praticados pelas camadas populares, como os jogos de azar e o jogo de bola relatado pelo Jornal *O Operário*,⁴⁰¹ eram vistos como algo pernicioso. Isso fica evidente nas críticas contra a violência policial aos divertimentos populares, as quais podiam ser encontradas não somente em jornais operários, mas também em pequenas notas em jornais noticiosos em geral. O que se pode notar é que a imprensa, por algumas vezes, chegou a relatar alguns inconvenientes provocados por comportamentos não aceitos pelos padrões exigidos para a sociedade que freqüentava o Prado:

Uma pequena nota desagradavel e facil de ser corrigida somos forçados a salientar. Tal é o procedimento de certos moços que, **habituaados em outros meios sociais bem diversos do nosso**, desconhedores talvez dos nossos proverbiais costumes de respeito e moralidade, muito descerimoniosamente se põem a palestrar, junto das exmas. famílias, com algumas mondaines que ao Prado costumam ir. Estamos certos de que a digna directoria do prado só agora vae ter conhecimento desta nota dissonante que observamos entre as harmonias da festa de domingo. Por isso mesmo affirmamos de ante mão que nas proximas corridas tal irregularidade não se observará mais, dado o critério que o major Raymundo de Paula Dias e seus auxiliares têm posto em evidência na manutenção do delicioso local de diversões.⁴⁰²

A imprensa belo-horizontina, de modo geral, divulgava uma representação de esporte semelhante à das elites, que ela mesma contribuía para se consolidar ao incentivar a participação de todos, destacando valores aliados a essa elite. A *Gazeta* contribuiu assim ao divulgar:

Visto como esta diversão é uma das mais apreciadas em todo o mundo civilizado, havendo para ella sempre animação dos mais entusiasticos e disputa nos importantes páreos que se apresentam nos prados. Na capital da Republica é essa diversão a que maior concurrencia tem, subindo os jogos a altos preços nas importantes apostas. Na Inglaterra, França, Estados Unidos, Portugal, Espanha, etc, as principais diversões são justamente as corridas de cavallos nos prados, para os quaes a maior parte da população *smart* ou *cup to date* para lá se dirige. Felizmente em nosso meio já se vai tornando um habito, essa mesma diversão que muito agrada. Nos paizes acima citados, as senhoras e senhoritas, velhos e moços, todos mostram grande interesse pelas disputas dos páreos, porque todos jogam pouco ou muito, mas jogam, havendo assim grande animação. É necessário que entre nós este habito

⁴⁰¹ O OPERARIO, 9 de ago. 1900, p. 3.

⁴⁰² PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 28 ago.1907, p. 2, grifos nossos.

também seja introduzido, e teremos assim o ‘Prado Mineiro’ repleto de famílias, que irão passar excellentes horas neste divertimento.⁴⁰³

Assim, as representações de esporte divulgadas pela imprensa estavam sintonizadas com a modernidade e a civilização desejada para a cidade. O “povo miúdo” aparece nessas narrativas somente em momentos de tensões provocadas pela busca do direito ao lazer e à cidade. Suas atitudes são taxadas como não civilizadas e inconvenientes aos padrões exigidos para a cidade por suas elites.

O crescimento do interesse pelo esporte no Prado fez com que alguns jornais, mais especificamente o *Diario de Noticias*, criassem uma seção específica para as notícias esportivas (coluna “Sport”), na qual, durante todo o ano de 1907 somente notícias do Prado eram dignas de nota:

É com enorme prazer que damos essas notícias, porque o Prado Mineiro embora seja recente o seu funcionamento, já ganhou a simpatia pública que realiza. Parabéns à esforçada diretoria da útil sociedade e congratulações ao povo da capital.⁴⁰⁴

O *Diario de Noticias* foi um grande incentivador das corridas no Prado. Noticiava as reuniões da diretoria, as inscrições de corridas, os regulamentos, a descrição minuciosa de toda a programação de páreos, bem como suas realizações, palpites, novas aquisições de cavalos pelas coudelarias, a concorrência a essas programações, enfim, tudo o que pudesse servir para divulgar aquela modalidade esportiva. Suas críticas para estimular a maior e mais seleta frequência eram sempre aceitas quer pelos governantes, quer pelos administradores do Prado. Por isso, não era raro encontrar referências tais como: “a diretoria como de costume foi muito amável com Abílio Barreto e Vasco Azevedo, que representam essa folha”,⁴⁰⁵ ou: “A útil associação esportiva distinguiu o *Diario de Noticias* com delicado convite em lindo e artístico cartão”;⁴⁰⁶ e também: “Agradecemos a lembrança gentil da directoria, dedicando um páreo de sangue ao *Diario de Noticias*”.⁴⁰⁷

Os domingos no Prado podiam ser assim relatados:

⁴⁰³ PRADO Mineiro. *A Gazeta*, 10 abr. 1908, p. 2.

⁴⁰⁴ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 8 mar. 1907, p. 1.

⁴⁰⁵ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 21 maio 1907, p. 1.

⁴⁰⁶ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 5 abr. 1907, p. 2.

⁴⁰⁷ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 12 jul. 1907, p. 2.

Às 10 horas da manhã desceu num bonde especial, executando vibrantes dobrados a banda musical do 2º batalhão, começando desde essa hora a trafegar para ali de 10 em 10 minutos. O sítio onde está colocado o Prado, como sempre, oferecia um belo aspecto apesar da soalheira que abrasava.⁴⁰⁸

Uma bela diversão e magnífica corrida a efetuada domingo no Prado Mineiro. A concorrência de famílias foi grande e não menos numerosa a de cavalheiros, o que dava um tom aprazível às arquibancadas repletas e às demais dependências. A música do 2º, como sempre afinada, tocou apreciáveis peças, que contribuíram para aumentar a alegria reinante. O serviço de bondes foi feito com toda a regularidade, motorneiros e condutores muito atenciosos com os passageiros. E a cada bonde que chegava nova onda se espraia pelo Prado, moças em toylletes graciosas, crianças a traquinar e a esgotar os cestos de merenda, todo o reboiço de uma festa cheia de encantos.⁴⁰⁹

Relatar corridas de cavalo, segundo Jeffrey Needell, era uma forma de conferir elegância aos jornalistas, que assim poderiam estabelecer um vínculo entre eles e as corridas de Ascot, o seletto quadro de membros do Jockey parisiense e as refinadas exibições em Longchamps.⁴¹⁰

Como instituição esportiva, o Prado Mineiro foi procurando se organizar nos padrões exigidos para o esporte, cobrando normas para inscrições de cavalos e jóqueis e criando livro de classificação e catalogação de cavalos (*Stud Book*). Procuravam também *starters* entre os conhecedores do *sport hippico*,⁴¹¹ além de buscar lisuras no transcorrer das corridas. No entanto, algumas notícias poderiam destacar fatos como este:

A partida teve lugar no ponto da curva dos coqueiros não tendo sido muito regular em vista de Zazá ter sahido uns 5 metros á frente de Argentina. Embora aquela sustentasse sempre essa distância até o vencedor, das archibancadas partiam gritos de entusiasmo por Zazá e gritos de revolta pedindo a anulação do pareo, não tendo esses sido entretanto anulado.⁴¹²

Como os objetivos do turfe mineiro foram baseados nos exemplos da França, da Grã-Bretanha e do Rio de Janeiro, os argumentos para o seu desenvolvimento em Belo Horizonte também estavam aliados à promoção de diversão para a população e à melhoria da raça

⁴⁰⁸ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 8 maio 1907, p. 2.

⁴⁰⁹ A CORRIDA de... *Diario de Noticias*, 10 jul. 1907, p. 2.

⁴¹⁰ NEEDELL, 1993.

⁴¹¹ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 6 abr. 1907, p. 2.

⁴¹² PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 8 maio 1907, p. 2.

cavalar, aqui apresentada como desenvolvimento da indústria pastoril no Estado.⁴¹³ *O Comércio*, em edição de dezembro de 1910, deixa claro esse objetivo ao relatar:

A diretoria [...] cuidara com patriotismo de todas essas questões, concorrendo assim para o acoçoamento da industria pastoril em Minas, fazendo-se credores da estima e do reconhecimento públicos. Sabemos até que é pensamento do capitão Claudio Andrade e de outros esforçados accionistas do Prado trabalhar no sentido de obter do Estado a adopção afficial do Stud Boock, como existe no Jockey Club do Rio, para maior estímulo do creador mineiro e como meio mais eficaz de auxiliar a sociedade. Assim sendo, O Prado Mineiro corresponderá aos fins de sua criação e poderá figurar com garbo ao lado dos melhores Prados do Rio, S. Paulo e Rio Grande do Sul.⁴¹⁴

Mas esse incentivo podia ser percebido desde os primórdios do clube, como destaca o *Diario de Noticias*:

Para as próximas corridas a seguirem-se, a diretoria espera dispensar maiores prêmios aos proprietários e criadores mineiros que quizerem concorrer com os melhores produtos da raça cavallar, canvidando-os desde já para preencherem as formalidades do registro (Stud Boock) para poder em tempo ser organizado um pareo especial.⁴¹⁵

É importante observar que o próprio Estado, naquele momento, demonstrou grande interesse no desenvolvimento da indústria pastoril ao realizar na cidade uma Exposição de Animais. Para esse evento, foram construídas várias cocheiras no Prado Mineiro, que foi também o palco dessa exposição no período de 24 a 28 de fevereiro de 1908.⁴¹⁶ O evento foi uma grande atração na cidade, como relatou o *Diario de Noticias*:

Às duas horas da tarde era enorme a concurrencia de pessoas no Prado Mineiro, attrahidas pelo belo espetáculo que promethia ser o annuciado desfile, pela raia das corridas, de todos os animais inscriptos. O recinto dos espectadores regorgitava de famílias. Num dos coretos tocava a banda do 1º batalhão. O movimento por todos os lados era cada vez mais animado. Expositores e visitantes experimentavam os melhores cavalo, fazendo passeios pelas vizinhanças do Prado. Criadores entabulavam negociações sobre reprodutores, alcançando alguns affertas avultadas.⁴¹⁷

⁴¹³ Victor Melo (2001, p. 60-61) analisando o turfe no Rio de Janeiro, destaca que os regulamentos dos clubes cariocas repetiam, na íntegra, os exemplos da França e da Grã-Bretanha, até mesmo os argumentos para o desenvolvimento do turfe: “proporcionar uma diversão para a população e o desenvolvimento da ‘raça cavalar brasileira’, considerada de menor valor perante as raças européias e argentinas”.

⁴¹⁴ PRADO Mineiro. *O Commercio*, 5 dez. 1910, p. 2.

⁴¹⁵ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 5 abr. 1907, p. 2.

⁴¹⁶ EXPOSIÇÃO de animais. *A Gazeta*, 26 jan. 1908, p. 1.

⁴¹⁷ A EXPOSIÇÃO de animais. *Diario de Noticias*, 27 fev. 1908, p. 1.

A Exposição atraía para Belo Horizonte um grande número de pessoas vindas de diferentes zonas do Estado. Com isso, nas “immediações do aprazível suburbio eram movimentadas por população comparável a de uma cidade ruidosa”.⁴¹⁸

No ano seguinte, foi realizada, em setembro, a sua segunda edição na cidade, sendo que, para tal feito, o governo mineiro havia mandado construir no Prado “elegantes pavilhões e departamentos destinados a exposições anuais, que dessem uma idéia do nosso progresso nos domínios do trabalho organizado e produtivo”.⁴¹⁹

O Prado Mineiro manteve-se em atividades até 1911, tendo, segundo Abílio Barreto, realizado a sua última corrida no dia 25 de junho. Mas durante esse período, por diversas vezes, alternando alguns sucessos de público, notícias mostravam a falta de interesse que as corridas estavam despertando na cidade. Mesmo ainda no seu primeiro ano de realizações, alguns jornais noticiavam:

Quando a, ao meio-dia, chegamos ao Prado Mineiro, tivemos serio desanimo de que não se effectuasse antes de hontem a corrida annunciada. O nosso desânimo começou quando ao tomarmos o bonde para lá, justamente na hora em que o movimento deveria ser maior vimos o carro com muitos logares vazios. Pois os que não foram ás corridas perderam muito e ainda incorrem na falta de não darem vida a uma diversão tão agradável, que nos leva a um sítio pittoresco, que nos dá um ar soberbo a tonificar os pulmões, que nos encanta, como no domingo, com uma festa magnífica, infelizmente realizada para diminuta concurrencia, o que esfria ainda os mais ardentes entusiasmos. [...] Chegou-se a falar no adiamento da corrida, mas a digna directoria, apesar da pequena venda de entradas, não quiz adiar, sujeitando-se, só para servir o público, ao prejuízo.⁴²⁰

No ano seguinte, *O Binóculo* também comentava:

Com a concurrencia medíocre, realizou-se domingo ultimo a 3ª corrida do Prado Mineiro, tendo sido muito commentada a indiferença do publico. É triste, é lastimável que a sociedade bellorizontina ainda não comprehendesse a necessidade que há de sancionar com sua presença o esforço dessa meia dúzia de homens de boa vontade, que, num movimento de rara abnegação, resolveram dotar a capital de Minas com um divertimento moderno, agradável, útil em muitos sentidos e que em todo o mundo adquiriu direitos de cidade. Esperamos que a apathia do nosso povo seja transitoria e que

⁴¹⁸ A EXPOSIÇÃO de animais. *Diario de Noticias*, 29 fev. 1908, p. 1.

⁴¹⁹ ESTADO DE MINAS, 6 jun. 1912, p. 1.

⁴²⁰ PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 21 maio 1907, p. 1.

ainda cedo possamos dizer: Minas caminha na vanguarda das outras capitais do Brasil.⁴²¹

A diretoria, no entanto, tentava sabiamente conquistar o público mediante homenagens que fazia, nomeando páreos de acordo com o seu interesse:

Estavam presentes os altos funcionários, várias associações, crescido número de senhoritas, muitos rapazes, entre os quaes quasi todos os sócios do “Club Acadêmico” ao qual foi dedicado um pareo.⁴²²

Mas, mesmo assim, o que fica evidente é que, como novidade, o turfe foi bem acolhido na cidade, mas, passado esse período, apesar de todos os esforços da sua diretoria, a população belo-horizontina não se sentia motivada a comparecer aos eventos do Prado como destacou *A Gazeta*:

Entretanto, notamos ainda que, relativamente á nossa população quase que o povo todo deixou-se ficar em casa, olhando talvez o tempo que passava. Ouve-se em toda a parte a cantinela, de que não *há diversões* em Belo Horizonte. Entretanto, o Prado Mineiro, esforça-se para dar boas corridas, arranja bondes até a porta, de 10 em 10 minutos, offerece as melhores commodidades no local das corridas, boa banda de musica, optimo restaurant, e por fim manda vir animaes de sangue, para que no Prado compareça meia dúzia de pessoas!! Bello Horizonte já comporta muitas diversões; mas o povo prefere deixar-se ficar em casa, a procurar momentos de distrair o espírito. É um *snobismo* difficil de combater-se. Em todo caso, aconselhamos a população da capital a sacudir de si este insupportavel *snobismo*, este pá cacete, implicante, e appareça radiante ao Prado, para as excellentes corridas que alli se realizam. O logar é aprazível e commodo, offerecendo uma bella vista, um panorama soberto e uma miração agradabilíssima.⁴²³

Várias tentativas foram utilizadas para despertar o interesse da população. Mas se todos os esforços do Prado para facilitar esse interesse do público para os seus eventos não fossem suficientes, ainda havia a tentativa do tratamento simbolista para a cidade, que ressaltava o seu lado paisagem de “belo horizonte”, fazendo do Prado um local privilegiado.

O cronista desqualifica a população que não queria participar da nova forma de diversão da cidade que, para ele, deveria ser valorizada. Mas, para a população, ficar em casa podia ser uma forma de subversão, de rejeição ou recusa de uma nova cultura imposta. A

⁴²¹ CAMPEÃO-MOR, 1908, p. 10.

⁴²² PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, 18 jun. 1907, p. 2.

⁴²³ PRADO Mineiro. *A Gazeta*, 7 maio 1908, p. 2.

população preferia optar pela tradição, pois a novidade não possuía atrativos suficientes. Ela não se identificava com aquela prática.

Essa característica do povo mineiro foi destacada na crônica a seguir:

Minas, com a construção de Belo Horizonte, – cidade moderna, admiravelmente construída, e já dotada do conforto e das comodidades dos centros mais civilizados, libertou-se, felizmente, de vários e humilhantes preconceitos que muito depunham contra o grão de seu adiantamento e de sua civilização. O povo mineiro, encurralado entre montanhas, completamente alheio às inovações e exigências da vida intensa moderna, era, diziam, um povo estéril, falta de iniciativa, e que somente se distinguiu pela sua decantada ‘hospitalidade’...

Os nossos homens eram ineptos, atrasados, e a nossa política, de coronéis e comendadores, era mesquinha e acanhada. A mulher mineira distinguía-se tão somente pela sua graciosa simplicidade e perícia que revelava na feitura dos chouriços, queijos e pés de moleque...

O mineiro do sertão, valente e trabalhador, era apontado como um genuíno representante da imbecilidade e da estultícia! Enfim, inumeros eram os juízos deprimentes e injustos que se faziam a nosso respeito, e que foram desaparecendo, principalmente depois da fundação de Belo Horizonte, – prova viva e palpável da nossa energia e iniciativa! Só, porém, depois de tal acontecimento, que seja dita a verdade, é que muitos hábitos foram sendo substituídos por outros mais de acordo com a época actual.

Ainda existem alguns, entretanto, que podem perfeitamente ser combatidos, sem contrariar a índole do povo mineiro [...].⁴²⁴

Durante os anos seguintes, poucos foram os elogios ao público interessado nas corridas do Prado. Em 1910, *O Commercio* comentava a falta de corridas nos dias determinados, o que, “além de arrefecer no povo o entusiasmo pelo *sport*”, ainda prejudicava consideravelmente os proprietários dos animais. Nesse artigo, cita-se a ocupação de todas as dependências do Prado pela 9ª Companhia de Caçadores, ficando a diretoria do Prado, até mesmo sem local para se reunir. O estado lastimável das dependências do Prado também foi destacado.⁴²⁵

O *Estado de Minas*, em 1912, relatava que não faltaram curiosos que da cidade foram ao Prado Mineiro para observar o estado de depredação em que haviam ficado os seus pavilhões, onde se aquartelara a 9ª Companhia Isolada de Caçadores. Segundo a nota, o Prado havia se transformado em uma praça de guerra, onde até assassinatos ocorreram.⁴²⁶

⁴²⁴ UM baile no, 1907, p. 1.

⁴²⁵ PRADO Mineiro. *O Commercio*, 5 dez. 1910, p. 2.

⁴²⁶ ESTADO DE MINAS, 3 jul. 1912, p. 1.

O *Álbum de Belo Horizonte*, publicado em 1911, que apresenta um relato visual da cidade, não deixou de mostrar um dos signos de progresso e modernidade da cidade: o Prado Mineiro. Mas, ao retratar a tribuna e as cocheiras, a imagem sugere não a glória dos áureos tempos, mas uma imagem de abandono e de decadência.



FIGURA 21 – As cocheiras do Prado Mineiro, em 1911.
Fonte: *Álbum de Belo Horizonte*, 2003, p. 125.

Na seção de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em pasta referente aos documentos do Prado Mineiro, há correspondência do secretário da Agricultura do Estado ao prefeito de Belo Horizonte, datada de 6 de maio de 1912, que fala do interesse do governo em entrar em negociações com a diretoria do Prado Mineiro para fazer a encampação dos bens móveis e imóveis pertencentes à sociedade.⁴²⁷ Por ter sido aceita a proposta pela diretoria

⁴²⁷ SOUSA. Carta do Secretário... em 6 maio..., 1912.

do Prado Mineiro, os terrenos a ela cedidos foram reservados ao Estado, ficando caracterizada, assim, a extinção da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro*.⁴²⁸

Assim, esse ícone da modernidade também não conseguiu ajustar a cidade aos padrões modernos sonhados para ela. Na cidade real que se constituía, os sonhos da CCNC em criar aqui espaços e promover práticas esportivas, que eram sucesso no mundo civilizado, realizaram-se somente em curto espaço de tempo. A visão idealizada da cidade, refinada, moderna, bonita e, sobretudo, repleta de divertimentos que as práticas esportivas escolhidas pela CCNC poderiam oferecer se concretizou, mas de maneira efêmera, não se enraizando na cultura da cidade, apesar de esforços nesse sentido.

Essas práticas, que faziam parte do imaginário da CCNC e de pessoas da elite da cidade, na busca de construir hábitos modernos para capital, eram constituídas de um conjunto de valores culturais que não apresentavam significados para a maioria da população da cidade, que possuía valores de outro tempo e de outro lugar.

Como modalidades escolhidas não por interesse das pessoas, mas impostas por um projeto global de cidade, de um pensamento único, o ciclismo e o turfe não se desenvolveram como se esperava, uma vez que ambos tiveram vida efêmera na cidade, naqueles seus anos iniciais.

Assim, para entender a construção do campo esportivo, nas práticas sociais de lazer em Belo Horizonte, faz-se necessário buscar não somente as imagens da cidade ordenada pelos que a projetaram, definindo seus espaços e formas de uso, mas, sim, a cidade vivida, apropriada por seus moradores, uma cidade reinventada e ressignificada por aqueles que realmente deram vida a cidade.

⁴²⁸ SOUSA. Carta do Secretário... em 22 outubro..., 1912.

Capítulo 4

O ESPORTE E AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO NA/DA CIDADE

E já que falei, do zé povo, devo acrescentar que, consoante o dizer delle, somos uma gente de *fogo de palha*. Nada de tenacidade, de esforço contínuo, para prosecução de um fim.[...]

De feito houve um momento que pareceu a muito decisivo e impressionou vivamente pelo entusiasmo, pela animação, pelo desusado vigor com que se implantou nesta Capital o esporte. Dahi a pouco arrefeceu o calor, acabou-se o primitivo arrojo e tudo cahiu na mesma pasmaceira...

O fogo de palha, acesso bruscamente, iluminou, súbito, a arena e apagou logo...⁴²⁹

A crônica acima, publicada no jornal *Tribuna do Norte*, em janeiro de 1907, focaliza representações sobre o esporte na cultura da cidade, destacando a característica do povo mineiro e sua relação com a prática esportiva, percebida e analisada até então. Nela, um povo “fogo de palha”, que aparece aceso, iluminado, mas que logo se apaga, caracteriza o mineiro em seus interesses pelo esporte.

Essa análise é pertinente para representar a relação do belo-horizontino com as práticas indicadas para fazer parte dos costumes da cidade pela CCNC, ao planejar espaços específicos para elas, já na sua planta. Como apresentado no capítulo anterior, essas práticas, sugeridas pelos “produtores” do espaço, não se enraizaram na cidade.

Mas não foram apenas tais práticas esportivas que deixaram de despertar o interesse do belo-horizontino. Outras referências eram constantes em relação aos espaços públicos ainda em 1913, quando a cidade completava 15 anos de existência. O Parque e as praças estavam “entregues ao mais lamentável abandono”; e a “doçura de um passeio lento, pela frescura da tarde, pelas umbrosas alamedas dos parques e jardins públicos” era uma coisa desconhecida e ainda não havia entrado “nos hábitos ronceiros de um povo que [revelava] assim não possuir a mínima noção de taes sítios”.⁴³⁰

A revista *Vita* também se queixava dessa apatia:

⁴²⁹ CHRONICA. *Tribuna do Norte*, 20 jan. 1907, p. 2.

⁴³⁰ O ESTADO, 24 abr. 1913, p. 1.

Bello Horizonte tem tudo: avenidas, praças, passeios bellissimos, prado de corridas, campo de football, teatro, enfim, todos os divertimentos de uma cidade civilizada. De que valem, porém esses divertimentos, se elles estão abandonados? Não se vê uma viva alma do ‘smartismo’ mineiro gozando as delícias dessas largas avenidas, os encantos das vastas praças, ostentando artísticos cantos, onde somente o zumbido dos insetos , á falta de uma banda de música, quebra a monotonia em que vivem esses logradouros públicos!

[...]. Poder-se-ia, pois, dizer que Bello Horizonte civiliza-se, diante do abandono em que se encontram os seus jardins e pontos naturais de passeio?⁴³¹

Essa falta de interesse pelos espaços públicos da cidade era uma das contradições da nova capital, que só lentamente cedeu ao espírito moderno e aos valores urbanos e cosmopolitas do início do século. O esporte, praticado ou consumido como assistência, como um desses valores, também, foi aos poucos fazendo parte da sua cultura.

Acompanhar o processo de constituição e enraizamento da prática esportiva na cultura urbana de Belo Horizonte a partir de uma análise da cidade apropriada por sua população, nas duas primeiras décadas do século XX, é meu objetivo neste capítulo. Para uma população que se mostrava arredia em participar dos espaços públicos, evidencia-se o interesse pelo esporte, mediante o processo de ocupação dos espaços da cidade para suas práticas, qualificando-os ou resignificando-os, de acordo com sua necessidade. Dessa forma, o destaque recai sobre as apropriações de lugares da cidade que vai sendo constituída e para as diferentes práticas esportivas que nela aparecem, no movimento de conformação desse espaço urbano.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foram encontradas nos jornais de Belo Horizonte diferentes práticas que receberam a denominação de *sport*. Além das já apresentadas até então, como o ciclismo e o turfe apareceram na cultura da cidade o *football*, o *lawn tennis*, o *croquet*, a patinação, a luta romana, o *box*, a caça, o tiro, a natação, as regatas e a malha. A *gymnastica* também fazia parte desse rol. Cada uma dessas práticas se inscreveu em lugares sociais específicos, com funções sociais e finalidades específicas, e foi dando novas formas à cidade, pois, “em geral, a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas a cada povo”.⁴³²

⁴³¹ VITA, 15 dez. 1913.

⁴³² SENNETT, 1997, p. 300.

4.1 O *FOOTBALL* APARECE NOS ESPAÇOS NA CIDADE

Um dos primeiros esportes a aparecer na cidade por iniciativa de seus habitantes e a despertar gradativamente interesse na população foi o *football*.

Essa modalidade esportiva chegou a Belo Horizonte com Victor Serpa, um estudante carioca que estudou na Suíça e veio cursar Direito na capital mineira. As notas cronológicas de Octavio Penna referem-se ao dia 3 de maio de 1904 como o marco dessa introdução, quando foi feito “o primeiro ensaio no Parque, em uma de suas alamedas, à direita do portão da Avenida Afonso Pena”.⁴³³ Abílio Barreto esclarece que o local dos primeiros exercícios foi nas proximidades onde se construiu o Teatro Francisco Nunes.⁴³⁴

Como novidade que propiciava divertimento, seus adeptos, inicialmente, apropriaram-se do mais importante espaço de lazer da cidade – o Parque Municipal – para iniciarem a sua prática.

A introdução do *football* em Belo Horizonte é semelhante à de outros Estados brasileiros. A história do futebol no Brasil tem destacado nomes de estudantes brasileiros, filhos da elite, educados na Europa, que, ao retornarem de seus estudos, foram responsáveis pela introdução desse esporte no país. Como a Europa proporcionava uma base educacional que aqui ainda não existia no final do século XIX, os filhos das famílias abastadas, ao buscarem essa educação, aprendiam novas práticas culturais e também suas tradições. Ao retornarem para o Brasil, contribuía para o enraizamento de uma nova cultura e de uma nova civilização, necessárias à modernidade proclamada pela recém-inaugurada República.

O paulista Charles Miller é considerado por alguns estudiosos do futebol como o introdutor do *football* no Brasil. Em 1883, ainda criança, mudou-se para Southampton, na Inglaterra, onde estudou em diferentes escolas, tomando aí contato com diferentes práticas esportivas, como o tênis, o *rugby* e o *cricket*. Mas o seu maior entusiasmo foi pelo *football*. Ao retornar ao Brasil, em 1894, trouxe na bagagem duas bolas, uniformes, chuteiras e bomba para encher as bolas. Ele foi o responsável por divulgar as regras e organizar os primeiros jogos entre os sócios do *São Paulo Athletic Club*. O historiador Joel Rufino dos Santos caracteriza assim a contribuição de Miller:

⁴³³ PENNA, 1997, p. 83. A data de 3 de maio de 1904 também é citada por Abílio Barreto, em ABPi 7/061.

⁴³⁴ BARRETO, 1944.

[...] o que Charles Miller nos trouxe, em 1894, foi um esporte universitário e burguês. Elegante e obediente a um código. Esporte de *gentleman*, exatamente como são o tênis e o golfe de hoje.⁴³⁵

Foi também um *gentleman*, Oscar Cox, outro nome destacado na disseminação desse esporte no Rio de Janeiro. Em 1897, ao retornar de uma temporada de estudos na Suíça, começou a agitar a juventude estudantil carioca, promovendo jogos e incentivando os amigos à prática do *football*. Foi o grande incentivador do *football* carioca. Ao lado de compatriotas ingleses, no *Paysandu Cricket Club*, participou de algumas partidas. Mas somente em 1891, no intuito de dar ao jogo o estatuto de uma atividade independente do clube e da colônia inglesa, foi que organizou, com um grupo de amigos, uma partida entre os jovens brasileiros e os sócios do *Rio Criquet*, dos ingleses de Niterói. Esse jogo, para alguns estudiosos, marcaria o início do futebol na Capital Federal.⁴³⁶

Mas teria sido realmente Victor Serpa o introdutor do *football* em Belo Horizonte?

Como na história do futebol no Brasil, os nomes de Charles Miller e Oscar Cox é que são representativos no seu processo de difusão como um campo esportivo. Isto é, como um sistema de agentes e instituições que funcionam como um “campo de concorrência” em que se defrontam agentes com interesses específicos, como nos sugere Pierre Bourdieu,⁴³⁷ que são os clubes, as entidades que o dirigem e as competições, dentre outros fatores, em Belo Horizonte, Victor Serpa foi também o responsável por todo esse processo.

Porém, o jornal *O Operário*, em 19 de agosto de 1900, quatro anos antes da chegada de Victor Serpa à cidade, traz uma reportagem que sugere a existência de um jogo de bola praticado pelos operários italianos.

No dia 15 do corrente mês, em uma venda da Lagoinha, alguns italianos jogavam pacificamente umas garrafas de cerveja *marca barbante* ao inocente *jogo da bola* que mais que um jogo é um verdadeiro exercício ginástico.⁴³⁸

O mesmo jornal, em 2 de setembro, faz referências também a esses “jogadores de bolas”.⁴³⁹

⁴³⁵ SANTOS, 1981, p. 12-13.

⁴³⁶ MELO, 2000; JAL; GUAL, 2004; PEREIRA, 2000.

⁴³⁷ Mais explicações sobre o conceito de campo esportivo de Pierre Bourdieu podem ser obtidas em Bourdieu (1983, p. 137).

⁴³⁸ O OPERÁRIO, 19 ago. 1900, p. 3.

⁴³⁹ O OPERÁRIO, 2 set. 1900, p. 2.

Apesar de a narrativa do jornal não deixar claro que jogo de bolas era esse, e como não foi encontrada nenhuma outra evidência sobre esse jogo em Belo Horizonte, somente podemos fazer alguma analogia com situações semelhantes encontradas na Capital Federal. Segundo Leonardo Pereira, no final do século XIX, surgem e se fortalecem novos esportes na cidade. O “jogo da bola”, esporte originário da Espanha, era jogado por dois competidores, que arremessavam com raquetes em forma de arco uma bola contra um paredão, saindo perdedor aquele que não conseguisse rebater a jogada do adversário. Existiam significados ambíguos em relação a tal jogo, pois podia ser visto como uma simples diversão ou considerado como uma atividade poderosa para o desenvolvimento das forças físicas, segundo valores higienistas da época, qualidades essas usadas para justificar interesses de empresários que promoviam essa atividade na cidade.⁴⁴⁰

Outra referência, de José Tudela de La Ordem, trata o jogo que apareceu no final do século XVIII e nas primeiras décadas do XIX, na Espanha, não como o francês, que era jogado com raquetes, mas sim com as mãos. Na Espanha, inicialmente, qualquer espaço aberto e plano, e qualquer parede lisa, em solo plano, podiam servir de cancha ou de frontão. Foi um jogo popular, antes do aparecimento do *football*.⁴⁴¹

Tudo indica que o jogo dos italianos em Belo Horizonte pode ter sido o “jogo da bola” dos espanhóis, mas existem algumas evidências que merecem ser apresentadas. No Rio de Janeiro, havia também uma relação da cerveja “barbante” com o *football*. Segundo Victor Melo, nas primeiras décadas do século XX o *football* já era praticado por muita gente, e de todas as classes sociais. Foram criadas ali as primeiras ligas populares, denominadas “ligas barbante”, em referência às tampas de cervejas⁴⁴² de baixa qualidade, produzidas nos fundos de quintais de residências cariocas.⁴⁴³ Assim, a ligação com a “cerveja barbante” pode também significar o indício de um jogo de *football*. Por ser um jogo realizado para divertimento de operários na cidade, era visto como “caso de polícia”, como todos os jogos populares, como cita a crítica da Liga Operária no jornal *O Operario*. Por isso, caso tenha essa relação, o jogo dos italianos não ganhou visibilidade na cidade, diferentemente do jogo trazido por um filho de uma distinta família da Capital Federal, acadêmico de Direito, que havia estudado na

⁴⁴⁰ PEREIRA, 2000.

⁴⁴¹ LA ORDEM, 1966.

⁴⁴² A cerveja começa a ser produzida no Brasil por volta de 1830. Nessa época, tinha um grau de fermentação tão alto que, mesmo depois de engarrafadas, produziam uma enorme quantidade de gás carbônico, criando grande pressão. Daí a denominação de cerveja barbante (ou da “marca barbante”), pois, devido à fabricação rudimentar, precisavam de um barbante para impedir que a rolha saltasse da garrafa. (COUTO, 2005.)

⁴⁴³ MELO, 2000.

Europa e aqui chegou trazendo a novidade lá praticada. Victor Serpa foi, assim, o responsável pela difusão do *football* na cidade.

As atividades físicas esportivas simbolizavam, tanto aqui como na Europa, um lazer civilizado. Mesmo sendo considerado uma prática moderna, apropriada por pessoas da elite na cidade, ela não teve uma aceitação unânime pela população, principalmente pelas camadas letradas. Os jornais, a partir daquele momento, passaram a relatar os valores e prazeres da atividade física em crônicas e pequenas notas, mas assumiam, freqüentemente, nessas crônicas e em notas humorísticas, uma postura crítica em relação à verdadeira “mania” que ia surgindo na cidade. O jornal *A Epocha*, na sua coluna “Fagulhas” em diferentes momentos, apresenta entre as *Cousas que implicam*, a “mania de *football*”⁴⁴⁴ e o “foot-ball do Victor Serpa”⁴⁴⁵. Percebe-se que Victor Serpa personalizou o *football* na cidade.

Chamam atenção algumas crônicas em que eram frisadas as alienações provocadas pela mania de esporte que tomava conta da cidade:

Enquanto a gente se enerva a escrever a prosa insossa para os jornaes, fala da vida alheia, discute a política, flagella a fraqueza dos governos, namora e bebe cerveja, ha por ahi quem se apaixone pelos exercícos phisicos, ao ar livre, correndo, transpirando, bradando com a valentia dos pulmões, soltando a gargalhada sonora, em toda a beleza da agilidade, da força e da saúde!

E quando, no meio artificial e não raro doente, cheio de sobressaltos e dúvidas, corrupção e ódios, até a penna nos pesa qual comprida alavanca de ferro, que movemos com anseios e tortura, como elles, ageis e fortes, cantam o grande poema da vida á luz clara do firmamento! Abrem os braços, esticam o corpo, firmam as pernas, retesam os músculos, correm, saltam, atacam, fogem com graça, tornam a atacar, e vencem! É após a luta, que alegria, que orgulho!

Perguntae ao apaixonado jogador de bola, aos atiradores, ao vencedor de corridas, a qualquer lutador athleta, que pensa das sensacionaes intrigas d[o] dia, da vaidade dos superficiaes ou do sucesso dos políticos, – que elle vos responderá com um meneio de hombros e um sorriso malicioso, enquanto dispara a queima-roupa uma sonora praga e escalope para o commentario de algum novo acontecimento do *sportismo*.

São esses os que vivem. Esplende-lhes o gozo nas faces, acompanha a alegria da natureza; e quando refulge a luz, vibra a canção dos dias harmoniosos, arrebentam as flores, ondula a relva dos campos, são felizes porque amam a verdadeira belleza, que é a da saúde e da força.⁴⁴⁶

⁴⁴⁴ FAGULHAS. *A Epocha*, 30 out. 1904, p. 2.

⁴⁴⁵ FAGULHAS. *A Epocha*, 4 set. 1904, p. 2.

⁴⁴⁶ OS SARÁOS do..., 1904, p. 1.

As críticas ao *football*, prática que vai aparecendo em todos os espaços da cidade, mostravam-se de forma efetiva, talvez por ele estar na rua, não podendo, assim, ser formatado em um espaço específico.

Bello Horizonte é uma moçoila maníaca. [...] Agora, porém, vae alcançando vantagens sobre a invencível inconstância de nosso povo, numa firmeza lastimavel de mania, um presente grego, digo, inglez – o *foot-ball*. O magnifico *sport* que, em outras cidades, o povo joga, aqui joga o povo. [...] o mal invadiu todos os bairros, transformando a cidade num vasto campo de exercício, em que até as pernas ocupadas dos transeuntes servem de *goal*.⁴⁴⁷

Alguns cronistas, como o que assinava Pan d'Ega, criticavam o interesse pelo “fazer” corporal que aliena, em detrimento dos interesses políticos, artísticos e culturais valorizados na época. Outros chegavam a falar em uma verdadeira “crise de fallencia intellectual”.⁴⁴⁸ No seu ímpeto de fugir da cidade, “invadida pelo *foot-ball*”, Pan d'Ega comentou:

Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que o via approximar se, calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor. Abracei-o numa irrefreável expansão de allivio, certo de que, como eu, também elle malsinaria o morbus invasor. Interoguei-o sobre a política e internacional de que elle dava tão detalhadas notícias; mas, com grande espanto meu, retrucou:

- Não leio mais jornaes. Tenho agora melhores ocupações.
- Que dizes? perguntei desconfiado.

Lucio recuou um passo, arregaçou até o ombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em ângulo, falou:

- Olha esse muque. Entrei para o ‘José de Alencar Foot-ball Club.’

Estendi-lhe a mão afflicta que elle apertou, achando-a fria, e fugi!⁴⁴⁹

O *football* passou a figurar ao lado de outros “problemas” daquele período, como relata a cronista Marialva em nota intitulada *Incipientes...: “Ó éra de crise, de tombos políticos, de foot-ball e polemica!”*.⁴⁵⁰

Apesar das críticas ao *foot-ball*, Victor Serpa, conquistando boas relações, congregou acadêmicos, funcionários e comerciantes, todos pertencentes à elite da cidade, para a criação do Sport-Club. Dessa iniciativa, participaram os senhores:

⁴⁴⁷ PAN d'EGA, 1905, p. 1.

⁴⁴⁸ SPIRIDIAM, 20 nov. 1904, p. 2.

⁴⁴⁹ PAN d'EGA, 1905, p. 1.

⁴⁵⁰ MARIALVA. *Incipientes...*, 1904, p. 1.

Fritz de Jaegher, professor de alemão do ginásio mineiro; Major Augusto Serpa, chefe das oficinas da Imprensa Oficial; dr. Oscar Americano, cirurgião dentista; major Arthur Haas, José Gonçalves, Avelino Reis, J. Almeida, Claudiano Martins Junior, Miguel Liebmann e J. Jordão, do alto comércio; Celso Werneck e Jefferson Mourão, funcionários do Estado; Antônio Mascarenhas, Joaquim Brasil, Olavo e Abel Drummond, Thomé Pereira, Joaquim Baptista de Mello, J. Roque Teixeira, Francisco e Viriato Mascarenhas, estudantes; e muitos outros.⁴⁵¹

Assim, em 10 de julho de 1904, foi fundado o clube e eleita sua primeira diretoria, cuja presidência ficou com Oscar Americano; a vice-presidência, com Augusto Pereira Serpa; a tesouraria, com José Gonçalves; e a secretaria, com Avelino de Souza Reis. Victor Serpa assumiu a função de capitão. O *Minas Gerais* de 13 de julho, em nota na seção “Festas e Diversões”, acrescentava que a diretoria dessa “útil diversão” informava que nos dias 14 e 17 já haveria exercícios práticos no campo.⁴⁵²

Para uma cidade que estava normatizando a forma de nela se viver, ao serem criados os estatutos do clube, que foram aprovados no dia 23 de agosto do mesmo ano, esses tiveram que ser visados pelo então chefe de polícia, Cristiano Brasil.⁴⁵³

Por esse estatuto, podiam participar do clube “pessoas dignas”, nas categorias de sócios efetivos, moradores da capital; correspondentes, residentes fora da capital; e beneméritos.⁴⁵⁴ O valor estipulado para o pagamento adiantado da jóia para o ingresso no clube, de 10\$000, e o da mensalidade, de 5\$000, eram altos o bastante para selecionar criteriosamente seus participantes. Esses valores eram iguais aos cobrados pelo Fluminense, do Rio de Janeiro, que se afirmava como um clube da elite, formado por “rapazes da melhor sociedade, quase todos educados em colégios da Inglaterra.”⁴⁵⁵ Os clubes do Rio que passaram a aceitar como sócios operários de todas as categorias, como o Bangu, cobravam 2\$000 como jóia para o ingresso e 1\$000 mensais, permitindo que trabalhadores menos especializados também pudessem participar.

A associação do *Sport Club* tinha como fim especial “fazer propaganda de todos os jogos e exercícios athleticos taes como: foot-ball (principalmente), pedestrianismo, criket,

⁴⁵¹ REMEMORANDO: os primordios..., 1927, p. 2.

⁴⁵² MINAS GERAIS, 13 jul. 1904, p. 6.

⁴⁵³ Abílio Barreto, em seus manuscritos, acrescenta que os estatutos foram apresentados para registro e apontado o número 71 do Protocolo de registro, a 26 de setembro de 1904, e inscritos no [L.º] competente sob n.1, na mesma data, pelo oficial interino, Raymundo Nonato da Silva. Pagaram de arquivamento, certidão, [rasa], registro e selos 35[\$]000. (BARRETO. *Esportes 1904-1937*, [s.d.].)

⁴⁵⁴ Os estatutos do clube foram assinados por Oscar Americano, José Gonçalves, Avelino de Souza Reis, Victor Serpa, Charles B. Norris, Augusto Pereira Serpa, Antônio Baptista Vieira Junior, Jordão de Carris Figueiredo, Miguel Liebman, Joaquim Roque Teixeira e Antônio Nunes de Almeida.

⁴⁵⁵ Referência do jornal *Auto-sport*, de 1912, citado por Pereira (2000, p. 28-29).

lawns_(sic)-tennis, esgrima, etc, etc”.⁴⁵⁶ Essas eram algumas das práticas esportivas em voga no momento, com destaque, principalmente, para as de origem inglesa que, aliadas aos valores do exercício físico, passaram a ser valorizadas como uma forma de completar a higiene do corpo.

O time do *Sport Club* foi organizado inicialmente não somente com times seniores, mas também com juniores.⁴⁵⁷ Esses times reproduziam o modelo seguido pelos jogadores cariocas, um padrão europeu de jogo, que era utilizado por todos os times do período. Além do *goal-keeper*, os times possuíam dois *backs* – jogadores de defesa –, três *halfs* – que jogavam na intermediária do campo – e cinco *forwards* – jogadores de ataque. Esse modelo, segundo Leonardo Pereira, foi apresentado em 1905, na obra *Sports athleticos*, de E. Weber, um autor francês que ensinava os princípios e as técnicas de diferentes esportes de origem inglesa, como o *hockey*, o *lawn tennis* e o *football*. Essa obra passou a ser uma “espécie de bíblia” para os cariocas que, com o intuito de esclarecer aos seus esportistas as regras e técnicas do jogo, a citavam com frequência nos grandes jornais da cidade.⁴⁵⁸

A fotografia do *Sport Club* encontrada nos arquivos do Museu Histórico Abílio Barreto retrata um grupo de pessoas de pele clara, elegantemente vestidas, algumas uniformizadas e outras de terno e gravata, cabelos penteados e bigodes “respeitáveis”. Eram, portanto, representantes de uma elite branca que, na cidade, iam dando ao jogo um perfil refinado, transformando-o em uma marca da sua modernidade.

⁴⁵⁶ ESTATUTOS do Sport Club, 21 set. 1904, p. 15.

⁴⁵⁷ O clube organizou-se inicialmente com dois times de futebol seniores, o “team do Victor Serpa” e o “team do Oscar Americano” assim constituídos: *Mr. Victor Serpa's XI* – De Jaegher (*goal-keeper*), Liebmann e Almeida (*backs*), Sales, Abel e Chagas (*half-backs*), Fr. Mascarenhas, Tomé, Norris, Viserpa e Viriato (*forwards*) e o reserva Baptista. *Dr. Americano's XI*: Gonçalves (*goal-keeper*), Jepherson e Roque (*backs*), major Serpa, Avelino e Fabiano (*half-backs*), Brazil, Jordão, dr. Americano, Antonino e Claudionor (*forwards*) e os reservas Raul e Saturnino. Mas possuía também *teams* juniores, que eram capitaneados por Rômulo Joviano e Nuno Santos. Faziam parte desse grupo: Paulo Cunha, Octavio Penna, Américo Martins Penna, Ricardo Martins Penna, Hildebrando Castelar, Alfredo Martins Penna, Gy Santos, Vivico Costa, Evaristo S [*alomon*], Carlos Toledo Filho, Mário Toledo, José Severiano Machado Coelho Amaro Drumond, João de Mello Franco e Waldemar Ribeiro. (FOLHA PEQUENA, 24 set. 1904, p. 1.)

⁴⁵⁸ PEREIRA, 2000. Segundo Pereira, essa obra foi publicada originalmente na França, em 1905, e em 1907 foi editada no Brasil pela Editora Garnier.



FIGURA 22 – Sport Club em 1904. A partir da esquerda estão 1. Jordão Caíres; 2. [...]; 3. Augusto Pereira Serpa; 4. Virgílio Fabiano Alves; 5. Dr. Oscar Americano, 6. José Gonçalves; 7. Avelino Rodrigues; 8. Antônio Nunes de Almeida; 9. Francisco de Assis das C. Rezende; 10. Abel Horta Drumond; 11. Victor Serpa está assentado com a bola aos pés; 12. Viriato Mascarenhas; 13. Tomé Andrade; 14. Joaquim Brasil; 15. Joaquim Roque Teixeira; 16. Miguel Liebman; 17. José Mariano de Sales; 18. [...]; 19. Antônio Mascarenhas.

Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto

Assim, os *sportmen*, reunidos em torno do clube para criarem as primeiras raízes do *football* na cidade, eram pessoas da elite da cidade, dentre elas profissionais liberais, funcionários públicos, comerciantes e estudantes, tanto universitários como ginásianos. Para estes últimos, as crônicas também dedicavam espaço. Um cronista identificado como *Sportman* assim escreveu:

É para vocês, meus garrulos sportsmen pequeninos, que hoje escrevo. Quizera, em verdade, dizer duas palavras de animação á brava mocidade do Gymnasio, que ante-hontem tão promissoramente estreou nas lides do sport. [...] É bem possível que vocês não dêem polemistas tão mordazes e vãos, como os nossos de hoje, mas certo hão de dar, para bem de Minas e da Pátria, moços sadios d'alma e de corpo, como os inolvidáveis guerreiros e sábios de Roma, que decantavam outrora a 'mens sana in corpore sano'.⁴⁵⁹

⁴⁵⁹ SPORTSMAN, 1904, p. 1-2.

O espaço apropriado para o campo improvisado localiza-se, inicialmente, entre a Rua Sapucaí e a antiga estação da Central. Após alguns treinos preliminares, realizaram-se alguns jogos, marcados para as 7 horas da manhã, nos domingos, entre os times do *Sport Club*. Esses jogos eram noticiados, com antecedência, nos jornais da cidade.⁴⁶⁰ Posteriormente, o próprio clube, em seção paga, divulgava seus jogos, no horário da tarde, para conquistar o interesse de jogadores e espectadores:

Sport Club
 Secção paga
 Todos os domingos ás 4 horas da tarde há matck_(sic) de foot-ball entre dois valentes teans do club.⁴⁶¹

Um desses jogos, realizado no dia 2 de outubro de 1904, foi assim noticiado pelo *Minas Gerais*:

Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo dessa novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distinctos sportmen e gentis sportwomen. Prestou-se graciosamente a servir de referee o sr. capitão Haas, que se conservou durante toda a partida perfeitamente imparcial e attento, o que grandemente contribuiu para o bom resultado della. Venceu ainda desta vez o team do Sr. Victor Serpa por 2 gols a 1, apesar do denodo e do brilho com que se bateu o do dr. Oscar Americano. Os pontos foram marcados para os vencedores, pelos srs. José Mariano de Sales e Victor Serpa e para os vencidos pelo sr. Joaquim Brasil. A lucta esteve sempre animadissima, o que demonstra que o popular sport está finalmente para sempre implantado em nosso aureo Estado.⁴⁶²

Esse jogo entre os dois grupos do *Sport Club* despertou grande interesse na cidade. Na opinião de Abílio Barreto, “não temos lembrança de nenhuma outra iniciativa lançada em Belo Horizonte e cuja aceitação e imediata e rápido desenvolvimento se possa comparar a do futebol”. E esse interesse era o da “fina roda”, cujos espectadores, tratados como *Sportmen* e *Sportwomen*, já começavam a ser destacados.

As impressões dos espectadores eram as mais variadas sobre a novidade na cidade. O cronista *Spiridiam*, em diálogo com seu amigo literato *Bicudo*, que o havia convidado para assistir a uma partida de *football*, uma coisa nunca vista, assim respondeu:

⁴⁶⁰ FOLHA PEQUENA, 17 set. 1904, p. 2; FOLHA PEQUENA, 24 set. 1904, p. 1.

⁴⁶¹ SPORT Club. *A Folha*, 15 jan. 1905, p. 4.

⁴⁶² SPORT Club. *Minas Gerais*, 4 out. 1904, p. 6.

Nem eu, acrescentei. Quando chegamos ao chamado *campo*, fiquei surpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando comentários, interessados pelo jogo. Bicudo franziu o supercelhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas dos joelhos para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam ponta-pés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um *foot-baller* e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquilo trágico e cômico ao mesmo tempo, e sem perceber, instintivamente repetiu [...] Neste mundo há cada uma...⁴⁶³

Quanto ao nível técnico dos jogadores, o jornal *Vida Sportiva*, de 1927, ao descrever os primórdios do *football* na cidade, destacava:

Desses jogadores, só três ou quatro – Victor Serpa, Avelino Reis, Thomé Norris – já haviam praticado o ‘football’ em outras cidades. Os restantes começaram a aprendel-o, com mais ou menos habilidade. O capitão Jefferson Mourão era um centro-avante impetuoso e bravio, famoso em ‘charges’ no adversário. José Mariano de Sales, atual delegado de investigações e capturas da capital, magro e veloz como era, gostava dos “rushes” de efeito, escapando rapidamente com a bola, para ir perdel-a perto do ‘goal’, aos pés do Roque, o sólido ‘full-back’. O major Serpa, muito myope, raramente conseguia manter o pé na pelota; mais chutava sempre com grande vigor nas canelas do inimigo. O sr. José Gonçalves (proprietário hoje da Casa Titan), tornou-se logo um esplendido ‘goal-keeper’. Deixou fama. Outro bom arqueiro foi o dr. José Martins Prates, actualmente deputado do Congresso Mineiro. Havia outros jogadores bons, Victor Serpa, porém, sobrepujava-os a todos, por seu jogo impecavel, do melhor estylo.⁴⁶⁴

Naquele momento, as representações sobre o *football* iam-se fazendo de forma contraditória. Se, de um lado, era ridicularizado como um esporte de homens de pernas de fora, que atiravam pontapés numa bola, de outro, homens com posições na cidade e na sociedade, ainda que de pernas de fora e dando chutes nas canelas, constituíam-se em um conjunto elegante. O *football* começava, assim, a ser visto como um limite entre o selvagem e o civilizado, entre as normatizações e um coletivo sem muitas regras, entre o “popular” e a elite.

Os termos em inglês usados no jogo e divulgados na imprensa consistiam numa forma de reproduzir na cidade o jogo praticado na Inglaterra. Assim, crônicas e notícias sobre os jogos eram permeadas por *referee*, *goal*, *team*, *penalty*, *off-side*, *kick-off*, dentre outros. Esses termos do esporte passaram a figurar, também, em todos os bate-papos da cidade.

⁴⁶³ SPIRIDIAM, 20 nov.1904, p. 2.

⁴⁶⁴ REMEMORANDO: Os Primordios..., 1927, p. 2.

Estabelecimentos comerciais ganharam nomes ligados ao esporte, como o *Salão Sportman* e a *Rotisserie Sportsman*, que aparecem nos anúncios dos jornais *Estado de Minas* e *A Rua*.⁴⁶⁵

Os jogos iniciais foram realizados com os times do clube que levavam o nome do capitão.⁴⁶⁶ Mas logo após a criação do *Sport Club* e depois da realização do seu primeiro jogo público, outros clubes começaram a se organizar, “numa proliferação espantosa, não obstante a crença de que tal ramo desportivo era impróprio para nosso clima e estafante para a nossa mocidade”.⁴⁶⁷

O segundo clube a ser criado também foi destacado pelo *Minas Gerais*:

Denomina-se *Plínio Foot-ball Club* a sociedade recentemente fundada nesta capital para exercícios físicos. É divisa da novel associação preceito de Plínio: – *Mens sana in corpore sano*. A primeira partida efetuar-se-á hoje.⁴⁶⁸

Abílio Barreto esclarece que a fundação desse clube se deu numa reunião realizada no Externato do Ginásio Mineiro, localizado na Rua da Bahia, no dia 2 de outubro de 1904, o mesmo dia em que foi realizado o primeiro jogo do *Sport Club*.⁴⁶⁹

O clube era composto de trinta sócios, com vinte e dois titulares e oito reservas. Sua finalidade específica era o “exercício do foot-ball”.⁴⁷⁰

O *Minas Gerais* de 19 de outubro noticiou a criação de outro clube, o *Mineiro Foot-Ball Club*.⁴⁷¹ E nesse período foi criado também o *Athletico Mineiro Foot-ball Club*, que não é o atual. Victor Serpa, no seu papel de educador e divulgador do *football* na cidade, era

⁴⁶⁵ ESTADO DE MINAS, 1 jan. 1906, p. 4.; A RUA, 12 nov. 1907, p. 4.

⁴⁶⁶ A partida realizada em 9 de outubro de 1904, com os times capitaneados por Avelino Reis e Tomé Pereira, assim constituídos: AVELINO's XI: Gonçalves (*goal-keeper*), Jordão e Roque (*backs*), major Serpa, Avelino e Fabiano (*half-backs*), Jefferson, Antonino, dr. Americano, Brasil e Claudionor (*forwards*). Reservas: Saturnino, Velloso e Guilherme. O THOMÉ's XI: Mascarenhas (*goal-keeper*), Libermann e Almeida (*backs*), Celso, Thomé e Abel (*half-backs*), Mellinho, Sales, Norris, Viserpa e Virialho (*forwards*). Reservas: Baptista, Chagas e De Jaeger. (SPORT Club, *A Gazeta*, 1 abr. 1904, p. 3.)

⁴⁶⁷ BARRETO. *Recordar é viver...*, [s.d.].

⁴⁶⁸ MINAS GERAIS, 9 out. 1904, p. 6. É importante destacar que esse lema que deu o nome ao clube não é de Plínio, e sim de Juvenal (*Decimus Junius Juvenalis*), poeta satírico romano.

⁴⁶⁹ Sua primeira diretoria foi formada por Francisco Tiburcio de Oliveira, presidente; Otávio Viana Martins, secretário; Álvaro Magalhães Mascarenhas, tesoureiro; Francisco Mascarenhas, Francisco Rebelo de Paula Horta e Raul Cruz, comissão de sindicância. Os estatutos foram organizados por Francisco Mascarenhas, Pedro Queiroga e Antônio José da Cunha. (BARRETO, *Recordar é viver...*, [s.d.].)

⁴⁷⁰ ESTATUTOS do Plínio..., 1904, p. 3. O uniforme do time, definido nos estatutos, constava de camisa de meia decotada, com listas pretas e brancas, calção branco apertado por um cinturão preto, meias pretas e compridas e mais um acessório usado na época, um “bonnet de gommás pretas e brancas”.

⁴⁷¹ Sua diretoria foi assim constituída: Nicanor Noronha; 1º secretário, Mario Linhares; 2º Ricardo Martins Penna e tesoureiro, Américo M. Costa. (MINAS GERAIS, *Bello Horizonte*, 19 out. 1904, p. 7.)

também presidente do *Athletico*, que posteriormente viria a se chamar *Viserpa-foot-ball-club*.⁴⁷²

A primeira partida entre esses novos clubes foi realizada entre as equipes do *Plinio* e do *Athletico*, no dia 17 de outubro, “resultando o magnífico match num empate de 0 a 0, o que demonstra[va] o mérito das duas defesas inimigas”, como apresentava o crítico esportivo do *Minas Gerais*⁴⁷³, ou, ainda, a falta de habilidade para fazer gols.

Com quatro clubes na cidade, os esportistas procuraram organizar competições promovidas por uma associação desses clubes, criando, assim, em Belo Horizonte, a sua primeira liga de *football*, que organizou o primeiro campeonato entre os clubes, em 1904.

Após a realização desse campeonato, ainda apareciam, naquele ano, notícias sobre jogos realizados nos clubes *Athletico* e *Sport*. As representações sobre aquele esporte podem ser percebidas na narrativa do cronista do *Minas Gerais*:

Este gênero de diversão esportiva, que ultimamente tanto incremento tem tomado no nosso meio, allia em si o útil ao agradável, pois ao mesmo tempo em que dá força ao corpo, concorrendo assim para a perfeição da espécie, é um elemento de distracção para o nosso publico. É de presumir que haverá hoje grande concurrencia ao *Athletico Mineiro Foot-ball*.⁴⁷⁴

Assim, o útil estava aliado ao valor do esporte na busca da eugenia da raça, concepção que, desde o final do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, permeava as representações sobre o esporte e a educação física. O esporte era uma forma de conseguir o vigor físico e a melhoria da espécie. Além de concorrer para a formação do corpo, era uma forma de promover um divertimento organizado.

O futebol belo-horizontino, em janeiro de 1905, sofreu significativa perda com a morte prematura de seu mais importante incentivador, Victor Serpa, vítima de gripe, no Rio de Janeiro. A imprensa, colegas de faculdade, os times de *football* da cidade e de Ouro Preto, bem como famílias amigas expressaram diferentes manifestações de pesar pela perda do amigo. O jornal *A Epoch*⁴⁷⁵ que, em dezembro de 1904, havia publicado o recebimento de um cartão de despedida do “sympatico amigo” Victor Serpa, que saía de férias para o Rio, publicou, nas edições de 22 e 29 de janeiro de 1905, notícias sobre o seu falecimento e relatou o grande número de manifestações e homenagens. Destaca-se aqui o tributo do *Athletico-foot-*

⁴⁷² A EPOCHA, 22, jan. 1905, p. 2.

⁴⁷³ MINAS GERAIS, 19 out. 1904, p. 7.

⁴⁷⁴ MINAS GERAIS, 24 nov. 1904, p. 6.

⁴⁷⁵ A EPOCHA, 18 dez. 1904, p. 1.

ball-club, do qual Victor Serpa era presidente, que, além de decretar oito dias de luto, mudou o seu nome para *Viserpa-foot-ball Club*. Outros clubes, como *Sport*, *Juvenil* e *Plinio*, além do *Club Unionista de Foot-Ball*, dos alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, também fundado por Viserpa, enviaram mensagens à família e realizaram cerimônias em homenagem à memória do amigo. Famílias e amigos acadêmicos também expressaram seu pesar, celebrando missas em diferentes cidades. Todas essas manifestações revelaram o importante papel assumido por Victor Serpa na sociedade. Suas qualidades, “cultura de espírito” e “distinção”, eram destaque e chegaram a ser lembradas posteriormente por um cronista, que dizia: “Tempo houve em que Bello Horizonte vibrou, aninhando em seu seio moços de espírito, cultos e fortes para a lucta”. O nome de Victor Serpa é destacado em meio a outros que foram evocados pelo cronista por terem proporcionado “inesquecíveis dias” na cidade.⁴⁷⁶

Mesmo após o falecimento do seu grande líder, o *football* continuou a se constituir na cidade. O *Viserpa Foot-ball Club*, no dia 29 de janeiro, já realizava uma partida, tendo sido eleito para seu presidente mais um acadêmico, o *footballer* Júlio Lemos.⁴⁷⁷ Outros times passaram a figurar nos jornais, como *Brasil Foot-ball Club*, com seus dois times – *Russo* e *Japonez*⁴⁷⁸ –, *Juvenil Foot-ball Club*,⁴⁷⁹ *José de Alencar Foot-ball Club*, *Esperança Foot-ball Club* e *Estrada Foot-ball Club*.⁴⁸⁰ Mas o futebol passou, também, por uma fase marcada por uma quase total ausência de notícias sobre ele em 1905 e 1906.

4.1.1 O *football* desaparece dos jornais

Em agosto de 1905, ganha as manchetes do jornal *A Epocha* o anúncio do primeiro jogo a ser realizado fora da cidade, entre o time do *Viserpa Foot-ball Club* e o *Hugo Braga Foot-ball Club*, da cidade de Barbacena. O cronista destacava que seria a “primeira vez que se [empenhariam] em luta, no Estado de Minas, clubs de cidades diferentes”, e que a iniciativa seria uma boa forma de despertar o entusiasmo nos clubes de outras cidades.⁴⁸¹ Esse entusiasmo, entretanto, não seria somente para os clubes de outras cidades, mas também para

⁴⁷⁶ REGISTRO. *Estado de Minas*, 22 abr. 1906, p. 1.

⁴⁷⁷ A EPOCHA, 29 jan. 1905, p. 2.

⁴⁷⁸ MINAS GERAIS, 19-20 dez. 1904, p. 8.

⁴⁷⁹ A EPOCHA, 22 jan. 1905, p. 2.

⁴⁸⁰ PAN d' ÉGA, 12 fev. 1905, p. 1.

⁴⁸¹ FOOT BALL, *A Epocha*, 20 ago. 1904, p. 2.

os de Belo Horizonte. As notícias sobre o *football* passaram a ser raras. Depois de fevereiro de 1905, em que *A Epocha* noticiou que “entre as ruas Parahyba e Pernambuco, em excelente situação, foi aberto o campo em que o *Viserpa Foot-ball Club* fará d’agora em diante os seus exercícios”,⁴⁸² somente em junho apareceu uma nota esclarecendo que por aqueles dias o *Brasil Foot-ball Club* recomeçaria seus exercícios, suspensos por pouco tempo, por motivo de força maior. Esse clube deveria estar ligado ao Ginásio Mineiro, pois a reportagem fala de uma reunião nas salas do “Gymnasio”.⁴⁸³ Com isso, pensava-se que a partida intermunicipal traria novo interesse ao *football*.

Marcada inicialmente para o dia 6 setembro, ficou definitivamente acertada para o dia 1º de outubro. Nessa nota, foi noticiada a fusão entre os clubes *Viserpa* e *Sport*. As diretorias decidiram que a nova associação iria chamar-se *Viserpa Sport Club* e que as mensalidades seriam reduzidas para 3\$000, não pagando jóia jogadores que já tivessem pertencido a outros clubes. Achava-se na Casa Colombo uma lista para ser assinada pelos que concordassem com a fusão e também por aqueles que desejassem fazer parte da associação. Essa era uma iniciativa para abrir possibilidades de que mais pessoas pudessem participar do seletor clube, que, ao diminuir o valor da mensalidade para 3\$000, um valor ainda alto o bastante para selecionar seus participantes, motivaria a entrada de novos adeptos. A medida era, para o cronista do *A Epocha*, uma esperança de que o “foot-ball tome vigoroso impulso”⁴⁸⁴, mas também um indicativo de que o interesse não era o mesmo dos tempos iniciais. É importante ressaltar que fazia parte da comissão redatora desse jornal, que tanto apoio dava às notícias do *football*, Júlio Lemos, o *Capitain* do *Viserpa*.⁴⁸⁵

A partida do *Viserpa* com o Hugo Braga foi um grande acontecimento na cidade de Barbacena, que recebeu o time belo-horizontino na estação, com banda de música e uma ala de “gentis senhoritas”. Como *gentlemen*, os jogadores dos times “dirigiram-se para o hotel, como de costume, trocaram-se os cumprimentos de estylo, combinando-se que a partida seria no dia seguinte às 4 horas da tarde”. O clima de festa e camaradagem foi representado pela ida do time anfitrião, uniformizado, buscar os adversários no hotel para, juntos, se dirigirem ao campo. Não se consideravam adversários, e, sim, identificavam-se com uma marca de cavalheirismo. Como um esporte de *sportmen*, antes do início da partida, os representantes dos times presentes fizeram uma manifestação às moças presentes, tendo dado o pontapé

⁴⁸² A EPOCHA, 26 fev. 1905, p. 3.

⁴⁸³ FOLHA PEQUENA, 24 jun. 1905, p. 1.

⁴⁸⁴ FOOT-BALL. *A Epocha*, 24 set. 1905, p. 1.

⁴⁸⁵ A EPOCHA, 1 out. 1905, p. 1.

inicial uma “gentil e graciosa senhorita”. Embora muito animado e disputado, o resultado do jogo foi o empate sem gols. O dia continuou em clima de festa, com cerveja, doces e danças até a madrugada. O cronista não poderia ter acabado a notícia de outra forma senão com a despedida da “moças dando vivas ao *Viserpa*, sendo respondidas com outros ao Bello-sexo e ao Hugo Braga.⁴⁸⁶ Essa cordialidade e gentilezas mútuas eram marcas que o refinamento do esporte inglês conferira ao *football*.

O resultado e o empenho dos diretores do clube parecem não ter dado o resultado esperado. Depois da nota “hoje, às 4 horas, haverá jogo no *ground* do *Viserpa Sport-club*”, de 15 de outubro de 1905, mesmo o presidente do *Viserpa* fazendo parte comissão redatora do jornal *A Epocha*, as notícias sobre *football* desapareceram dos jornais da cidade. O *Jornal de Minas*, em 20 de agosto de 1905 já havia publicado em suas “Notas Exparsas”:

Neste principio de século, do morto romancismo, da agonisante poesia e das crenças mortas, do foot-ball e do cartão postal, de uma guerra e das rapidez, da evolução propositalmente provocada e do progresso material – o tédio impera.⁴⁸⁷

O *football*, apesar da efervescência vivida nos primeiros anos, também entrou numa fase de declínio. Os anos de 1906 e 1907 foram marcados pela ausência quase total de notícias sobre ele, momento em que as atenções da cidade se voltaram para o Prado Mineiro, com a implantação do turfe na cidade.

Mesmo vivenciando um período de declínio, os interesses em apropriar-se de espaços na cidade para a sua prática ainda se mantinham. A ausência de notícias não significava desinteresse. Vale destacar que, segundo Abílio Barreto, em seus manuscritos, no dia 12 de junho de 1906, pelo requerimento n. 1210, assinado por Nelson Coelho de Senna, Jefferson Darphe Mourão e José Gonçalves, presidente, 1º-secretário e tesoureiro do *Sport Club*, respectivamente, foi feito um pedido ao prefeito da concessão

definitiva, a título gratuito, dos terrenos ocupados pelo seu campo, no quarteirão 14, da 3ª. seccção urbana, que dava para a Avenida Paraopeba, abaixo da Imprensa Oficial, no qual a sociedade tinha despendido não pequena quantia desaterano-o_(sic), nivelando-o e gramando-o, cercando-o de arame”.

⁴⁸⁶ MATCH de football. *A Epocha*, 8 out. 1905, p. 2.

⁴⁸⁷ SILVÃES, 1905, p. 2.

O pedido não teve despacho do prefeito. Essa medida pode ter sido motivada pela fase de declínio vivida pelo esporte naquele momento.

O que marcou esses anos iniciais foi o papel desempenhado por Victor Serpa na difusão do *football* em Belo Horizonte como um esporte de elite, envolvendo pessoas representativas na cidade, comerciantes, universitários e ginásianos na criação de times que vivenciaram uma verdadeira “mania” de futebol na cidade, mas que tiveram vida efêmera. Das múltiplas representações construídas pelos seus iniciadores em torno do jogo e fortemente destacadas pela imprensa, algumas estavam aliadas a uma prática que traria a modernidade para a cidade, pois era uma diversão civilizada, cavalheiresca, útil e agradável, que, além de desenvolver o vigor físico, contribuía também para a melhoria da espécie. Mas existiam também representações que classificavam essa prática como uma forma de alienação.

4.1.2 O *football* reaparece nos jornais e nos espaços da cidade

Apesar dessa fase de declínio, a partir de 1908 o *football* ressurgiu na imprensa com a criação de novos times. O *Diario de Noticias*, de 19-20 março de 1908, noticiava:

Acaba de ser fundado nesta capital, por um grupo de moços o *Sport Club Mineiro que*, se tiver existencia duradoura, muito util será á mocidade, pelas diversões que se propõe a offerecer, como esgrima, patinação, corridas de bycicletta e a pé, lucta romana, tiro ao alvo, foot-ball, tennis, etc.

O programa é, como se vê, convidativo, e assim levem a effeito a bela idea. Brevemente haverá uma reunião para aprovarem os estatutos, escolherem o local, elegerem a directoria, etc.⁴⁸⁸

A vida efêmera dos primeiros clubes refletia-se na preocupação do cronista que, posicionando-se no condicional de uma vida duradoura do clube, mostrava sua utilidade na oferta de diversões variadas.

A criação do *Sport Club* inaugurou essa nova fase do *football*, que contou também com a criação de outro clube no mesmo período, o *Athletico Mineiro Foot-ball Club*, criado em 25 março de 1908.

⁴⁸⁸ DIARIO DE NOTICIAS, 19-20 mar. 1908, p. 2.

Apesar de receberem os mesmos nomes de clubes anteriormente criados, essas eram novas associações que se instituíram na cidade e marcaram um momento de revitalização do esporte. Esse fato foi causa de algumas interpretações duvidosas por parte de estudiosos que analisaram o esporte na cidade.

O jornal *A Gazeta*, de 1º de abril do mesmo ano, falava sobre o grupo criador:

Um grupo de moços da nossa melhor sociedade está organizando um club de Sport, onde irão tratar de todas as diversões desse gênero, para o desenvolvimento da rapaziada. É uma excellente idéa, que partiu desse grupo, que nos consta, compõe dos srs. drs. Augusto Veloso, Cicero Lopes, Abel Drummond e mais o Sr. José Olynto Ferraz e alguns outros. Applaudimos francamente tal idéa, e desejamos que seja ella em breve posta em execução.⁴⁸⁹

O clube propunha-se a promover várias “secções” esportivas, como o ciclismo, a esgrima, o tiro ao alvo, a corrida a pé e com obstáculos e a luta romana . Outras “secções”, como a patinação, o *football* e o *tennis*, somente iriam funcionar “depois que o *rink* e o campo estiverem preparados”.⁴⁹⁰ Assim, o clube ofereceria a seus associados diferentes modalidades esportivas, algumas ainda novidades na cidade.

O *Sport Club*, que logo no início já contava “38 socios da nossa alta sociedade”, teve como meta inicial criar uma comissão incumbida de organizar as bases do regulamento do clube e conseguir com o prefeito da capital um lugar no parque para funcionamento do clube. “O dr. Benjamim Jacob não só aplaudiu francamente a idéa daqueles moços como prometeu facilitar, em tudo o quanto fosse possível, a manutenção e o desenvolvimento do *sport* nesta capital”.⁴⁹¹

Um prefeito “jovem”, como retrata o jornal, atendeu à solicitação desse grupo da elite, que pode ser percebida no seu relatório anual de 1908: a decisão da preparação de um terreno no parque, “em ponto convenientemente escolhido, na parte limitada pela Avenida Mantiqueira”,⁴⁹² atual Alfredo Balena, local onde hoje se encontra a Escola de Medicina. Ficava, assim, caracterizada uma apropriação dos terrenos do Parque Municipal para as atividades de um grupo restrito que se propunha a realizar ali as suas atividades. O apoio do prefeito em ceder um espaço público para um grupo da elite era uma forma de ver realizadas práticas modernas na cidade.

⁴⁸⁹ SPORT Club, *A Gazeta*, 1º abr. 1908, p. 3.

⁴⁹⁰ DIARIO DE NOTICIAS, 13-14 abril 1908, p. 2.

⁴⁹¹ DIARIO DE NOTICIAS, 11 abr. 1908, p. 2.

⁴⁹² BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório*, 1908, p. 25.

Diferentes formas de apoio foram promovidas para a implementação do clube. Era de praxe as apresentações circenses que aconteciam na cidade fazerem espetáculos em benefício de instituições locais para seu fortalecimento, e a imprensa colaborava com a divulgação e incentivos. Podiam-se encontrar referências como as seguintes:

O ‘Sport Club Mineiro’ ahi está forte e encorajado.

E como não ser assim, deante da franca *sympatia* com que foi recebido? Para proval-o, vimos o brilhantismo da primeira festa organizada em seu benefício.

O Chileno regorgitava de famílias e cavalheiros distinctissimos, manifestando com esta gentileza a sua boa vontade para com a nova associação.

Que assim continue, num ‘crescendo’ animador, e que o *Sport Club*, numa franca prosperidade, possa em pouco tempo compensar o esforço e a animação dos seus fundadores.⁴⁹³

Circo Chileno

A *troupe* desta companhia, para maior brilhantismo do espectáculo anunciado para sabbado, em beneficio das senhoritas Adelina Ozon e Graciana Fernandes, está ensaiando com o maximo escrupulo. Este espectáculo é dedicado ás famílias, ao commercio e ao ‘Sport Club Mineiro’ da capital.⁴⁹⁴

Até em 1910 este apoio ainda era visível:

Circo Universo

Este circo dará amanhã, em despedida, um excelente espectáculo nem beneficio do ‘Sport-Club’, util sociedade, que merece muito uma casa cheia.⁴⁹⁵

O *Sport Club*, instituição vista como “útil” para a cidade como promotora de práticas modernas, tinha seus exercícios noticiados no *Minas Gerais*. Assim, apareceu em reportagem na sua seção “Festas e Diversões” do dia 25 de abril de 1909:

Hoje, ás 7 horas da manhã e ás 4 da tarde, haverá nos campos do ‘Sport-Club’, exercícios de ‘foot-baal_(sic)’ entre os ‘teams’ branco e azul. Os dois valentes grupos estão assim organizados:

‘Team’(branco). ‘Goal Keeper’, José Gonçalves; ‘Backs’, Olavo Drumond e Alexandre Brandão; ‘Half Backs’, Plinio Mendonça, Americo Costa e Cicero Ferreira; ‘Forwards’, Cacán Brito, Mario Magalhães, José Ferraz, José Maximiano e Francisco Caracioli; ‘Captain’, José Gonçalves.

⁴⁹³ REFLEXOS, 1908, p. 2.

⁴⁹⁴ CIRCO Chileno, 3 jun. 1908, p. 1.

⁴⁹⁵ CIRCO Universo, 13 jul. 1910, p. 1.

‘Team’ (azul). ‘Goal Keeper’, Arthur Mendonça; ‘Backs’, Pompeu e Nhonhô Sales; ‘Half-Backs’, Nilo Rosembeurg, Romulo e Walter Castro; ‘Forwards’, Carlos Toledo, Plínio Brasil, Paulo Rodrigues, Lelé e Ednar do Frieiro; ‘Captain’ Rômulo Joviano.⁴⁹⁶

O interessante é que, apesar de noticiada a partida, um dos times não compareceu. Na sua falta, para não ficar sem jogar, o *captain* resolveu mandar sua linha de *forwards* fazer um ataque no próprio gol, ação que foi descrita em detalhes pelo cronista.⁴⁹⁷ Assim, o *Sport Club* recebeu todo o apoio da imprensa que, a partir de então, deixou de divulgar somente as datas dos jogos e as escalações do time, passando a descrever os jogos com todos os anglicismos bem grifados, mesmo cometendo alguns erros como se pode ver abaixo:

As 4 e meia horas da tarde foi dado o ‘Kick-off’ pelos ‘forwards’ do team ‘Branco’, os quaes logo conseguiram, em rápidos e bem combinados passes, levar a bola á linha de ‘backs’, travando-se ahi, durante grande parte do ‘half-time’, empenhada luta, da qual sahiram vencedores os ‘littles browns’ Agenor e Octavio, ‘hsootando’ para o meio campo.

Depois de alguns ‘rushes’ dos ‘forwards’ azues, nos quais se destacaram Nhonhô – Villela e Chico Walter, o ‘center’ Lelé conseguiu, ‘driblando’ passar a bola a Carlos que, de uma escapada, vasa o ‘goal’ burlando o ‘quiet’ ‘goal-keeper’ Dermeval. Segui-se um jogo muito disputado, em que, de ambas as partes, as peripecias se succediam, ate que enfim, Chico Walter recebendo a bola de Mario, também conseguiu fazer um ponto, apesar da boa defesa dos ‘backs’ Itabirano e J. Ferreira.

O resto da partida foi de pouca importancia, não conseguindo nenhum ‘team’ fazer mais pontos. Ficou assim empatado o ‘match’.⁴⁹⁸

Além de aparecer participando em partidas de *football*, o *Sport* organizava competições de outros esportes, como cita Octavio Penna:

1909 – 19 de dezembro

Em festa promovida pelo Sport Club, no Parque Municipal, entre várias corridas de bicicletas, de velocípede e a pé, figura a primeira competição publica de natação na capital. Em 60m, no lago Norte, James Calvert colocase em primeiro lugar, seguido de Honório Magalhães, em segundo lugar.⁴⁹⁹

Como ainda não havia piscinas na cidade, foram requalificados os lagos do Parque Municipal como espaços esportivos, para ali se realizarem provas de natação. Naquele

⁴⁹⁶ MINAS GERAIS, 25 abr. 1909, p. 7.

⁴⁹⁷ MINAS GERAIS, 26-27 abr. 1909, p. 7.

⁴⁹⁸ Descrição do jogo realizado no dia 3 de junho e publicada no *Minas Gerais*, citada por João Anatólio Lima, na *Folha de Minas*, [s.d.]. O artigo faz parte do acervo do Abílio Barreto – ABPi 7/061.

⁴⁹⁹ PENNA, 1997, p. 110.

momento, outros espaços passaram também a ser apropriados e resignificados para práticas esportivas diferentes das concebidas inicialmente para eles. Um exemplo disso é o Prado Mineiro, espaço criado para o turfe e que começa a aparecer no cenário da cidade, naquela época, também como palco dos jogos realizados entre as equipes de *football*: “O *match* de *foot-ball*, realizado, hontem no Prado Mineiro, entre o ‘Sport Clube’ o ‘V. N. Athletic Club’, esteve bem animado, havendo mesmo fervorosa disputa entre os jogadores”.⁵⁰⁰

O *Sport Club* foi também responsável pela realização, na cidade, da primeira partida interestadual de *football*. O jogo, realizado no dia 12 de setembro de 1910, foi uma partida amistosa entre o *Sport* e o *Riachuelo F. Club* do Rio de Janeiro, que venceu o time mineiro por 4 X 1. A partida aconteceu no campo do *Sport Club*, no Parque Municipal.⁵⁰¹

Depois desse período, mesmo contando com o grande apoio da imprensa para o desenvolvimento na cidade de práticas modernas e “úteis”, o *Sport Club* desapareceu das páginas dos jornais.

O outro clube criado na mesma época, o *Athletico Mineiro Foot-ball Club*, que posteriormente, em 1913, passou a se chamar *Club Athletico Mineiro*, tem sua história contada por Adelchi Ziller, que destaca o nascimento dessa instituição ligado a um grupo de meninos que se reuniam todas as tardes para costumeiras peladas de bola de meia. O *football*, com a realização de partidas “oficiais”, pode, nos anos anteriores, ter sumido das manchetes dos jornais, mas sua prática no cotidiano da capital, em suas ruas empoeiradas, parece não ter desaparecido. O uso desses espaços pode ser visto, como afirma Lucrecia Ferrara, não moldado a normas, estatutos ou códigos, mas como uma “fala” subversiva e marginal, pela maneira como preenchia o espaço urbano de significados inusitados.⁵⁰²

Assim, segundo Adelchi Ziller,

o campo improvisado de chão duro, poeirento e enorme, se confundia com a Avenida Afonso Pena, recebendo os primeiros impulsos do progresso. Era um campo de peladas, era em última análise o berço onde nasceria para gáudio da gente mineira, para a grandeza do desporto nacional, um dos maiores clubes do Brasil. O primeiro campo de pelada situava entre a rua da Bahia e a Avenida Álvares Cabral.⁵⁰³

⁵⁰⁰ DIARIO DE MINAS, 13 set. 1909, p. 2.

⁵⁰¹ PENNA, 1997, p. 114.

⁵⁰² FERRARA, 1996.

⁵⁰³ ZILLER, 1997, p. 33.

Com o crescimento do grupo, que tinha o coreto do Parque Municipal como local de encontro após as peladas aos sábados e domingos, pois era o lugar do “lazer” na cidade, no dia 22 de março de 1908, surgiu a idéia de se criar um clube. Essa idéia, segundo Mário Loth, um de seus fundadores, em entrevista publicada no *Estado de Minas*, partiu,

ao que parece, de Marginal Leal, de Eurico Catão ou de Ninico Antunes que foram se entusiasmando e recebendo adesões de Mario Loth, Sinval Moreira, Mario Alves, Carlos Maciel, Alexanor Pereira, Mario Toledo, Humberto Moreira, Julio Menezes Melo, Eurico Dinis, Oscar Maciel e outros []E quando em manhã radiosa de domingo, aqueles garotos se reuniram nos alicerces da atual Delegacia Fiscal, naquela ocasião reduto da meninada, a idéia tomou corpo e a alma foi marcada a primeira assembléia geral, realizada no velho coreto do Parque Municipal, no dia 25 de março de 1908.⁵⁰⁴

Adelchi Ziller acrescenta que nesse dia o grupo de atletas matou as aulas e foi ao Parque para organizar a criação do clube.⁵⁰⁵

A sede inicial do clube era “um cantinho do porão da casa onde residia Vate (Marginal Leal), à Rua Goiaz, nos fundos do Palácio da Justiça”. Sua primeira diretoria foi formada por: Marginal Leal, na presidência; Eurico Catão, na vice; Mario Loth, na secretaria; e Ninico Antunes, na tesouraria. A luta para se conseguir materiais adequados ao jogo, na época, era uma realidade. A bola foi um problema. Ninico Antunes (Antônio Antunes Filho) enviava besouros e outros bichos para um amigo na França, que o ressarcia das despesas feitas. Ninico solicitara ao amigo que, em troca do que lhe devia, fosse enviada uma bola de *football*, o que foi feito. “Bola em movimento, os meninos foram aparecendo, aderindo, aprendendo a jogar e a dedicar com entusiasmo àquele novo clube, que seria, mais tarde, glória do desporto brasileiro”.⁵⁰⁶

Esses meninos, em sua maioria, pertenciam a famílias tradicionais da cidade. Eram filhos de médicos, advogados e altos funcionários públicos, que recebiam incentivos dos pais para a prática da atividade esportiva.⁵⁰⁷

Inicialmente, usaram como campo para os seus jogos um terreno irregular em suas dimensões, localizado na Rua Guajajaras, entre as Ruas São Paulo e Curitiba. Adelchi Ziller descreve o campo como um espaço que não media mais do que 30 metros de largura por 70 de comprimento e que não havia marcas laterais. Nas saídas de bola, ela rolava para o

⁵⁰⁴ A PRIMEIRA bola..., 1948, p. 8.

⁵⁰⁵ ZILLER, 1997.

⁵⁰⁶ A PRIMEIRA bola..., 1948, p. 8.

⁵⁰⁷ COUTO, 2003.

barranco, e as metas se constituíam de dois paus colocados verticalmente e uma corda na horizontal para demarcar a altura. Após os jogos ou treinos, todo o material era recolhido. Em 1911, o clube conseguiu do então prefeito Olinto Meirelles a cessão do campo que havia sido utilizado pelo primeiro clube de *football* da cidade, o *Sport Club*, situado na Avenida Paraopeba, hoje Augusto de Lima, onde se localiza o Minascentro.⁵⁰⁸

Por ser um clube criado por garotos, mesmo pertencentes à elite, não teve, inicialmente, a mesma visibilidade conquistada na imprensa pelo *Sport Club*. Somente em 1911, depois das “facilidades” da conquista do campo, é que essa visibilidade no cenário da cidade passou a ser destacada.

A imagem do campo na cidade, no final da década de 1910, na foto de Higinio Bonfioli, mostra um espaço ainda não muito condizente com os *fields* que poderiam representar um espaço moderno em Belo Horizonte.



FIGURA 23 – Foto do campo do *Athletico* de autoria de Higinio Bonfioli
Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

A boa fase do *Athletico* na conquista do campeonato de 1915 foi significativa também para a conquista definitiva, perante a Prefeitura, do seu terreno para a construção de campo condizente, como relata Abílio Barreto:

⁵⁰⁸ ZILLER, 1997.

1916 – 18 de outubro. Lei do Cons. n. 121, auctoriza o pref. a conceder ao ‘Club Athletico Mineiro’, mediante prova legal de sua organização o terreno que actualmente occupa ou outro que for julgado conveniente aos interesses da Prefeitura, para nelle a ref^a. associação estabelecer o seu campo de sport e, de acordo com a legislação em vigor, effectuar a construcção de archibancadas e outras obras necessárias. O terreno será inalienavel e reverterá á Pref^a. no caso de dissolução da soc.⁵⁰⁹

Outro clube apareceu também nessa época não somente para incrementar o *football*, mas também as diversões na cidade: o *Yale Athletic Club*.⁵¹⁰ Elogiado pela imprensa pela “maneira galharda” com que se portavam seus sócios, o clube começou a aparecer na imprensa a partir de 1911.

O *Yale* ocupava um terreno também na Avenida Paraopeba que, em setembro de 1911, receberia a concessão oficial da Prefeitura, com a Lei n. 53, de 30 de setembro.⁵¹¹ Mas, antes disso, o *ground* havia passado por “notavel transformação material, não só de terraplanagem, como tudo mais que se tornava necessario para o conforto do grande publico alli esperado” na realização de uma das suas promoções: um jogo realizado com os ingleses de Morro Velho, da vizinha cidade de Nova Lima.⁵¹² Esse foi o primeiro jogo em que se cobrou ingresso na cidade.⁵¹³ Vários pavilhões foram construídos, dando ao campo um aspecto de local para diversão *en plein air*, como valorizava os europeus.

A Avenida Paraopeba foi se constituindo no espaço da cidade como o “lugar” dos clubes de *football*.⁵¹⁴

Na mesma época, surgiu o *America Foot-ball Club*. Sua criação partiu do interesse de 17 meninos das imediações da Praça da Liberdade, que se reuniam embaixo de uma árvore, próximo da casa comercial de Domingos de Meira, pai de dois dos fundadores – Aldemar e Alcides de Meira –, situada na esquina das Ruas da Bahia e Timbiras. Com as “cabeças cheias de football ou coisa parecida”, chutando bolas de meias, resolveram criar um clube em 1911. Mas, segundo Guilherme Halfeld, um desses 17, para “*a pratica do violento sport bretão não*

⁵⁰⁹ BARRETO. Esportes 1904-1937, [s.d.].

⁵¹⁰ Segundo Penna (1997), o clube foi criado no dia 17 de julho de 1909. Nos manuscritos de Abílio Barreto (Esportes 1904-1937, [s.d.]), a data da criação é 7 de agosto de 1910.

⁵¹¹ O terreno compreendia o quarteirão 7 da oitava Urbana. (PENNA, 1997, p. 124.)

⁵¹² GRANDE match..., 1911, p. 6.

⁵¹³ PENNA, 1997, p. 122.

⁵¹⁴ Espaços demarcados e apropriados se tornam “lugares”.

bastava o nome de ‘club’ (que só se tornou entidade esportiva em 30 de abril de 1912): necessitávamos ainda de campo, jogadores, sede, bola, dinheiro, etc.”⁵¹⁵

Inicialmente, apropriaram-se de um terreno da Prefeitura que ficava no entroncamento das Ruas Timbiras, Espírito Santo e Avenida Álvares Cabral. O campo não era gramado, e sim “macadamizado”. Halfeld lembra que,

pela natureza dos ‘ground’ e pela ignorância do juiz, sempre improvisado, revesadamente, entre nós mesmos, os ‘fouls’ eram seguidos de desagradáveis *machucados*, como se dizia. Os nossos ‘goals’ primitivos, do tempo pré-histórico do ‘America’... eram feitos de dois montes de pedras. Si, na conquista de ‘goals’ a bola passava a altura do ‘keeper’ variava com o tamanho dos ‘keepers’ e com o critério *alterável* do juiz. Era ‘goal, valido; se a bola *passava alto* (principalmente sendo o ‘keeper’ mais baixo), – não era ‘goal’. Si o ‘goal’ variava de altura, variava também de largura – era questão de, em dado momento, o ‘keeper’ aproximar os marcos, isto é, os montes de pedras, tornando-se as suas defesas mais fáceis e a conquista, mais dificultada para o ‘forward’ contrario!...

Bolas ‘out-side’ – raramente as haviam, porque os limites lateraes eram imaginários e, a forciori, não exigiam ‘linesmen’!⁵¹⁶

O *football* jogado pelos meninos do *America*, transformado pelas suas necessidades, adquiria caráter peculiar. Mas os desejos da conquista de um espaço apropriado para o jogo motivavam para essa busca, pois, segundo o cronista do *Minas Sport*,

nada possuíam, senão uma ponta de calçada como sede, e um pedaço de rua como campo; cotisavam-se aos duzentos réis, quem fosse mais rico, que entrasse mais para ‘vacca’ cujo fim unico era a compra da bola. O cargo de maior importância era o de zelador, isto é, aquelle que guardava a bola, e assim sob o patrocínio, de Affonso Brandão, Augusto Penna, Litcoln^(sic) Brandão, Oscar Gonçalves, Aureliano Magalhães, Waldemar Jacob e outros, os seus fundadores, foi crescendo o glorioso alviverde.⁵¹⁷

Os nomes citados estavam relacionados a famílias de projeção na cidade, até mesmo à do presidente do Estado, mas nem por isso o clube deixou de passar por dificuldades. A falta de campo adequado e de material esportivo e a baixa média de idade contribuíam para um não desenvolvimento esperado pelo grupo, nos seus anos iniciais.

Mesmo assim, aparecem uniformizados e rodeados de adultos e crianças, como na foto a seguir.

⁵¹⁵ HALFELD, 1928.

⁵¹⁶ HALFELD, 1928.

⁵¹⁷ AMERICA F. C., 1925, p. 1.



FIGURA 24 – Os jogadores do *America* em 1912
 Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

Com as decisões do clube tomadas não mais à sombra da “árvore americana”, e sim no porão da casa do Sr. José Gonçalves de Souza, então secretário da Agricultura e pai de dois dos jogadores – Oscar e César Gonçalves de Souza –, deliberaram transferir o “campo” para uma outra rua “que embora não fosse próprio, era menos impróprio”. O novo campo era uma área desterrada, próxima a um barranco que servia de arquibancada para as crianças que procuravam assistir aos jogos dos meninos do *America*. E, na busca de melhorias das condições, passaram a jogar em um campo, nas proximidades do córrego do Leitão, que já tinha sido apropriado por vários times, menos pelo *Athletico*, que possuía seu próprio espaço, cedido pela prefeitura, motivo de “inveja de nos outros, ‘americanos’”, e espaço no qual chegou a jogar por gentileza do clube.⁵¹⁸

O *Estado de Minas* publicou, na sua “Secção Sportiva”, sobre esse jogo:

⁵¹⁸ HALFELD, 1928.

Foot-Ball

América infantil ‘versus’ Santa Cruz.

Realizou-se hontem, a 1 hora da tarde , no *field* do ‘Athletico Mineiro’ gentilmente cedido ao ‘America’ pela sua diretoria, um *match* amistoso entre os clubs acima , sahindo vencedor o 1º por 2X0 – o *team* do ‘America’ estava assim organizado:

Oscar

Luiz – Moura

Robinson – Fiora – Guarany

Dute, Dario, Fauto^(sic), Oliveira, Carvalho

Marcaram os *goals* do ‘America’ Fausto, de um formidável *keck*(sic) da área de *hach* e Oliveiar de uma bella extremada .

Todos do *team* jogaram bem, principalmente Fausto e Carvalho.⁵¹⁹

Mesmo deixando o idioma local pelo uso dos termos em inglês em todos os aspectos ligados ao *football* e, ainda, cometendo alguns erros de grafia, os mineiros naquele período já haviam assimilado a simbologia das posições do jogo, não necessitando demarcar as posições de cada um, o que ficava claro pela disposição gráfica dos jogadores, delineada pelo cronista referenciado.

No mês de setembro de 1913, o time infantil do *America* recebeu novos associados e, com isso, conseguiu um espaço próprio para o jogo. Segundo informação de Euclides Couto, o time *Minas Gerais*, fundado em 1911, que tinha como presidente de honra o então prefeito Olinto Meirelles, por estar em dificuldades financeiras, propôs uma fusão com os garotos do *America*. Em troca do direito de jogar pelo alviverde, os jogadores do *Minas Gerais* cederam o seu campo, situado na Avenida Paraopeba (atual Augusto de Lima), duas traves de gols, uma bola e outros objetos de secretaria.⁵²⁰

Na lembrança de Guilherme Halfeld:

Crescendo a *cotação* do ‘*club de meninos*’ como se dizia e cujo primeiro presidente foi um menino de 12 annos (Affonso Silviano Brandão), foi feita e acceita, após certa relutância, a proposta de fusão, ao nosso, de um club mais antigo e de maior valor. A relutância procedia do facto de serem os elementos associados ao club proponente rapazolas, isto é, *gente grande!*...Curioso foi que ao nosso se fundiu, o ‘*Minas Gerais*’, foi *envolvido*, *absorvido* pelo club de meninos e desapareceu.⁵²¹

⁵¹⁹ ESTADO DE MINAS, 1º jul. 1913, p. 3.

⁵²⁰ COUTO, 2003.

⁵²¹ HALFELD, 1928.

Mas a conquista de um espaço próprio pesou mais alto. No cenário de Belo Horizonte, a Avenida Paraopeba foi se transformando cada vez mais no “lugar” do *football* na cidade.

Outro “lugar” do *football* que foi se fazendo na cidade foi o espaço que havia sido ocupado pelo Colégio Anglo-Mineiro em meados da década de 1910 e que foi apropriado pelo Gymnasio Mineiro, posteriormente. Localizado no alto da Avenida Afonso Pena, onde hoje funciona uma guarnição do Corpo de Bombeiros, era um “lugar” que possuía espaços físicos para diferentes práticas esportivas. Abílio Barreto, em seus manuscritos, informava que, em 20 de janeiro de 1918, “no campo do Gymnasio o novo ‘Sport Club’ enfrentava o ‘Vila Nova’. Era este o team do ‘Sport’: Nullo, Léo e Leon, Leonil, Velloso e Machado, Nelson, [titita], Diniz, Dude Moreira”.⁵²²

Mas não foi somente o *football* que despertou os interesses dos belo-horizontinos. Outras práticas inglesas, como o *lawn tennis* e o *croquet*, também passaram a fazer parte da sua cultura.

4.2 O *LAWN TENNIS* E O *CROQUET*: A APROPRIAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL

Apesar de fazer parte das práticas modernas que seriam ofertadas pelo primeiro clube de *football* da cidade, em 1904 – o *Sport Club* – e pelo clube de mesmo nome, em 1908, o tênis (na época *lawn tennis*) aparece efetivamente em Belo Horizonte somente no ano de 1913, com a criação do *Club de Sports Hygienicos*, e, posteriormente, com a vinda do colégio Anglo-Mineiro para a capital, em 1914.⁵²³

A primeira referência a esse clube aparece no jornal *A Capital*, intitulada “Em nome da moralidade”. O jornalista inicia falando de um grupo de cavalheiros, “entre os quais *conhecidos e abalizados clínicos*”, que havia solicitado ao prefeito da cidade “diversos favores para a exploração no Parque de uma sociedade sportiva”. O grupo pretendia montar naquele logradouro público “um campo de ‘*law tennis*’^(sic) e outro de ‘*cricket*’, um magnífico *rinc*^(sic) e pavilhões para ‘*bars e restaurants*’”. Para tanto, havia apresentado ao prefeito uma planta bem organizada. O plano não deixava de ser “interessante e sedutor”. Mas o cronista

⁵²² BARRETO. *Esportes de 1904-1937*, [s.d.].

⁵²³ Segundo Penna (1997), o Club de Sports Higiênicos inaugurou em suas instalações no dia 28 de setembro de 1913, o primeiro *court* de tênis da capital. Anteriormente, em 1910, já havia sido feito um na Chácara Flora, no Calafate, mas sem condições perfeitas para o jogo. Talvez por isso não possa ser considerado o primeiro.

passa a apresentar algumas considerações no sentido de um esclarecimento público, dizendo tratar-se de uma “empresa de fins meramente mercantis, solicitando, em proveito próprio, o amparo official”. No entanto, acrescenta:

Não faltará, é bem visto, entre os interessados, quem retruque com o [apoio] de que a cidade muito lucrará com o projetado campo de diversões, o qual virá concorrer para que os habitantes desta bella terra acompanhem os hábitos ellegantes e sadios dos grandes centros civilizados.⁵²⁴

As representações sobre o esporte como elegante, sadio e civilizado abria suas portas numa cidade que se queria promotora de hábitos modernos, como analisa o cronista. Mas sua grande crítica era a apropriação de espaços públicos por um grupo restrito da elite – no caso, alguns médicos –, sem oferecer a menor vantagem de caráter geral.

Apesar das críticas da imprensa, o grupo da elite, formado por pessoas influentes na cidade, que desejavam realizar no Parque práticas higiênicas, salutareis e divertidas, tão em moda nos centros civilizados, conseguiu seu intento. Abílio Barreto dá mais informações sobre o clube:

A feliz iniciativa que tiveram diversos cavalheiros da nossa mais alta sociedade, em 1913, colocando-se a frente do movimento então desenvolvido para a fundação do *Club de Sports Hygienicos* o que levavam a effeito a 25 de maio, quando [reunidos], elegeram a seguinte diretoria provisória, cuja função [imediate] seria obter dos poderes públicos as concessões indispensáveis ao funcionamento do mesmo, bem como, elaborar os estatutos; presidente, dr. Carlos Prates; vice-presidente, Arthur Joviano; 1º secretário, dr. H. M. Lisboa; 2º secretário, dr. Esequiel Dias; tesoureiro, dr. Hugo Werneck; diretor de sport, dr. Otávio Magalhães.⁵²⁵

E o *Minas Gerais* de 28 de setembro noticiava já ser realidade a iniciativa de “distintos cavalheiros, entre os quaes diversos médicos”, de criação do *Club de Sports Hygienicos*.⁵²⁶ O nome do clube era sugestivo tanto pelos valores aliados à cidade, que se constituía de forma salubre e higiênica, como pelos valores higiênicos aliados à prática esportiva na época, principalmente porque a iniciativa havia partido de um grupo de médicos da capital. Segundo o cronista do *Minas Gerais*,

⁵²⁴ EM nome da moralidade, 1913, p. 2.

⁵²⁵ BARRETO. *O passado desportista...*, [s.d.], p. 7-8.

⁵²⁶ MINAS GERAIS, 28 set. 1913, p. 10.

a sympatica associação, com poucos dias de existência, vai executando admiravelmente o seu plano de dotar Bello Horizonte com essa utilíssima instituição de recreio e educação physica para a nossa sociedade. Os campos de jogos e exercícios estão todos iniciados, e o de ‘Lawn tennis’, que é especialmente destinado a moços, ficou concluído, devendo ser amanhã entregue aos associados pela sua directoria. Os terrenos do club são no aprazível sitio do Parque, onde foi projetado o Casino de Bello Horizonte, local magnifico, accessivel e o mais apropriado possível do plano da associação. Hoje ao meio dia, durante a reunião de sócios, gentis amadoras de ‘Lawn-tennis’ experimentarão o novo ‘court’ disputando uma partida desse interessante esporte.⁵²⁷

As representações sobre as práticas esportivas estavam aliadas a uma forma de “recreio e educação physica” para os belo-horizontinos.

Proposto inicialmente como uma prática para corpos masculinos, mas abrindo possibilidades para que corpos femininos experimentassem o “interessante” esporte, mesmo que fosse durante a reunião dos sócios, foi o *lawn tennis* a primeira prática esportiva na cidade em que os corpos femininos começaram a praticar a modalidade, até mesmo participando de campeonatos.

O *lawn tennis* era uma modalidade esportiva inglesa que possuía como grande atrativo o fato de ser realizada ao ar livre, nos gramados dos jardins. Criada no século XIX, foi fruto de uma adaptação moderna do *court*, ou *royal tennis*, um jogo realizado *indoor*, uma evolução que pode também estar associada ao famoso jogo francês – *jeu de paume*.⁵²⁸ Como a grama se tornou um lugar favorecido para os divertimentos da classe média alta inglesa, o *lawn tennis* obteve grande interesse por parte dessa classe.⁵²⁹

A novidade na cidade fez com que o *Estado de Minas*, no mês subsequente ao da criação do *Club de Sports Hygienicos*, publicasse as regras do *lawn tennis* adotadas pela *Lawn Tennis Association da Inglaterra*, para jogos simples ou de dois jogadores.⁵³⁰

A revista *Vita*, de novembro de 1913, publicou a seguinte nota:

O Club de Sports Hygienicos, brilhante associação recentemente fundada nessa capital e destinada a ser um ponto chic de reuniões das famílias da nossa elite, distinguiu-nos com um convite para as suas reuniões ás quintas e domingos. Muito gratos, lá estaremos, de Kodak em punho, para instantanear os valentes sportmen e as gentis sportwomen.⁵³¹

⁵²⁷ MINAS GERAIS, 28 set. 1913, p. 10.

⁵²⁸ BRASCH, 1990.

⁵²⁹ HOLT, 1992.

⁵³⁰ REGRAS do lawn tennis..., 1913, p. 2.

⁵³¹ VITA, 30 nov.1913.

A partir de então, essa revista passou a retratar diferentes momentos vividos pelo *Club de Sports Hygienicos*, uma instituição da elite que promoveria o progresso moral da cidade, mediante a prática esportiva.

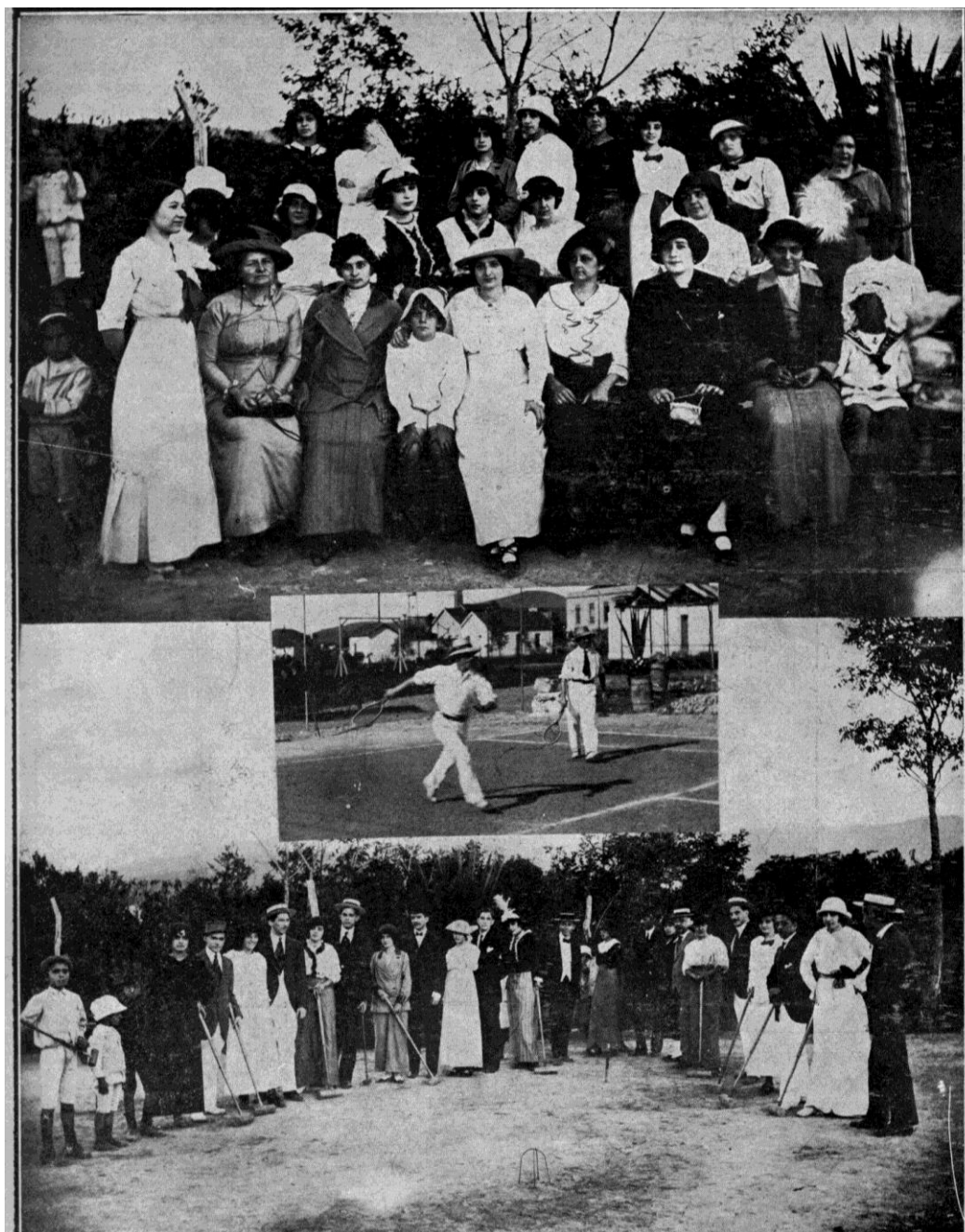


FIGURA 25 – “Fotografia tirada no *Club de Sports Hygienicos*, vendo-se senhoras, senhoritas e cavalheiros da nossa alta sociedade”

Fonte: VITA, 26 jul. 1914.

Nessas fotos, homens, mulheres e crianças elegantemente vestidos aparecem sempre segurando uma raquete do *lawn tennis*, ou o “malho” do *croquet*. A proximidade dessa prática, inspirada na sociedade inglesa, tem muita relação com sua origem. A idéia básica do jogo de *croquet* é mandar uma bola (*palla*) com um malho (*mallet* ou *maglio*) entre arcos de metal fixados no chão.⁵³² Nas décadas de 1850/1860, era um passatempo para homens e mulheres, um jogo sereno que não dependia de força muscular. Tornou-se um dos mais populares jogos da classe alta inglesa.⁵³³ A relação do *croquet* com o *lawn tennis*, por serem ambos jogados na grama, em sua história inglesa, teve grande proximidade. O *All England Croquet Club*, instituição que possuía campos em Wimbledon, recebeu no seu interior, cedendo um de seus campos, uma nova prática esportiva que causou uma revolução com conseqüências desastrosas: o *lawn tennis*. Logo o nome da associação passa a ser *The All-England Croquet and Lawn Tennis Club* e, pouco tempo depois, *All England Lawn Tennis and Croquet Club*.⁵³⁴ Assim, por essa proximidade, um clube que se propunha a realizar na cidade, práticas esportivas de grande representividade para os criadores do esporte moderno utilizou tanto o *croquet* quanto o *lawn tennis* nos seus campos.

Alguns estudos sobre o esporte na cidade reportam a essas imagens, referenciando tal prática como se fosse o *cricket* uma modalidade também inglesa de esporte.⁵³⁵ Mas em Belo Horizonte, apesar de alguns clubes objetivarem em seus estatutos a promoção do *cricket*, não se têm notícias de uma prática efetiva desse esporte, a não ser pelos ingleses do Colégio Anglo-Mineiro.

O clube, por ser constituído por pessoas representativas na sociedade, mantinha boas relações com o poder público. Abílio Barreto cita uma festa de posse da diretoria, no dia 7 de julho de 1914, quando foi realizada “uma partida de lawn-tennis e um five-o-clock-tea, em homenagem ao p.te Bueno Brandão”.⁵³⁶ Não foram os esportes os únicos a serem copiados dos costumes ingleses. Os jogos realizados eram verdadeiros eventos sociais, em que eram celebradas as novidades do Velho-Mundo.

⁵³² A palavra deriva do francês *pallemaile* e remonta também ao *pallamaglio* italiano. O jogo foi introduzido na Grã-Bretanha, vindo da Itália, passando pela França, no século XVII, recebendo uma nova roupagem moderna na Inglaterra. A Rua de Londres Pall Mall recebe esse nome porque foi o primeiro lugar em que o rei jogou com sua corte esse jogo. (BRASCH, 1990.)

⁵³³ GUTTMANN, 1991.

⁵³⁴ BRASCH, 1990.

⁵³⁵ SIMÕES, 1997, p.186.

⁵³⁶ Foi empossada a seguinte diretoria: “p.te, dr. José Gonçalves de Sousa; vice-p.te, dr. Cícero Lopes; 1º secretário, dr. Henrique Marques Lisboa; 2º sec., c.el José Ferraz; Thesoureiro, dr. Samuel Líbano; [], dr. Arthur da C. Guimarães. [...] Os jogos do Club tinham os seguintes directores: do 1º campo de tennis, dr. Alfredo [Schafter]; do 2º campo, dr. [thon]; da patinação, tenente Artur. (BARRETO. *Esportes 1904-1937*, [s.d.].)

O *lawn tennis* foi se desenvolvendo na cidade. A imprensa, em 1915, divulgou um campeonato organizado pelo *Club de Sports Hygienicos*, no qual se esperava “o comparecimento de todos os jogadores inscritos”.⁵³⁷ Jogos realizados com equipes mistas também faziam parte das realizações do clube, conforme nota encontrada nos manuscritos de Abílio Barreto.

1915 – novembro – 4. Do primeiro grupo faziam parte m.^{elle} [Armanda] Pinheiro e José Soares Alves, contra m.^{elle} Honorina Prates e Sr. Almir Pedreira. Do 2º grupo tomaram parte os srs [Lins] Poy Pascal e Almir Pedreira, contra Alberto Haas e Paulo Andrade Costa. Houve também danças no [‘Cruik’] e serviu-se chá.⁵³⁸

Esse jogo inglês era uma boa forma de relacionamento social. Ligado mais às elites, era praticado por qualquer sexo isoladamente ou por ambos os sexos juntos. É neste ponto que repousa a sua verdadeira importância social. Segundo Richard Holt, “learning to play tennis well enough to make a pair for mixed doubles became an *art d’agrément*”.⁵³⁹

Fotografias sobre partidas de *lawn tennis* do *Club dos Sports Hygienicos*, em que aparecem jogando corpos masculinos e femininos, na revista *Vita*, como na figura a seguir, mostram a falta de familiaridade da imprensa em relação àquelas práticas esportivas, pois o jogo realizado é o *croquet*, e não o *lawn tennis*, uma vez que as pessoas estão segurando o *mallet*, e não uma raquete de tênis. Mas a palavra *croquet* não aparece em nenhuma das fontes consultadas.

⁵³⁷ SPORT. *Diario de Minas*, 30 out. 1915, p. 2.

⁵³⁸ BARRETO. *Esportes 1904-1937*, [s.d.].

⁵³⁹ HOLT, 1992, p. 126.



FIGURA 26 – Jogos no *Club de Sports Hygienicos*
Fonte: VITA, n. 6, a. 1, 15 dez. 1913.

O tênis se caracterizou como a modalidade esportiva predileta da elite social da cidade. Efetivamente, enraizou-se depois da década de 1920, com a construção de uma quadra no *America F. C.* e outra no Parque Municipal. Até então, muito embrionariamente, começou a se estabelecer no *Club de Sports Hygienicos*, onde se organizaram alguns campeonatos, e em algumas escolas, como no Anglo-Mineiro e na Escola Normal. Quanto ao *croquet*, não se têm notícias da sua prática na cidade. Ele aparece somente nas fotografias divulgadas pela revista *Vita*, como um símbolo de distinção e elegância de um grupo que valorizava práticas modernas de esporte na cultura de Belo Horizonte, em meados da década de 1910.

4.3 O SPORT DE PATINS NA PRAÇA DA LIBERDADE

Outro tipo de espaço criado na cidade para o esporte foi o *rink* na Praça da Liberdade, onde a patinação obteve sucesso na cidade, na década de 1910, e, posteriormente, em meados da década de 1920. Essa modalidade, apesar de receber na imprensa a denominação de “o

sport de patins”, não possuía as características de esporte, pois não era, a princípio, uma atividade competitiva. Foram somente espaços criados – *rinks* de patinação – onde as pessoas podiam se exercitar de forma saudável e prazerosa.

A primeira tentativa de se criar um espaço para a sua prática apareceu no jornal *Tribuna do Norte*, em 1906. Tratava-se de uma iniciativa do *Club Bello Horizonte*, uma instituição que vinha “satisfazendo uma grande necessidade” da capital no estabelecimento de um “centro de diversões para as famílias e cavalheiros” da sociedade. A notícia esclarecia que “em breves dias iniciará a diretoria o *sport* de patins, cuja liça já se acha[va] em preparo”.⁵⁴⁰ Essa foi a única referência encontrada sobre a patinação no *Club Bello Horizonte*. Mas o patins voltou a fazer parte da cultura da cidade no ano de 1913, quando “o digno prefeito da cidade lavrou incontestavelmente um tento, mandando construir o *rink* da Praça da Liberdade”.⁵⁴¹ O uso do espaço público para a prática da patinação foi proposto aí por uma ação do Poder Público

As representações em torno dessa nova prática na cidade estavam aliadas não somente ao interesse em desenvolver na população o “gosto por esses salutareos exercícios ao ar livre”, mas, sobretudo, “esse gênero de *sport*, tão elegante, tão airoso, tão em moda” seria uma excelente oportunidade de “fazer convergir para os nossos jardins publicos um povo que ate agora, valha a verdade, só [tinha] mostrado por esses aprazíveis logradouros públicos a maior, a mais inexplicavel e mais irreductivel aversão”.⁵⁴²

Mas a iniciativa do então prefeito, segundo o cronista de *O Estado*, estava aliada à necessidade de justificar a criação das praças no planejamento original da cidade e de colaborar para a realização dos objetivos propostos para as sua utilidade:

Sinão, como justificar criminoso abandono em que deixam esses sítios tão convidativos, tão cheios de sombra e de frescura, e que, se entraram no plano de construcção da cidade, não foi, de certo, como um simples elemento de estetica, puramente decorativo, mas também como um elemento de vida?⁵⁴³

A imprensa colaborava na divulgação daquela prática “esportiva”, na esperança de que ela pudesse conquistar os belo-horizontinos:

⁵⁴⁰ CLUB Bello Horizonte. *Tribuna do Norte*, 27 jul. 1906, p. 1.

⁵⁴¹ O ESTADO, 24 abr. 1913, p. 1.

⁵⁴² O ESTADO, 24 abr. 1913, p. 1. Segundo Barreto (s./d.), em seus manuscrito *Rink de Patinação*, a Prefeitura mandou construir o rink em 13 de março e sua inauguração foi em 23 de abril de 1913.

⁵⁴³ O ESTADO, 24 abr. 1913, p. 1.

Porque não vai essa gente alegral-os, ao menos á tarde, enchel-os, dar lhes vida e movimento? E levamos o tempo de repetir que Bello Horizonte se civilisa. Não há dúvida que já é uma grande cidade, mas com todos os habitantes modorrentos de uma pequena aldeia adormecida entre arvores... Que o *rink* da Praça da Liberdade consiga isso que até hoje ninguém o poudo, por mais esforço que fizesse: despertar no nosso público pela acclimação desse gracioso *sport* entre nós, o amor ás diversões ao ar livre, destruindo nelle esse morrinhento fetchismo, que tão tristemente o tem até agora caracterizado, pelo pijama, pelo chinello de ourela e pela enfadonha bisca doméstica.⁵⁴⁴

Os hábitos considerados “civilizados” e vivenciados no espaço público, características da modernização desejada para a cidade, estavam presentes em todas as narrativas sobre as práticas “esportivas” que iam se organizando em Belo Horizonte.

Como toda novidade despertava grande interesse nos belo-horizontinos, com a patinação não foi diferente. Os jornais anunciavam que “o *rink* que a prefeitura mandou construir na Praça da Liberdade, em frente á Secretaria do Interior, tem visto uma concurrencia que até então não se esperava”.⁵⁴⁵ A novidade da prática dos patinadores foi se transformando em espetáculo para os espectadores, segundo o *Estado de Minas*.

Hontem á Praça da Liberdade regorgitou de famílias, cavalheiros, rapazes e curiosos que acompanhavam com interesse o exercício dos patinadores. Verdadeira circunferência humana apertava um circulo de curiosidade e de ansiosa expectativa apreciando os que, circulavam, serpenteavam no pateo de patinação que a prefeitura, em boa hora, mandou construir [...]. Passageiros que viajavam nos bondes repletos, apenas avistavam a concurrencia em torno do *rink*, saltavam do elétrico e lá iam engrossar as fileiras dos expectadores.⁵⁴⁶

Mas o que chama a atenção na portaria sancionada pelo prefeito foi a reserva nas terças, quintas e sábados, pela manhã e à noite, de horários exclusivos para as “senhoritas”, até que elas pudessem adquirir “certo desembaraço”.⁵⁴⁷ Era o espaço público sendo normatizado de acordo com os interesses do Poder Público em levar para o espaço público também os corpos femininos.

E esses espaços para a prática esportiva na cidade foram sendo “privatizados” como um “lugar da elite”. A frequência “elegante” no *rink* da cidade podia ser reconhecida, também, nas reportagens dos jornais:

⁵⁴⁴ O ESTADO, 24 abr. 1913, p. 1.

⁵⁴⁵ ESTADO DE MINAS, 23 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁵⁴⁶ ESTADO DE MINAS, 26 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁵⁴⁷ ESTADO DE MINAS, 23 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

Pela manhã e á noite, principalmente, a animação do público e dos amantes do interessante sport é viva e communicativa. Senhoritas da nossa sociedade entregam-se a elegante exercicio e dão a nota *chic* àquele logradouro.⁵⁴⁸

O cronista do *Estado de Minas* esclarecia quem eram os belo-horizontinos que se dedicavam ao “magnífico e distinto *sport* do *rink*”. Para ele, “o *rink* da Praça da Liberdade [era] de certa conta aristocratico para os humildes propugnadores do nosso progredimento”. Propunha a iniciativa de construir no Parque Municipal um vasto “pateo” de patinação. Por ser um espaço mais central e “menos indiscreto às expansões sportivas de nossas gentis patricias”, o Parque poderia ser um espaço mais acessível a todos que desejassem “se dedicar ao salutar exercicio”. E nesse “todos” estavam também incluídos os operários.

Demais os nossos operários também precisam acompanhar o desenvolvimento physico que empolga nos tempos hodiernos a atenção dos mais modernos pedagogos [].É preciso que Bello Horizonte prove mais uma vez o seu grande poder de assimilação e demonstre que o gosto pelos *sports*, verdadeiro movimento patriótico da nossa mocidade, não nos é estranho, mas ao contrário, é provado á exuberância na prospera e civilisada capital mineira.⁵⁴⁹

O desejo do *rink* no Parque somente foi realizado em 1926, quando se fez moda novamente. Na revista *Vita*, de julho de 1913 – portanto, três meses após a construção do *rink* –, um cronista analisa a difícil tarefa de escrever sobre o esporte em Belo Horizonte. Ao falar sobre a patinação, que poderia ter um grande incremento na cidade, pergunta: Por que “o *rink* recentemente construído á praça da Liberdade [está] quase sempre vazio?”

Pelo que parece, a iniciativa não conseguiu se enraizar na cidade, que recebe tudo com “aplausos”, mas é “fogo de palha”, como caracteriza um cronista do *Diario de Minas*, de 1914, ao comentar:

Sucede-se logo a indiferença, fria, total, absoluta, e era uma vez... Quem não se lembra do entusiasmo com que foi recebido, anno passado, pela nossa mocidade o excellent rink que a Prefeitura mandou fazer na Praça da Liberdade? As tardes, mormente aos domingos, era um gosto ver a *jennessedorie* horizontal ali reunir-se, a patinar esfusiante de alegria, dando [...] animação desusadas áquelle esplendido logradouro publico.⁵⁵⁰

⁵⁴⁸ ESTADO DE MINAS, 23 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁵⁴⁹ ESTADO DE MINAS, 26 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁵⁵⁰ DIARIO DE MINAS, 6 maio 1914, p. 2.

Segundo o cronista, o entusiasmo havia acabado, e era uma desolação ver “aquele ponto de recreio e de salutar exercício” abandonado, vazio, entregue ao indiferentismo.⁵⁵¹

Assim, aquele espaço de divertimento e de exercício saudável deixou de aparecer nos noticiários da cidade, voltando a ser citado somente pelo *Correio da Tarde*, de 1918, numa coluna de reclamações, na qual um grupo de rapazes e moças fazia chegar ao departamento de administração pública uma reclamação sobre o mal estado de conservação em que se achava o *rink*.⁵⁵²

Como todo modismo, a patinação também teve vida efêmera na cidade, e não chegou a se constituir como uma prática efetivamente “esportiva” na capital mineira.

4.4 A LUTA ROMANA: UM ESPETÁCULO NO CINE-TEATRO

O esporte na cidade não somente se apropriou de espaços públicos na cidade para a sua prática, como também foi apropriado por alguns espaços privados. A luta romana também aparece na cidade em 1913. Inicialmente usada como espetáculo vendido ao público, foi apropriada por um cinema: o Cine Commercio, o mais importante da cidade, para constar de seu programa no palco. Naquela época, os cinemas divulgavam um programa na “tela” e um programa no “palco”. O Cine Commercio, inaugurado em 1909, na Rua Caetés, com capacidade 800 pessoas, foi o primeiro cinema concretizado a partir de investimentos e planejamento empresarial. Segundo o cronista do *Estado de Minas*:

Incontestavelmente esta é a casa de diversões mais ‘smart’ da capital e a mais freqüentada pela nossa melhor sociedade. Mas, si o publico, que não se illude, o prefere é porque, alli, tem sempre boa musica, os melhores films e no palco escolhidos artistas, não se falando na elegância e no conforto dos salões luxuosos, higiênicos e vastos.⁵⁵³

Criou-se na cidade um conceito já iniciado no Rio de Janeiro em 1907, o Cine-Teatro, em que empresários, para atrair os freqüentadores de cinematógrafos e de teatro, proporcionavam espetáculos mistos. Essa foi uma fase em que o cinema atraiu os belo-

⁵⁵¹ DIARIO DE MINAS, 6 maio 1914, p. 2.

⁵⁵² RECLAMAÇÕES, 1918, p. 1.

⁵⁵³ CINEMA Theatro Commercio. *Estado de Minas*, 7 fev. 1912, p. 2.

horizontinos para seus programas num espaço com ambiente propício à sociabilidade.⁵⁵⁴ As lutas eram uma novidade que conquistaria um bom público.

As chamadas da imprensa para os espetáculos passaram a figurar nas colunas dos jornais.

Cinema Commercio

Hoje terá o povo de Bello horizonte ocasião de se emocionar no Cinema Commercio ante as peripecias de um luta romana.

José Floriano Peixoto, o conhecido lutador, vae mostrar aos freqüentadores daquela casa de diversões as suas qualidades de campeão.

Não lhe faltarão delirantes applausos.⁵⁵⁵

Os dois programas oferecidos apareceriam na coluna do jornal *A Tarde*, intitulada “Pelos palcos e cinemas”, na qual a luta era um espetáculo que acontecia junto com apresentações de canções líricas como abaixo:

Cinema Commercio

Na tela

O rei de ouro, drama, em 2 partes. Pedro Javali, drama. A menina do telefone, comedia.

No Palco

Continuação do grande ‘Match’ da lucta romana entre José Floriano Peixoto e o campeão inglez Jayme Grosman.

A graciosa cantora lírica a Annita Wanoff cantarà^(sic) novos números.⁵⁵⁶

O *Estado de Minas* noticiava que “raras vezes tem visto a concurrencia que lá foi ter hontem, para assistir o *sport* pela primeira vez apreciado nesta capital – a lucta romana”. O cronista comentava a falta de condições ideais para a luta, pois o palco era preparado com um tablado coberto por colchões desiguais, mas isso não interferia no interesse do público.⁵⁵⁷

O espetáculo da luta era uma atração, uma vez que foi convidado para participar dos embates o campeão brasileiro e lutadores estrangeiros. As qualidades do lutador brasileiro José Floriano Peixoto eram destacadas, mostrando-se “correcto, forte e leal na lucta [...] conhecedor profundo de todas as regras”. No confronto realizado com o inglês Jayme

⁵⁵⁴ SOSNOWSKI, 1997.

⁵⁵⁵ CINEMA Commercio. *A Tarde*, 22 maio 1913, p. 1.

⁵⁵⁶ PELOS Palcos ..., 24 maio 1913, p. 1.

⁵⁵⁷ LUCTA romana. *Estado de Minas*, 1913, p. 3.

Grosman o destaque da imprensa foi para as atitudes desleais do campeão inglês. Tudo isso contribuía para despertar o interesse do belo-horizontino.

O povo, que ao Cinema Commercio affluiu hontem, em grande número, aplaudio de calorosa e phreneticamente o sympathico campeão de ‘box’, da lucta, do remo, etc. José Floriano Peixoto, que, não padece a menor duvida, è digno das ovações sinceras e entusiastica se tem recebido da culta platéa daquella apreciada casa de diversões.⁵⁵⁸

O sentido da luta passa a ser aplicado às propagandas publicadas nos jornais, que traziam na mesma página as notícias sobre a luta:

Lucta Romana
Qual o vencedor?
José Floriano na lucta romana e o ‘Elixir de Inhame Goulart’ na lucta contra os microbios da syphilis.⁵⁵⁹

A empresa do Cine Commercio anunciava lutas entre campeões, como o brasileiro, o inglês e o argentino, para dar maior valor aos embates realizados. Mas o tempo reservado de trinta minutos não era suficiente em alguns casos, fazendo com que houvesse continuações em outros dias. As notícias destacavam as figuras salientes “nesse gênero de sport”.⁵⁶⁰

Como um negócio que se queria lucrativo, os preços também eram variáveis de acordo com o espetáculo, o que não deixou de surtir uma reação no público da cidade. O mesmo aconteceu com o tempo da luta:

O ligeiro distúrbio que hontem se verificou no apreciado Cinema Commercio veio por em saliencia a necessidade urgente da empresa preferida casa de diversões adotar um preço fixo para as suas sessões. O povo reclama, porque a importância cobrada pelos ingressos varia com o programa, de modo que, a bem dos interesses do cinema commercio e tambem dos frequentadores do mesmo, cumpre aos senhores da empreza daquelle estabelecimento de diversões marcarem um preço invariavel. Certos de que as reclamações do povo serão attendidas pela empreza do Cinema Commercio, esperamos que os que apreciam a lucta romana não deixarão de ir hoje alli, pois a luta será sem tempo determinado, isso é, até que um dos campeões consiga vencer o respeitável adversário.⁵⁶¹

⁵⁵⁸ LUCTA romana. *A Tarde*, 24 maio 1913, p. 1.

⁵⁵⁹ LUCTA romana. *A Tarde*, 24 maio 1913, p. 1.

⁵⁶⁰ LUCTA romana. *A Tarde*, 26 maio 1913, p. 1.

⁵⁶¹ LUCTA romana. *A Tarde*, 29 maio 1913, p. 1.

As críticas na imprensa surtiram efeito, uma vez que, dois dias depois, o jornal *A Tarde* já anunciava um preço único por ingresso no Cine Commercio – um mil reis –, que era uma forma de manter a assiduidade que lhe era freqüente.⁵⁶²

Mas essa assiduidade durou pouco tempo. Tudo leva a crer que foi uma *troupe* contratada por determinado tempo para os espetáculos do Cine Commercio. O que apareceu nos jornais no mês seguinte foram praticamente os mesmos lutadores, mas não mais somente na *lucta romana*, como também com *box*, outra luta que, no mês de junho de 1913, foi apresentada em outra casa de espetáculos na cidade.

4.5 O BOX NO PAVILHÃO VARIEDADES

O espaço do *box* na cidade passa a ser a casa de diversões chamada “Pavilhão Variedades”. Criada em novembro de 1910, consistia em um galpão construído nos fundos de dois lotes situados na Rua da Bahia, que promovia atrações variadas para o público belo-horizontino.⁵⁶³ Na *troupe* contratada para os espetáculos de lutas no Variedades, figuravam os mesmos nomes que se apresentaram na luta romana no Cine Commercio.

Como era de prever, o povo affluir em massa ao ‘Variedade’ para assistir ao ‘match’ de ‘box’ disputado entre José Floriano e Grosman. A *lucta* foi porfiada, renhida, despertando o máximo entusiasmo nos espectadores. Os dois valentes ‘boxers’ empataram, pelo que hoje continuará o desafio.⁵⁶⁴

Para despertar o interesse do público, em meio aos espetáculos de *box*, o Variedades promoveu o 2º Campeonato de *Lucta Romana*, “no qual se encontrar[iam], em *lucta* decisiva, sem empate, os campeões Grosman e Giovanoni”. Segundo o cronista do jornal *A Tarde*, “o encontro ser[ia] ‘á morte’”.⁵⁶⁵ Fazendo parte de um programa que, além das lutas apresentadas, continha corridas de touros, fitas na tela e representação de peça no palco, as lutas nada mais eram que atrações que, segundo o entusiasmo e exagero dos cronistas, seriam diversões garantidas para os espectadores.

⁵⁶² CINEMA Commercio. *A Tarde*, 31 maio 1913, p. 1.

⁵⁶³ Penna (1997, p. 115) esclarece que o Teatro Variedades foi inaugurado no dia 1º de novembro de 1910 e consistia em um “galpão construído nos fundos dos lotes 11 e 13, quarteirão 17, da III Urbana (rua da Bahia)”.

⁵⁶⁴ PAVILHÃO Variedades. *A Tarde*, 5 jun. 1913, p. 1.

⁵⁶⁵ PAVILHÃO Variedades. *A Tarde*, 7 jun. 1913, p. 1.

Um dos embates mereceu destaque no jornal *A Capital*:

Nesta casa de diversões, continûa^(sic) como nota do dia, os sensacionaes encontros dos luctadores do Boxing, donde Jack Murray tem feito papel de destaque, dentre os seus pares.

– A Empreza espera chegar hoje ou amanhã, mais um grande luctador, []en Armstrong^(sic), que em S. Francisco da Califórnia, venceu a Spider Murphy, um dos maiores luctadores da actualidade.

Este campeão pretende bater-se com Jack Murray, o que será então motivo do publico accorer todo ao Variedades, dado o entusiasmo que vae entre os jogadores do boxing.⁵⁶⁶

A revista *Vita* também deu destaque a essa luta:

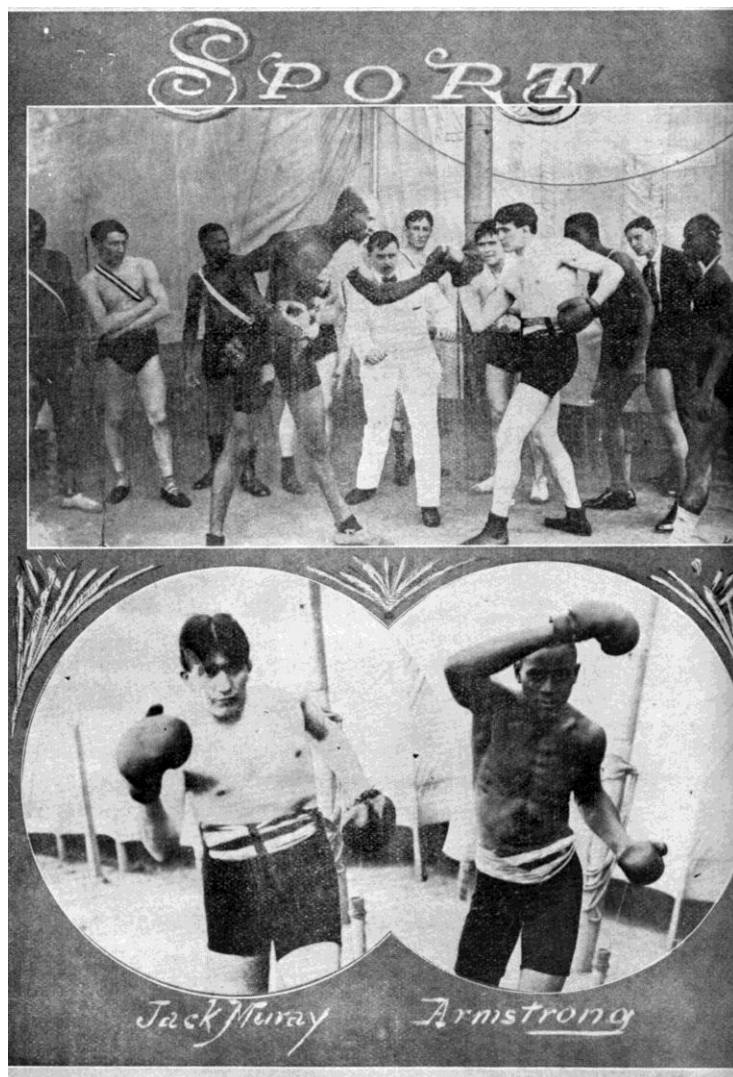


FIGURA 27 – Campeonato de *box* no Pavilhão Variedades
Fonte: VITA, a.1, n. 1, 13 jul. 1913.

⁵⁶⁶ PAVILHÃO Variedades. *A Capital*, 12 jul. 1913, p. 2.

Toda essa divulgação de embates entre *sportmen* nos jornais, aliada ao interesse despertado nos belo-horizontinos por esses espetáculos, resultou no seguinte anúncio publicado no jornal *A Tarde*:

Lições de Box

Participo aos srs apreciadores do Box que aceito discípulos tanto em minha residência, a rua Rio de Janeiro n. 357 (Cervejaria Alemã) como em casa particular, por preço razoável.

Trata-se das 5 as 6 da tarde todos os dias
Truc Legov.⁵⁶⁷

No cotidiano da cidade, as lutas começaram a exercer influência:

‘Com regular concorrência’, houve hoje, á 1 hora da tarde, magnífico exercício de Box entre 2 petizes que haviam escolhido para ‘arena’ a Avenida Affonso Penna, mesmo em frente da Pensão Avenida. Não podemos ir ao firmado espectáculo, por isso que deixamos de dar os pormenores da lucta e indicar qual o ‘campeão’ vitorioso.

Applausos não lhes faltaram, signal de que estava bom o exercício.⁵⁶⁸

Assim, usados somente como espetáculo ocasionais, tanto a luta romana como o *box* não se enraizaram na cidade até 1920. Em 1915, aparece uma referência à luta de jiu-jítsu no Cassino Mineiro⁵⁶⁹ e, em 1916, a outro campeonato de luta romana no Variedades.⁵⁷⁰ Notícias sobre uma academia de *box* na cidade aparecem somente no final dos anos de 1920.⁵⁷¹ Pouco tempo depois, o *Diario Mineiro* trazia uma reportagem que assim se iniciava: “Ainda não conseguiu vingar entre nós o pugilismo”.⁵⁷²

⁵⁶⁷ LICÇÕES de box, 1913, p. 2. O anúncio figurou em outras edições do jornal.

⁵⁶⁸ BOX. *A Tarde*, 8 ago. 1913, p. 1.

⁵⁶⁹ A GAZETA, 15 jun. 1915, p. 2.

⁵⁷⁰ CAMPEONATO de lucta ..., 1916, p. 3.

⁵⁷¹ JOGOS e desportos, 1927, p. 3.

⁵⁷² DIARIO dos..., 1929, p. 7.

4.6 O TIRO NO PAVILHÃO VARIEDADES E O *SPORT CINEGÉTICO*

O tiro ao alvo foi, também, uma modalidade apropriada pela casa de espetáculos Pavilhão Variedades, em 1910. Como uma das promoções dessa casa de diversões da cidade, o tiro foi mais uma iniciativa com o intuito de buscar aumentar o “número de famílias e cavalheiros” que a freqüentavam. Para tanto, os empresários promoviam, em meio a conferências literárias, programa cinematográficos, apresentação de canções, também o tiro ao alvo, que assim aparecia nos jornais: “O tiro ao alvo tem tido uma freqüência fora do commum. Diariamente numerosos grupos de moços e moças entregam-se arduamente ao encantador *sport*”.⁵⁷³

Mas o interesse pelo tiro e, conseqüentemente, pela caça já era revelado desde os anos iniciais da cidade.

A arte de caçar foi uma prática que já fazia parte dos interesses dos seus habitantes. Muito utilizada na Europa, desde a Idade Média, ela sempre esteve aliada a divertimentos da nobreza. Em Belo Horizonte, o *Jornal do Povo*, em 1900, publicava nota intitulada “Sport Cinegetico”:

De uma carta dirigida ao nosso conterrâneo pharmaceutico Luiz Ribeiro, pelo coronel João Osvaldo Dias Junqueira, abastado fazendeiro do município de Ayuruoca e[x]tractamos a curiosa estatística seguinte que certamente há de agradar aos amantes da cynegetica, que os há, e muitos em Belo Horizonte.⁵⁷⁴

A nota descrevia ano a ano, de 1880 a 1900, o número de caças mortas pelo abastado fazendeiro e seus companheiros, entre veados, onças e lobos, como se isso representasse interesse para os belo-horizontinos.

A moderna técnica de tiro, na caça, com os dois olhos abertos, foi assunto de uma grande reportagem publicada no *Diario de Minas*, em 1901. Tendo o “ativismo” como a motivação, a caça foi tratada como um interesse não somente de homens ricos e pobres, mas também de algumas mulheres, como cita o cronista.⁵⁷⁵

Ao lado do gosto pela caça, a cidade experimentou, a partir de 1902, uma educação para o tiro. O *Diario de Minas* noticiava que “a linha de tiro começa com bons auspícios; no

⁵⁷³ PAVILHÃO Variedades. *O Commercio*, 5 dez. 1910, p. 1.

⁵⁷⁴ SPORT cinegetico, 1900, p. 2.

⁵⁷⁵ CYNERGETICA, 1901, p. 1-2.

seu primeiro dia já teve uma dezena de civis inscriptos e até o fim da semana essa dezena estará de certo multiplicada”. Nessa educação, nem todos estavam motivados para o adestramento com vista a uma eventualidade bélica, e sim, “por uma preocupação de *sport*, pelo exercício ou por se fazerem atiradores, outros pelo prazer de o dizerem”.⁵⁷⁶

O preparo da população para enfrentar a “luta” como um objetivo maior ganhou também o apoio da imprensa, que assim incentivava a população: “A linha de tiro faz por processos militares o que a caça faz empiricamente. Atirem por intuição cívica, por *sport*, por vaidade, se quiserem, mas atirem: o resultado será o mesmo, proveitoso e eficaz”.⁵⁷⁷

Assim, uma corporação militar da cidade franqueou aos civis exercícios de tiro aos “domingos, dias santos da igreja e de festa nacional”, dias que foram se fazendo como dedicados ao recreio, à diversão, ficando os demais reservados para a Brigada.⁵⁷⁸

A linha de tiro da cidade, posteriormente denominada *Tiro 52*, voltou a aparecer nos jornais em 1913,⁵⁷⁹ numa viagem realizada a Curvelo, e em 1917,⁵⁸⁰ de forma reorganizada, mas prestando-se, ao que parece, somente a instrução militar na cidade.

Assim, mesmo sendo denominadas como *sport* na época, tanto a caça como o tiro eram somente práticas que possibilitavam a diversão, não se constituindo em “esporte na sua concepção moderna”, pois não atendiam aos pressupostos colocados como necessários para serem assim classificadas. O ativismo, o exercício, a disputa e a conquista, que promoviam a diversão, podiam ser características que, naquele momento, poderiam estar aliadas ao termo *sport*.

4.7 NOS LAGOS DO PARQUE, A NATAÇÃO E AS REGATAS

Como a cidade não possuía espaços para banhos, como as cidades litorâneas, onde a praia passou a ser utilizada, na segunda metade do século XIX, como local de banhos, inicialmente ligados a questões terapêuticas e, posteriormente, à sociabilidade, essas práticas demoraram a se fazer presentes na cultura da cidade. A mudança no que se refere à ocupação

⁵⁷⁶ ECHOS. Diário de Minas, 28 maio 1902, p. 1.

⁵⁷⁷ ECHOS. Diário de Minas, 28 maio 1902, p. 1.

⁵⁷⁸ DIÁRIO DE MINAS, 29 maio 1902, p. 1.

⁵⁷⁹ PARTIDA do..., 1913, p. 1; A PARTIDA..., 1913, p. 1.

⁵⁸⁰ TIRO 52, 1917, p. 1.

e à utilização do mar e das praias para atividades de lazer fez com que o remo também se desenvolvesse nas cidades litorâneas.

Cidades como São Paulo, dadas suas condições fluviais, também tiveram oportunidade de desenvolver o remo e a natação.

Em Belo Horizonte, uma cidade cercada de montanhas, os lagos do Parque Municipal foram, então, apropriados para as primeiras experiências com essas práticas.

A natação aparece como *sport* em uma prova realizada nesses lagos, em 1909, pois a primeira piscina construída na cidade foi o “tanque de natação” do Colégio Anglo-Mineiro, que começou a funcionar em 1914.

Alguns clubes, na década de 1910, também demonstraram interesse na promoção da sua prática.

Os srs. Vittorino Fraccaroli, Heitor Augusto de Moraes, Hugo Fraccaroli e Candido Ribeiro participam-nos que, um grupo de *sportmens* resolveu fundar o *Royal Sport Club* para diversos ramos de *sport*, como sejam: ciclismo, natação, gymnastica, etc.⁵⁸¹

Alguns desses *sportmen* eram jogadores do *Athletico Mineiro*. Como esportistas, tinham o sonho de promover a prática de novas modalidades na cidade. O Parque Municipal por ser o único espaço da cidade onde era possível realizar, mesmo de forma improvisada, uma prova de natação, também foi apropriado por esse clube, para ali realizar os seus eventos. A sua primeira promoção ocorreu em agosto de 1912, como noticiava o *Estado de Minas*:

Annuncia-se para amanhã uma grande festa sportiva, que se realizará no Parque.

Este festival nasceu de uma feliz iniciativa do Royal Sport Club, cuja directoria está empenhando toda sua actividade para o seu máximo brilho.

A festa constará de grande corrida, em sete pareos assim organizados:

1º pareo, 3 de maio – 1500 metros, Bicycleta, 2 voltas; 2º pareo, dr.Olyntho Meirelles – 4500, 6 voltas; 3º pareo, ‘A Noite’ – 3500 metros, 4 voltas; 4º pareo, Athletico Mineiro - 1500 metros, pedestre, duas voltas; 5º pareo, Belo sexo – surpresa, bicycleta; 6º pareo, Royal Sport Club – 6000 metros, 8 voltas; 7º pareo, Natação – 2000 metros.

As inscrições fecham-se no dia 31, tendo sido altamente promissor o movimento de concurrentes.

⁵⁸¹ ESTADO DE MINAS, 16 maio, 1912, p. 1.

A nossa sociedade aguarda com interesse a encantadora festa sportiva que, certamente, não só marcará epocha nas tradições do nosso mundo elegante, como também se constituirá o marco inicial de uma phase de intensa movimentação entre os nossos grêmios de diversões.

A entrada no parque será franca.⁵⁸²

Não ficam claras quais modalidades esportivas foram disputadas nessa corrida de sete páreos. Pelo que parece, os três primeiros foram corridas de bicicleta. O quarto é significativo de uma corrida a pé, pois aparece a palavra “pedestre”. O quinto, denominado “belo sexo”, em que no local do número de voltas está assinalado “surpresa”, sugere uma corrida de bicicletas realizadas por mulheres. O último páreo parece uma prova de natação de 2000 metros.

Mas a “Festa Sportiva” realizada pelo *Royal Club* foi manchete no *Estado de Minas* de 6 de agosto de 1912, que relatou o “brilho de um verdadeiro acontecimento e o applauso de uma grande concurrencia”, o que seria um grande incentivo para sua diretoria continuar a promover agradáveis horas de diversão.⁵⁸³ No entanto, não se tem mais notícias sobre esse clube.

Naqueles anos de grande entusiasmo pela prática esportiva, apareceu novamente uma notícia sobre a criação de outro clube que usou os lagos do Parque para regatas e natação, mas que também parece não ter sido efetivado na cidade.

Uma pleiade de distintos moços da nossa sociedade, tendo em vista os mais nobres fins, dirigiram-se ao sr. dr. Prefeito municipal uma petição, na qual requerem a concessão, sob restrições ponderadas, de um dos lagos do nosso triste Parque Municipal, tendo em vista a fundação na duma sociedade de regatas e natação.⁵⁸⁴

O uso improvisado de um lago não se constituiu em um espaço para a realização de exercícios de natação. Esse esporte somente se desenvolveu na cidade depois de 1930. Além da piscina do Anglo-Mineiro, criada em 1914, somente depois de 1930 é que apareceram as piscinas do Atlético e do América, e, em 1937, a piscina olímpica do Minas Tênis Clube. As regatas, inicialmente realizadas como atividades lúdicas no Parque Municipal, se desenvolveram na cidade somente depois do surgimento do lago da Pampulha, na década de 1940.

⁵⁸² ESTADO DE MINAS, 3 ago. 1912, p. 2.

⁵⁸³ FESTA sportiva, 1912, p. 1.

⁵⁸⁴ UMA ideia..., 1914, p. 1.

4.8 A GYMNASTICA COMO SPORT NOS CLUBES E NAS ACADEMIAS

Figurando na imprensa belo-horizontina como um “ramo dos sports”, a *gymnastica* aparece como uma das práticas objetivadas por clubes como o *Royal*, citado anteriormente, e aliada às primeiras academias criadas na cidade. No entanto, na escola ela não recebe tal designação, constituindo-se em um de seus componentes curriculares de ensino. Como o *sport* e a *gymnastica* foram se enraizando nas cidades numa mesma representação de corpo energético e combustível, e se fundam sobre as mesmas necessidades de uma apreciação cifrada do esforço muscular, existe entre elas, segundo Chartier e Vigarello, um parentesco forte, e o “exercício ginástico [...] se torna como um solfejo da música esportiva”.⁵⁸⁵

“Exercícios gymnasticos” foi a primeira denominação dada ao componente curricular destinado ao ensino de práticas corporais sistematizadas na escola primária, secundária e normal em Minas Gerais.⁵⁸⁶ Constituindo-se inicialmente em “evoluções militares” para as escolas masculinas e “exercícios calistênicos” para as escolas femininas, a disciplina ampliou seu programa escolarizando a ginástica sueca. Somente no final da década de 1910 é que jogos foram adotados no programa.

Fora do contexto escolar, ela aparece como uma das práticas propostas pelo *Centro de Cultura Physica Olavo Bilac*, a “única escola que a cidade possuía”; ou seja, a primeira “academia” fundada na capital, que tinha por objetivos o desenvolvimento de “diversos ramos dos sports”.⁵⁸⁷

O nome da escola era sugestivo, uma vez que o poeta Olavo Bilac foi um dos primeiros a valorizar a prática de esportes. Segundo Sevcenko,

ele foi um dos principais arautos e grande incentivados da reforma urbana e do espírito estético-higienista da Regeneração, defendendo-a e ao prefeito com acalorado entusiasmo nos principais jornais e revistas do Rio. Em seguida se tornou propagandista e fã ardoroso das práticas e competições desportivas. Na conjuntura da Grande Guerra fundou a Liga da Defesa Nacional e se lançou em campanha obstinada pela criação do serviço militar obrigatório para todos os jovens brasileiros de dezoito anos. Vemos pela sua progressão que da reforma e sanitização da cidade ele se voltou para a saúde, modelagem e beleza dos corpos, para afinal convergir num apelo ao nacionalismo militante de massas.⁵⁸⁸

⁵⁸⁵ CHARTIER ; VIGARELLO, 1982, p. 42.

⁵⁸⁶ VAGO, 2002, p.221.

⁵⁸⁷ CENTRO de..., 1916, p. 7.

⁵⁸⁸ SEVCENKO, 1998, p.576.

Em seu trabalho de divulgação da Liga pelo Brasil, o poeta visitou Belo Horizonte entre 1915 e 1916, época da criação do Centro de Cultura Physica, inaugurado por ele.⁵⁸⁹

O “Centro-Escola” Olavo Bilac foi organizado e dirigido pelo “illustre” Dr. Antônio Pereira da Silva, um *sportman* e “conhecedor profundo dos sports”, que participou de um concurso realizado no *Gymnasio Mineiro* para o cargo de professor de *Gymnastica*, tendo sido o único classificado pela banca examinadora, de quem recebeu “merecido applausos”. Era uma pessoa credenciada para presidir uma instituição de cultura física na cidade.⁵⁹⁰

Uma representação de seu presidente, que aparece na imagem divulgada pela reportagem de *As Alterosas* com o torso desnudo, mostra que, aliado ao grande conhecedor do ramo dos *sports*, havia um *sportman* de físico atlético, o que o credenciava ainda mais para o cargo.⁵⁹¹

O Centro-Escola era um local “onde pudessem os amadores dos sports encontrar os aparelhos e professores, afim de desenvolverem o physico, tornando-se homens fortes e robustos”, como o Dr. Pereira da Silva. Achava-se instalado em um vasto e apropriado salão, na parte térrea do edifício do Club Academico, uma associação de estudantes das escolas superiores, criada em 1915, situada na Rua Goyas.

A sua divulgação passou a figurar nas páginas de *As Alterosas*:

Centro de Cultura Physica “Olavo Bilac”
Rua Goyas – 64

Director – A. PEREIRA DA SILVA – prof. gym. e
educ. physica do Gymnasio Mineiro.
Thesoureiro – WILSON PEREIRA
1º Secretário – ALFEU FELICISSIMO
2º Secretário – ALEXANOR PERREIRA

MENSALIDADE – 5\$000⁵⁹²

A relação de Pereira da Silva como professor do *Gymnasio Mineiro* era um aval de sua capacidade explicitada no anúncio.

As atividades eram distribuídas pelos professores, cada um com a sua função: “o professor de aparelhos, Wilson P. Gomes. Esgrima e Gymnastica, Dr. Pereira da Silva. Athletismo, Edgard Rosemburg”. Este último era o encarregado do salão.

⁵⁸⁹ TEIXEIRA, 2004; GRITO de..., 1927, p. 6.

⁵⁹⁰ TEIXEIRA, 2004.

⁵⁹¹ TEIXEIRA, 2004.

⁵⁹² CENTRO de..., 1917, p. 4.

Na descrição feita do que seria oferecido pelo Centro, pode-se ver que

a instalação do Centro era completa contando os seguintes aparelhos: paralelas, barras, argollas, trapesio, escadas de corda e madeira, cordas lisas e de nós, massas, alteres, sandows, remos, aparelhos de tiro ao alvo, esgrima, box, puxing.

Brevemente teremos o foot-ball, a natação, o remo, sendo o Parque Municipal o campo de acção destes ramos sportivos.

Dentre os exercicios de atletismo mencionaremos: o jiu jitsu, a capoeira, lucha romana, o box e o jogo de pau.⁵⁹³

O Centro contava com aparelhos de ginástica alemã e para atividades de cultura física. O único desconhecido é o *sandows*, que poderia ser algum aparelho usado pelo Sistema Sandows, do pioneiro fisiculturista prussiano Eugen Sandow, famoso na Europa no início do século XX, além de diferentes práticas esportivas valorizadas na época. Chamam a atenção as lutas que eram consideradas na época “exercícios de atletismo”, pois o atletismo, de certa forma, representava uma síntese das demais modalidades esportivas. O salto, a velocidade e a agilidade eram pressupostos de diversas modalidades atléticas, como corridas, saltos, lançamentos e lutas que desde a Grécia antiga já faziam parte suas competições atléticas.

O Parque Municipal era o espaço da cidade do qual todos os interessados em práticas esportivas buscavam apropriar-se. Tudo leva a crer que, como troca de favores pelo uso de um espaço público, o diretor anunciava que brevemente organizaria “um horário para aulas gratuitas aos menores de 6 a 12 anos de idade na sede e no Parque Municipal”. Nessa primeira “academia da cidade” não havia espaço para corpos femininos, pois todas as atividades estavam voltadas somente para os corpos masculinos, que buscavam ser fortes e robustos.

Consta que Pereira da Silva “segundo o methodo puramente moderno”, dirigia gradualmente os alunos nos diversos exercícios.

Ao iniciar os exercícios o alumno passará por todos os meios preliminares, como exercicio de repiração, seguido de gymnastica sueca.

Conhecedor profundo dos sports, o Dr. Pereira da Silva sabe dirigir seus alumnos e prohiibe os exercicios violentos e perigosos como o ‘giro gigante’ que não trazendo proveito algum, só é próprio para circos de cavalinhos.⁵⁹⁴

⁵⁹³ CENTRO de ..., 1916, p. 7.

⁵⁹⁴ CENTRO de ..., 1916, p. 7.

Segundo Aleluia Teixeira, essa forma de trabalho constava dos temas do ponto sorteado na prova do concurso que Pereira da Silva fez para o *Gymnasio Mineiro*.⁵⁹⁵

Foram encontradas referências no *Diario de Minas* de outra escola de ginástica, que teria sido criada naquele ano, antes mesmo do *Centro de Cultura Physica*, mas da qual não se têm informações:

Escola Gymnastica Brasil
Sob a denominação acima, acaba de ser fundada por um grupo de rapazes desta capital, uma agremiação com fim de desenvolver o gosto pela cultura physica entre os amadores de sports athleticos.

A diretoria da associação, a inaugurar-se brevemente está assim constituída.

Diretor, José dos Santos; secretario, Simão Camilo, diretor de jogos, Octavio Alves; thesoureiro, Aprigio de Mello⁵⁹⁶

Assim, para melhor definir a relação entre a *gymnastica* – entendida como “exercício physico” – e o *sport*, por seu parentesco, como retrata Vigarello, cito a concepção de João do Rio, um cronista carioca, publicada na revista *Vida de Minas*, em 1915: “O exercício é o sport que se pratica para a própria hygiene. E o sport é o exercício que se faz para dar que falar da gente”.⁵⁹⁷

Vista como uma atividade que endireitava, robustecia e fortalecia corpos infantis e adultos, uma atividade higiênica, ela era importante para a conformação de corpos desejados naquele início de século. Mas, mesmo sendo considerada um *sport* naquele momento, ela não possuía as características modernas, como hoje temos em diferentes modalidades de ginástica.

4.9 MALHA: UM JOGO DA RUA

As ruas da cidade também foram apropriadas para a prática de outros jogos. Uma brincadeira de rua que veio de Portugal na época do Brasil Colônia e que foi se constituindo,

⁵⁹⁵ TEIXEIRA, 2004.

⁵⁹⁶ ESCOLA Gymnastica..., 1916, p. 1.

⁵⁹⁷ JOÃO do Rio, 1915, p. 28.

pelas facilidades de adaptações de seus materiais, em um divertimento de pessoas mais humildes nas cidades foi o jogo de malha.

São poucas as referências a esse jogo em Belo Horizonte, mas significativas para percebermos a sua prática aliada a divertimentos populares, que eram realizados nas ruas, principalmente por estrangeiros, e que deveriam ser encarados como “vadiagem” – portanto, um “caso de polícia” – , diferentemente daqueles que possuíam espaços próprios para suas práticas .

O jornal *Diario de Noticias* publicou em 1908 a seguinte reportagem:

[...] mesmo em frente á casa que habitamos, em **parte urbana da capital**, alguns gorotos jogavam malha.

Será possível isso? A policia deve ser mais cuidadosa em casos taes, – *errando na porca, para ir no leitão*, como se diz.

Ás vezes são feitas prisões injustas, quando sujeitas a estas estão taes indivíduos, para os quais se faz mister um corretivo.

Quando toda a cidade vibra pelo trabalho honesto dos que habitam-na, é certamente um **abuso se consentir que indivíduos desocupados** joguem malha em plena rua.

E tão certos estamos do zelo do digníssimo sr. Chefe de Policia que não trepidamos em dirigir-lhe mais este pedido: fazer com que cessse a vadiagem nesta terra que de tantos braços precisa; a ponto de mandal-os vir do estrangeiro [...].⁵⁹⁸

Na “parte urbana da capital”, local onde as elites da cidade moravam, trabalhavam e se divertiam em locais apropriados, era inadmissível que “ociosos” usassem suas ruas para diversão. Mas essas práticas aparecem como formas subversivas de luta pelo direito à cidade. Numa sociedade que passava a ser regida pelos imperativos da produção, alguns comportamentos passaram a ser intolerados e combatidos. Na reportagem mencionada, a positividade da imagem do trabalhador deveria se consolidar na cidade e a representação do seu avesso, isso é, o desocupado, o ocioso deveria ser reprimida. Encarregada de assegurar a ordem pública, a atenção policial deveria estar voltada principalmente para as práticas cotidianas aliadas ao tempo livre e ao divertimento, e as classes populares deveriam se constituir no principal alvo de vigilância e repressão.⁵⁹⁹

⁵⁹⁸ O DIA. *Diario de Noticias*, 25 jan. 1908, p. 1, grifos nossos.

⁵⁹⁹ Julião (1992) faz uma análise interessante sobre o combate à vadiagem em Belo Horizonte.

Como uma diversão popular, o jogo de malha não teve representatividade na imprensa local, a não ser como uma forma negativa aos olhos das suas elites. A malha foi destacada neste capítulo por hoje ser um esporte, mas como um jogo popular na época não recebeu o *status* de *sport*, sendo referenciada na única fonte conseguida somente como um jogo. Com isso, não foi possível perceber a extensão de sua prática em Belo Horizonte, tampouco sua real significação para os habitantes da cidade. Como a imprensa é a principal fonte utilizada neste estudo, isso mostra os limites dessa fonte, que não dá visibilidade a todas as práticas realizadas na cidade.

Apareceram no espaço da cidade diferentes práticas denominadas *sport*. É possível identificar que algumas já tentavam organizar-se, mesmo que embrionariamente, como esporte na suas características modernas, como o tênis, que depois se enraizou na cidade. Outras, em decorrência de suas características de espetáculos que proporcionavam a diversão, também foram distinguidas como *sport*, como a luta romana e o *box*, mas que só mais tarde se constituíram efetivamente em esporte. No caso da patinação não competitiva, ela nem chegou a se transformar em esporte. A malha, por ser um jogo relacionado a divertimentos populares, nem recebeu o *status* de *sport* na época. A natação e as regatas, pelas condições topográficas da cidade e sem instalações apropriadas, não se desenvolveram naquela época, como aconteceu em outras cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, apesar de algumas tentativas. A caça e o tiro também eram práticas ocasionais que, pelo seu ativismo, podem ter sido consideradas um *sport*, mas sua organização não pode ser considerada como tal. A *gymnastica*, considerada como disciplina escolar e um *sport* no contexto não escolar, também não poderia ser considerada sinônimo deste naquele momento. A explicação de Vigarello sobre o parentesco entre eles pode se dar pela mesma representação de corpo a eles identificada.

Em síntese, apareceram na capital mineira diferentes práticas identificadas como *Sport* que, em sua maioria, foram tentativas da elite de copiar e difundir práticas associadas a um estilo “civilizado” da vida moderna européia. Essas práticas, que estavam aliadas à possibilidade de divertimentos e de um novo convívio entre as pessoas, que permitissem novas e diferentes sensações, foram se configurando em diferentes espaços da cidade. Nesses espaços qualificados e informados pelo uso, foi possível ver não só a capital projetada, mas uma cidade socializada e requalificada por seus habitantes. Organizado de forma elitista, o esporte viveu relações íntimas com os setores dominantes da sociedade.

Nessa apropriação da cidade, foram surgindo “lugares”⁶⁰⁰ de práticas esportivas que nem sempre foram criados sem tensões, como propõe Chartier, estabelecidas entre capacidades inventivas de indivíduos e os constrangimentos, as normas e as convenções que as limitaram.⁶⁰¹ Apesar dos limites impostos pelas fontes, existem alguns indícios de práticas realizadas como divertimentos populares, que eram vistas como inadmissíveis aos olhos das elites, mas que se constituíam em uma espécie de luta pelo direito à cidade e ao lazer que, na capital em formação foi, desde o início, um privilégio de suas elites.

⁶⁰⁰ É importante destacar que “lugares” são aqueles espaços apropriados, conformados a partir de laços de pertencimento e de identidades construídas por aqueles que deles se apropriam. Esses laços são constituídos pelas práticas coletivas. Dessa forma, os pertencimentos surgem a partir de práticas que criam coletivos que conformam lugares.

⁶⁰¹ CHARTIER, 1994.

Capítulo 5

O ESPORTE E A EDUCAÇÃO DE CORPOS CIVILIZADOS

Para que o esporte pudesse se consolidar na cultura urbana da cidade, foi preciso educar os corpos para a sua prática e para a sua organização social.

O corpo é natureza e cultura. Sendo produzido na e pela cultura, sobre ele são conferidas diferentes marcas, formas, eficácias e representações, que mudam, transformando-o, substituindo-o ou subvertendo-o, de acordo com valores de determinados tempos e lugares. O corpo é, assim, um constructo histórico e cultural.

Uma educação do corpo

percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas. Prescreve, dita, aplica fórmulas e formas de contenção tanto de necessidades fisiológicas, contrariando, assim a ‘natureza’, quanto de velhos desejos. É onipresente e manifesta-se em tudo que envolve indivíduos, grupos e classes. São distintos atos de conhecimento e não apenas a palavra o que constitui essa educação dioturna e intermitentemente.⁶⁰²

O corpo pode, assim, ser educado por tudo que o envolve, num lento processo civilizatório, pois ele passa a ser “o lugar de expressão de civilização”, sobretudo depois do século XIX.⁶⁰³

O projeto de Belo Horizonte propôs uma cidade-metrópole e buscou definir quais corpos deveriam nela habitar. Durante o seu processo de constituição, inscreveu sobre esses corpos os diferentes valores que a civilização impunha para a modernidade desejada. O esporte, por seus valores educativos e higiênicos, passou a ser valorizado e a fazer parte dos discursos pedagógicos do corpo. Sua aceitação como divertimento organizado e “civilizado” foi significativa para o seu desenvolvimento e consolidação na cultura urbana da cidade.

⁶⁰² SOARES, 2003, p. 2-3.

⁶⁰³ SOARES, 2003, p. 10.

Tanto a cultura urbana como a cultura escolar⁶⁰⁴ produziram e reproduziram representações sobre a prática esportiva que foram formas, estratégias⁶⁰⁵ que contribuíram para a reordenação da cidade, e nela a conformação do campo esportivo. Nos espaços de sociabilidade do urbano, a imprensa exerceu influência na educação dos corpos necessários aos valores modernos que Belo Horizonte buscava configurar. Ela dava, também, visibilidade a ações, quer fossem do Poder Público, quer fossem de seus habitantes, de forma geral, no sentido dessa educação. Nos espaços escolares, a educação dos gestos e a modificação de hábitos, como forma de disseminar esses novos comportamentos, fizeram do corpo um lugar expressivo da civilidade, contribuindo para o desenvolvimento dessa prática civilizada que era considerado o esporte.

Assim, foi-se formando uma “civilização esportiva”, como se refere Sevckenko, entendida não só como prática generalizada de diferentes modalidades de esporte, mas, sim, como uma generalização de uma “ética do ativismo”, cuja idéia era de que

é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos de arrebatamento e bravura se tornam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar.⁶⁰⁶

A educação do corpo para esse novo valor passou a ser necessária e foi fundamental para a constituição e o enraizamento do esporte na cultura urbana da cidade.

Em Belo Horizonte, algumas escolas não só foram responsáveis por levar para fora de seus portões práticas esportivas desconhecidas na cidade, como também se constituíram em espaços apropriados pelos alunos para práticas vivenciadas nas suas ruas.

Mas qual é a relação do esporte com os processos educacionais?

⁶⁰⁴ Aqui entendida por Antonio Viñao-Frago (2000, p. 100), como por mim, o “conjunto de idéias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo nas instituições educativas. Interferem nesse todo a mentalidade, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações”, dentre outros.

⁶⁰⁵ Certeau (1994, p. 99) chama de estratégia “o calculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado de um ambiente. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios.”

⁶⁰⁶ SEVCENKO, 1998, p. 568-569.

5.1 A ORIGEM DO ESPORTE COMO FORMA DE EDUCAÇÃO

A escola é o berço do esporte. Foi nas *public schools*, escolas da aristocracia e da burguesia inglesa que ocorreu a passagem do jogo popular ao esporte escolar. Um exemplo é o *football*. Na primeira metade do século XIX, foi registrada a apropriação de jogos populares de bola pelos alunos dessas escolas, assim como sua transformação em práticas mais organizadas e menos violentas, caracterizadas como “esporte”. Essa mudança de status dos jogos foi, para o historiador inglês Richard Holt, talvez, a mais notável característica da educação da elite no século XIX.⁶⁰⁷

Na Inglaterra vitoriana, o vigor e o alcance do esporte foram dignos de nota, mas não se pode dizer que a “esportivização” dos jogos tenha sido um processo planejado por uma elite esclarecida ou por intelectuais. Se buscarmos sua gênese, poderemos observar que os jogos populares foram apropriados pelos alunos internos das *public schools* e transformados em jogos esportivos. Até a metade do século XIX, seus mestres tinham pouco ou nenhum interesse naquelas atividades, salvo a interferência ocasional para prevenir disputas particularmente brutais ou para impedir que os garotos andassem furiosos nas terras que circulavam a escola. Em algumas das mais famosas escolas, as autoridades chegaram a tentar proibir jogos organizados. Segundo Holt,

até mesmo o grande Thomas Arnold de *Rugby*, que foi erroneamente idolatrado por defensores dos esportes nas escolas públicas, não tinha tempo para os jogos. As escolas públicas bem podiam estar decadentes, mas ele pretendia reformá-las nas salas de aula e na capela, e não nos campos de jogos.⁶⁰⁸

Essa visão de Holt contradiz o que se tem de informações sobre a participação de Thomas Arnold na valorização da educação física aliada à educação intelectual e religiosa. Giampiero Grifi, dentre outros, destaca o papel de Thomas Arnold na incrementação dos jogos ao ar livre, que, segundo ele, “tinham um valor na formação da personalidade dos rapazes” e que foi usado “como um inigualável meio para distanciar os rapazes, que estavam sob seus cuidados, do vício e dos maus hábitos”.⁶⁰⁹

⁶⁰⁷ HOLT, 1992.

⁶⁰⁸ HOLT, 1992, p. 75, tradução nossa.

⁶⁰⁹ GRIFI, 1989, p. 254-255.

Na Inglaterra, enquanto os garotos que gostavam de esportes poderiam ser considerados “ociosos” nas gerações anteriores, os mestres vitorianos estavam inclinados a reservar essa palavra para aqueles que não ligavam para o esporte. Algumas escolas, como *Eton* e *Harrow*, consideradas como escolas líderes, eram vistas quase tanto por uma questão de heroísmo esportivo quanto de linhagem antiga. Em 1864, por uma comissão de investigação⁶¹⁰, algumas escolas “foram elogiadas ‘por seu amor por exercícios e esportes saudáveis’, o que, apesar dos excessos do cansativo sistema e da brutalidade das punições, tinha ajudado os ingleses a ‘governar outros e controlar a si mesmos’”.⁶¹¹

Foi a partir dessa época que as *public schools*, escolas que objetivavam a formação dos futuros líderes britânicos, passaram de uma postura de desagravo ou tolerância com alguns jogos para um encorajamento a eles. Foram usados como forma de controlar impulsos dos jovens e propagar valores como cavalheirismo, boa conduta e honestidade, dentre outros.

Chartier e Vigarello, ao analisarem o enraizamento do esporte na escola, consideram:

Tratar-se-ia, todo o conjunto, de controlar as energias adolescentes, ainda mais perigosas quando fechadas entre muros de um pensionato, de preparar os filhos da classe dominante para o seu papel de comando, civil e militar, no endurecimento de seus corpos nos afrontamentos viris e habituando-os ao self-government, de mergulhar as almas desviando-as das facilidades efêmeras de toda a jovem civilização industrial.⁶¹²

Mas esses autores consideram também que se tais justificativas deviam ser tomadas em conta, elas explicavam apenas parcialmente a razão do sucesso encontrado pelo esporte, inicialmente, dentro e, depois, fora das escolas secundárias da aristocracia e da grande burguesia. Para compreender esse sucesso, foram necessárias outras reflexões:

A primeira coloca mais ênfase sobre as semelhanças existentes entre os ‘valores’ inerentes ao exercício esportivo e aos valores das classes dominantes no final do século XIX. À uma elite que valoriza a atividade gratuita, a iniciativa pessoal, a distância do papel social, o esporte propõe um exercício fundado sobre os mesmos valores distintos, uma vez que ele implica o *fair-play*, a invenção individual e a gratuidade de uma ocupação que não tem outra finalidade que ela mesma. O esporte dá, assim, a tradução imediatamente compreensível, porque uma vez que coloca num campo, de um ethos ou de um habitus (como se queira) que se dá à reconhecer aqueles que o dividem, e à ver todos os outros.⁶¹³

⁶¹⁰ Clarendon Commission.

⁶¹¹ Tradução nossa. Holt (1992, p. 76) faz esses comentários apoiando-se em J. A. Mangan.

⁶¹² CHARTIER; VIGARELLO, 1982, p. 45, tradução nossa.

⁶¹³ CHARTIER; VIGARELLO, 1982, p. 45, tradução nossa.

O que se pode perceber é que “a verdadeira originalidade das práticas inglesas está nos sistemas menos visíveis e mais impenetráveis: o fim moral sem dúvida e, sobretudo, a organização e o desenvolvimento dos encontros”.⁶¹⁴

Como projeto educativo, os ingleses buscaram renovar a cultura pedagógica aumentando a mobilização dos alunos e inventando novas energias físicas, mas na maneira de jogar é que fizeram uma transformação na forma de associar os jogadores e de opô-los. Inicialmente, a primeira decisão tomada foi unificar as regras, pois cada escola jogava com regras próprias, e também criar jogos com modelos mais “universalizáveis”. A diferenciação do *rugby* com outras formas de *football*, feita em 1846, é um marco nesse sentido. Dessa forma, a criação do clube a partir da “livre iniciativa”, seu recrutamento democrático, o programa e o calendário de encontros instituídos foram um marco na maneira de reagrupar jogadores. A partir daí, o esporte se definiu por “competições físicas institucionalizadas, democraticamente organizadas, com regras unificadas e com encontros planejados”.⁶¹⁵

No Brasil, a escola representou um espaço de divulgação de várias modalidades esportivas. Neste trabalho cito dois exemplos: o futebol e o basquete. O futebol, como citado no Capítulo IV, chegou ao Brasil, antes de Charles Miller, nas escolas jesuítas. Apesar de aqui ainda não se ter clubes, nessas escolas já se jogava o esporte inglês.⁶¹⁶ O primeiro clube de estudantes brasileiros, criado em 1898, foi a Associação Atlética Mackenzie College, do Colégio Mackenzie de São Paulo.⁶¹⁷ No basquete, foi também essa escola metodista a introdutora dessa modalidade no País, em 1896, cinco anos depois da criação do jogo nos Estados Unidos da América.

5.2 A ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE NA CIDADE

Em Belo Horizonte, algumas escolas metodistas, como o Anglo-Mineiro e o Isabela Hendrix, ao lado de escolas católicas, como o Colégio Arnaldo e o Instituto Claret, e também o Ginásio Mineiro e a Escola Normal, dentre outros, foram estabelecimentos de ensino que representaram uma importância significativa na constituição do esporte na cultura da cidade.

⁶¹⁴ VIGARELLHO, 2002, p. 55, tradução nossa.

⁶¹⁵ VIGARELLHO, 2002, p. 55, tradução nossa.

⁶¹⁶ Cf. MELO, 2000.

⁶¹⁷ JAL; GUAL, 2004.

A Educação em Belo Horizonte, marcada inicialmente por um “movimento de afirmação de uma nova cultura escolar, nas duas primeiras décadas do século XX”, que tinha a tarefa de “erradicar o analfabetismo, a ignorância presumida da população pobre e, ao mesmo tempo, fazê-las conhecedoras e portadoras de virtudes republicanas”, como queriam republicanos influentes no Estado e intelectuais, foi marcada por sucessivas reformas do Ensino Primário que ocorreram em Minas Gerais.⁶¹⁸

A reforma que simbolizou uma ruptura com o modelo escolar até então vigente foi a realizada no governo de João Pinheiro, em 1906, que possibilitou modificações na formação de professores e, principalmente, o surgimento e a organização dos Grupos Escolares, em substituição às Escolas Isoladas. Essas ações viabilizaram práticas educativas inéditas até então e uma nova orientação pedagógica. A escola passou a ser vista como o lugar específico para uma educação que visasse ao desenvolvimento popular sob tríplice aspecto: físico, moral e intelectual.⁶¹⁹

O aspecto físico foi trabalhado pela *educação physica* em sua forma escolarizada: a *Gymnastica*, que somente no final da década de 1920 passou a denominar-se: *Educação Física*. Codificada como uma disciplina escolar, teve seu marco inicial no Ensino Primário, em Minas Gerais, pela Lei n. 41, de 3 de agosto de 1892, que dava nova organização à instrução pública mineira. Essa lei se constituía numa “tentativa de conformação e normalização das práticas escolares, ao regulamentar o Ensino Primário, o Normal e o Secundário do Estado”.⁶²⁰

Produzida como um dispositivo central para a educação física das crianças, a *Gymnastica* passou a fazer parte da cultura escolar de Belo Horizonte, desde os seus anos iniciais, como uma forma de ensino, como aparece na propaganda da *Escola Americana* no jornal *A Capital*:

A Escola Americana
Para meninos e meninas (até 10 annos)

Está funcionando na avenida do Paraná nesta cidade. O ensino inclui a instrução primaria e secundaria em todas as matérias nas línguas portugueza e inglesa, desenho, gymnastica e francez.
Música e piano são pagas separadamente.

⁶¹⁸ VAGO, 2002, p. 13.

⁶¹⁹ Cf. VAGO, 2002.

⁶²⁰ VAGO, 2002, p. 221.

Também se lecciona inglez em dias e horas determinados. Para informações dirija-se á Misses Wilcox e Stenger.⁶²¹

Uma cidade moderna, que se queria civilizada e que aspirava ao progresso para o Estado e a Nação por meio de uma educação racional de seus habitantes⁶²², abriu suas portas para diferentes escolas particulares, nacionais ou de procedência estrangeira, católicas ou metodistas, que iriam colaborar para a obtenção desse fim desejado. O espírito de modernidade que permeou a concepção da cidade tinha suas bases assentada nas ciências e na ausência de preconceitos intelectuais e religiosos, cujo maior compromisso era com o progresso.⁶²³

A escola, e nela a educação física, foi-se pautando por formar hábitos higiênicos, moralizando os costumes e direcionando os alunos para lazeres úteis e saudáveis.

A *Gymnastica*, tornando-se um assunto polêmico nos jornais em 1899, diante da suspensão das cadeiras de *Gymnastica* e Música das Escolas Normais em Minas,⁶²⁴ escolarizou-se após o advento dos Grupos Escolares na cidade, a partir de 1906. Com ela, teve início sua história como disciplina escolar no Ensino Primário público na cidade, por sua capacidade de endireitar e robustecer os corpos, realizando uma “faxina nos corpos das crianças, que da indigência seriam afinal resgatados e transfigurados em corpos saudáveis, belos e fortes”.⁶²⁵

Dentre as inspirações da reforma mineira de 1906, segundo análise de Tarcísio Vago, podem ser observadas: o modelo escolar paulista instituído com a Reforma Caetano de Campos, de 1892; e o sistema de ensino da Argentina e da França. Para tomar conhecimento sobre esse último, o presidente João Pinheiro solicitou a um amigo (Artur Ribeiro) que visitasse a *École des Roches*, fundada e dirigida, em 1888, por E. Demolins e “considerada a primeira escola francesa”.⁶²⁶

A visão de E. Demolins foi divulgada na cidade pelo *Diário de Notícias*, que publicou uma reportagem que tinha a Educação como tema, do conde de Affonso Celso, transcrita por Felix Andrade, em 1907. Essa publicação pode ter exercido influências na forma de pensar a educação naquele período. Segundo ele, para Demolins, a educação inglesa lhe parecia

⁶²¹ A ESCOLA ..., 1898, p. 3.

⁶²² VAGO, 2002.

⁶²³ SOARES; PEIXOTO, 2004.

⁶²⁴ ENSINO normal, 1899, p. 1.

⁶²⁵ Cf. VAGO, 2002, p. 22. Tarcísio Vago analisa a constituição do campo disciplinar da *Gymnastica* nas práticas escolares do Ensino Primário de Belo Horizonte.

⁶²⁶ VAGO, 2002, p. 57.

infinitamente “mais normal, mais [...] com a natureza e a razão”. Uma forma de se comprovar isso consiste lembrar o resultado desta:

a produção de homens energicos e vigorosos, capazes de altos empreendimentos, de conceberem uma grande obra e de a realizarem até ao fim, sem desfalecimento, através quaes obstaculos. Dahi o povo prospera em todos os continentes, governando mares e as mais diversas raças.⁶²⁷

Nessa visão, a educação inglesa “apparelha sobre tudo, para o exercicio das profissões mais uteis no mundo hodierno para aquellas de que se originam a força, a riqueza, a supremacia dos povos: a industria, o comercio, a agricultura”.⁶²⁸

Em análise comparativa entre o professor francês e o inglês, Demolins apresenta o primeiro informando o tipo clássico de diretor de colégio: “aspecto grave, roupas escuras, sinão comprida, sobrecasaca preta, ar mais ou menos solene e compassado de quem convencido se acha e quer que se saiba que elle exerce elevado sacerdócio”. É acrescentado a ele o “passo lento, attitude reservada, conversação silenciosa, cheia de conceitos proprios a illustrarem o espirito e purificarem o coração da juventude. Sobretudo, dignidade; extraordinária copia de dignidade”. As qualidades do inglês foram assim detalhadas por Demolins: “Era doutor instruíssimo. Alto, esbelto, musculoso, emerito nos *sports* que exigem agilidade e destreza, não raro trajava como genuino *tourist*; blusa panno pardo, larga cinta até o joelho, sólidos sapatos, e na cabeça, leve bonet”.⁶²⁹

Um inglês com essas características dirigia importante escola, cujo plano Demolins procurou imitar em Roches:

Escola em pleno ar, onde os jogos e a educação physica, cuidadosamente cultivados, não prejudicavam a excellencia da instrucção, tão próxima da natureza, quanto possivel, sempre despertando o interesse dos discípulos, educados juntos á exemplar família do diretor; no regimen da amizade e da confiança.

Esse typo de escolas, ricas de cousas reais e actuais, muito diversas das antigas *grammar schools* da própria Inglaterra, implantando-o Demolins na França, destruindo inveterados preconceitos, abrindo amplos horizontes á instrucção e á educação publicas.⁶³⁰

⁶²⁷ ANDRADE, 1907, p. 1.

⁶²⁸ ANDRADE, 1907, p. 1.

⁶²⁹ ANDRADE, 1907, p. 1.

⁶³⁰ ANDRADE, 1907, p. 1.

A *Gymnastica* foi o espaço para práticas corporais na escola, que se constituíam, inicialmente, de exercícios físicos que utilizavam diferentes metodologias comumente utilizadas no Brasil naquele momento, como os exercícios calistênicos,⁶³¹ a Ginástica Sueca⁶³² e os exercícios militares, pois havia outro tempo escolar dedicado às evoluções militares. Algumas escolas introduziram os exercícios esportivos ao ar livre, próprios da educação inglesa, que foram utilizados na “cadeira” de *Gymnastica* ou nas horas de recreios, e outras, como o Anglo-Mineiro, o utilizaram de forma mais sistematizada, até mesmo como propaganda de sua qualidade de ensino.

Dentre as primeiras escolas da cidade que aparecem como promotoras de jogos esportivos, encontra-se o Ginásio Mineiro, a primeira instituição de ensino secundário de Minas Gerais. Criado na antiga capital Ouro Preto, em 1890, tinha por objetivo habilitar alunos para as academias e estudos superiores da República. Seu currículo havia sido modelado pelo Ginásio Nacional, antigo *Imperial Collegio Pedro Segundo*. Com um Internato na cidade de Barbacena e um externato em Ouro Preto, o ginásio atendia a elite mineira da época. Este último foi transferido para a nova capital, em 17 de outubro de 1898.⁶³³

Aleluia Teixeira observa que e o “Ginásio Mineiro protagonizou o movimento de construção de uma nova cultura escolar para o Ensino Secundário em Minas Gerais”. Instituído nos moldes do Ginásio Nacional da capital da República, o Ginásio Mineiro, em sua forma de organização, apresentava-se como uma escola patriótica que se queria para o Brasil naquele momento. Afinada com o modelo francês de educação, inseria também no seu currículo a ginástica, a esgrima e as evoluções militares, além dos “Batalhões Escolares⁶³⁴”. Essa prescrição legal não garantia as condições físicas e materiais para a sua satisfatória

⁶³¹ *Calistenia* é uma palavra de origem grega (Kallós – belo; sthenos – força; sufixo – ia). Segundo Marinho ([s.d], p. 265), a *Calistenia* “é um sistema de ginástica que encontra as suas origens na ginástica sueca e que apresenta, como características, a predominância de formas analíticas, a divisão dos exercícios em oito grupo, a associação da música ao ritmo dos movimentos, a predominância dos movimentos sobre as posições e exercícios à mão livre e com pequenos aparelhos (halteres, bastões, maças, etc.)”.

⁶³² A *Ginástica Sueca* foi um sistema de ginástica idealizado pelo sueco Per Henrik Ling, que a dividiu em quatro partes, de acordo com os fins visados: Ginástica Pedagógica ou Educativa; Ginástica Militar; Ginástica Médica e Ginástica Estética. A Ginástica Pedagógica, ou educativa, era “aplicável às pessoas com objetivos de assegurar a saúde, evitar a instalação de vícios ou defeitos posturais e enfermidades, desenvolvendo normalmente o indivíduo”. (MARINHO, [s.d], p. 187.)

⁶³³ Cf. TEIXEIRA, 2004.

⁶³⁴ Teixeira (2004, p. 68) esclarece que na França uma Lei de 27 de janeiro de 1880 obrigou o ensino da ginástica para todos os meninos; em 28 de março de 1882, os exercícios militares tornaram-se obrigatórios; e um Decreto de 6 de julho de 1882 criou os batalhões escolares. Segundo Soares (1998, p. 130), os batalhões escolares foram organizados nas escolas na França, após a derrota para a Prússia, como forma de preparar uma revanche.

realização. No entanto, os relatórios dos reitores⁶³⁵ informavam, anualmente, o funcionamento regular das aulas de ginástica e de evoluções militares. Além dessas práticas,

parte da legislação prescrevia os “jogos escolares”, ou os “jogos esportivos” com influência inglesa. Tais jogos não eram considerados componentes curriculares, mas um recurso ou prática disciplinar, pois eram propostos e supervisionados pelos Reitores e Inspectores de alunos e não pelo Professor de Ginástica como conteúdo de sua disciplina.⁶³⁶

Aleluia Teixeira relata também a ação de sua administração, em 1904, no sentido de readquirir para o externato, o antigo prestígio de instituto modelo. Dentre os projetos anunciados pelo reitor Gustavo Pena, contavam diversos exercícios esportivos:

quando aos alumnos forem proporcionados diversos exercicios de sport, com exclusão sómente da gymnastica de compendio, a que os ingleses chamam com espirito de desdém *exercícios de macaco*, e sim a esgrima, o foot ball, o cricket, e quando outros melhoramentos se realizarem, então assim; o Externato do Gymnasio há de tornar-se um estabelecimento de que podemos nos orgulhar.⁶³⁷

O reitor defendia a prática do *sport*. Mas, pelo que parece, era só uma prática discursiva, pois as condições da estrutura física do externato de Belo Horizonte eram precárias para as práticas esportivas, diferente da prosperidade encontrada no internato de Barbacena.

Como o esporte era proposto para ser supervisionado pelo reitor ou inspetores e como fazia parte dos interesses do reitor em 1904, que defendia sua prática de forma contundente, a criação do *Plínio Foot-ball Club*, o segundo clube de *football* da cidade, pelos alunos do Ginásio pode ter tido seu apoio.⁶³⁸

Mas a escola que representou um papel importante na divulgação do esporte na cidade foi o Anglo-Mineiro, colégio metodista inglês, criado em 1914, cuja divisa era *mens sana in corpore sano*.

⁶³⁵ Os diretores do Ginásio Mineiro eram intitulados como reitores.

⁶³⁶ TEIXEIRA, 2004, p. 68.

⁶³⁷ Externato do Ginásio Mineiro. “Notas e Informaçõs colligidas pelo Reitor Gustavo Penna”. Belo Horizonte – Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1904 . 372/B/Cx.F4F. cx. 2. APM, *apud* TEIXEIRA, 2004, p. 92.

⁶³⁸ O clube Plínio foi o segundo clube de *foot-ball* da cidade. Abílio Barreto relata que, no dia 2 de outubro de 1904, “funda-se o Plínio Foot-ball por alumnos do Gymnasio, iniciativa de [Tiburcio] de Oliveira, Octavio Martins, Alvaro Magalhães Mascarenhas; F.^{co} Mascarenhas; F.^{co} Ribeiro Horta; Raul Cruz, Antônio Cunha, Pedro Queiroga e [Arsenio] Lemos. (BARRETO. *Esportes 1904-1937*, [s.d.].)

O jornal *Estado de Minas*, em junho de 1912, já anunciava a criação de uma sucursal do Colégio Anglo-Brasileiro, sediado em São Paulo, na capital mineira, um instituto dirigido por ingleses que

transplantaram para nosso paíz os moldes que tanto recomendam, na Inglaterra, o exercício da instrução em todos os graus, o Collegio Anglo Brasileiro virá prestar ao nosso meio um serviço de relevante alcance á mocidade, que se preparava para as luctas e as conquistas sociais.⁶³⁹

A notícia ainda informava a dispensa de se tecer elogios ao programa desenvolvido pela escola, pois, para recomendá-lo, era suficiente o êxito alcançado nos dois “centros de maior cultura e de mais intensa civilização do Paiz”: Rio e São Paulo.⁶⁴⁰

O memorialista Pedro Nava, em seu livro *Balão Cativo*, escreveu sobre escola, ao lembrar seus dias nela como interno. Segundo ele, sua criação partiu da iniciativa do lente do *Gymnasio Mineiro*,⁶⁴¹ Mendes Pimentel, e de “homens bons” de Belo Horizonte, que se reuniram para criar em Minas o seu *Eton*⁶⁴² e o anti-Caraça⁶⁴³. Os nomes de políticos, altos funcionários e famílias importantes estavam a ele aliados. Estudariam nessa escola “mocinhos da melhores famílias do Estado de Minas Gerais”. O interesse inicial partiu de Joseph Thomas Wilson Sadler, que havia sido professor e vice-diretor no Anglo-Brasileiro de São Paulo, que queria criar em Belo Horizonte um colégio que pudesse rivalizar e suplantar o colégio paulista.⁶⁴⁴

A revista *Vita* foi um dos meios utilizados para as propagandas do colégio.

⁶³⁹ ESTADO DE MINAS, 27 jun. 1912, p. 1.

⁶⁴⁰ *Ibidem*.

⁶⁴¹ Conforme Teixeira (2004), no Ginásio Mineiro, o corpo docente era formado por lentes e professores. Essa distinção se fazia presente dentro do quadro de matérias a serem lecionadas – cadeira ou aula.

⁶⁴² Colégio responsável pela formação das classes dirigentes na Inglaterra.

⁶⁴³ Colégio católico dirigido por padres lazaristas.

⁶⁴⁴ NAVA, 1977.

GYMNASIO ANGLO-MINEIRO

Internato e externato para meninos

DIRECTOR: J. T. W- SADLER. M. A.

Este estabelecimento de instrucção e educação foi construído propositalmente para o fim a que se serve, em vasto terreno de 49.200 metros quadrados, no ponto mais alto da Avenida Affonso Penna, suburbio da Capital, celebre por sua salubridade e belleza.

A turma dos menores se acha installada tanto para as aulas como para os dormitorios em pavilhão separado, tendo tambem suas dependencias particulares.

Ao ensino das linguas modernas será dada a mais ampla attenção, sendo empregados os methodos mais approvados.

A cultura physica dos alumnos será entregue a um perito experimentado e diplomado nos diversos ramos da sciencia. A arte de natação será ensinada no novo e magnifico tanque coberto; os alumnos estando sempre acompanhados pelo instructor.

Uma enfermaria ingleza, que reside no collegio, cuidará dos meninos que estiverem doentes; e para as molestias infantis, sem gravidade mas contagiosas, existe uma enfermaria isolada.

A educação e a vida do Internato seguirão o systema inglez, reconhecido como o melhor em seus efeitos sobre a formação do caracter e o desenvolvimento physico dos alumnos; e para esse fim foi contractado na Inglaterra o corpo de mestres, inglezes todos, com a excepção dos mestres para o ensino dos outros idiomas modernos.

A directoria não se encarrega da instrucção religiosa, porém attenderá cuidadosamente aos desejos dos srs. paes nesse respeito, mandando, nos domingos, acompanhar os alumnos ao templo do culto preferido por aquelles.

CAIXA 47 - BELLO HORIZONTE

FIGURA 28 – Anúncio do Colégio Anglo-Mineiro
Fonte: VITA, n. 9 15 fev 1914, p. 2.

O colégio se valia das novidades que implantaria na capital para fazer seus anúncios nos jornais e revistas da cidade. A educação e a vida no colégio seguiriam o sistema inglês de ensino, que era destacado e reconhecido como e “o melhor”, por seus efeitos sobre o caráter e o desenvolvimento físico, para o que possuía um corpo de professores vindos da Inglaterra. Os valores da cultura física e os espaços específicos para algumas modalidades esportivas, ainda inexistentes em Belo Horizonte, eram neles destacados, como o “tanque de natação”, que foi a primeira piscina construída em Belo Horizonte, como conta Pedro Nava:

De fato o ‘tanque de natação’ do Anglo foi a primeira piscina construída na cidade e ali se estrearam aquelas malhas de riscas azuis ou vermelhas alternando com as brancas – que naquele tempo, mesmo para os meninos, vinham até o meio das coxas, quase aos joelhos. É bem verdade que os rapazes e garotos da cidade nadavam no *Banheiros dos Estudantes*, nos outros *banheiros* da Caixa de Areia e do córrego Leitão – mas nus em pêlo. A inauguração do traje de banho, na capital mineira, foi feita por nós, [...] em 1914.⁶⁴⁵

É importante lembrar que essa inauguração foi feita somente por corpos masculinos, pois os femininos somente iriam incorporar essa prática depois da década de 1930, quando o América construiu sua piscina.

A novidade na cidade deixou em pânico os padres do Colégio Arnaldo e o Instituto Claret, colégios católicos, pois o Anglo era um colégio “sem latim, nenhum catecismo e excesso de esportes”.⁶⁴⁶

Na década de 1910, esses colégios disputavam a preferência da elite da cidade. O Colégio Arnaldo foi criado na cidade pela congregação alemã do Verbo Divino, fundada pelo padre Arnaldo Janssen. Foi o primeiro colégio católico masculino, que atendia aos anseios dos católicos da nova capital, numa época em que já se falava na criação de um colégio protestante na cidade – o Anglo-Mineiro.

No início de 1912, a Congregação alugou um imóvel em Belo Horizonte, na Rua Timbiras, 1505, quase esquina com a Rua da Bahia, onde iniciou suas atividades, com 30 alunos matriculados. Depois, de 1914 a 1917, passou para uma casa na Rua Timbiras, esquina com Bernardo Monteiro, período em que estava sendo construída sua sede, na qual funciona até hoje, no quarteirão formado pelas Avenidas Carandaí, Paraibuna (hoje Bernardo Monteiro) e Brasil.⁶⁴⁷

Contribuíram para a imagem do Arnaldo a experiência pedagógica bem-sucedida dos padres verbitas na Academia de Comércio de Juiz de Fora e a vinda de padres e professores formados nas mais renomadas universidades européias.

Já o Instituto Claret era propriedade dos padres da Congregação dos Filhos do Coração de Maria, fundada pelo pedagogo Antônio Maria Claret. Funcionando em um “magnífico prédio Rua da Bahia-Aymores, reunindo todas as condições de hygiene, conforto e

⁶⁴⁵ NAVA, 1977, p. 122.

⁶⁴⁶ NAVA, 1977, p. 118.

⁶⁴⁷ CANÇADO, 1999.

elegância”, como explicitava o seu anúncio na *Revista Lourdes*, era um instituto que possibilitava a “admissão em qualquer das faculdades superiores”.⁶⁴⁸

Como aspiração de quatro sacerdotes, dentre eles o padre Francisco Ozamis, o Instituto Claret daria para Belo Horizonte, “uma cidade evidentemente catholica, mas [que] receb[ia] o influxo externo das cidades que se desdobram por sugestões políticas ou expansões comerciais [...] elementos [espirituais] compensadores no meio do progresso material”.⁶⁴⁹

Assim, em meio a esses colégios católicos, o Anglo não era bem visto, pois nele existia “futebol demais. E logo futebol – coisa que puxava pelos peitos, meu Deus! que era um verdadeiro despropósito...”⁶⁵⁰

E foram justamente os equipamentos específicos para os exercícios físicos e jogos esportivos que se tornaram uma atração que deixava encantados os visitantes do colégio, pois eram novidades na cidade, como piscina, galpão de ginástica, ginástica com cordas, halteres, massas, luvas de boxe, máscaras para a esgrima, floretes, clubes do críquete, *sticks* do hóquei e raquetes para o *lawn-tenis*.⁶⁵¹

As lojas da capital tiveram que encomendar, no Rio de Janeiro, artigos esportivos exigidos na rouparia do Anglo, como chuteiras para o *football* – botinas ferradas, cheia de traves na sola, de acolchoados laterais para defender os tornozelos –, meias pretas de cano alto com “safonas” de riscas vermelhas, calções de banho e sapatos de sola de borracha para o *lawn tennis*.

As atividades que promoviam o *corpore sano*, como destaca Pedro Nava, eram os trinta minutos de ginástica sueca, realizados no *gymnasium*, e as competições atléticas, dentre elas o *cricket*, o *hockey*, o *lawn tennis* e o *football*.

O *cricket* só era jogado pelos professores, todos de nacionalidade inglesa, provenientes de Oxford ou Cambridge, com exceção dos professores de outros idiomas estrangeiros. Participavam das partidas os ingleses que vinham da Morro Velho, em Nova Lima.

Era a ocasião de admirarmos equipamentos desconhecidos: luvas articuladas, a trindade do *wicket*, os bonés especiais, os calções, o *bat* e a bola que diziam ser feita com fio de tripa de gato e arame enrolado em torno de um núcleo de chumbo – depois de terem sido passados em borracha derretida. Era

⁶⁴⁸ LOURDES, 1915/1917, p. 654

⁶⁴⁹ LOURDES, 1915/1917, p. 414.

⁶⁵⁰ NAVA, 1977, p. 118.

⁶⁵¹ NAVA, 1977, p. 118.

duramente capeada e seu golpe na cabeça, mortal, por isso mantínhamo-nos longe, enquanto os britânicos faziam voar semelhante torpedo.⁶⁵²

Apesar de figurar entre os jogos propostos nos estatutos do *Sport Club*, o primeiro clube de *football* da cidade, não havia, até a criação do Anglo, evidências da presença do críquete na cidade.

O *hockey* era uma prática esportiva que deveria ser praticada com patins de roda ou patins de gelo e realizado em pistas adequadas. Como ainda não havia esse local específico no colégio, os alunos ressignificaram o jogo, transformando o “elegante jogo numa espécie de *pelada*, de futebol com pelota de pau, levado a efeito não com os pés, mas com os *sticks* – cuja canelada era mais contundente que a das chuteiras”.⁶⁵³

Já o *lawn tennis* era considerado o mais nobre. Os alunos tinham como atividade preparar o campo, pintando as linhas de cal. Os alunos maiores e mais altos faziam duplas com os professores, que se esmeravam nos trajés, com camisa clara, calça de flanela creme, meias e sapatos brancos de borracha. O elegante entre os professores era usar, no lugar de cintos, gravatas com as cores do *college* que haviam freqüentado na Inglaterra.

Os banhos no “tanque de natação” eram feitos à tardinha, três vezes por semana. A piscina era coberta de telha-vã e aberta nas paredes laterais, com profundidades diferenciadas para os alunos menores, e com água limpa, sempre trocada. Dentre as suas normas de utilização, o pular de ponta-cabeça era sempre proibido, sendo privados por uma semana da natação, aqueles que a desobedecessem. As técnicas utilizadas foram assim explicadas por Pedro Nava:

Entrava-se saltando em pé ou, como ensinavam os ingleses, ajoelhando na borda, onde passavam corrimões logo acima da superfície da água. Havia um jeito especial e torcido de segura-los e, a um apito, todos davam um galeio de banda e caíam no banho – seguros à trave de madeira. Sempre atacadados, os que não sabiam nadar aprendiam o movimento das pernas. Depois de adestrados, faziam em seco os gestos da braçada de frente, do *à la brasse*, do nado indiano e começavam a atravessar a piscina no princípio, devagar, sem jeito, bebendo água, respirando água, sufocando, perdendo pé – depois como seta na reta dos peixes. Sempre um dos professores estava dentro d’água, conosco.⁶⁵⁴

⁶⁵² NAVA, 1977, p. 134.

⁶⁵³ NAVA, 1977, p. 134.

⁶⁵⁴ NAVA, 1977, p. 138.

As preocupações com a segurança se faziam notar. Numa prática com gestos ainda desconhecida para os mineiros, algumas resistências logo apareceram. O que se percebe nas narrativas de Pedro Nava era a irritação provocada nos professores quando os “veteranos dos banheiros do Arrudas, do Serra ou do Leitão” nadavam nos seus estilos constantemente praticados naqueles córregos da cidade, como “arranco, peito emergindo, jogando água para todos os lados e para cima com a batida ruidosa dos pés – ti-bum-bum”, momentos de alegria e brincadeiras, quando nem ouviam as voz furiosa do professor: “Couldn’t you try to swim like human beings? And not in the way of dogs and horses, you stubborn mules!”.⁶⁵⁵ Eram corpos sendo conformados nos valores e gestos da educação inglesa, mas que apresentavam “táticas” que não obedeciam às leis do lugar.⁶⁵⁶

Mas o esporte por excelência do Anglo era o *football*. O grande interesse despertado nos garotos da cidade pela instituição estava aliado à notícia que se espalhou de que “o colégio teria no currículo cátedra e professor titular de futebol”. E toda a equipe de professores eram “*foot-ballers* de alta classe”. Segundo Pedro Nava, os clubes da cidade, como o “Atlético, o América e o Esportes Higiênicos”, passaram a disputar os campeonatos e

a influência dos ingleses foi grande no futebol mineiro. Fizeram sentir o seu jeito na técnica, nas regras, no espírito esportivo, na *gentlemanhood*, no treinamento, na seleção do material e até nos uniformes dos jogadores – numa época em que a revista *Vita* publicava retratos de times vestindo calções que apertavam abaixo do joelho, sobre meias de mulher e camisa fechada de colarinho duro e gravata.⁶⁵⁷

O uniforme usado pelo Anglo era composto de

camisa de flanela às riscas pretas e vermelhas; bonés, como os de jóquei, do mesmo pano ou gorros de malhas enterrados por cima da orelha, até aos olhos e à nuca, calções brancos, chuteiras de couro cru amarelas ou esverdeadas, com travas transversais ou cilíndricas. Eram acolchoadas, enfiadas com longos cadarços que era moda, pôr em espica – dando voltas em 8 em torno aos maléolos e em torno aos pés.⁶⁵⁸

⁶⁵⁵ NAVA, 1977, p. 138.

⁶⁵⁶ Segundo Certeau (1994, p. 100), “tática” é a “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro”. A tática pode ser assim vista como “a arte do fraco”. Assim, “essas táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar, não se definem por este”. (CERTEAU, 1994, p. 92.)

⁶⁵⁷ NAVA, 1977, p. 135.

⁶⁵⁸ NAVA, 1977, p.136.

Os grandes jogadores mineiros daquela época seguiram exemplos dados pelos professores do Anglo, e com isso “foi logo visível o *improvement* dos grandes *players* mineiros”. Esses exemplos serviram também como padrão para a reformulação do *Athletico*, do *America*, do *Yale* e do *Esportes Hygienicos*. Toda essa influência foi reconhecida pela *Liga Mineira de Esportes Athleticos*, quando fez do diretor do Anglo, Joseph Sadler, seu presidente honorário.⁶⁵⁹

Os alunos do Anglo jogavam *football* às terças, quartas e sextas-feiras. Eram divididos dois times de menores e dois de maiores, cada time com dez jogadores, sendo completado por um professor, que era o décimo primeiro. Nessas partidas, os professores iam ensinando as técnicas e as formas de comportamento necessárias ao jogo, bem como saber ganhar e saber perder. Promoviam jogos internos entre selecionados de “maiores” e “menores” contra os “médios”, entre alunos e professores, e jogos externos com o time do Anglo formado por professores e alunos “maiores” contra o *America* e o time dos ingleses de Morro Velho.

Mas esses jogos eram realizados também com outros colégios que também começam a promover o *football* em seus estabelecimentos, como o Colégio Arnaldo e o Isabela Hendrix.

As escolas metodistas apareceram no Brasil nas últimas décadas do século XIX. Destinadas às elites, elas eram instaladas em cidades em fase de expansão, onde era “forjado o futuro político e econômico do país”.⁶⁶⁰ Belo Horizonte se enquadrava nesse perfil, e foi assim que foi criado o Isabela Hendrix:

Inaugurou-se a 4 do corrente, nesta cidade, á avenida do Comércio – 208, um novo estabelecimento de instrução, dirigido pela distincta professora Miss Watts.

Tem este collegio por fim o desenvolvimento intellectual o moral e physico dos alunos que lhe forem confiados.

Para o desenvolvimento intellectual serão adoptados e seguidos os cursos – elementar secundario e superior usados nos melhores estabelecimentos de ensino do Brasil; para o moral – serão os alumnos instruídos nas Sagradas Escripturas; para o physico – serão adotados passeios e exercícios de gymnastica em aulas especiais.

Esse colégio que funcionar provisoriamente no excelente prédio da Avenida do Comércio [...].⁶⁶¹

⁶⁵⁹ NAVA, 1977.

⁶⁶⁰ SOARES; PEIXOTO, 2004, p. 4.

⁶⁶¹ COLÉGIO Isabella, 1904, p. 3.

Destinado à formação de jovens filhas das tradicionais famílias mineiras, o Isabela marcou presença na paisagem urbana de Belo Horizonte, passando por diversos endereços antes de ocupar o prédio da Rua da Bahia. Iniciando-se na Avenida do Comércio (hoje, Santos Dumont, o instituto transferiu-se para a Avenida João Pinheiro, nas imediações da edificação hoje utilizada pelo Arquivo Público Mineiro. Em 1907, mudou-se para o seu primeiro prédio, um terreno doado pela prefeitura, situado na Rua Espírito Santo, 605, junto ao antigo endereço da Igreja Metodista. Ali permaneceu até 1938, quando se mudou definitivamente para a Rua da Bahia.

O Isabela Hendrix, apesar de ser uma escola para meninas, aceitava também garotos. Assim, seu ensino era misto, como acontecia nas escolas públicas, diferente dos colégios confessionais, que viam na coeducação uma ameaça. E a *Gymnastica* era também valorizada como forma de educação.

Os garotos do Isabela Hendrix também possuíam um time de *football*, que, em 1914, jogava com o Anglo-Mineiro, como lembra Pedro Nava ao relatar a fala de um antigo aluno do Isabela, Francisco de Sá Pires, companheiro de *football* daquela época: “O Isabela Hendrix recebia meninos desde que eles seguissem todo o regime escolar das garotas, inclusive aula de costura. É por isso – acrescentou o psiquiatra – que até hoje sei embainhar e chulear”.⁶⁶²

No entanto, o *football* era uma exceção, pois era somente uma prática masculina na época. Mas o *football* não era privilégio só dos colégios metodistas. Os colégios masculinos católicos também começaram a praticá-lo, pois naquele momento ele aparecia como uma prática necessária e útil na educação de corpos higienizados e civilizados que aqueles colégios queriam promover.

Dentre os padres que vieram da Europa para o Arnaldo estava Symalla, “filho da Alta Silésia, que acabara de se ordenar na Áustria”. Segundo José Maria Cançado, além de uma formação na sólida tradição das ciências da natureza,

o Padre Symalla, que mais tarde dirigiria o Colégio durante um largo período, trouxe, além da fidelidade e do compromisso com a tradição científica, mais um tema para enriquecer o processo de ‘mutua adoção’ que se estabelecia entre o Arnaldo e Belo Horizonte: o futebol, pelo qual era completamente apaixonado, e que ele ajudou a desenvolver numa terra que, ele viu logo, era mais do que fértil.⁶⁶³

⁶⁶² NAVA, 1977, p. 136.

⁶⁶³ CANÇADO, 1999, p. 38.

O padre Symalla era um apaixonado pelo futebol, e se “o Arnaldo veio a se tornar também uma escola de craques, isso se deve muito àquele silesiano um pouco recato”. Cançado comenta que durante muito tempo ele “podia ser visto no final das tardes de domingo pelo campo de futebol cercado de mangueiras, o radinho ao ouvido, ligado na resenha esportiva e nos resultados dos jogos do dia”.⁶⁶⁴

Essa atuação e interesse do padre Symalla em despertar nos alunos do Arnaldo o gosto pelo *football* foi motivo para que Pedro Nava, ao falar de jogos realizados com os alunos do Arnaldo, comentasse que estes levaram uma “verdadeira lavagem” do Anglo, pois eram “uns meninos canhestros, treinados mal e porcamente por irmãos de batina arregaçada”.⁶⁶⁵

E esse interesse que o *football* passou a despertar por parte das escolas e por seus alunos fez com que ele fosse destacado dentre os *sports* como o que mais aceitação havia tido na capital e que por isso passou a ser “cultivado por diversas sociedades desse genero”. Vários estabelecimentos de ensino passaram a anexar ao seu espaço campos onde os “alunos em recreio se dedicam a pratica de tão excellente ‘sport’”.⁶⁶⁶ O jornal *Commercio & Lavoura* esclarece:

O Colégio Arnaldo, entretanto, preparou para seus alumnos um péssimo campo, cheio de poeira, concorrendo grandemente para o prejuizo da saúde dos meninos que tanto apreciam este divertimento.

Chamamos para tal inconveniente a àttenção dos paes de famílias que possuem filhos no referido collegio sobre tão prejudicial diversão, devido ao mal estado do campo, uma vez que os dirigentes do alludido estabelecimento, não querem providenciar melhoramentos do campo, pois, o contrario é baratear a saúde ou a vida mesma dos seus alumnos.⁶⁶⁷

O que deve ser levado em consideração é que naquela época o Arnaldo era um canteiro de obras. Mas quase todos os campos da cidade não possuíam condições adequadas aos jogos. Até o Prado Mineiro, que na década de 1910 foi apropriado para os jogos de *football*, constantemente recebia críticas sobre a poeira reinante.

Assim, a partir daqueles meados da década de 1910, já se podia ver jogos realizados entre times de colégios da capital, como relata Abílio Barreto: “22 de julho 1917 – No ground

⁶⁶⁴ CANÇADO, 1999, p. 39

⁶⁶⁵ NAVA, 1977, p.136.

⁶⁶⁶ COMMERCIO & LAVOURA, 9 jul. 1916, p. 2.

⁶⁶⁷ COMMERCIO & LAVOURA, 9 jul. 1916, p. 2.

do ‘Arnaldo’ realizava-se um match entre ‘Club’ daquele colégio e o ‘Iork Club’ do Instituto Fundamental, vencendo o Iork por 1X 0”.⁶⁶⁸

Outro colégio católico que também incentivou a prática do *football* na cidade foi o Instituto Claret. Não foram encontradas fontes que pudessem dar visibilidade às práticas corporais que aconteciam no instituto, nem se ele oferecia *Gymnastica* no seu currículo, mas a revista *Lourdes*, um órgão da Associação de Nossa Senhora de Lourdes e do Círculo Católico Mineiro, apresenta uma série de fotografias de times de *football* do colégio, o que significa uma valorização por parte desse estabelecimento de ensino dessa atividade esportiva, já naquela época em processo de consolidação na cidade.



FIGURA 29 – O “valoroso” *Claret Foot-ball Club*
 Fonte: Revista *LOURDES*, jul. 1915/jun. 1917, p. 414. (Biblioteca da Igreja de Lourdes).

A foto acima deveria ser do time principal do Instituto, que se apresentava institucionalizado como *Claret Foot-ball Club*. Um incentivo à prática do *football* foi encontrado também na revista *Lourdes*, em de um artigo endereçado aos alunos do Instituto Claret, intitulado *Foot-ball*, assinado por J. Maria:

⁶⁶⁸ BARRETO. Dicionário temático, [s.d.], p. 4.

Qual é o rapaz que não gosta do bello e salutar jogo bretão?

Todos o amam; para os admiradores são excellentes e divertidas as horas que passam assistindo um emocionante match e para os que o praticam não há cousa mais agradável que dar um ponta-pé na bola, um shoot.

Nas horas vagas em logar de um insípido passeio onde recorta-se numa cadeira de balanço e dormir uma ou duas horas, querendo reunir o útil ao agradável não ha nada como uma partida de foot-ball.

Muitos não comprehendem ou não querem comprehend a utilidade, as vantagens que o foot-ball offerece sobre esse ‘dolce farniente’, dessa inacção a qual a descuidada juventude entrega os seus corpos.

A saúde, esse nossa maior riqueza e da qual depende a nossa felicidade, porque abandonal-a como a maior parte fazem, muitas vezes sem o saber, ignorantes dos alicerces que sustentam esse grandioso magestoso edifício que é a saude.

Pondo em movimento seus musculos e desenvolvendo-os igualmente o corpo fortifica-se e dahi resulta a verdadeira belleza que tanto os antigos admiravam.

Comparem um rapaz ‘bonito’ (isto é, de rosto bonito) mas franzino, fraco e prompto para entregar-se a qualquer doença, com um rapaz que possui a belleza do corpo, que possui a saude porque não esqueceu que ‘o movimento é a vida’ e que ‘inacção conduz á degeneração orgânica e á morte prematura’.

Quantos rapazes conheço que praticando o foot-ball com methodo, cumprindo as regras e deixando de parte essa brutalidade que ás vezes notamos nos jogadores que provêm sua derrota num ‘match’, a elle devem sua robustez e saude.

E mais uma prova de que o football é excelente e salutar basta dizer que não haverá talvez um collegio em que não exista um ou mais ‘teams’, cujos jogadores, applicados estudantes (ou pelo menos assim penso e é esse o meu desejo) vão procurar nas horas de recreio descansar o cérebro e fortalecer o corpo naquelle sport procurando reunir o útil ao agradável.

E aprendiam para nunca esquecer ‘mens sana in corpore sano.’⁶⁶⁹

As representações sobre o *football*, dirigidas aos alunos do instituto e a toda comunidade de Belo Horizonte, uma vez que a revista tinha circulação na cidade, são por demais explícitas. O *football* era apresentado como uma prática útil e agradável para ser realizada e valorizada nos tempos desocupados, direcionada para lazeres úteis e saudáveis. Tanto a sua prática quanto o seu consumo como espectador eram formas de lazeres indicadas pelo

⁶⁶⁹ MARIA, J. 1915/1917, p. 764.

autor da reportagem. A sua utilidade estaria aliada ao fortalecimento, à robustez e à beleza do corpo, como uma forma de adquirir saúde, e, além disso, era uma atividade que proporcionava prazer.

O autor do artigo deixa claro também a valorização do *football* pelas escolas da cidade para ser utilizado nas horas de recreio, aqui entendida como um momento para lazes, como descanso do cérebro e fortalecimento do corpo.

Entre as fotos de times de *football* encontradas na revista *Lourdes*, pode-se perceber, na primeira, um grupo de jovens vestidos de branco, com longas bernudas, camisas de manga comprida, cintos, meias até os joelhos, mas que não se apresentavam todos com o mesmo uniforme, além da presença de dois homens mais velhos, vestidos de terno, o que poderia sugerir aceitabilidade ou um aval à sua prática. Destaca-se, em duas fotos, um único aluno de camisa listrada, diferentemente vestido em relação aos outros, que poderia ser o *goal-keeper*.



FIGURA 30 – *Team* do Instituto Claret

Fonte: Revista LOURDES, jul. 1916/jun. 1917, p. 265. (Biblioteca da Igreja de Lourdes).



FIGURA 31 – *Team* do Instituto Claret

Fonte: Revista LOURDES, jul. 1915/jun. 1917, p. 265. (Biblioteca da Igreja de Lourdes 1916/1917).



FIGURA 32 – Um dos *team* do Instituto Claret

Fonte: Revista LOURDES, n.11, a. 3, p. 724, 28 maio 1916.

Os meados da década de 1910 foram representativos na influência exercida pelo esporte praticado na escola, principalmente o *football*, na cultura da cidade. Em vários

estabelecimentos de ensino, vão ser encontrados um ou mais times que usavam as horas de recreio para as suas atividades.

Um dos colégios que também se apropriou do jogo para fazer parte das suas atividades, de uma forma efetiva, não mais só no discurso de seu diretor, foi o Ginásio Mineiro. Abílio Barreto fala da criação de um clube a ele aliado em 1917:

1917 – junho 16. No Gymnasio fundava-se o ‘Tomas Brandão Foot-ball Club’ cuja primeira diretoria foi a seguinte: p.te dr. Antonio P. da Silva, Vice pte, Áureo Moraes; 1º séc. Moacyr Orsini de Lacerda; 2º séc. Odilon de Magalhães, Thesoureiro, Affonso Alves B. de Melo; procurador, Julio Mourão; zelador, Moacir Dolabella Portella; ‘captain’ Camillo Mendes Pimentel.⁶⁷⁰

Não se têm mais informações sobre este time, mas nessa referência fica clara a participação do professor concursado para a cadeira de *Gymnastica* do Gymnasio Mineiro, em 1916, como presidente do clube, Antônio Pereira da Silva. E o time recebera o nome o então diretor do colégio, na época tratado como reitor, Tomas Brandão.

Mas não foram somente corpos masculinos jogando *football* que se destacaram em notícias de práticas esportivas nas escolas da cidade. A Escola Normal se dedicou a educar os corpos femininos, que tinham realce pela participação em diferentes práticas esportivas.

A Escola Normal de Belo Horizonte, responsável por formar professores na cidade, foi fundada em 28 de setembro de 1906. Sua criação “foi o passo inicial da primeira grande reforma do ensino de Minas”, realizada no governo de João Pinheiro.⁶⁷¹ Funcionando inicialmente, até 1909, em uma casa situada na Rua Timbiras, passou, posteriormente, para as dependências do antigo Tribunal da Relação. Só em 1911, com a conclusão do edifício da Rua Pernambuco, transferiu-se em definitivo para sua sede própria.⁶⁷²

Segundo Eustáquia Sousa, “seus primeiros currículos não contemplavam o ensino da Ginástica, apesar de as egressas dessa escola serem obrigadas a ensinar Exercícios Físicos no Primário”. Só quatro anos mais tarde, em 1910, com a reforma educacional promovida por Wenceslau Braz, é que a *Gymnastica* passou a compor o currículo da Escola Normal da capital. A matéria era ministrada durante todo o curso e constava de exercícios metódicos e sistemáticos, que visavam o desenvolvimento e o aperfeiçoamento físico das alunas. No último ano, era desenvolvida sob forma de prática profissional em Escolas Anexas ou Grupos

⁶⁷⁰ BARRETO. *Esportes 1904-1937*, [s. d.].

⁶⁷¹ INSTITUTO de..., 1966.

⁶⁷² INSTITUTO de..., 1966.

Escolares.⁶⁷³ Até 1914, a *Gymnastica* continuou a se desenvolver na Escola Normal como a implantada em 1910, quando o governo aprovou um minucioso programa de *Gymnastica*.

Em 1916, apareceram novas mudanças. O regulamento aprovado explicitava, em seu art. 1º:

O ensino normal compreenderá a educação intellectual, physica, moral e professional, necessária ao preparo de professores primários com qualidades indispensáveis ao magistério público, e será ministrado pela Escola da capital, pela Escolas Regionaes officiais, sob a forma de externatos, e pelas escolas particulares equiparadas.⁶⁷⁴

Naqueles novos tempos republicanos, em que intelectuais e políticos mineiros fortaleceram a crença de que para se construir uma Nação e um Estado prósperos, produzindo cidadãos republicanos, dependia, em boa medida, de que a escola realizasse, em um só tempo, a tríade *educação intelectual, moral e física*,⁶⁷⁵ a Escola Normal estaria apta a esse fim.

O *Regulamento de Ensino*, estabelecido pelo presidente Delfim Moreira, previa que a cadeira de *Gymnastica* não teria por único objetivo a formação dos professores para dirigir essa disciplina no curso primário, mas, principalmente, para “proporcionar o desenvolvimento physico das alunas, por meio de exercícios methodicos e progressivos de gymnastica Sueca, durante os quatro annos do curso”. Além disso, introduziu os jogos na Escola Normal:

a ‘educação physica’ será completada por evoluções gymnasticas das alunas em conjuncto e por jogos athleticos femininos, o lawn-tennis e outros, bem como danças e brinquedos infantis que serão introduzidos nas classes primarias. Para melhor execução dos movimentos nos exercícios que, determinar a professora deverá executal-os ella propria, procurando ser imitada.⁶⁷⁶

Para as aulas de *Gymnastica*, não se exigia vestuário próprio; somente era regulamentado o calçado apropriado, que deveria ser usado de acordo com a determinação da professora.⁶⁷⁷

Era a primeira proposta de introdução de jogos e esportes como conteúdo da *Gymnastica* na Escola Normal. A escolarização dos jogos atléticos femininos por essa cadeira

⁶⁷³ SOUSA, 1994, p. 44.

⁶⁷⁴ Regulamento a que se refere o Decreto n. 4.524, de 21 de fevereiro de 1916 (cópia encontrada no Arquivo da Biblioteca do IEMG).

⁶⁷⁵ Cf. em VAGO, 2002, p. 13.

⁶⁷⁶ Art. 11, letra e. Regulamento a que se refere o Decreto n. 4524, de 21 de fevereiro de 1916 (Arquivo da Biblioteca do IEMG)

⁶⁷⁷ Art. 78 do Regulamento.

refletiu sobre maneira na prática esportiva na cultura urbana da cidade, pois a partir de então os esportes realizados por mulheres, praticando modalidades até então desconhecidas pelos belo-horizontinos, como *basket-ball* e *hockey*, sob a direção da professora Lúcia Joviano, passaram a figurar nos jornais. E esta escola foi a responsável pelo desenvolvimento do esporte praticado por corpos femininos na cidade, dentro e fora dos seus portões.

A partir de 1916, os jogos das alunas da Escola Normal foram realizados até como preliminares dos jogos de *football* ou podiam acontecer mesmo sem a presença dele, como relata o cronista

O ultimo domingo foi incontestável o dia de maiores encontros esportivos. [...] Enquanto os clubs se batiam fora de seu ‘terreno’, assistíamos aqui atraentes encontro entre as alumnas dos diversos anos da ‘Escola Normal’.

Foram disputados dois ‘match’ um ‘hands-ball’ e outro de ‘hockey’.

O primeiro entre as alumnas do primeiro e segundo annos, e o segundo, entre as alumnas do 3º e 4º annos.

Esses gêneros de ‘sports’ cultivado na Escola pelas alunas, representa mais um passo para o desenvolvimento sportivo em Belo Horizonte.⁶⁷⁸

Esse passo foi mesmo significativo para o seu desenvolvimento, pois novas modalidades surgiram no cenário da cidade. Mas é interessante observar que os jogos praticados pelas alunas eram o *basket-ball* e o *hockey*. Por ser um jogo de lançar bolas com a mão, pode ter feito com que o cronista usasse o termo *hands-ball* no lugar de *basket-ball*. Do *hockey*, jogado na grama, têm-se poucas informações de como era jogado na cidade.⁶⁷⁹ Os times da escola normal tinham suas alunas escaladas como no *football*,⁶⁸⁰ uma vez que usavam suas regras e recebiam o mesmo apoio da imprensa na descrição dos seus jogos:

⁶⁷⁸ ABEL. A nota esportiva. *As Alterosas*, 4 nov. 1916, p. 6, grifos nossos.

⁶⁷⁹ Os jogos de *hockey* pertencem ao grupo dos jogos de bola batida praticado na grama ou no gelo. Desde a Grécia antiga, praticavam-se jogos de bola batida com cajados curvos. Os índios das Américas também realizavam jogos usando esses artefatos. Na França, no século 11, jogava-se *crossse*. Todos esses jogos, dentre outros, usavam gestos parecidos com o *hockey*, que é um esporte moderno, criado no século XIX e que jogava inicialmente segundo as regras da Associação de futebol. (MATHYS, 1966.)

⁶⁸⁰ 3º ano: senhoritas: A. Araújo, Torailde Rabello – Dinah Andrade, Aracy Buzilin – Silvia Itabirano – Emilia Truran, Áurea Rabello – Ninita Britto, Carmelia Conceição – Violeta Ruth, Amanda Pinheiro.

4º ano: Aurea Gomes, Neném Simedo – Annita Morandi, Antonieta Silveira – Rosita – Emma, Conceição Novais – Conceição Guimarães, Iracema Silva – Santinha Viotti – Gercina Sousa. (ABEL, 9 dez. 1916, p. 6.)

Coube a vitória ao 3º ano, pelo ‘score’ de 1X0.

Ambos os ‘teams’ traziam o branco, com distintivos diferentes: verde e vermelho.

O ‘team’ vencedor foi o alvi-rubro, que conseguiu marcar um ponto, quase ao fim do 2º ‘half-time’.

Ambas as equipes jogaram admiravelmente; as defesas eram fortes, as linhas de ‘forwards’ ageis e combinadas puzeram em perigo por varias vezes os ‘gols’, que foram bem defendidos pelas ‘keepers’.

Foi um jogo que agradou extraordinariamente, e agora sob grata recordação daquela tarde sportiva, esperamos ter ocasião de apreciar mais uma partida como essa de domingo.⁶⁸¹

Os jogos esportivos dirigidos pela professora Lucia Joviano passaram a figurar em várias comemorações da *Escola Normal*:

Por uma ommissão involuntária, deixamos de noticiar, hontem, a festa realizada, ante-hontem, naquele estabelecimento de ensino, por motivo de encerramento das aulas.

Com grande concorrência, realizou-se a solemnidade, tendo comparecido s. exca., o sr. presidente do Estado, com o seu ajudante de ordens, coronel Vieira Christo, o secretario do Interior, representado pelo dr. Arthur Furtado, além do escol social de Bellorizonte e grande numero de professores. Houve diversos jogos infantis que attrahiram a attenção dos assistentes até ás 6 horas da tarde, com especialidade, jogos atléticos presididos pela professora Lucia Joviano.⁶⁸²

E esses jogos, valorizados na cultura da cidade, pois despertavam interesses dos espectadores, tornaram-se espetáculos que conseguiam público por volta de 2.000 pessoas. Eles passaram a ser divulgados pelo primeiro jornal esportivo da cidade, *O Football*, que circulou na cidade em 1917. As festas realizadas na Escola Normal no dia 7 de setembro assim aparecem nesse jornal:

Os grandes Jogos
Do dia 7, na Escola Normal.

Na partida de ‘basket-ball’, o ‘team’ ‘rubro-negro’ levanta uma estrondosa vitória sobre o ‘verde-preto’, sobrepujando-o pelo significativo ‘score’ de 13 pontos contra 4.

⁶⁸¹ ABEL, 9 dez. 1916, p. 6.

⁶⁸² ESCOLA Normal, 1917, p. 2.

Na de ‘hockey’, a ‘equipe’ comandada pela senhorita Flora Joviano vence o seu antagonista pelo diminuto ‘score’ de 1 X 0, levantando, dest’arte, o campeonato.

Com uma assistência bem numerosa, calculada em 2000 pessoas, teve lugar, no dia 7, no excellentemente bem tratado ‘field’ da Escola Normal, os encontros acima, vencendo a partida, entre ambas as secções, o ‘team’ preto, respectivamente... 13 x 4 e 1x 0.⁶⁸³

Na narrativa do cronista, fica clara a existência de um espaço específico para a prática desses esportes na Escola Normal. E a descrição detalhada dos jogos merecia destaque no jornal, como o jogo de *basketball* abaixo. É interessante notar que a cesta na época era chamada como no *football* de *goal*:

Precisamente, ás 9 horas da manhã, entraram em campo, sobre as ordens da competente sportwoman Lucia Joviano, os contendores para a disputa de um sensacional ‘match’ de ‘basket-ball’.

Neste encontro, todas as senhoritas se comportaram com galhardia, merecendo, porém, especial destaque Rita Campos e Benjamira Flôres, auctoras dos ‘goal- throwers’ de seus respectivos ‘teams’.⁶⁸⁴

O *hockey* era visto como a prova principal, não se sabe se por analogia ao *football*. Como eram jogados pelas mesmas regras, não se percebe, na descrição do cronista, características claras desse jogo.

Após esta partida, deram entrada em campo, para a disputa da prova principal, – o sensacional e atraente ‘match’ de ‘Hockey’ [...]

Tirado o ‘toss’, foi este favorável ao ‘team’ preto.

Alayde e Benjamira dão a sahida, sendo a bola interceptada por Ephigênia, que envia ás suas companheiras, organizando um perigoso ataque.

Numa avançada rápida da linha de ‘forwards’ do ‘team’ Preto, Zilda Rabello, a extraordinária ‘half-left’ que ultimamente tem que a revelado ser uma verdadeira ‘sportwoman’ teve ensejo de proporcionar aos assistentes as suas bellas tiradas de estylo, mimoseando-os constantemente com o seu estupendo jogo. Os espectadores não perdiam tréguas para applaudil a.

Gelsira, recebendo um passe de Alayde, a perigosa ‘center forward’ do ‘team’ Branco, abriria, indubitavelmente o ‘score’ se não fora a intervenção

⁶⁸³ OS GRANDES ..., 1917, p. 3.

⁶⁸⁴ As equipes combatentes apresentavam assim formadas: *Vermelho-preto*: Benjamira Flores; Sílvia Magalhães; Iracema Duffles; Áurea Queiroga; Stella Lott, Flora Joviano e *Verde-preto* Maria Bragança Sylvia Brandão; Rita Campos; Luiza Valladares; Gelsira Trates; Maria Scott. (OS GRANDES ..., 1917, p. 3.)

de Flóra, que com uma bella defesa, salvou a grave situação em que estava o seu ‘goal’.

O jogo continua cada vez mais animado e empolgante. Alguns lances emocionantes levam aos ‘torcedores’ constantes sobressaltos chegando mesmo a produzir-lhes calafrios. Verifica-se um ‘córner’ contra o ‘team’ Branco, que, muito bem batido por L. Valladares, é melhor defendido por Stella Lott.

Os ataques são perigosos e repetidos, revesando-se constantemente.

E assim, depois de um ‘match’ disputadíssimo, em que as combatentes se revelaram perfeitas ‘sportwomen’, terminou a grande pugna com a victória do ‘team’ preto por 1X0.⁶⁸⁵

A partir de então, as representações encontradas sobre a presença dos times femininos da Escola Normal na cultura da cidade vão estar aliadas a uma prática que passou a despertar grande interesse na capital mineira e que, por isso, tinha espaço em preliminares de jogos de *football* realizados no Prado Mineiro, como na partida realizada entre o *Athletico* e o *Athletic* de São João del-Rei, em 1919.

Belo Horizonte vae ter hoje uma bella e dintincta festa sportiva.

[...] E si noticiarmos agora que ainda fará parte do festival sportivo uma interessante partida de basket-ball entre alumnas da Escola Normal, não é preciso dizer mais para que se calcule, a enchente que vae ter hoje o Prado Mineiro.

A entrada será franca para senhoras e senhoritas.⁶⁸⁶

O jornal *Diario de Minas* traz uma grande reportagem sobre a Escola Normal em novembro de 1920. Ao falar dos campos esportivos, o cronista relata: “como é sabido”, a cultura física vinha merecendo da diretoria da Escola Normal “os mais francos beneficios de alta valia”.⁶⁸⁷

A atuação da Escola Normal na cultura esportiva da cidade era uma realidade “já sabida” por todos, como relata o cronista, ao destacar da situação de seus campos esportivos:

⁶⁸⁵ As ‘elevens’ ‘Branco’ e ‘Preto’, que assim estavam dispostas: Branco: Bragança, Aurea Queiroga – Iracema Duffles, Violetas Lott – D. Rache – Z. Rabello(captain), Mitrand-Scott – A. Motta – Gecira Lott Preto: Truran, Amaziles d’Avila – Sylvia Brandão, Flora Joviano – S. Magalhães – R. Campos(captain) L. Valladares - Bicalho – Benjamira, Ephigênia - M. Gilotero. (OS GRANDES ..., 1917, p. 3.)

⁶⁸⁶ CHRONICA sportiva, 1919, p. 2.

⁶⁸⁷ ESCOLA Normal ..., 1920, p. 2.

Foi assim reformado o pavilhão de gymnastica e receberam convenientes reparos os campos sportivos de ‘tennis’, de ‘hockey’, de ‘voly ball’ e de ‘basquet ball’. Este e sobretudo, foi grandemente melhorado, dispondo agora de todas as condições exigidas pela pratica de tal genero de sport.⁶⁸⁸

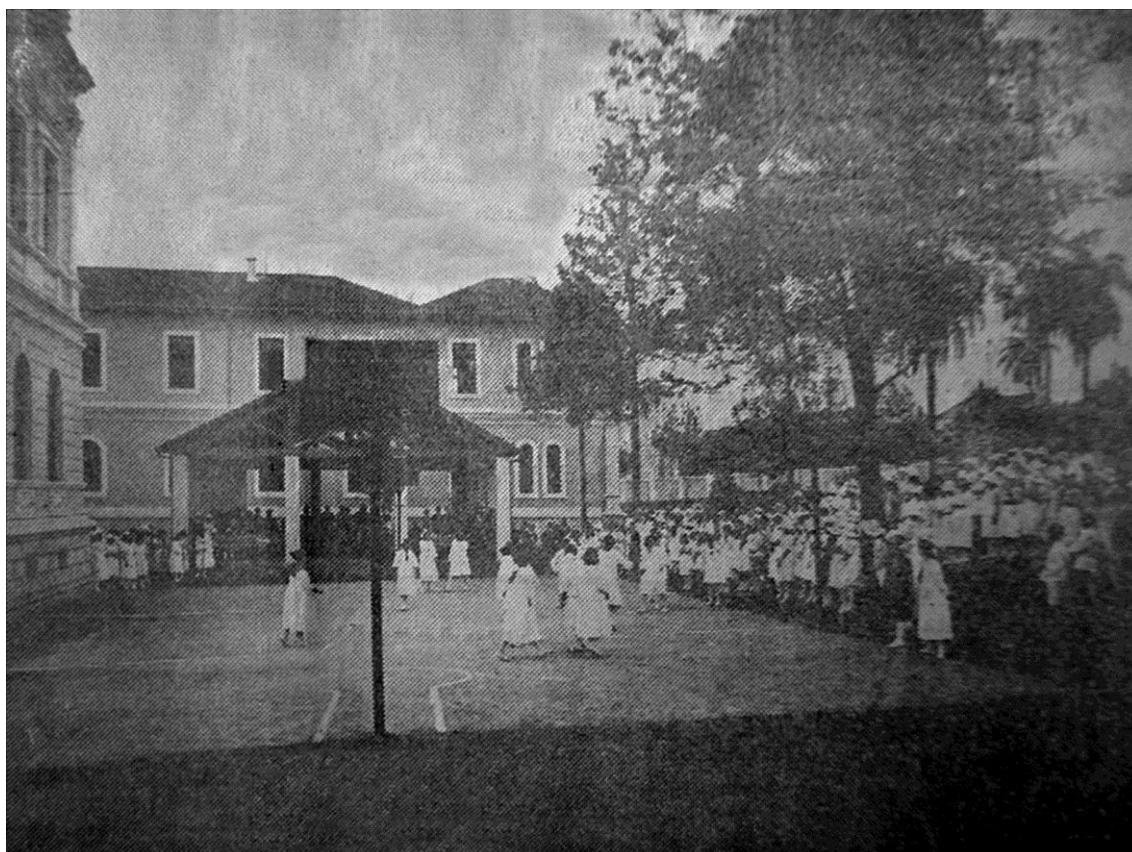


FIGURA 33 – Time de *Basketball* da Escola Normal
Fonte: DIARIO DE MINAS, 14 nov. 1920, p. 2.

Por essa descrição, mais uma nova modalidade esportiva apareceu na cidade, por intermédio da Escola Normal – o *voleyball*, que é citado de forma incorreta. Na foto do time de *basketball*, ficam evidenciadas as roupas usadas pelas jogadoras, longas saias, mangas compridas cobrindo os braços, uma gravatinha, e as jogadoras dos dois times vestidas da mesma cor, branca. Por referência anterior, parece que só os distintivos eram de cores diferentes. No campo, o “garrafão” e a “tabela” já eram novidade, pois, inicialmente, a

⁶⁸⁸ ESCOLA Normal ..., 1920, p. 2.

demarcação da linha de lance livre era um círculo a 4,5 m da linha de fundo, e as cestas eram anexadas a estacas.⁶⁸⁹

Em síntese, a Escola Normal foi representativa não só pela introdução de novas práticas esportivas na cultura da cidade, mas, principalmente, pela educação de corpos femininos para a sua prática.

Mas as escolas não foram somente espaços introdutórios de novas formas de práticas esportivas que romperam seus portões para se enraizarem na cultura da cidade. Elas também foram apropriadas por parte de seus alunos para ser um lugar de práticas vivenciadas nas ruas, como o *football*.

Em meados da década de 1910, quando o esporte, essencialmente o *football*, se consolidou na cidade, tornando-se um dos divertimentos prediletos de adultos e crianças, sua popularização passou a ser percebida nas ruas da cidade:

O ‘foot-ball’ e a petisada

O ‘foot-ball’ é, ultimamente, o divertimento predilecto da petizada da capital. O pior é que a meninada se entrega a este sport em plena rua.

Ainda ontem, passando pela rua Guaytacazes, uma distinta senhora recebeu em pleno corpo uma bola atirada por um falso *shoot*, ficando bastante amarrotada.

Cumpre á policia por um paradeiro nestes abuzos.⁶⁹⁰

Como uma prática predileta dos meninos nas ruas, o *football* atravessou os portões da escola, para ser praticado no seu pátio, na hora do recreio. Essa forma de apropriação pelos alunos pode ter sido autorizada em algumas escolas, mas foi, também, não autorizada em outras, o que acabava gerando restrições por parte da direção. Um fato nesse sentido foi apresentado por Tarcísio Vago, quando cita como exemplo do primeiro Grupo Escolar, o Barão do Rio Branco, registrado por sua diretora em dezembro de 1915. Dos seus registros, Tarcísio extraiu algumas reflexões de que o pátio e o “recreio” foram “espaços e tempos de disputa”. Como os alunos usavam o pátio na hora do recreio para a prática do *football*, a diretora interveio, “pretendendo usar o tempo e o espaço de ‘recreio’ para impor a disciplina que desejava das crianças”.⁶⁹¹ O interessante é que a diretora buscou substituir a prática favorita dos alunos – o *football* – por outras, como o boliche e o *cricket*, que não tinham

⁶⁸⁹ Cf. DAIUTO, 1991.

⁶⁹⁰ FOOT-BALL e a petisada, 1916, p. 1.

⁶⁹¹ VAGO, 2002, p. 148.

significação para as crianças. Essa atitude indicava que “o futebol, vindo da rua, representada como lugar pernicioso para as crianças, não era uma prática digna de ser admitida e realizada nos espaços e tempos escolares”.⁶⁹² Assim, uma prática já popularizada na cidade, o *football*, “não teria lugar na escola racionalizada e disciplinada que se pretendia formadora de novos cidadãos”,⁶⁹³ porque a cultura escolar naquela época foi organizada para estar “afastada da casa e separada da rua’ que era lugar considerado da marginalidade e do vício”.⁶⁹⁴

Assim, como um espaço introdutor de novas práticas culturais e também apropriado para as práticas já existentes na cultura da cidade, a escola representou um dos lugares mais importantes para a constituição do esporte em Belo Horizonte. É preciso destacar que as escolas que valorizaram inicialmente a sua prática eram as destinadas à elite social e econômica da cidade.

Mas não foi só a escola a responsável por educar corpos para os valores assumidos pelo esporte naquela época. As representações encontradas na cultura urbana, divulgadas pela imprensa, eram também práticas educativas.

5.3 A EDUCAÇÃO PARA O ESPORTE NA CULTURA URBANA DA CIDADE

As representações aliadas à prática esportiva e às pessoas que nela atuavam, divulgadas pela imprensa, eram também “estratégias” para conformar o campo esportivo.

Desde o final do século XIX, as práticas esportivas inglesas haviam passado a fazer parte da cultura das cidades, e foram se construindo como hábitos elegantes e sadios das elites. Nesse período, circulou no Brasil, como já citado, *A Estação*, um jornal de modas parisienses dedicado às senhoras brasileiras. Era um jornal ricamente ilustrado, dirigido à família. Em suas páginas, os brasileiros podiam ver o que a moda ditava em Paris, além de uma "parte litteraria, noticiosa, recreativa e util, escritas especialmente para as leitoras d' este jornal".⁶⁹⁵

Entre as novidades, o *sport* esteve presente em diferentes momentos, nos quais, além das vestimentas elegantes, os corpos femininos apareceram em situações esportivas variadas,

⁶⁹² VAGO, 2002, p. 149.

⁶⁹³ VAGO, 2002, p. 150.

⁶⁹⁴ VAGO, 2002, p. 14.

⁶⁹⁵ A ESTAÇÃO, 15 janeiro 1897.

que também se faziam moda na época: pedalando uma bicicleta ou segurando uma raquete de tênis ou o malho do *croquet*. A influência apareceu também nos brinquedos infantis:

O ‘fim do século’ transpira mesmo nos brinquedos das nossa creanças; é o terreno de ‘sport’ que substitui agora a cozinha e a casa de bonecas. Estas são ciclistas, jogam e fazem gymnastica. Os jogos acham-se nas lojas onde se escolhe as bonecas.⁶⁹⁶



FIGURA 34 – Jogos ingleses modernos representados por bonecos
 Fonte: A ESTAÇÃO, a. 26, n. 1, 15 jan. 1897, p. 7.

Esse jornal circulou nas cidades brasileiras na época da construção de Belo Horizonte, divulgando o que era moda na Europa naquele final de século.

O primeiro esporte que surgiu em Belo Horizonte, pelo interesse da população – o *football* – tinha na figura de Victor Serpa, seu introdutor, a representação dos valores da época, tanto da modernidade e civilidade vindas da Europa e da Capital Federal como do

⁶⁹⁶ PATEO e Brinquedo..., 1897, p. 7.

estudante de Direito que atuava em diversas áreas, como na imprensa e eventos literários e teatrais.⁶⁹⁷ Sua relação como o Rio de Janeiro era constantemente representada pelas idas e vindas da Capital Federal noticiadas nos jornais tais como: “Regressou do Rio o acadêmico Victor Serpa, nosso apreciado collaborador”.⁶⁹⁸ Victor Serpa era a representação do que havia de mais distinto, e suas qualidades “ornamentavam seu caráter multiforme, de perfeito *gentleman*”.⁶⁹⁹

Essas suas qualidades foram referências para se construir uma imagem elitizada em torno do *football*, e com ela buscou-se uma normatização da sua prática na cidade.

A imagem do “pai” do *football* belo-horizontino foi construída tanto pela imprensa como pelo historiador oficial da cidade, Abílio Barreto: Sua “cultura de espírito, distinção de maneiras, amenidade de trato, finura em tudo, aprazia-nos vel-o generoso, bello de alma e coração, interessando-se por todos os movimentos de nossa mocidade, e com o seu destaque próprio”.⁷⁰⁰

Como acadêmico, teve participação ativa na Faculdade de Direito, assumindo a presidência do Instituto Acadêmico, em novembro de 1904. O jornal *A Epocha* assim o descrevia:

Si na academia foi o collega dignificador pelo trabalho simples e fecundo, pelo brilho natural de um cerebro equilibrado, gozando do apreço de todos, foi o conversador apurado, o espirituoso animador das boas rodas, malicioso sem espinhos, narrando sempre o caso com graça. Deu bases sólidas, entre nós, ao foot-ball.⁷⁰¹

E essa base foi marcada pela implantação definitiva do *football* na cidade, com a fundação do seu primeiro clube, o *Sport Club Foot-Ball*, iniciativa de Victor Serpa. Segundo Abílio Barreto, coube ao acadêmico,

que já havia fundado em Ouro Preto, em novembro de 1903, o ‘grupo Unionista’, decano do futebol em Minas, a glória da iniciativa de se fundar em Belo Horizonte o ‘Sport Club’. Grande entusiasta e exímio jogador do

⁶⁹⁷ RIBEIRO, 2002. Vitor Serpa colaborou com diversos órgãos de imprensa. *A Epocha* anunciou a fundação de um jornal, que se chamaria *A Semana*, um periódico monarquista, que seria dirigido pelo “talentoso academico, escriptor e laureado poeta Victor Serpa”. (*A EPOCH*A, 4 set. 1904, p. 2.) Vitor realizou também a tradução do francês de um texto de comédia – *Juliano não é ingrato* –, que foi apresentado no festival Augusto Campos, um “delicadissimo saráu literario, uma *soiré chic*”, como referenciou o jornal *Folha Pequena*. (*FOLHA PEQUENA*, 5 set. 1904, p. 2.)

⁶⁹⁸ *FOLHA PEQUENA*, 10 ago. 1904, p. 1.

⁶⁹⁹ *A EPOCH*A, 29 jan 1905, p. 1.

⁷⁰⁰ *A EPOCH*A, 22 jan. 1905, p. 2.

⁷⁰¹ *A EPOCH*A, 22 jan. 1905, p. 2.

esporte bretão, tendo [vindo] cursar a nossa Academia de Direto, apenas se relacionou no meio horizontino, tratou logo de congregar em torno do pensamento que havia tido – o lançamento do futebol na capital – um grupo de moços que, se haviam tido igual pensamento, não se tinham abalançado a dar-lhe corpo e organização.⁷⁰²



FIGURA 35 – Victor Serpa
Fonte: Acervo do Museu Histórico
Abílio Barreto

Um poema publicado numa coluna humorística do jornal *A Epocha* retrata Victor Serpa como um personagem importante, responsável pela divulgação do futebol na cidade.

**Traços
XVIII**

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas
Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas.

E quando alguém se espanta ao ver os seus calções
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,

Elle fica sem graça e diz muito apressado:
‘É preciso educar este povo atrasado!’

⁷⁰² BARRETO. *O passado desportista da capital III ...*, [s.d.].

‘Na Europa – norte a sul – não se encontra um lugar
Onde o povo não saiba as bolas atirar;’

‘Eu vou contar um caso esplêndido a respeito...’
E logo vem um caso intermino e sem geito!

Já jogou com Loubet as bolas, de manhan,
E de tarde fez verso ao lado de Rostand.

Affirmam que elle é todo um monte de borracha,
Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!

Quando joga no Parque a péla, exposto ao Sol,
Parece resumir o medonho *foot-ball!*

Timour.⁷⁰³

Percebe-se nos traços do poeta, inicialmente, uma crítica ao futebol, mas o que se destaca no poema é o papel representado pelo Vitor Serpa como um educador, que traria para a cidade, como uma forma de superar o atraso – o *football* –, essa prática criada na Europa e que aqui representaria uma modernidade para a cidade. O antropólogo Roberto DaMatta analisa o momento da introdução do futebol na sociedade brasileira, destacando o seu caráter inovador:

[...] o futebol foi introduzido sob o signo do novo, pois, mais do que um simples ‘jogo’ estava na lista das coisas moderníssimas; era um ‘esporte’. Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a rigidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização.⁷⁰⁴

O esporte foi, assim, sendo implantado sobre o signo do “novo” e que educaria o corpo para sobreviver nesse “novo mundo” absorvido pelos valores liberais.

A imprensa representou papel significativo na divulgação e difusão dos valores dessa prática civilizada. As representações encontradas neste trabalho vêm destacando esse papel durante todo o período analisado, mesmo que num discurso restrito e elitista. Mas por intermédio dessas representações, pôde-se perceber todo esse processo educativo. A divulgação de iniciativas do Poder Público em educar os corpos também podia ser nela evidenciada.

⁷⁰³ FAGULHAS. *A Epocha*, 16 out. 1904, p. 2.

⁷⁰⁴ DAMATTA, 1994, p. 11.

Assim, se as atividades físicas esportivas simbolizavam, tanto em Belo Horizonte como na Europa, um lazer civilizado, determinados corpos precisavam ser educados para ele, principalmente os femininos, que pouca familiaridade tinham com sua prática.

Essa preocupação pode ser observada na imprensa, traduzida na atitude do prefeito da cidade ao criar tempos e espaços específicos para os corpos femininos desfrutarem os prazeres da patinação no rink, criado na Praça da Liberdade, em 1913.

Como os exercícios físicos ainda não se constituíam uma prática rotineira para as mulheres da capital naquele momento, esses tempos e espaços específicos foram designados para uma melhoria na habilidade. As representações sobre a patinação feminina, presentes nas crônicas dos jornais, reforçavam os valores civilizados, educativos e higiênicos do esporte que a cidade oferecia também para as mulheres, jovens em destaque:

O que mais empolgava a atenção de todos eram as silhuetas vaporosas e erectas de senhoritas que, como carretéis conscientes, iam e vinham, alegrando o ambiente e dando ao publico a certeza de que a capital se civilisa, dando as nossas jovens patricias uma educação moderna de acordo com os mais salutaes preceitos de hygiene physica. Em verdade o *sport* do *rink* está entrando nos hábitos dos nossos elegantes e de nossas gentis horizontinas.⁷⁰⁵

E é por meio desses valores “elegantes” que o esporte se estruturou na cidade.

Entre todas as modalidades esportivas, o *foot-ball* foi a primeira a ser produzida como a mais elegante. Um cronista do jornal *A Noticia*, caracterizando os usos de nomes que “distinguem” os elegantes, cita *l'elegant, le lion e lê coquérant*, usados em Paris, onde a moda se impunha, e *smart*, usado na América do Norte, que, apesar de uma significação ampla, era aplicado mais geralmente ao moço da moda. No Rio e São Paulo, eternos copiadore, o termo utilizado era *smart*, mas em Belo Horizonte tinha-se um vocábulo próprio, como os parisienses e os americanos – *o footballer*.⁷⁰⁶

⁷⁰⁵ ESTADO DE MINAS, 26 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁷⁰⁶ NA DANÇA. *A Noticia*, n. 1, p. 1-2, 4 mar. 1909



FIGURA 36 – José Gonçalves – Jogador do
Sport Club
Fonte: Acervo do Museu Histórico Barreto

A imagem acima mostra a elegância de José Gonçalves, um *footballer* da cidade que atuou inicialmente no primeiro clube de *football* o *Sport Club* e no seu homônimo a partir de 1908.

Esse adjetivo usado pelos mineiros significava

aquele que, desejando manifestar o seu smartismo, nesta boa terra promove os celebres sports; e para melhor dominar esse meio burguês, veste-se no Wilk, a moda inglesa, casaco folgado, calças estreitas, botinas walk over, colarinhos Santos Dumond, gravata denier cri e chapéu de palha Borsalino – freqüentando diariamente o Acre e tomando sorvete no Maciel.⁷⁰⁷

O sentido de distinção que conferia a seus praticantes, aliado a um refinamento exageradamente destacado pelo humor do cronista, era uma das marcas que caracterizava a imagem de modernidade e civilidade que os jogadores de *football*, naqueles anos iniciais, buscavam ostentar na cidade. Como um sofisticado modismo, o esporte foi ganhando a simpatia da elite. Símbolo de elegância e sofisticação, o *football* foi consolidando-se em Belo

⁷⁰⁷ NA DANÇA. *A Notícia*, n. 1, p. 1-2, 4 mar. 1909.

Horizonte no final da primeira década do século XX e até meados da década de 1910, quando após a criação da *Liga Mineira de Sports Athleticos* e dos primeiros jornais esportivos, efetivamente se enraiza na cultura da cidade.

Os jornais procuram mostrar que até a criação da Liga e, mesmo depois, até o final da década de 1910, apesar de mostrar novas representações, o *football* procurava se manter como fruto do interesse do *higt-life* belo-horizontino, conformando-se como uma diversão dos circuitos elegantes da cidade. E o que interessava para essa elite não era somente a distinção que o esporte conferia, mas, principalmente, o afastamento de grupos não pertencentes ao seu circuito.

Capítulo 6

O ESPORTE SE CONSOLIDA NA CIDADE

A imprensa constrói a cena pública da cidade, e é nela que se enxergam a constituição e consolidação do campo esportivo na cultura de Belo Horizonte. Gradativamente o esporte foi ganhando mais espaço nas páginas dos jornais, e um amalgamento entre a crônica esportiva e o esporte revelou-se fundamental para o desenvolvimento de ambos. Um cronista da revista *Vita* assim descreveu o esporte na cidade em junho de 1913.

É, deveras difficil a tarefa de escrever sobre *sport* em Bello Horizonte. O *turf* não existe, a natação e o *rowing* não pode existir; o *tennis* é desconhecido.

Aqui, desde que falle em *sport*, entende-se que se quer dizer *foot-ball*: essas duas palavras tornaram-se sinonimas; todas as nossas sociedades sportivas cultivam exclusivamente o *foot-ball*. E isso é triste. Nas nossas condições actuaes, varios outros generos de *sport* podiam desenvolver-se parallelamente a este tão querido *foot-boll*_(sic) [].⁷⁰⁸

A crônica representa o que significou o *football* na cultura da cidade no início do século XX. Foi a modalidade esportiva que encontrou maior receptividade na capital mineira, tornando-se a mais conhecida e a que, efetivamente, se enraizou na sua cultura, nos seus anos iniciais, passando a ser “cultivada” em clubes, escolas e, até, nas ruas da cidade. Belo Horizonte possuía peculiaridades para esse desenvolvimento. Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus,

[...] o futebol, enquanto novidade do mundo civilizado, atingiu concomitantemente diversas cidades brasileiras, entretanto, somente se incorporou efetivamente ao cotidiano urbano nos locais que preenchiam determinados requisitos, que conformavam um ambiente que pretendemos denominar, apesar da forçosa simplificação, de *modernidade urbana*.⁷⁰⁹

Nessa afirmação, o autor revela que o esporte, especificamente o futebol, registrou ritmos de introdução e significados diferentes em diversas regiões brasileiras, respondendo a estímulos e peculiaridades da dinâmica sociocultural. A “modernidade urbana” referida não

⁷⁰⁸ VITA, 13 jul. 1913.

⁷⁰⁹ JESUS, 1997, p. 189.

estaria ligada apenas à industrialização e à revolução nos transportes (particularmente movida pela expansão das ferrovias), à explosão urbana, com o crescimento da administração e dos serviços públicos, e à indústria nascente, mas “a maior transformação se deu no plano qualitativo, na profunda alteração dos quadros de existência no âmbito da vida social urbana”. Nesse ambiente propenso a novas experiências é que os exercícios corporais e os esportes, que se fizeram como hábitos de lazer ao ar livre, tiveram um impulso definitivo e imprimiram “marcas indelévels” à vida cotidiana.⁷¹⁰

Como uma cidade que nasceu para ser moderna, que buscava constantemente importar práticas culturais européias como forma de mostrar-se “civilizada”, mesmo com uma população “fogo de palha”, como a caracterizam os seus cronistas, o esporte aqui foi se consolidando.

No entanto, na concepção de Gilmar de Jesus, a presença de clubes e ligas de caráter duradouro é que caracterizaria uma consolidação do esporte na cidade. Assim, se examinarmos a história de Belo Horizonte, a criação de clubes regidos por estatutos, com um bom quadro de associados, com sede própria, que elegia suas diretorias, fazia reuniões periódicas, registradas em atas, e, mesmo a criação de uma liga nem sempre garantiam a sua efetiva constituição, uma vez que a cidade foi cenário de várias instituições que tiveram vida efêmera.

O marco para uma consolidação efetiva do esporte na cultura da cidade seria portanto, a criação da primeira associação que nela se caracterizasse de forma permanente, bem como a criação de uma liga perene, que organizasse e mantivesse regularmente campeonatos, congregando clubes da cidade ou da região.

Dessa forma, a Liga, criada em 1905, que organizou somente um campeonato, do qual não se tem clareza sobre seu término, não pode ser considerada um marco de consolidação do esporte. Somente após a criação do *Athletico Mineiro Football Club*, em 1908, que até hoje permanece e tem grande representatividade cultural na cidade como Clube Atlético Mineiro, e a criação da *Liga Mineira de Sports Athleticos*, em 1915, que hoje tem sua continuidade assinalada pela Federação Mineira de Futebol, como esclarece Raphael Ribeiro, ao citar um artigo do *Anuário de Belo Horizonte* dos anos 1956/1957, é que poderíamos caracterizar uma consolidação.

⁷¹⁰ JESUS, 1997, p.189.

Na verdade, fundada em 1915, com o nome de Liga Mineira de Esportes Atléticos, vem a F. M. F., através dos anos, atestando sua eficiência caminhando a passos largos para colocar o desporto das Alterosas no lugar que lhe compete, no cenário nacional.⁷¹¹

Assim, a modalidade esportiva que marcou a consolidação do esporte na cultura da cidade foi o *football*.

Mas, por outro lado, o movimento de enraizamento não pode ser algo explorado somente pela via da permanência explícita de uma instituição. O enraizamento pode ser matizado também pelo comportamento pautado pelo interesse. Na cultura da cidade de Belo Horizonte, o que se pode perceber é que, como uma prática moderna de lazer, o esporte passou a fazer parte, inicialmente, dos interesses das elites. Mas, mesmo que tenha se efetivado por meio da criação tanto de clubes como de uma liga, que tiveram vida efêmera, a sua presença pode ser comprovada pelo interesse permanente em criar e recriar clubes na cidade.

Neste capítulo, apresento os caminhos da consolidação do *football* na cidade e das práticas a ele relacionadas. Parto da criação da Liga, em 1904, que foi a primeira tentativa de sua institucionalização, e, posteriormente, dos primeiros clubes que se consolidaram na cidade, analisando a criação da Liga, em 1915, e sua atuação até 1920. Nesse período, são destacados também os dois primeiros jornais esportivos de Belo Horizonte: *O Foot-ball* e *O Treno*, criados em 1917 e 1918, respectivamente, que também são marcos de interesses e desenvolvimento do esporte na cidade.

Mas, para se falar em consolidação, faz-se necessário definir o conceito de esporte utilizado. Dentre o conjunto de caracteres que constituem o esporte na sua concepção moderna, tomando por base os estudos de Chartier e Vigarello, pode-se enumerar:

O esporte no seu princípio não tem nem função ritual nem finalidade festiva, ele pressupões anular, não reproduzir, as diferenças sociais que lhe são anteriores e exteriores. É assim criado um espaço neutro onde as propriedades sociais dos diferentes atores são por um tempo apagadas em proveito de uma igualdade original dos jogadores ou dos competidores, desmentida somente pela menor ou maior aptidão no interior da própria prática.

Desejando ser o lugar neutro de confrontações dissocializados, os esportes modernos implicam a criação de espaços e tempos que lhe sejam próprios. Ginásios, estádios, velódromos [...] espaço neutralizado, normalizado, codificado.

⁷¹¹ A FEDERAÇÃO..., 1956/57, p. 168, *apud* RIBEIRO, 2002, p. 56.

O esporte moderno possui uma temporalidade própria, construída e específica. Ela é de início a do calendário das competições.

Possui regras fixas visando uma prática universal.[...] Os regulamentos esportivos, como todo direito, supõem a existência de um corpo de legistas encarregados de fixá-las, de modificá-las. [...] [também] delega a um corpo de especialistas a tarefa de instituir um direito específico regendo, fora do direito comum, a esfera das práticas esportiva.⁷¹²

Além disso, ele é conduzido num universo à parte, com suas instituições, seus juízes, seus administradores, seus heróis.⁷¹³ Pode ser entendido como um campo relativamente autônomo, um mundo à parte, com uma lógica interna própria, mas ligado ao contexto em que se insere.⁷¹⁴

Assim, o esporte que efetivamente pode assim ser chamado em Belo Horizonte no período analisado é o *football*, pois com ele foram organizados espaços próprios, calendários de competições, regulamentos, um corpo de legisladores capaz de modificá-los, um corpo técnico que foi se especializando, um mercado ao redor (venda de produtos esportivos) e a popularidade que foi obtendo.

Mas que caminhos foram percorridos para se chegar a essa consolidação?

6.1 OS PRIMEIROS PASSOS PARA A SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO

O grande interesse dos primeiros jogadores de *football* em Belo Horizonte, em 1904, era que ele fosse organizado nos padrões e princípios do esporte britânico, em forma de liga, modelo que já vinha sendo realizado em São Paulo e em vias de organização na Capital Federal. Mas, para que existisse uma associação, era necessária a criação de clubes, e essa iniciativa também contou com o incentivo de Victor Serpa, que, além de participar do *Sport*, ainda presidia o *Athletico*. O primeiro passo para uma organização mais efetiva do *football* na cidade foi relatado pelo jornal *A Folha Pequena*, de 10 de outubro de 1904:

Reuniram-se hontem á noite, no Grande Hotel, os representantes das sociedades locaes de ‘football’, ‘Sport-Club’, ‘Plinio Foot-ball-Club, e ‘Athletico Mineiro’afim de organizarem nesta capital uma liga de grêmios

⁷¹² CHARTIER; VIGARELLO, 1982, p. 38-40.

⁷¹³ VIGARELLO, 2000.

⁷¹⁴ BOURDIEU, 1983.

sportivos, idêntica às existentes no Rio e em São Paulo. Foram votadas as leis básicas da nova associação e convocada outra assembléia, em que deverá ser eleita a directoria, para o dia 12 do corrente, às 7 horas da noite, no mesmo local.⁷¹⁵

Essa associação, ao seguir os passos do que acontecia nas duas maiores cidades brasileiras, seguia também o que havia na Europa e em alguns países da América do Sul, como Argentina, Uruguai e Chile, que as haviam inspirado. A organização de competições amadoras, promovidas por uma associação de clubes, já acontecia em São Paulo desde 1901, fundada pelos clubes *São Paulo Athletic*, *Sport Club Germania*, *Club Athletic Paulistano* e *Sport Club Internacional*, cujo primeiro torneio oficial foi realizado em 1902.⁷¹⁶ Já no Rio de Janeiro, houve um ensaio, em 1904, para a formação de uma liga, mas a iniciativa parece não ter prosperado a princípio, tendo conseguido seu intento somente em 1905, com a *Liga Metropolitana de Foot-ball*, “quando o crescimento do jogo ameaçava a fidalguia que as associações de clubes tentavam atribuir a ele”. Essa Liga, formada pelos clubes *Fluminense*, *Botafogo*, *Athletic* e *Bangu*, que tomava para si a tarefa de “zelar pela imagem refinada do jogo” e que adotava em seus estatutos os regulamentos da *Foot-ball Association* da Inglaterra, afirmava, assim, o aspecto distintivo do *futebol*.⁷¹⁷

Em Belo Horizonte, o *Sport Club*, que possuía dois grupos de atletas, oficializou, para participar da Liga, o nome de seus dois times, que passaram a ser *Colombo* e *Vespucio*.⁷¹⁸ O nome era sugestivo, pois se tratava de dois desbravadores. Assim, o primeiro campeonato organizado pela Liga contou com a participação de cinco times: os dois do *Sport Foot-ball Club* (*Colombo* e *Vespucio*), *Plinio Football Club*, *Mineiro Football Club* e *Athletico Mineiro Foot-ball Club*.

O *Minas Gerais* de 19 de outubro divulgou como primeira partida do campeonato da Liga, a disputa entre os dois times do *Sport Club*, o *Colombo* e o *Vespucio*, que seria realizada no dia 23 de outubro. Mas a edição de 26 de outubro, ao noticiar os jogos do campeonato da liga, na sua seção “Festas e Diversões”, descreve com detalhes duas partidas: inicialmente, o jogo do *Plinio versus Mineiro*, que foi uma partida “revida”, e, depois, o *Colombo versus Vespucio*. No segundo jogo, foram destacadas as ausências de Gonçalves, dr. Oscar e o capitão Serpa, do lado do *Colombo*; e de Fritz de Jaegher, Norris e Liebmann, do *Vespucio*,

⁷¹⁵ FOLHA PEQUENA, 10 out. 1904, p. 2.

⁷¹⁶ PRONI, 2000.

⁷¹⁷ PEREIRA, 2000, p. 63-64.

⁷¹⁸ O Grupo *Colombo* usava “bonnet encarnado e preto em listas, camisa preta, calções brancos, meias pretas e botas de football”. O Grupo *Vespucio* usava “bonnet encarnado e preto em listas, camisa crême, calções pretos de sarja, meias pretas e botas de football”. (MINAS GERAIS, 19 out. 1904, p.7.)

que foi a causa do grande desapontamento dos espectadores, pois foi uma partida “fria”, “glacial”, sem o “fogo” e o “interesse” que despertavam os “mestres”.⁷¹⁹

Os jogos da Liga passaram a atrair para o campo os belo-horizontinos amadores do *football*, que podiam apreciar um “bem organizado *match* entre os *clubs*”⁷²⁰. O *Minas Gerais* noticiava, com a chamada “O campeonato de 1904”, as partidas entre os clubes, exaltando as qualidades dos jogadores, publicando as posições dos times no campeonato e divulgando os horários dos jogos, que aparecem às 7 da manhã e às 4 e 1/4 da tarde. Adjetivados de “valentes”, “disciplinados” e “arrojados”, dentre outros, os *footballers* da cidade jogavam de forma “admirável” o “cavalheiresco foot-ball”.⁷²¹ A organização dos encontros ia fazendo do *football* e de seus *sportmen* uma espécie porta vozes da civilização.

Apesar de o cronista dizer que “cresceu enormemente o entusiasmo pelo omniimportante torneio nos arraiais sportivos”, o *Minas Gerais* publicou notas sobre o campeonato somente até sua edição de 6 de novembro, que apresentou um quadro dos pontos obtidos pelos clubes no campeonato, não dando atenção para o término. Não se tem notícia sobre ele.

Segundo o *Vida Sportiva* de 1927, o campeonato não terminou devido às fortíssimas chuvas de novembro, que impediam a realização dos jogos. Mas Abílio Barreto, em seus manuscritos, afirma que o *Vespucio* venceu o campeonato. Portanto, o campeão foi o *Sport Club*. Após esse período, o *football* ficou um tempo fora de cena na imprensa, para retornar com a criação de clubes que efetivamente se consolidaram na cultura da cidade.

6.2 AS PRIMEIRAS RAÍZES DO FOOTBALL NA CIDADE

Mesmo com a criação da Liga, em 1904, da qual não se teve mais notícias, nem dos primeiros clubes, que tiveram vida efêmera, e a falta de notícias na imprensa entre 1906 e 1907, o interesse pelo esporte se manteve na cidade. Uma nova fase na constituição do futebol na cultura urbana de Belo Horizonte destacou-se a partir de 1908 e se estendeu até 1915. Despertou-se, nesse momento, um novo entusiasmo com a criação de novos clubes, como o *Athletico Mineiro Foot-ball Club*, o *Yale Athletic Club* e o *America Foot-ball Club*, dentre outros.

⁷¹⁹ MINAS GERAIS, 26 out. 1904, p. 7.

⁷²⁰ MINAS GERAIS, 27 out. 1904, p. 3.

⁷²¹ MINAS GERAIS, 31 out. e 1 nov. 1904, p. 2.

O *Club Athletico Mineiro*, criado por garotos em 1908, já apresentava um crescimento em 1911, quando aparece organizado em quatro times, totalizando 53 jogadores, que dividiam o espaço em diferentes dias da semana: duas equipes jogavam às terças, sextas e domingos, e as outras duas às segundas, quartas e sábados.⁷²²

Apesar de enfrentar dificuldades, que, muitas vezes, caracterizaram motivo para o encerramento das atividades de alguns clubes, o *Athletico* seguiu participando da construção histórica do futebol na cidade, pelo empenho de suas diretorias, como mostra a nota do *Estado de Minas*: “A diretoria desta associação sportiva tem enviado os maiores esforços, no intuito de manter-lhe a estabilidade, e de effectivar a sua justa reputação”.⁷²³ Nota-se que a palavra inglesa “sportiva” deixa de aparecer em “itálico” ou “entre aspas”, como se já fizesse parte da nossa cultura.

Jogando com diferentes clubes da cidade e com os ingleses de Nova Lima, “hábeis na difficil arte de dar *shoots*⁷²⁴, numa disputa acirrada com o Granberyense, um time do educandário Granbery, de Juiz de Fora”, e conseguindo uma “brilhante victoria no *match* disputado com o “Baeta Neves”, de Ouro Preto”, o *Athletico* foi se afirmando na capital mineira, sendo destacados todos os seus feitos na revista *Vita* de 11 de outubro de 1913. A *Vita* era uma revista “de artes e letras, consagrada à propaganda moral e material de Minas”. Como refere a resenha de Joaquim Nabuco Linhares,⁷²⁵ uma revista feita com arte, ilustrada com finas gravuras num papel de qualidade. Toda divulgação do clube, em notas ou em fotografias, contava com a ajuda de Henrique den Dopper, um dos diretores do *Athletico*, que, com seu talento artístico, ilustrava a revista. Henrique era diretor da seção de fotografias da Imprensa Oficial.⁷²⁶

⁷²² ATHLETIC_(sic) Foot-ball..., 1911, p. 2. O 1º *team* (terças, sextas e domingos) era formado por Arthur Pinto, Benjamim Porto, Amadeu Barros, Eurico Vidal, Adelino L[o]di, Sebastião Laranjeiras, Bellardino Mendonça, Annibal, Paulo, Jr. Reis, Djalma; reservas: Lopes Sobrinho, Aloizio Barros; 2º *team* (terças, sextas e domingos): Mario Alvim, J. Mendonça, Oscar Maciel, Alexanor, Carlos, E. Lodi, J. Camardel, J. Roussoulières, A. Antunes, Jorge Sinval; reservas: Victorino Fraccarolli, Cid Paula; 3º *team* (segundas, quartas e sábados) Cid Padua, Mario Penna, Mario Lott, Saleziano Lana, Mario Neves, João Queiroga, Julio Mello, José Tuburcio, Paulo Magalhães, A. Paz [...]. A. NETTO; reservas: Aristides Pinto, Jayme salse; 4º *team*: Heitor Nogueira, Francisco Castro, Alberto Zchaber, Emydio, Arnaldo, João Reis, Gentil Pereira, Cleant [...], Augusto S., A. Condorcet, H. Mourão; reservas: João M. Nachado, Renato e Theophilo Machado.

⁷²³ ATHLETICO Mineiro..., 1911, p. 2.

⁷²⁴ VITA, 11 out.1913.

⁷²⁵ LINHARES, 1995, p.158.

⁷²⁶ VITA, 30 out.1913



FIGURA 37 – Primeiros times dos clubes de *football Athletico e Villa Nova*
 Fonte: VITA, n. 1, 1º jul. 1913

Destacam-se na foto os uniformes dos dois times, muito parecidos na época, quando a competitividade ainda não era tão acirrada e não havia uma preocupação da distinção clara entre os times adversários.

Outros clubes apareceram naquele período. Alguns não tiveram tanta representatividade, pois foram poucas as referências a eles. O *Diario da Tarde* anunciou um jogo do *Athletico Mineiro versus Horizontino Foot-ball Club*, em junho de 1910.⁷²⁷ O *Estado de Minas*, na sua edição de 4 de maio de 1912,⁷²⁸ trazia um comunicado do secretário do *Minas Gerais Foot-ball Club* anunciando que o clube realizaria uma temporada de exercício em seu novo *field*, na Avenida Paraopeba, e a edição de 25 de outubro do mesmo ano anunciava uma assembléia geral nas salas da Escola de Engenharia convocando seus associados.⁷²⁹ A *Tribuna*, em 4 abril de 1913, noticia uma partida entre *Florestano versus Guanabara*. E o jornal *A Tarde*, em 30 de junho de 1913, cita uma reunião, na União Espírita Mineira, da associação *Sport Academico Club*, que havia elegido sua diretoria na ocasião.⁷³⁰ Esse período foi realmente marcado por um grande interesse esportivo na cidade, não só com a criação de clubes de futebol, mas com o aparecimento de diferentes práticas esportivas, como apresentado anteriormente.

⁷²⁷ ATHETICO Mineiro..., 1910, p. 1.

⁷²⁸ ESTADO DE MINAS, 4 maio 1912, p. 1.

⁷²⁹ MINAS-Geraes Foot-Ball Club, 1912, p. 1.

⁷³⁰ A TARDE, 30 jun. 1913, p. 6.

Um clube que desempenhou papel significativo na época e que teve sua “continuidade” assinalada como a *Societá Sportiva Palestra Itália*, criada em 1921, hoje Cruzeiro Esporte Clube, foi o clube *Yale Athletic Club*.⁷³¹

O *Yale* foi um clube que passou a organizar diferentes eventos na cidade, sendo responsável pela realização da primeira partida em que foram cobrados ingressos.

Esse jogo, realizado no dia 17 de julho de 1911, em que as entradas foram pagas no valor de 1\$000⁷³², recebeu um grande apoio da imprensa. A seção “Festas e Diversões” do *Minas Gerais* dedicou amplo espaço para divulgar o jogo. A reportagem já preparava o leitor para a novidade, mas não foi explícita em relação ao pagamento.

Bello Horizonte vae assistir a uma festa que, além de nova no gênero, será uma prova de quanto está progredindo a nossa capital, que acompanha, de modo o mais brilhante, o movimento evolutivo dos Estados mais cultos do paiz.⁷³³

O cronista, para valorizar mais o evento, destacou o que representava o progresso da educação física, pelo esporte, na capital:

Queremos falar dos grandes progressos entre nós realizados na educação physica da mocidade mineira, pela cultura intelligente que aqui se tem feito dos ‘sports’ mais recomendados na Europa e Norte América As primeiras iniciativas em prol dessa educação, em nossa cidade, não faziam suppor, há bem pouco ainda, que tanto já se tivesse caminhado no sentido de orientação tão útil e pratica, por parte de nossa mocidade.⁷³⁴

O *football*, esporte reconhecido como uma prática educativa da civilidade encontrada na Europa e nos Estados Unidos, na capital mineira foi buscando identificar-se cada vez mais com suas origens inglesas. Minas Gerais não recebeu um grande número de ingleses nas primeiras décadas da República, como São Paulo. Nessa cidade, a supremacia inglesa imperou na prática do *football*.⁷³⁵ Em Minas, a influência inglesa inicial partiu da cidade

⁷³¹ Segundo Abílio Barreto (*Societá...[s.d.]*), em 1921 houve uma grande cisão no Yale, que possuía jogadores e associados que vieram a fundar a *Societá Sportiva Palestra Itália*, como: Aristóteles Lodi, Nullo Saviani, Ranieri, Aureliano Nochi e outros.

⁷³² PENNA, 1997, p. 122.

⁷³³ GRANDE match..., 1911, p. 6. Jogavam pelo Yale: *Goal*: J. E. Ferreira; *backs*: F. Netto e A. Nogueira; *halfs*: O. Penna, P. Ferreira, C. Bar; *forwards*: Leopoldo, J. Morette, A. Holley, J. L. Moretzsohn e Rômulo. *Ginesman*: Eduardo Santos e Nullo Saviani.

⁷³⁴ GRANDE match..., 1911, p. 6.

⁷³⁵ PEREIRA, 2000.

vizinha de Nova Lima, com os jogadores do *Morro Velho Athletic Club*, ligada aos técnicos especializados que trabalhavam na Mina de Morro Velho.

Esse time que jogou com o *Yale* – “sociedade formada dos melhores elementos esportivos” da capital, congregados sob a denominação de um dos centros mais célebres de *football* americano, era formado por jogadores de “grande reputação no meio esportivo da Inglaterra”, participantes de times que foram destacados pelo cronista.⁷³⁶

Goal – T. Shaw, do time inglês ‘Crewe’; *backs* – R. Smith, do ‘Broadheath’, e F. Smith, do ‘South Shields’; *halves* – H. Lowes do ‘Newcastle’, I [Cant] do ‘Truro College’, H. Clemence, idem; *forwards* – C. W. Mayo, do ‘Bishop Auckland’, H. Armstrong, do ‘Liverpool College’, R. Mayo, do ‘Bishop Auckland’. F. Owen, do ‘Wingate’, e J. Thariaway, Idem. *Referee* – E. S. Lowes.⁷³⁷

Esse destaque trouxe maior interesse do público belo-horizontino, que teve a oportunidade de assistir na cidade a um *football* realizado por *sportmen* que se formaram no país berço dessa modalidade esportiva.

O cronista do *Minas Gerais* destacava cada passo do *Yale* na organização da “festa” que mostraria a modernização de Belo Horizonte por meio da prática esportiva, destacando desde a participação das maiores autoridades da cidade que compareceriam à oferta de uma taça para o vencedor, que recebeu o nome de *Viserpa*, homenagem feita ao fundador do *football* na capital.

O resultado da partida foi 1 X 0 para os ingleses, mostrando a supremacia inglesa.

O *Yale* continuou promovendo espetáculos esportivos na cidade, com um forte apoio da imprensa nas suas divulgações. Uma atração destacada foi o jogo realizado com o *America F. C.*, do Rio de Janeiro, no dia 16 de novembro de 1911. Considerado pelo cronista de *O Estado* “um dos mais valentes clubs do Rio”, que contava entre as vitórias conquistadas o “grande campeonato da Liga Metropolitana de Sports Athleticos”, fato que “o tornou um dos mais respeitados no meio sportivo do Brasil”. O *America* seria uma grande atração.⁷³⁸

E o evento só não teve o grande destaque que se planejava devido às fortes chuvas que deixaram o “ground” do *Yale* alagado em sua grande parte. As quedas sucessivas e a bola molhada não facilitaram a prática das “táticas de passes” dos times, o que levou a decisão dos dois capitães a suspenderem o jogo após o primeiro *half-time*. O *America*, que havia feito um

⁷³⁶ GRANDE match..., 1911, p. 6.

⁷³⁷ GRANDE match..., 1911, p. 6.

⁷³⁸ MATCH de.... *O Estado*, 15 nov. 1911, p. 2.

gol, saiu vencedor. Mas todos esses problemas não impediram a realização da festa com toda a pompa que, naquela época, buscava-se dar a esses eventos.

Á uma hora da tarde, o ‘team’ do América, acompanhado de alguns sócios do Yale, dirigiu-se para o Palácio Presidencial, sendo recebidos no Salão de Honra, pelo Presidente do Estado, a quem ergueram vários ‘hurrahs’ e de quem receberam as mais sobejas demonstrações de affecto e solidariedade. Magnificamente impressionados, retiraram-se do Palácio, dirigindo-se para o ‘ground’ do Yale, em bonde especial, acompanhados pela banda de música do 1º batalhão.

Á 1 e 40 minutos da tarde, entrava em campo o sympatico ‘team’ despertando a atenção de um grande numero de senhoritas e cavalheiros, que sofregamente esperavam o resultado da disputa.⁷³⁹

O *Yale*, pela camaradagem que revestia essas disputas naquela época, além de premiar o time do *America* com uma taça de prata, também lhe ofereceu um banquete, num clima de cordialidade de parceiros, no Grande Hotel. O papel da imprensa “na propaganda e aconselhamento da educação physica”, salientado em sua fala pelo diretor-redator do *Estado de Minas*⁷⁴⁰, convidado a participar do banquete, destaca o forte papel representado por ela na divulgação e incentivo às práticas esportivas, uma forma de promover a modernização de Belo Horizonte, que, a partir daquele momento, parece estar conseguindo o seu intento.

Esse evento, segundo o cronista, “veio marcar, senão o ad_(sic) advento, ao menos a reabilitação de uma nova fase Sportiva na capital Mineira”.⁷⁴¹

O reflexo desse desenvolvimento do *football* na cidade pode ser percebido no aparecimento de anúncios de artigos para esse esporte no comércio da cidade, como destacado em *O Estado* em 1911:

Sortimento chegado ultimamente para a

Bota Americana

Capéos, Chile e Panamá; lindos guarda-chuvas para homens e senhoras.

Artigos para Foot Ball

Chapeus borsalino em todas as fôrmas, e grande sortimento De calçado para creanças; novas marcas de calçados **Melillo** para homens e senhoras.

A maior modicidade em preços
AVENIDA AFFONSO PENNA, 739.⁷⁴²

⁷³⁹ MATCH de... *Estado de Minas*, 18 nov. 1911, p. 2

⁷⁴⁰ ESTADO DE MINAS, 21 nov.1911, p. 2.

⁷⁴¹ ESTADO DE MINAS, 21 nov.1911, p. 2.

⁷⁴² O ESTADO, 16 jan. 1911, p. 4.

O *Yale* foi se consagrando como promotor de diversão na cidade:

É digna dos mais francos applausos a attitude sympatica que tem tomado essa associação ‘sportiva’ proporcionando ao publico da capital horas de distração, firmando assim a justa reputação e o conceito lisonjeiro que delle fazem os que tem tido occasião de acompanhar seus passos.⁷⁴³

Em uma *garden party* organizada para homenagear dois de seus jogadores – Neto, o *full back*, e José Ferreira, o *goalkeeper* –, o clube organizou um programa de jogos diferentes para animar a festa, que contava com: jogo de corda, luta de travesseiros, corrida de sacos e o jogo de *football*. As disputas foram feitas com times que receberam o nome dos homenageados. O cronista do *Estado de Minas* destaca que, apesar do tempo chuvoso, muitas pessoas haviam se dirigido ao campo do Yale. Esse tipo de evento atraía a presença de famílias em busca de diversão. Os jogadores homenageados receberam, cada um, uma medalha de ouro com a seguinte inscrição de um lado: “A glória de um homem é a sua força” e, de outro: “Ao inovidavel fullback Netto offerece o ‘Yale Club’; ao inovidavel goal-keeper José Ferreira offerece o ‘Yale Club’”.⁷⁴⁴

Experiente nas promoções de eventos esportivos e cada vez mais indo a busca de novidades para motivar a presença de um público pagante em busca de diversão, o *Yale* foi o organizador da vinda do primeiro avião para realizar apresentações no Prado Mineiro.

A aviação possuía ainda um número muito reduzido de esportistas praticantes no Brasil. Na década de 1910, segundo Plinio Negreiros, em São Paulo uma verdadeira multidão acompanhava o desempenho de aviadores, geralmente estrangeiros, que faziam difíceis manobras com seus aeroplanos. Eram verdadeiros heróis que passavam pela cidade. Mas a fatalidade também rondava a aviação, e diversos acidentes, até mesmo fatais, aconteciam nas apresentações.⁷⁴⁵

O *Estado de Minas* chegou a publicar a seguinte nota em relação a esses acidentes:

A aviação já não proporciona celebridades a ninguém. Morrem os aviadores, ás dúzias, sem que ninguém mais se preocupe com o tiral-os da obscuridade da sua abnegação quase anonyma, para o plano illuminado da sagração. Deixaram de ser martyres da sciencia para serem simplesmente uns estouvados ‘sportsmen’...⁷⁴⁶

⁷⁴³ YALE Club – As festas..., 1911, p. 2.

⁷⁴⁴ YALE Club – As festas..., 1911, p. 2.

⁷⁴⁵ NEGREIROS, 1992.

⁷⁴⁶ ESTADO DE MINAS, 9 jun. 1912, p. 1.

Mas foi esse jornal que havia apoiado, dois meses antes, a iniciativa do Yale em promover uma semana de aviação na capital, feita pelo aviador Darioli:

Aviação em Bellorizonte

Por iniciativa do *Yale Foot-ball Club*, deve estar brevemente, nesta capital o aeronauta Darioli que se acha presentemente em Juiz de Fora.

A realização desse projeto de aviação depende, porém, do concurso do povo de Bellorizonte para que seja constituído um premio ao grande aviador.

É incontestavelmente, um grande empreendimento e acontecimento de grande alcance para Bellorizonte.

Assim encontrem echo os auctores da bella iniciativa.⁷⁴⁷

Na reportagem acima, vê-se que o cronista não tinha a preocupação em relatar o nome correto dos times, uma vez que a maioria era *Foot-ball Club*. Mas o nome em questão era *Yale Athletic Club*. Vê-se também que a cidade, naquele momento, também era tratada como *Bellohorizonte*.

O evento programado conquistou uma “multidão”, que se dirigiu para o Prado Mineiro, “ansiosa por assistir á estréa do novo apparelho, a que o aviador deu o nome de *Bello Horizonte*”⁷⁴⁸. No entanto, a curiosidade não foi satisfeita, pois o avião não conseguiu sair do chão. Mas o *Estado de Minas*, durante todo o mês de junho daquele ano, retratou, em várias ocasiões, as proezas realizadas pelo “arrojado aviador”, que conseguiu atrair para o Prado Mineiro uma numerosa assistência, como havia previsto do Rômulo Joviano, diretor do *Yale*.

Numa cidade que se constituía, o apoio a novas instituições foi também uma das ações do *Yale*. Em 1º de novembro de 1912, o clube, já experiente em realizar jogos que atraía um grande público, programou um jogo com o *Mackenzie College*, de São Paulo, do qual o produto das entradas seria para a maternidade da cidade.⁷⁴⁹

Um outro clube que também se enraizou na cultura de Belo Horizonte criado nessa época foi o *America Football Club*.

Em 1913, o time de meninos da cidade recebeu em seu quadro, além de jogadores do *Minas Gerais*, que lhe garantiram o espaço conquistado na Avenida Paraopeba, também

⁷⁴⁷ AVIAÇÃO em Bellorizonte, 1912, p. 1.

⁷⁴⁸ ESTADO DE MINAS, 11 jun. 1912, p. 1.

⁷⁴⁹ SPORT. *A Tribuna*, 22 out. 1912, p. 2.

jogadores vindos do *Athletico*, o que reforçou o time. Essa troca de clubes parecia natural, pois nas escalções de determinados times sempre apareciam jogadores que já haviam tido seus nomes ligados a outros. A troca pode ter sido por motivo de encerramento das atividades de alguns clubes, como também por desavenças entre os jogadores.

Segundo Guilherme Halfeld,

é preciso que se diga que foi do ‘America’ que se tiraram sempre os melhores elementos para a constituição da representação mineira no Rio e em São Paulo, para a constituição de ‘teans’ academicos nos campeonatos da classe das nossas escolas superiores.⁷⁵⁰

Isso mostra quanto continuou a ser um time elitizado e que cumpria o que dele esperava a cidade como promotor de uma das práticas representativas do seu progresso, como cita Halfeld:

O ‘America’ tem sido sempre uma escola de educação physica, cívica e , também, de amizade. O nosso clube está sempre a frente dos movimentos patrióticos e humanitários de Belo Horizonte e com o seu próprio []tamento é um factor do progresso horizontino.⁷⁵¹

O clima esportivo da cidade em 1913 propiciou a criação e mais um clube: o *Sete de Setembro Sport Club*:

Bello Horizonte entra actualmente numa fase nova relativamente ao sport. É assim que têm sido fundados diversos clubes, onde a mocidade pode desenvolver-se physicamente.

Ainda ante-hontem houve uma animada festa no Parque, constando de corridas de bycicletas e a pé, com que o “Sete de Setembro Sport Club” fez a sua inauguração.⁷⁵²

Ligado aos moradores do bairro da Floresta, o *Sete de Setembro* parece ter sido o primeiro clube criado fora da zona urbana da cidade.

A movimentação de várias equipes propiciou o aparecimento no comércio da cidade do *Guia Sportivo*, que trazia “informações completas sobre os mais conhecidos jogos ao ar livre, como sejam o *Foot-ball e Lawn-Tennis*”. O *Estado de Minas*, ao receber um exemplar enviado pela Casa Narciso, passou a publicar, na sua “Secção Sportiva”, informações desse

⁷⁵⁰ HALFELD, 1928.

⁷⁵¹ HALFELD, 1928.

⁷⁵² SPORT. *A Capital*, p. 5, 21 out. 1913.

guia, iniciando com uma publicação de ‘Um pouco de historia... de *Football*.⁷⁵³ Esse jornal publicou, em edições nos meses de junho e julho, além das regras do jogo, também as “Qualidades Physicas e Moraes dos Jogadores de Football”.⁷⁵⁴ São destacadas as qualidades necessárias ao capitão, que, na época desempenhava o papel de “técnico” do clube, função que ainda não existia:

O CAPITÃO

Durante o *match* deve ocupar uma posição que lhe permita ver tudo que se passa no campo; sendo preferível que jogue em uma das linhas de defesa, principalmente como *center-half*, pois nesta posição estará mais em condições de desempenhar a importante função de que está investido. De uma manobra do capitão depende muitas vezes a victoria de um *team*.⁷⁵⁵

E o desenvolvimento do esporte passou a ser destacado pela revista *Vita*:

Já se vae introduzindo, em Bello Horizonte, o gosto pelo jogo salutar do *foot-ball*, existindo diversas sociedades, que se dedicam, com entusiasmo, a este sport, mas, infelizmente, sem conseguirem um progresso real, por lhes faltar o indispensável auxilio dos poderes publicos.⁷⁵⁶

O apoio que os poderes públicos deveriam dar a essa modalidade esportiva na cidade justificava-se pelas representações sobre ela que a revista divulgava:

E nem se diga que este sport constitui somente um passatempo, sabendo-se que em toda a parte lhe é dedicado verdadeiro culto como um dos poderosos factores de cultura physica da mocidade.

Na antiguidade, os gregos e romanos, principalmente, tinham em especial conta a educação physica de seus filhos, não somente como um elemento preciso para as guerras em que, de continuo, se empenhavam, mas sobretudo porque entendiam verdadeiro o adágio – *mens sana in corpore sano*.

De facto, o espírito para ser forte e perfeitamente equilibrado reclama um corpo também forte, uma vez que este é o seu instrumento de acção.

É tempo, pois, de quem tem a responsabilidade da instrucção de nossos filhos, futuros servidores da Pátria, vir em auxilio das sociedades sportivas da nossa terra [...].⁷⁵⁷

⁷⁵³ ESTADO DE MINAS, 8 jun. 1913. Secção Sportiva, p. 2-3.

⁷⁵⁴ ESTADO DE MINAS, 17 jun. 1913. Secção Sportiva p. 2; ESTADO DE MINAS, 1º jul. 1913. Secção Sportiva, p. 3; ESTADO DE MINAS, 28 jul. 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁷⁵⁵ ESTADO DE MINAS, 28 jul. 1913. Secção Sportiva, p. 2.

⁷⁵⁶ VITA, 31 dez. 1913 e 15 jan. 1913.

⁷⁵⁷ VITA, 31 dez. 1913 e 15 jan. 1913.

As representações do esporte o caracterizavam não só como um passatempo, um divertimento, mas, antes de tudo, um fator de desenvolvimento físico da mocidade. A estas foram acrescidos e invocados pelo cronista os valores dados na Grécia e na Roma antiga ao desenvolvimento do corpo, como respaldo para sensibilizar os poderes municipais da importância do apoio a essas atividades que promoveriam os futuros “servidores da pátria”.

Mas o apoio explícito dessa revista ao *Athletico Mineiro*, que foi citado como o clube que deveria estar na preferência para receber o auxílio requerido por sua organização e feitos, surtiu reação do *America* que, em número seguinte da revista, enviou uma carta ao redator da *Vita* solicitando uma correção nas informações que foram circuladas, mostrando-se como um clube que havia realizado 16 partidas no ano, com quatro times, e que com isso pleiteava “claramente a superioridade da organização desta sociedade”.⁷⁵⁸

Na cultura da cidade, o clima de disputa entre o *Athletico* e o *America* já começava a se caracterizar, fato que iria se exacerbar nos anos seguintes, com o aumento de jogos entre os times.

Em 1914, foi disputado um campeonato realizado entre os primeiros e segundos times dos clubes *Athletico*, *Yale* e *America*, que disputaram a “Taça Bueno Brandão” e a “Taça Belo Horizonte”. O primeiro *team do Athletico* foi o campeão da Taça Bueno Brandão e o segundo time do *Yale* foi o campeão da “Taça Belo Horizonte”.

O campeonato movimentou o Prado Mineiro, como revela a imagem publicada na revista *Vita*. Um grande número de espectadores – homens e mulheres elegantemente vestidos – reflete a importância que esses jogos foram adquirindo na cidade como forma de espetáculos para o divertimento dos belo-horizontinos.

⁷⁵⁸ VITA, 15 fev. 1914.



FIGURA 38 – Instantâneos no Prado Mineiro na realização da “Taça Bueno Brandão”.
 Fonte: VITA, a. 1, n. 15, 26 jul. 1914.

A revista *Vida de Minas* fala da importância desse campeonato, mas projetava um maior desenvolvimento e “o cultivo do bello sport bretão” com a *Liga de Sports*, que estava em vias de ser criada.⁷⁵⁹

⁷⁵⁹ SPORT: Nullo Savianni..., 1915.

6.3 A CRIAÇÃO DA LIGA MINEIRA DE SPORTS ATHLETICOS

O esporte tem no clube a sua “visceral base societária”. Ele é a “pedra angular e ponto de partida de todo o seu processo de institucionalização”.⁷⁶⁰ A organização esportiva no Brasil, nos seus primórdios, era feita por ligas que, no âmbito municipal ou regional, dirigiam e administravam os esportes por intermédio dos clubes a ela filiados. Esse processo funcionou até 1916, quando foi criada a Confederação Brasileira de Desportos, que, possuindo representantes das ligas estaduais, pois as federações, em nível estadual, ainda não constituíam uma realidade, assegurou a unidade do comando dos esportes no país.

Assim, a Liga era o órgão máximo da administração do esporte na cidade.

A idéia da fundação da Liga de Sports que em boa hora surgiu nesta capital, vai encontrando o mais auspicioso acolhimento da parte dos que se interessam pelo desenvolvimento physico entre nós.⁷⁶¹

A revista *Vida de Minas* inicia, assim, sua notícia sobre a *Liga de Sports*, citando uma seção realizada no dia 23 de fevereiro de 1915, na qual os clubes a ela filiados fizeram a sua inscrição para o *Campeonato de Foot-ball* que teria início no mês de abril daquele ano e nomearam seus representantes perante a Liga. “Waldemar Meirelles e Jorge Penna, pelo *Athletico Mineiro*; Eduardo Frieiro e Arduino Pirani, pelo *Yale Athletico Club*; O [...] Penna e Carlos Quadros, pelo *América F. Club* e Moacyr Chagas e Paulo Rodrigues, pelo *Sport Club Hygienico*”.⁷⁶² A revista comenta ainda sobre a grande animação em que se encontravam os “player” das diversas sociedades da capital e acrescenta que era de “se esperar que todos se apresent[assem] em boas condições de *entrainement* e bem dispostos para a lucta e para a conquista da taça”.⁷⁶³

E foi esse quadro de “luta”, até então não caracterizado na cidade, que começou a constituir-se entre alguns times depois dos campeonatos da Liga.

Até aquele momento, os *sportmen* não tinham uma rivalidade e uma paixão pelo time, que parecia não ter tanta importância diante da possibilidade da prática esportiva. Era comum ver jogadores de algum clube terem seus nomes aliados a outros e, às vezes, até na

⁷⁶⁰ VIANA, 1994, p. 128.

⁷⁶¹ SPORT: foot-ball, 1915.

⁷⁶² SPORT: foot-ball, 1915.

⁷⁶³ SPORT: foot-ball, 1915.

presidência de times, como foi o caso de João Luiz Moretzhon, que jogava pelo *Yale* em 1911 e foi presidente do *Athletico* em 1913, dentre muitos outros. O interesse na prática esportiva era constante, não importava onde era praticada.

Na criação da Liga, há indícios de que foi criado um novo time para que fossem quatro as associações que a comporiam, como aconteceu na Liga de 1904, em que Victor Serpa era capitão do *Sport* e criou *Athletico*, do qual era presidente, que, posteriormente, veio a chamar-se *Viserpa*. O *Club de Sports Hygienicos* era uma associação que inicialmente não tinha a pretensão de possuir times de *football*. Aparece um time aliado a ele, na época da criação da Liga, tendo como seu representante Margival Leal, um dos criadores do *Athletico Mineiro*, em cuja residência foi realizada a posse da diretoria da Liga. Desse time, participaram alguns ex-jogadores do Anglo-Mineiro. Posteriormente, no final do campeonato de 1916, foi proposta a fusão dos times *Sports Hygienicos* e *Athletico*.

Dessa forma, no dia 31 de janeiro de 1915, na residência de Margival Mendes Leal, foi realizada a posse da diretoria da *Liga Mineira de Sports Athleticos*, que havia sido criada naquele mês.⁷⁶⁴ O artigo da revista *Vida de Minas* esclarece:

Logo depois da posse da directoria, o sr. Célio de Castro nomeou uma comissão composta dos presidentes dos clubs filiados á Liga, para elaborar os estatutos, ficando essa comissão constituída dos srs. Roberto de Azevedo, pelo *Athletico Mineiro F. C.*; Margival Mendes Leal, pelo *Sport Club Hygienico*; José Augusto de Oliveira, pelo *Yale Athletic C.* e Octacílio Negrão, pelo *América F. C.*⁷⁶⁵

Formada por pessoas influentes, a *Liga Mineira de Sports Athleticos* foi um grande passo na institucionalização do esporte que assumia cada vez mais a sua característica moderna, pois a partir daí o que se pode observar na cidade são atletas agrupados em sociedades ou clubes, cujos dirigentes eram eleitos por eles, e a presença da Liga regional composta de membros eleitos pelo clube, que instituiu um calendário com encontros planejados, institucionalizando, assim, as competições, que deveriam ser democraticamente organizadas.

⁷⁶⁴ Sua diretoria ficou assim constituída: o diretor do Colégio Anglo Mineiro, Joseph Thomas Wilson Sadler, pelo seu importante papel na difusão da prática esportiva na cidade recebeu o título de Presidente Honorário; Dr. Celio de Castro assumiu a presidência; Dr. Marques Lisboa a vice-presidência; Major Antônio Álvares Antunes a 1ª secretaria; Dr. Cavalcante de Albuquerque a 2ª secretaria; Major Arthur Haas a 1ª tesouraria e R. Clemence a 2ª tesouraria. (SPORT. *Vida de Minas*, 15 mar. 1915.)

⁷⁶⁵ SPORT Liga Mineira de Sports Atléticos. *Vida de Minas*, 15 fev. 1915.

O campeonato de 1915 foi disputado pelos quatro clubes fundadores da Liga: *Athletico*, *America*, *Yale* e *Hygienicos*, acrescidos do *Cristovão Colombo*, que havia sido criado em junho daquele ano. Com jogos marcados no seu calendário para serem realizados nos meses de julho a outubro, a Liga apresentou uma tabela que foi divulgada pelo *Diario de Minas*, de 19 de junho, na qual haveria um jogo por semana.⁷⁶⁶ Durante todo esse período, a maioria dos jogos foi divulgada, em detalhes, por diferentes cronistas do *Diario de Minas*.

Disputando sete partidas, nas quais venceu cinco, empatou uma e perdeu também uma, o *Athletico* foi consagrado campeão do primeiro campeonato oficial da Liga⁷⁶⁷, antes mesmo do fim do campeonato. Assim, ficava, “por mais uma vez, mantido o seu bastão de ‘campeão mineiro’, que tão victoriamente vem empalmando desde 1912”.⁷⁶⁸ A vitória do *Athletico* foi assim comentada pelo cronista Arthur Pinto (Arthpin):

Ao traçar essas linhas, alegro-me por sentir que o sportismo aqui progride a passos largos e orgulho-me, vendo que não cahiu em terreno safaro todo o esforço em prol do sportismo que o obscuro traçador destas linhas, ao lado de Jair, de Morethson, de Sigaud, de Aleixanor e de tantos outros mais, tem empregado.

Actualmente Bello Horizonte já possui vida sportiva [...].⁷⁶⁹

Nas palavras do cronista, que também era um *sportman*, pode-se destacar o interesse presente no desenvolvimento do esporte por um grupo da cidade, que por intermédio dele, já se criara uma “vida esportiva” em Belo Horizonte.

Esse primeiro campeonato foi organizado com os primeiros e segundos times dos clubes, ficando o *Athletico* campeão do “1º team” e o *Yale* do “2º team”. A Liga realizou no mês de janeiro seguinte uma seção solene para a entrega das taças aos vencedores.⁷⁷⁰

Segundo o cronista do *Diario de Minas*, “não será exaggero afirmar que a era do ‘sport’ começou para a nossa capital”.⁷⁷¹

Nas notas sobre os jogos do campeonato, algumas representações podem ser observadas nos comentários dos cronistas, dentre elas: a visão de que *football* atraía o que a cidade possuía de mais elegante; a censura a jogadores que não apresentavam uma boa disciplina em campo, pois não cumpriam as “regras do jogo e as do bom tom”; e o grande

⁷⁶⁶ SPORTS. *Diario de Minas*, 19 jun. 1915, p. 2.

⁷⁶⁷ ZILLER, 1997, p. 36.

⁷⁶⁸ FOOT-BALL. *Diario de Minas*, 21 nov. 1915, p. 2.

⁷⁶⁹ ARTHPIN, Sport... *Diario de Minas*, 8 out. 1915, p. 2.

⁷⁷⁰ SPORT. *Diario de Minas*, 26 jan. 1916, p. 2.

⁷⁷¹ SPORT. *Diario de Minas*, 5 jul. 1915, p. 1.

número de espectadores e o interesse das senhoritas, o que era de se admirar, pois, notadamente, era “sabido o desamor com que em Bello Horizonte se encaravam cousas de ‘sport’”.⁷⁷² As senhoritas belo-horizontinas não só se interessaram pelo *football*, como também promoveram uma festa em homenagem ao clube vencedor.

Um grupo de senhoritas da nossa elite social quis comemorar com uma festa de esplendor a victoria do ‘Athletico Mineiro’, no campeonato desse anno. Assim, promoveram uma encantadora ‘soirée’, na residência de d. Alice Neves, á qual compareceram todos os sócios do Athletico a quem era offerecida a festa, bem como elevado numero de senhoritas que emprestaram á [festa] um fulgor de excepção.

O baile começou cheio de vida e alegria [...].⁷⁷³

Os jogos, até então, eram eventos sociais da elite mineira, que festejavam não só no campo esses encontros seletivos, mas também fora dele. Houve nessa festa homenagens ao clube.

Á meia noite, o talentoso acadêmico Vicente Risola, commissionedo pelas senhoritas, proferiu imaginoso discurso, offerecendo ao Athletico aquella deliciosa festa e um belo tinteiro de prata, como lembrança do seu triumpho vibrante no campeonato deste ano.

Pelo club respondeu o sr. Antônio Antunes.⁷⁷⁴

Assim, os jogos realizados no Prado Mineiro, naquele momento, eram ainda muito elitizados, pois apareciam nos jornais sempre referenciados como sendo apreciados por “uma enorme e selecta concurrencia”, como o jogo do *Athletico Mineiro* e o *Grambery*, de Juiz de Fora, que *A Nota*, na sua seção *Telas, ribaltas & Sports* referênciava.⁷⁷⁵ Como um divertimento, o esporte constava da seção deste jornal, que noticiava cinemas e teatros, todos eles responsáveis por proporcionar lazeres na cidade. Esse jogo também foi destacado pela revista *A Vida de Minas*, na qual as fotos sobre o evento mostram arquibancadas repletas de espectadores e a saída do estádio, com homens e mulheres elegantemente vestidos.

⁷⁷² SPORT. *Diario de Minas*, 5 jul. 1915, p. 1.

⁷⁷³ SPORTS. *Diario de Minas*, 23 nov. 1915, p. 2.

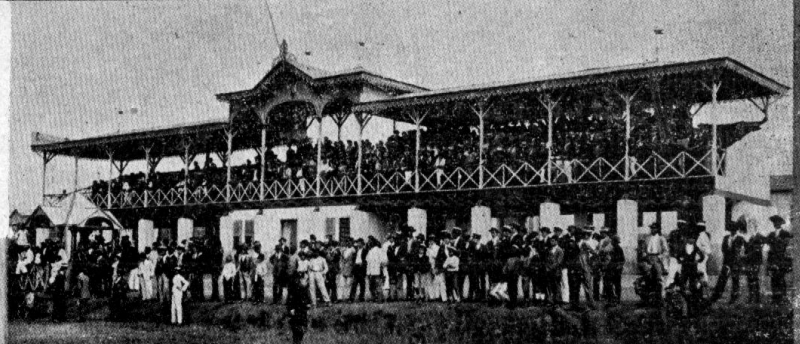
⁷⁷⁴ SPORTS. *Diario de Minas*, 23 nov. 1915, p. 2.

⁷⁷⁵ SPORT. *A Nota*, 8 set. 1915, p. 2.

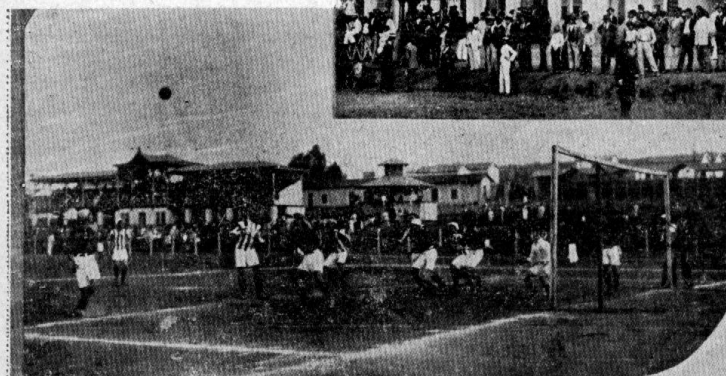
VIDA SPORTIVA



O *team* do Athletico
Mineiro



As archibancadas e o
aspecto do campo



O *team* do Granbery

FIGURA 39 – O *match* realizado no dia 7 de setembro entre o *Athletico Mineiro* e o *Granbery*
Fonte: A VIDA DE MINAS, a. 1, n. 5 e 6, 30 set. 1915.



FIGURA 40 – Saída do público depois de um *match* de *football* no Prado Mineiro
 Fonte: A VIDA DE MINAS, a. 1, n. 5 e 6 30 set 1915.

A criação da Liga coincide, assim, com um momento de grande interesse em Belo Horizonte pelo *football*. Nesse período, vários times começam a aparecer na cidade, mostrando sua presença também nas escolas. As ruas da cidade aparecem, em 1916, não só como o lugar predileto da “petizada” para fazer seus jogos, mas também apropriadas por jogadores que faziam delas seus “fields”, nos domingos, como mostra *O Papagaio*:

Sabemos que haverá, hoje, á 1 hora da tarde um grande *match*, na avenida Affonso Penna. Tomarão parte nesse *match* os jogadores que costumam^(sic) *trenar* na rua S. Paulo e na Av. São Francisco.

O sr. Prefeito estará presente.⁷⁷⁶

Mas essa apropriação nem sempre era bem recebida na cidade, como mostra uma reclamação publicada no *Diario de Minas* de que “um numeroso grupo de marmanjos instalou um club de foot-ball justamente em um dos canteiros do Jardim da Boa Viagem, estando o

⁷⁷⁶ FOOT-BALL. *O Papagaio*, 25 jan. 1916, p. 2.

gramado já quase completamente extinto”. É fato que esses jogadores também eram “exímios” atiradores com bodoques, que não perdiam nenhum passarinho e também as janelas das casas da vizinhança. Mas a reclamação pedia uma “enérgica providência” para terminar de vez com os abusos dos marmanjos desocupados.⁷⁷⁷

Os “marmanjos desocupados”, obviamente, deviam ser das classes populares, a quem a cidade não oferecia espaços para as suas práticas de lazer. Para conquistarem o direito ao esporte e à cidade, sempre entravam em conflitos com os moradores da zona urbana, que, comumente, desqualificavam as suas práticas. Os vidros quebrados poderiam ser a expressão de irreverência diante das suas exclusões.

Assim, havia naquela época uma febre de *football*, que foi se alastrando na cidade. Nos seus diversos times, a troca de jogadores era evidenciada. Esta era uma das características modernas: a livre participação. Merece uma pesquisa mais aprofundada, no entanto, para o entendimento sobre os clubes que foram criados como o *Sport Club*, em janeiro de 1916⁷⁷⁸, no qual figuravam jogadores do *Athletico* e do *Sports Hygienicos*, que aparecem meses depois jogando pelo *Club de Sports Hygienicos*, como Testi, Camardelli, Sigaud, destacados na mudança do 1º time, que se apresentava assim como mais forte.⁷⁷⁹

A competitividade passou a ser cada vez mais exacerbada, fazendo com que os *sportmen* fossem perdendo a cordialidade e o cavalheirismo até então existentes. No ano de 1916, a própria imprensa, ciente da sua influência no desenvolvimento do esporte na cidade, começa a se preocupar com a imparcialidade diante da competitividade, que passou a ser caracterizada nos jogos do campeonato da Liga:

No intuito de trazer o nosso publico bem informado sobre a evolução que vai tendo entre nós o ‘football’, fazendo ao mesmo tempo a critica do jogo dos diversos clubes que disputam o campeonato deste anno, resolvemos convidar pessoa competente para tal fim.

Não é preciso accentuar que a maior justiça e imparcialidade da apreciação dos factos, serão mantidos em toda linha; removendo-se, de vez, o inconveniente da publicação de communicados, quase sempre irados de paixão partidaria, e que, longe de corrigir erros porventura observados no jogo, servem de elementos à discórdia, entre os diversos clubs, chegando mesmo ao terreno pessoal, com grave prejuízo da disciplina e do progresso de tão importante ‘sport’.

⁷⁷⁷ RECLAMAÇÃO. *Diario de Minas*, 15 mar. 1918, p. 1.

⁷⁷⁸ SPORT Club. *Diario de Minas*, 1 fev. 1916, p. 2.

⁷⁷⁹ CLUBS ORTS_(sic) Hygienicos versus Yale Athletic Club, 1916, p. 2.

Acceitam-se nesta secção todas as consultas e reclamações que sobre o ‘football’ se dignarem fazer os interessados, tanto na parte científica do jogo, como na sua pratica, tendo-se em vista o nosso meio.⁷⁸⁰

Essa acentuada competitividade, que ainda não havia aparecido até então, passava a ser uma das atenções dos “referees”, que eram escolhidos entre os jogadores dos clubes, os quais tinham ao seu encargo “uma tarefa bastante espinhoso^(sic), devido não só a conflagração existente entre os Clubs filiados á Liga, como também, ao inconveniente jogo da brutalidade, quase usual em jogos do campeonato da Liga”.⁷⁸¹ Marques Maricas, na revista *Vida de Minas*, fez uma analogia da vida com o *football*: “a vida é como um campo de Foot-ball: vence quem da melhores couces”.⁷⁸²

Essa agressividade vista nos jogos passou a influenciar os habitantes da cidade, como relata o cronista que assinava como Vigilante, ao retratar uma partida do *Athletico* com o *Yale*, em que houve agressões sem maiores conseqüências. O jogo havia permanecido empatado durante quase todo o tempo, mas no final da partida o *Athletico* marcou um gol, vencendo a partida. Saindo “radiante” do jogo, os atleticanos foram “homenageados” por alguns moleques, que, na passagem do bonde, atiraram uma saraivada de pétalas... de pedras.⁷⁸³ O sintoma da violência fora do espetáculo começava a fazer parte constitutiva dos impulsos agressivos estimulados pelo jogo.

Na busca da vitória, algumas artimanhas passaram a ser realizadas. Quase no final do campeonato de 1916, os clubes *Athletico Mineiro* e *Sports Hygienicos* apresentaram à Liga uma proposta de fusão, que, colocada em votação pela sua mesa diretora, foi aprovada. Alguns cronistas de *As Alterosas*, como Abel e Arthpin, posicionaram-se veemente contra a atitude da Liga que daria privilégios ao *Athletico* para se fortalecer, tendo em vista a disputa final com o *America*.⁷⁸⁴ No protesto de Arthpin (Artur Pinto), que na época era secretário interino da Liga, ele diz que, ao ser consumada

a inominável patifaria, a inqualificável immoralidade da fusão dos clubs [...] nos derradeiros dias do campeonato, com o escopo exclusivo de organizarem forças dispersas para indignamente enfrentar um club que tem por norma combater dignamente.[...] resta-me, na qualidade de um dos responsáveis pelo andamento da Liga, embora interinamente, na qualidade de propugnador indefeso da causa do sportismo, o dever de consciência de

⁷⁸⁰ COMMERCIO & LAVOURA, 18 jun. 1916. Secção de Football, p. 2.

⁷⁸¹ COMMERCIO & LAVOURA, 18 ago. 1916. Secção de Football, p. 2.

⁷⁸² JOÃO do Rio, 1915, p.28.

⁷⁸³ VIGILANTE. Foot-ball, 1916, p. 2.

⁷⁸⁴ ABEL, A nota esportiva, 1916, p. 6.

protestar bem alto, contra essa traiçoeira punhalada desferida no que há de mais caro n'uma agremiação – a moralidade.[...]

O requerimento da fusão, [...] vergonhosa e clamorosamente aprovado, assemelha-se a uma rodilha de fino estofa, acariciando nas suas tepidas e macias dobras a horripilante víbora que há de dar o bote certo no progresso da Liga, que há de macular o nome da suprema entidade directora dos sports em Minas.⁷⁸⁵

Nas palavras de Arthur Pinto, que foi jogador do *Athletico*, e que, em dezembro de 1916, assumiria a presidência do *America*, as duas sociedades “se aliaram como dous espiritos do mal, para oppor obstaculos á marcha triumphante do America”, um clube que, “reforçando os elos da franca camaradagem entre os moços da melhor sociedade” que constituem seus quadros, “cuida do desenvolvimento physico de seus associados, na totalidade, quase de moços que manejam as armas da intelligencia”, sem distrair suas atenções para “diversões reprováveis”.⁷⁸⁶

Para um defensor do esportismo, a valorização moral do resultado é que importava. Essa era uma marca da concepção moderna original de esporte, em que “a moral dos esportes” era vista como uma forma de “engrandecer a coragem e a virtude do homem”. Segundo Vigarello essa visão virtuosa

dá às elites do fim do século o sentimento de dispor de recursos morais lá mesmo onde ‘o direito divino dá lugar ao direito da razão’, onde a sociedade laica deve mais do que nunca justificar uma moral. [...] ela faz existir um novo Olimpo, um espaço de idealização fundado sobre os mesmos princípios competitivos que o cotidiano de nossa sociedade, porém protegidos aqui por uma exemplaridade explicitada e afirmada.⁷⁸⁷

O campeonato de 1916, iniciado em maio, que foi disputado pelos times do *Athletico*, do *America*, do *Yale*, do *Sports Hygienicos*, do *Cristovão Colombo* e do *Sete de Setembro*, teve como campeão o *America Foot-ball Club*, que iniciava naquele ano a sua série de conquistas que o levaria até 1925, com o título de Campeão Mineiro. Esse período invencível deu ao *America* o título de decacampeão, “único no mundo”, como relata Abílio Barreto.⁷⁸⁸

Esse campeonato foi marcado por situações que, segundo o presidente do *Yale*, José Estrella Filho, o *football* estaria na cidade “em franco declínio ou accentuada decadência, de nada valendo para conserval-o á altura do seu objetivo, os esforços persistentes das diversas

⁷⁸⁵ ARTHPIN, Notas esportivas, 1916, p. 3.

⁷⁸⁶ ARTHPIN, Notas esportivas, 1916, p. 3.

⁷⁸⁷ VIGARELLO, 2002, p. 60-61, tradução nossa.

⁷⁸⁸ BARRETO. *Esportes de 1904-1937*, [s.d.].

associações da capital”. Dentre as suas críticas, estavam as atitudes de alguns *referees*, cujas parcialidades eram revoltantes e constituíram, sem contestação, “na nota deprimente do torneio”.⁷⁸⁹

Estava sendo construído, a partir de então, uma nova imagem para o jogo na cidade, diferente daquela projetada pelos *sportmen*, que até então imprimiam nele, uma característica refinada e cortês.

Mas além do campeonato da Liga, o *football* mineiro foi convidado a participar no campeonato acadêmico de *football* promovido pela *Alliança Acadêmica* do Rio de Janeiro. O *Club Academico* de Belo Horizonte aceitou o convite e organizou “com muito critério, os respectivos ‘scratch’⁷⁹⁰ e contra ‘scratch’”.⁷⁹¹ A reportagem de *A Nota* fez a seguinte consideração sobre a escolha:

Folgamos em registrar a boa organização de ‘scratch’, que, a nosso ver, é indiscutivelmente o melhor que se pode reunir em Belo Horizonte, pois obedeceu ella, unicamente, a competência de cada um dos seus elementos, pondo de parte a ‘politicagem’ que, em taes occasiões costuma prevalecer com grande prejuízo do renome do football em nossa terra.⁷⁹²

Como os clubes da cidade eram formados, em sua maioria, por universitários, principalmente o *America* e o *Athletico*, de onde saiu a maioria dos jogadores para formar o *scratch* acadêmico, esse pode contar com alguns dos melhores jogadores da capital. A qualidade do time fez com que os acadêmicos da cidade fossem os campeões do torneio, mostrando assim o desenvolvimento do *football* belo-horizontino.⁷⁹³

Mas o *football* não podia ser visto somente pela “politicagem” que começava a reinar nos jogos e a parcialidade existente em todos os níveis, desde os árbitros aos dirigentes e até os cronistas, que, na maioria das vezes, eram jogadores dos times. Atitudes humanitárias também foram encontradas nas ações dos clubes, como um jogo realizado entre o *America* e equipe do *Morro Velho*, cujo resultado seria revertido em benefício da Cruz Vermelha da

⁷⁸⁹ ESTRELLA FILHO. A pedidos..., 1917, p. 2.

⁷⁹⁰ Formado por: Lincoln, Moura Costa, Mario Penna, Octacílio, Lé, Cainço (cap.), Borges, Britto, Mattos, Lott e Mimi.

⁷⁹¹ Formado por: Alberico, Luiz, Gusman, Octavio Penna, Hermetto, João Mello, Edson, Rodrigo, Monte, Cezarino e Geraldo.

⁷⁹² CAMPEONATO academico de foot-ball, 1916, p. 2.

⁷⁹³ CAMPEONATO academico, 1917, p. 3.

Itália.⁷⁹⁴ O *America* também realizou um jogo com o *Sports Hygienicos* em benefício das obras da Matriz da Boa Viagem.⁷⁹⁵

Nesse período de grande difusão do *football* na cidade, outros clubes apareceram nas páginas dos jornais, mas não se têm muitas informações sobre eles, como o *Commercial Athletic Club*, o *Tiradentes Foot-Ball Club*, o *Provisorio F. C.*, o *Flamengo F. C.* e o *Imprensa Oficial*, porque a cobertura esportiva se limitava a anunciar jogos citando somente os times participantes, o local, a data e o resultado. Somente na década de 1920 é que jornais esportivos, como o *Minas Sport*, começam a dar mais informação sobre os times criados não só dentro, mas também fora da zona urbana, formados por operários.

O desenvolvimento do *football* e de outras modalidades esportivas na cidade pode ser avaliado por meio do comércio belo-horizontino, que já conseguia oferecer materiais necessários aos jogos, como no anunciado no *Diario de Minas*:

Foot-ball ‘Olympic’ ‘League’ e outros
Marcas, calçados, meias, camisas e todos os acessórios.
Raquettes, bolas e sapato para tennis.
Patins – de 12\$000 a 35\$000
Jogos de salão e campo
Casa Narciso – Rua da Bahia n. 1221.⁷⁹⁶

Nesse ritmo de desenvolvimento é que foi criado, em 1917, o primeiro jornal esportivo, que recebeu o nome de *O Foot-ball*.⁷⁹⁷

6.4 O FOOT-BALL: O PRIMEIRO JORNAL ESPORTIVO

O *Foot-ball* era um semanário que teve seu primeiro número editado no dia 13 de setembro de 1917 e o segundo, e provavelmente o último, no dia 21 do mesmo mês. Dirigido pelo acadêmico de Direito e *footballer* Francisco Mattos, o jornal, criado num período de grande desenvolvimento do esporte na cidade, mesmo apresentando somente duas edições foi um marco, pois foi o jornal fundador da imprensa esportiva na cidade.

⁷⁹⁴ FOOT-BALL. *Diario de Minas*, 12 out. 1916, p. 2.

⁷⁹⁵ BARRETO. [s.d.]. ABPi 7/061 cx. n. 36.

⁷⁹⁶ FOOT-BALL, olympic, 1916, p. 2.

⁷⁹⁷ FOOT-BALL. *Diario de Minas*, 9 set. 1916, p. 2.; SPORTS. *Diario de Minas*, 14 jun 1917; BARRETO, *Diccionario...*, [s.d.].

Seus objetivos foram assim explicitados:

Aparece, hoje, nesta capital, O FOOT-BALL. Jornal essencialmente esportivo, tendente a desenvolver, na proporção dos seus esforços, o entusiasmo da nossa mocidade pela cousas de tão atrahente quão salutar divertimento, cuja origem foi embalada nas terras longínquas da loira Albion, O FOOT-BALL será, por isso mesmo, um jornal de moços, eivado, portanto, de qualquer sentimento maldoso, qualidade, aliás, que o coração da juventude, na grandeza e belleza dos seus sentimentos, não pode comportar... Atirando, hoje, a publicidade, este primeiro numero, pode nos garantir aos novos jovens leitores e queridos "sportmem" que vae, nelle, todo o calor de uma esperança, todo um esforço despendido, todo o entusiasmo de uma alma moça!

E esta alma, que é forte, porque pertence a juventude e desconhece, portanto, os empecilhos da dificuldade, lança-se, repleta de fé, nos braços dos jovens amigos do grandioso e triunphante sport bretão, esperando, da sua parte, o apoio moral, que é sempre bom e animoso, para a vida regular do novo jornal.[...]

Assim, só nos resta agradecer ao amável leitor a distincção que, por acaso, nos dispensar, e nós, mandando lhe, hoje, o primeiro numero do O FOOT-BALL, dar-nos-emos por ditosos e felizes, se o nosso jornal puder cooperar, efficazmente, para o progresso constante do movimento sportivo de Minas Geraes, envolvendo-o no surto grandioso das conquistas e dos triumphos.⁷⁹⁸

O jornal se constituía como uma forma de incentivo ao progresso do *sport* em Minas, que era visto como “um atrahente quão salutar divertimento”, que proporcionava um novo estilo de vida, para um público adepto desta prática, que eram os “jovens”. Segundo Sevcenko, esta expressão adquire uma conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio, cuja filosofia era: “ser jovem, desportista, vesti-se e saber dançar os ritmos da moda é ser ‘moderno’, a consagração máxima”.⁷⁹⁹ Mas, a partir dessa nova ordem cultural, já se podia ver, sendo incutido, um novo sentido aliado ao esporte na cidade: a visão patriótica, como na nota endereçada “aos nossos governantes”:

A assistência, que encheu literalmente as espaçosas archibancadas do Prado Mineiro no domingo dia 2, no jogo realizado entre o C. Regatas do Flamengo e o América F. Club, assistência fina, a verdadeira síntese da nossa melhor sociedade, prova, por demais, que o foot-ball é um ‘sport’, não só vitorioso, como predilecto.

É preciso que os nossos governantes volvam suas vistas, auxiliando, não so material, como moralmente, a esse esporte.

⁷⁹⁸ O FOOT-BALL. *Bello Horizonte*. 13 set. 1917, p. 1.

⁷⁹⁹ SEVCENKO, 1992, p. 34.

Demais, o ‘sport’ com especialidade o ‘foot-ball’, presta indubitavelmente um serviço de propaganda á nossa Patria.

E esta verdade já reconhecida a nosso saudoso Rio Branco, que encarava tambem o ‘sport’ como meio de aproximação dos povos.

Tomemos, corno exemplo, a celebre victoria que os brasileiros levantaram sobre os profissionaes do ‘Exeter City’.

Club dos mais afamados da Inglaterra, quiçá do mundo, com essa victoria as linhas telegraphicas, por certo levaram, o nome do Brasil a todas os centros em que se pratica o ‘sport’.

Um bom movimento, srs. do governo; irrite os governos de todos os povos civilizados...

O interesse da “fina assistência” e a propaganda patriótica eram motivos mais que suficientes para sensibilizar os Poderes Públicos para auxiliar o *football*. Essa visão de agregar todos os cidadãos em torno da nação, mediante a construção de laços de pertencimento capazes de difundir um sentimento de brasilidade foi uma tônica que teve seu marco a partir da Abolição e da Proclamação da República. No final do século XIX e início do XX, houve um grande investimento da elite intelectual do Brasil em revelar a verdadeira face da Nação e de traçar suas linhas de força para o futuro.⁸⁰⁰ Nas análises de Tânia de Luca, o credenciamento para essa tarefa provinha de uma “suposta qualificação para desvendar as regras de funcionamento social e desse modo formular, a partir de dados e critérios objetivos, políticas de ação”.⁸⁰¹ Seus discursos científicos-nacionalistas eram uma verdadeira ideologia política, mas os encaminhamentos nascidos das diversas formas de compreender e definir a questão eram de múltiplas ordens. Foi produzido um saber eclético, mas que se queria universal, pois se tratava de conceber uma unidade e uma identidade para o Brasil que representasse valores da elite nacional. A esse respeito, Luciana Murari analisa que “no caso brasileiro, podemos supor que, ao contribuir para a formação da identidade da elite nacional, da qual eles próprios faziam parte, estes intelectuais definiram o terreno da supremacia, legitimaram e ‘naturalizaram’ diferenças sociais e históricas”.⁸⁰² Assim, a imagem nacional acaba correspondendo, na visão desses intelectuais, à redução do diferente e do dissidente ao único. O princípio civilizador passa a ser imposto pelas elites, detentoras do saber e do poder.

⁸⁰⁰ A afirmação da nacionalidade tornara-se um ideal para intelectuais do país, como: Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Graça Aranha, Araripe Junior, Capistrano de Abreu e Rocha Lima identificados com a chamada “Escola do Recife”. Além desse grupo, José Veríssimo, o médico baiano Raimundo Nina Rodrigues, Manuel Bonfim, Euclides da Cunha, dentre outros.

⁸⁰¹ DE LUCA, 1999, p. 19.

⁸⁰² MURARI, 1995, p. 212.

E esse sentimento patriótico, naquele princípio do século XX, teve uma grande força aglutinadora, depois das tensões nacionais vividas na Primeira Guerra Mundial, em 1914.

A ligação do nacionalismo com o esporte, após as primeiras disputas internacionais, como o exemplo citado pela reportagem, levava esse sentimento patriótico quando nações se enfrentavam. A identidade brasileira ia se constituindo, também, nos campos de *football*. O jogo em questão foi realizado no Rio de Janeiro, em 1914, entre o combinado brasileiro e o *Exceter City*, vencido por 2 X 0 pelos brasileiros.⁸⁰³

A partir de então, como relata Marcelo Proni, “à medida que aumentavam o interesse e a notoriedade do futebol, seu controle político e sua vocação para intercâmbio internacional passaram a depender, cada vez mais, da capacidade de organização institucional”.⁸⁰⁴ Com isso, nesse período, foram criados, inicialmente, em 1914, dois órgãos para dirigir os esportes no Brasil: o Comité Olímpico Internacional e a Federação Brasileira de Esportes. Em 1916, surge a Confederação Brasileira de Desportos, fruto da transformação da Federação Brasileira de Esportes.⁸⁰⁵ A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) tinha por objetivos “unificar as associações esportivas, formar seleções nacionais e comandar a participação de equipes brasileiras em torneios internacionais”.⁸⁰⁶

Um dos assuntos da 2ª edição do *O Foot-ball* foi o Campeonato Sul-Americano, do qual participariam brasileiros, chilenos, uruguaios e argentinos. O cronista chamava a atenção para a prova, “pela qual todo brasileiro dev[ia] se interessar, dada a importância que ella se revest[ia]”, pois os nossos jogadores estariam cumprindo “um dever honrado” de elevar o glorioso nome do Brasil.⁸⁰⁷

Como forma de incentivo ao esporte na cidade, *O Foot-ball* apresentou um dos problemas mais significativos enfrentados na capital, que era a falta de um campo com boas condições de uso. Dimensões legais, perfeitamente nivelado e bem gramado eram necessidades básicas que o Prado Mineiro, campo utilizado para os jogos, por ser o único que oferecia comodidades para os espectadores, não possuía. A expectativa de seus redatores era de que o novo presidente da Liga, J. Marcondes Ferraz, conseguisse, na cidade, um campo de que fosse condizente com o seu desenvolvimento esportivo.

⁸⁰³ MARINHO, 1952, v. 2, p. 102.

⁸⁰⁴ PRONI, 2000, p. 104.

⁸⁰⁵ MARINHO, 1952, v. 2, p. 101-119. Segundo Marinho, a transformação da Federação Brasileira de Esportes se verificou em virtude de divergências surgidas com a Federação Brasileira de Futebol, fundada em São Paulo.

⁸⁰⁶ PRONI, 2000, p. 104. O autor cita que a CBD fixou sua sede no Rio de Janeiro e passou a ser comandada por homens da elite carioca.

⁸⁰⁷ CAMPEONATO Sul-americano, 1917, p. 2.

O jornal apresentava, também, seções, como “Diz-se”, “Cousas Impossíveis”, “Caixa do ‘O Football’” e “Retratos a cryon”, que revelavam peculiaridades do cotidiano vivido pelos atletas de *football*, tratadas de forma humorística ou como fofoca, mas que eram representações da realidade vivida na cidade, como: Diz-se “que o campo do Prado é o melhor da América do Sul, por ter uma especialidade – a poeira.”, ou entre as “cousas impossíveis” figurava o “congraçamento de football em Bello Horizonte”. Na “Caixa do ‘O FOOTBALL’” eram vistos recados para os atletas e “Retratos a crayon” eram destacadas as características de um *sportman*. Todas essas formas humorísticas simbolizavam um laço que unia todos no objetivo comum: *o football*.

Poesias que retratavam os jogadores, assinadas por Franelli, também tinham espaço no jornal. No seu primeiro número, o *Footballer em Foco* foi o redator chefe do jornal, Francisco Mattos.

Esperto e tão veloz como um veado,
Da linha americana é o primeiro;
Quando vae com a ‘pelota’ disparado
O ‘half’ deixa atraz , por mais ligeiro

‘shoot’ firme elle dá com pé de mestre,
E de seu jogo, enfim como producto,
Correndo, pula qual um fino eqüestre,
Apanhando ‘chambões’ do Yale bruto.

Elegante rapaz com bizzarria,
Preferindo as ‘gury’s’ em demasia,
Vejo o no Cine Odeon, as namorando.

Uma cousa mais que eu aponto:
É de se lhe notar, no Bar do Ponto,
A grande ‘pose’ de bacharelado.
Franeli

Mas, apesar do desenvolvimento do esporte, a cobertura esportiva não contemplava a extensão desse fenômeno na cidade como um evento social. As representações em torno dele partiam de uma visão biologicista, ostentando o seu valor somente como um instrumento para o desenvolvimento moral e físico dos indivíduos. Na construção social, o homem passa a ser explicado e definido nos seus limites biológicos, como na reportagem intitulada *O Football*:

A transformação de rachiticos corpos na admirável conformação de um atleta, ou mesmo nas sympathicas ostentações corpóreas do sportman, é uma das mais patentes e perceptíveis das utilidades dos sports.

Mas, nem sempre, essa transformação de corpo é operada com harmonia no desenvolvimento de todos os orgams.[...]

O football exerce a sua influência sobre quasi toda a composição do corpo, com excepção dos braços, não se considerando a posição de ‘keeper’.[...]

Mas, como não há nada perfeito, para que o foot-baller obtenha symetrica ampliação dos músculos, necessita de recorrer a outros sports, como, por exemplificação commum, a gymnastica.[...]

Uma das melhores vantagens do sport bretão, que hoje mais razoável se podia chamar sport brasileiro, é fazer desaparecer as banhas para ceder lugar ao desenvolvimento dos músculos.[...]

Isso é um resultado higienico, alem de ser apreciável contingente á a conservação da saúde. A gordura é prejudicial ao homem sob aspectos múltiplos e variados, inclusive sob o da facilidade de locomoção.⁸⁰⁸

Essa visão de um corpo sadio, valorizado pela imprensa, estava aliada à proposta de modernização social que o Estado republicano pregava e que permeou os discursos sobre a cidade desde a época da Comissão Construtora, quando o fortalecimento de teorias higiênicas ganhou enorme difusão, assumindo o caráter de uma disseminada e abrangente ideologia. Para uma sociedade higiênica e saudável, eram necessários corpos sadios. E a prática esportiva era uma forma civilizada de conseguir esse objetivo. Sobre essas questões, Carmen Soares afirma:

A abordagem positivista de ciência e a moral burguesa estiveram na base das propostas de disciplinarização dos corpos, dos hábitos e da vida dos indivíduos. Tudo em nome da SAÚDE, da paz e da harmonia social... em nome da civilização!⁸⁰⁹

Essa abordagem de ciência, ao longo dos séculos XVIII e XIX, contribuiu para colocar a burguesia no poder, constituindo-se num canal de veiculação da visão de mundo dessa classe, dando justificativas para seu modo de ser e viver. Ela realizou o que se podia nomear como uma naturalização dos fatos sociais, criando um “social biologizado”. Adotando um modelo de conhecimento mecanicista, baseado na física e, principalmente, na biologia e na história natural, produziu um conjunto de teorias que justificavam as desigualdades sociais pela via das desigualdades biológicas, portanto “desigualdades naturais”.⁸¹⁰ Não era o homem antropológico o centro da sociedade, e sim o homem biológico.

⁸⁰⁸ O FOOTBALL. *O Foot-Bal*, 13 set. 1917, p. 3.

⁸⁰⁹ SOARES, 1994, p. 86.

⁸¹⁰ SOARES, 1994.

Essa visão reflete na postura da imprensa e foi também foi revelada na 2ª edição de *O Foot-ball*, como vinham sendo apresentadas as suas representações de esporte, onde corpos robustos e fortes, e valores aliados à civilização grega eram sempre evocados para dar mais respaldo às práticas esportivas. Essa atitude se baseava no fato de que na Grécia, como já escrevera Rui Barbosa em 1882, “além de preparar, de geração em geração, uma juventude sadia no corpo e na alma [...] essa era a base da prosperidade dos estados. [...] Em toda a Grecia essa [...] educação não devia correr ao sabor das famílias, mas pertencia ao Estado”.⁸¹¹ Essa era uma estratégia que o jornal usava para sensibilizar o presidente de Minas, Delfim Moreira, como protetor do esporte no Estado. O jornal assinalava:

O sport (e isto é geralmente sabido) foi, em todos os tempos, uma das mais bellas manifestações da robustez de um povo forte e grande.

Atravéz a Historia, buscamos sempre factos de memorias celebradas, em relação directa com os diversos ramos do sport, tal como, a nossos olhos, se apresenta a belleza antiga e fulgurante da gloriosa Héllade, a terra tradicional do cavalheirismo de outr’ora e um dos mais beneficos berços em que, tempos passados se embalava o amor pela cultura physica, complemento indispensavel da cultura intelectual.

Os celebres *jogos olympicos*, por exemplo, na vetusta e tradicional Athenas, atraíram sempre, si bem que em épocas remotas a attenção dos jovens filhos da terra dos philosophos e dos generaes, e os seus proprios governos incentivaram esse enthusiasmo, não só moral como materialmente.

Por que, pois, nós, que desejamos ver o sport, em nosso Estado, repleto de triumphos e alcançando o seu escopo almejado – a robustez da mocidades – não havemos de nos dirigir á figura illustre do sr. Dr. Delfim Moreira, pedindo-lhe acolhida para os écos das nossas palavras?

O exmo. Sr. Dr. Delfim Moreira, que, na presidencia de Minas, acabou de se revelar um estadista perfeito, um administrador criterioso e honrado, um politico tolerante, porém energico, um grande amigo, enfim, da nossa terra, o que, aliás, se evidencia pelo brilhantismo e fecundidade do seu governo, sempre patriótico, sempre laborioso, não ficará de certo, insensível á voz entusiastica da mocidade e, naturalmente, neste final glorioso da sua assignalada administração, S.Ex. irá beneficiar o progresso do sport em Minas Gerais.⁸¹²

Os conhecimentos históricos do redator deixavam a desejar, pois os Jogos Olímpicos da Antigüidade eram realizados na cidade de Olímpia, e não Atenas, como relatado. Mas essa

⁸¹¹ BRASIL. 1883, p. 123.

⁸¹² O FOOT-BALL, 21 set. 1913, p. 1.

prática de invocar a Antiguidade clássica, principalmente para sensibilizar apoios políticos, virou costume da imprensa na cidade.

O jornal *O Foot-ball* não tratava somente de assuntos ligados aos *sportmen* e ao *football*. Os corpos femininos aparecem tanto como *sportwomen* quanto como torcedoras. Além do interesse feminino pelo *football*, que era uma grande motivação para os jogadores verem a presença de torcedoras no campo, o jornal apresentou uma grande reportagem sobre os jogos da Escola Normal relatando as atuações das *sportwomen*, como referenciada no 5º capítulo.

Em relação aos espectadores, o jornal, na sua segunda edição faz também uma crítica aos “torcedores inconvenientes”:

Como fonte de quasi todos os distúrbios nos ‘matches’ de ‘football’, temos, infelizmente, a assistencia apaixonada, isto é, o infalível e inevitável grupo dos torcedores ‘enragés’ que, pondo de parte todas as conveniências sociais, mostra abertamente, a sua pouca educação, já arvorando-se em juizes, dando os seus pareceres, quasi sempre descabidos e parciais, já manifestando o saiu aborrecimento nos lances e investidas contrarias ao seu partido.

Certo, não fallamos de todos os espectadores do ‘football’, pois, se assim fosse, transformados estariam, em pouco tempo, os nossos ‘matches’ em authenticas touradas.

Não obstante, infelizmente, devéras numerosa é a classe dos elementos desordeiros de que aqui fallamos.

Raro é o ‘match’ de ‘football’ que, entre nós, se realiza, calmamente, sem as vergonhosas scenas que o partidarismo arma onde quer que seja, desrespeitando todos os bons costumes e desmentindo, assim, os foros de civilização que nos attribuem [...]

Quando praticado com delicadeza, ou melhor, conforme ordenam as pragmáticas da civilidade, o ‘football’ é, por certo, um jogo admirável, que encanta, dada a technica estupenda de que se reverte.⁸¹³

O *football*, naquele final da década de 1910, já tinha conquistado uma popularidade na cidade, mas a imprensa continuava a assinalar somente a presença elegante de espectadores, não levando em conta que, se havia um progresso esportivo e a cidade estava crescendo, o público que ia aos jogos também teria que crescer e diversificar. Mantendo um discurso elitizado, ele procurava assinalar as identificações do jogo civilizado que a cidade deveria promover. No entanto, fazia questão de assinalar o progresso esportivo na cidade.

⁸¹³ AOS TORCEDORES..., 21 set. 1917, p. 2.

‘O football’, esse salutar sport sobre cuja origem ha tantas divergências, por nós importado da loira Albion, bem como todos os outros exercícios ao ar livre, é o sport preferido dos brasileiros, que têm demonstrado dispôr, para o mesmo, de raras aptidões.

Não obstante estar ainda em um período embrionário, attendendo-se ao pouco tempo em que foi adoptado em Minas, todavia não muito longe estaremos de marchar, também na mesma linha de que fazem parte Rio e São Paulo, no que diz respeito ao progresso e generalização do Sport.

A mocidade mineira, que ate bem pouco tempo desconhecia por completo, qualquer sport, desperta, por fim, da sua indiferença e entrega-se com ardor ao nobre trabalho do aperfeiçoamento de sua raça e desenvolvimento da sua vitalidade!

Construir uma nação brasileira civilizada e racialmente superior era o projeto que sanitaristas e eugenistas buscaram implantar na virada do século XX. O progresso que a nação desejava deveria ser conquistado por um povo que construísse traços civilizatórios e raciais condizentes com as aspirações do momento, e a prática esportiva seria um excelente elemento que propiciaria o desenvolvimento desses traços.

Em síntese, o jornal *O Foot-ball*, por meio de suas reportagens, mostrou-se um meio de valorização de um grupo restrito, cuja prática legitimava os valores que a cidade, desde a sua concepção, buscava implantar. Tais valores eram pautados por um projeto de modernização que se fazia elitizado e excludente, como vinha sendo a postura da imprensa até então.

Outro jornal esportivo surge em 1918: *O Treno*.

6.5 O TRENO: UM JORNAL ESPORTIVO E LITERÁRIO

Visando acima de tudo, esforçar se o quanto possivel em prol do desenvolvimento do *sport* em nosso meio muito especialmente o foot-ball, procurando, ao mesmo tempo, a fundir no cadinho da harmonia e da solidariedade os componentes dos diversos *clubs* daqui, entre os quaes como é sabido, existe, máo grado nosso e de muitas outras pessoas que com os mesmos vivem em contacto, uma certa divergência, ou rivalidade mesmo, podemos adiantar, surge, hoje, na arena jornalística o primeiro número d’ ‘O Treno’.⁸¹⁴

⁸¹⁴ O TRENO, 30 mar. 1918, p. 1.

Criado com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do esporte, principalmente na busca da harmonia e solidariedade entre os jogadores dos diversos clubes, *O Treno* aparece na cidade com a confiança de merecer o apoio do público belo-horizontino, que convivia com um grande desenvolvimento esportivo, no qual um jornal do gênero seria uma necessidade. O redator esperava que, com “o apoio do povo bello-horizontino”, o jornal seria “em breve um jornal chic e indispensável na sociedade”.⁸¹⁵ Mas na sua 2ª edição já se podia sentir a decepção do redator pelo não acolhimento esperado pelo jornal, que não passou da sua terceira edição. Mesmo sendo um jornal que contava com vários anúncios publicitários, na metade de sua 3ª página e em toda a 4ª quarta, *O Treno* não conseguiu se consolidar na cidade.

Na sua primeira reportagem, ao retratar o presidente da Liga, Marcondes Ferraz, *O Treno* revelava valores que permeavam a administração do esporte na cidade.

[...] como administrador criterioso e de alta visão, [...] unicamente revelar a sua capacidade de trabalho profícuo, pelo qual a mão destra e firme, sabe guiar os destinos da Liga para consecussão do seu ideal, neutralizando por igual os germens nocivos da indisciplina e rivalidades agressivas, inoculadas no organismo das nossas sociedades esportivas por máos elementos.⁸¹⁶

As características do presidente da Liga, ressaltadas pelo cronista do jornal, reafirmavam e fortaleciam o projeto edificado para a cidade, no qual não bastava controlar racionalmente a saúde, mas, principalmente, regular, disciplinar e moralizar o corpo social. A disciplina corporal era uma forma de tornar os corpos dóceis e submissos, sob a ótica do poder, que teria a capacidade de neutralizar toda e qualquer influência, por ele considerada “negativa”. E a “disciplina e o caracter dos “footballers” também foram apresentados pelo jornal:

O ‘football’ é um ‘sport’ tão imprescindível ao preparo physico da mocidade, que em todos os paizes cultos, elle se tem imposto como uma necessidade pode-se dizer vital.

No Brasil, entretanto, si bem que a sua força se tenha desenvolvido com enorme abundancia de vida, todavia em regra, sob o ponto de vista da disciplina e do character, conserva-se em estado embryonario, porquanto, não é somente o cultivo do exercicio physico em seus efeitos materiaes, que deve constituir o escôpo da mocidade, pois, a par delle convem se alinhar a

⁸¹⁵ O TRENO, 30 mar. 1918, p. 1.

⁸¹⁶ O TRENO, 30 mar. 1918, p. 1.

questão moral, base elementar do systema de educação physica, sem o que, as associações sportivas não poderão persistir convenientemente.

Referindo-se ao caso particular das sociedades de ‘football’ de Bello Horizonte, notamos que os membros em regra, não conservam entre si este espirito de amor e lealdade ao seu club, onde muitas vezes beberam os conhecimentos que têm de tão importante ‘sport’, pois, a menor contrariedade passam-se com armas e bagagem para o club contrário e muitas vezes inimigo do seu.

Este facto destituido de moral, reduz as associações a um estado de ignominia permanente, pois, sabido é que a deslealdade e a indisciplina em uma associação qualquer, representam o melhor material para a sua dissolução.

Oxalá que uma nova era de paz e concórdia, tendo por bases a lealdade e disciplina, venha congregar em um só pensamento todos os membros das associações esportivas da capital mineira, para que em um futuro não remoto, se dispersem de uma vez os males que peçam sobre a suas sociedades de ‘football’.

Lafa⁸¹⁷

A citação é longa, mas significativa. Naquele início de século, a educação física era compreendida como um sinônimo de saúde, física e mental, como promotora da saúde e como regeneradora das raças e das virtudes morais. O cronista de *O Treno* não deixava de contemplar essa visão, mas para ele a questão moral era a base do seu sistema. Assim, a disciplinarização e a moralização dos corpos deveria ser a sua tônica. Na época, o esporte era visto como um agente moralizador, como se pode ver na concepção de Fernando de Azevedo, em *A poesia do Corpo ou a Ginástica Escolar*, tese com que concorreu à cadeira de *Gymnastica e Educação Physica* no Ginásio Mineiro, em 1916:

Os desportos são incontestavelmente um elemento moralizador; e a êles se acha confiada a tarefa de desviar para as diversões úteis ao corpo e ao espirito esta mocidade, outrora criança em processos rígidos e agora mesmo ávida de sensações requintadas, que as cidades cada vez atraem para a boemia com todos os seus encantos e sibaritismo. Os moços pelos desportos se regeneram. Não há quem se afoite a lhes negar os benefícios por este lado.⁸¹⁸

Mas a disciplinarização requerida ia além do que se pregava na época, uma vez que, para o cronista, não se deveria permitir nem mesmo a liberdade de livre associação que o

⁸¹⁷ LAFA, 1918, p. 3.

⁸¹⁸ AZEVEDO, 1915, p. 65.

esporte propiciava. A necessidade de regulação requerida pela lealdade imposta era uma forma de construir uma “ordem”, “um só pensamento”, para o “progresso” da sociedade.⁸¹⁹

Além dessas representações, *O Treno* trouxe diferentes informações do esporte, como entrevistas com o presidente da Liga, notícias sobre a Liga, sobre campeonatos e jogos, os *sportmen* da semana, além de versos e humorismos com os jogadores, como a seção “Off-sides” no amor.

Sobre o campeonato de 1918, o jornal citava o jogo do *America* com o *Yale* que marcava o seu início, bem como os times inscritos, *America*, *Athletico*, *Villa Nova*, *Sete de Setembro*, *Yale* e *Luzitano*, que se apresentaram com o 1º e o 2º *teams*. O quadro de juizes que serviriam durante a temporada também foi citado, onde figuravam dois representantes de cada clube.⁸²⁰

Nas narrativas sobre os jogos, *O Treno* passou a detalhar horários de acontecimentos importantes das partidas, como na partida entre o *Athletico* e o *Sport*: “varando-lhe o *goal* pela segunda vez as 5 horas e dois minutos, com um *shoot* de Ernani, terminando o encontro como o score de 2X0”. A reportagem apresentava, ainda, uma síntese final:

Durante o *match* verificou, contra o *Athetico*, no 1º half-time: 2 *corners*, 1 *fouls*, 3 *offi sides* e 1 *hands*, no 2º half-time: 1 *corners*, 1 *fouls*, 3 *offi-sides* e 1 *hands*. no 2º half-time: 1 *corners*, 3 *fouls*, 1 *off-side* e 3 *hands*. O *Sport* teve, no 1º half-time: 2 *corners*, 1 *fouls*, 1 *off-side* e 2 *hands*, e no 2º half-times: 3 *corners*, 3 *fouls* e 1 *hands*.⁸²¹

Os corpos femininos aparecem no *O Treno* somente como torcedoras. O jornal criou uma seção intitulada FOX, na qual eram valorizadas não as suas habilidades como *sportwomen*, mas a “beleza e a graça feminina” de torcedoras de algum time da cidade. Assim, o sexo feminino era representado no jornal não numa situação de jogo, mas nas seções do *Odeon Cinema*, que inspirou o nome da coluna, “em virtude de, em taes noites convergir para lá, de todos os pontos de nossa ‘urbs’, o que, no genero, a sociedade horizontina possúe de mais bello, mais elegante e mais selecto”.⁸²²

Com *O Treno* apareceram outras modalidade denominadas *sport* que não foram retratadas anteriormente. Na sua coluna, “Vocação Sportiva”, o cronista narra que “todo indivíduo tem sua vocação para um sport qualquer. Quem não a tem para o ‘foot-ball’, tem

⁸¹⁹ Ordem e progresso é o binômio essencial do positivismo.

⁸²⁰ O CAMPEONATO deste ano, 3 abr. 1918, p. 2.

⁸²¹ O TRENO, 30 mar. 1918, p. 2.

⁸²² O TRENO, 30 mar. 1918. Secção Fox, p. 2.

para o ‘tennis’, corrida em sacco, corrida de ganço, páo de cebo etc, o facto é que não ha quem não tem a sua vocação”. Essas atividades, com exceção do ténis, apesar de terem sido consideradas *sport*, pelo carácter de diversão e competição na época, nunca chegaram a se constituir efetivamente em esporte.⁸²³

O *Club de Sports Hygienicos*, criado em 1913, que aparece no *Minas Gerais* de outubro de 1917⁸²⁴ convocando seus associados para uma reunião em que seria discutida a reorganização do mesmo, é citado no *O Treno* como uma sociedade extinta. Tal como a maioria de clubes na cidade, teve uma vida efêmera. Na nota intitulada “Vida Sportiva”, o jornal relatava que o presidente da Liga, Dr. Marcondes Ferraz, havia conseguido a cessão do terreno do “antigo” *Sports Hygienicos*, localizado no Parque, no qual mandaria construir campos de *foot-ball*, de *lawn tennis*, *rink*, tiro ao alvo, etc.⁸²⁵ O campo de *lawn tennis* e o *rink* só foram construídos no Parque em 1926. A Liga Mineira, que deveria dirigir esportes terrestres, e não só o *football*, já aparecia tentando promover outras modalidades esportivas. Notícias sobre o tiro foram dadas pelo *Diario de Minas*, em novembro de 1917, quando a Liga Mineira “exclusivamente composta de rapazes pertencentes aos clubs sportivos” a ela filiados havia fundado, na capital, uma linha de tiro.⁸²⁶

Como forma de auxílio na gestão do esporte no Estado, a Liga Mineira havia instituído uma “subliga”, na cidade de Juiz de Fora, que também aparecia nas páginas de *O Treno*. Um jogo que mereceu grande destaque no jornal foi a disputa de uma taça oferecida pelo prefeito da cidade, Afonso Vaz de Mello, que a Liga achou por bem fazer a disputa entre os *scratches* da Liga e da Subliga. Com a desistência da Subliga de participar do jogo, foi proposto em encontro entre o *scratch* da Liga e o campeão de Bello Horizonte, o *America Foot-ball Club*, para a disputa da Taça Dr. Vaz de Mello. Essa decisão foi significativa para explicitar a animosidade que vinha existindo na cidade entre o *Athletico* e o *America*, uma vez que o *Athletico* negou participar com alguns jogadores no *scratch* da liga. Como a disputa da Taça era o marco do início do Campeonato de 1918, o jogo foi realizado sem a participação dos jogadores do *Athletico*.

Assim, *O Treno* não mudou a linha que vinha sendo seguida pela imprensa na cidade. Mantendo um discurso afinado com ideais positivistas que fundaram a cidade, o jornal

⁸²³ VOCAÇÃO sportiva. *O Treno*, 30 mar. 1918, p. 1.

⁸²⁴ CLUB dos Sports Hygienicos, 14 out. 1917, p. 7.

⁸²⁵ VOCAÇÃO sportiva. *O Treno*, 30 mar. 1918, p. 3.

⁸²⁶ LINHA de tiro, 1917, p. 1.

continuou mostrando práticas elitizadas, restritas e excludentes. Com uma proposta de um jornal esportivo e literário, manteve-se essencialmente esportivo nas suas edições.

6.6 A LIGA MINEIRA DE DESPORTOS TERRESTRES

A *Liga Mineira de Sports Athleticos*, a partir de dezembro de 1917, aparece na imprensa como *Liga Mineira de Desportos Terrestres*.⁸²⁷

Não foram encontradas fontes que pudessem esclarecer a mudança, mas algumas evidências podem indicar uma situação de crise. Segundo *O Foot-ball*, a *Liga Mineira de Sports Athleticos* poderia ter vivenciado uma crise em 1917. A referência aparece em forma de trocadilho, mas pode indicar tal fato.

Terminou a crise da Liga Mineira, bastante censurada pela imprensa carioca. Não damos razão a taes censuras; com a crise dos ‘minérios’ e sendo estes os formadores das ‘ligas’, só podia haver ‘crise na Liga Mineira...’
E tudo se desvendou:

Os delegado da CBD – Marcondes Ferraz e Heitor Luz desvendaram todos os defeitos da crise mineira.

O Heitor fazendo ‘luz’ sobre o caso ‘marca onde’ havia briga e a crise acabou.

Foi ‘d’efeito’ a tal delegação.
(Do D. Quixote)

Na mesma época, a *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* do Rio de Janeiro passou por uma reforma, depois de uma série de acusações de suborno. Foi substituída pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres,⁸²⁸ uma denominação que pode ser sugerida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para suas ligas filiadas.

A *Liga Mineira de Sports Athleticos*, que aparecia na imprensa até 7 de dezembro com essa designação e que era composta somente por uma Diretoria, se apresentou diferente depois da Liga Mineira de Desportos Terrestres, que, além da Diretoria, possuía um Conselho Superior, um Conselho Divisional e Comissões Técnicas (informação, sindicância e

⁸²⁷ TORNEIO de..., 1917, p. 2.

⁸²⁸ Cf. em www.fferj.com.br/Federação/ahistoria.htm.

desportos).⁸²⁹ Dessa forma, ela passou a ter diferentes poderes instituídos para dirigir o esporte na cidade.

Uma de suas preocupações foi atrair para os jogos o público, que, pelas desavenças ocorridas durante suas realizações, andava afastado.

A falta de concorrência do bello sex[o] nos jogos de campeonato da L.M.D.T., é um assunto que merece especial atenção por parte dos seus diretores, uma vez que é do domínio de todos o motivo de semelhante desersão.

Os *matches* de *foot ball* que até a pouco tempo eram tidos como uma diversão agradável, não passam hoje de um espantinho, principalmente para as fam[ílias], pois, raro é o jogo que não apparecem dissidências, que entre os proprios *players* dos Clubs disputantes, quer entre os espectadores.

Estamos certos que o actual e operoso presidente da Liga, dr. Marcondes Ferraz, providenciará em anno vindouro, de modo que as partidas de campeonato tornem um ponto de reunião attrahente, banindo de vez rivalidades agressivas, que são o entrave do progresso do jogo.⁸³⁰

Competições interestaduais passaram a ser organizadas pela liga, consideradas pela imprensa como “um grande impulso a nossa vida esportiva que, graças aos esforços do Dr. Marcondes Ferraz”, seu presidente, vinha “se intensificando extraordinariamente”.⁸³¹ Um jogo esperado para a conquista de um grande público foi a disputa do *sratch* mineiro e o carioca, no qual se disputou a *Taça Delfim Moreira*, ofertada pelo chefe do governo mineiro. No mesmo ano, foi organizado outro encontro entre as seleções mineira e carioca, que despertou grande interesse popular. A imprensa comentou sobre o fato, mas, mesmo assim, não deixou de destacar a “alta sociedade” presente, como na reportagem de *A Semana*:

Em Bello Horizonte, onde o football até então era olhado com certo descaso, ao que parece, a pratica do belíssimo e salutar sport inglez começa a despertar a curiosidade popular.

É prova disso a immensa multidão que, domingo, foi assistir ao grande desfecho. Nunca o Prado Mineiro assumiu proporções tamanhas, nunca o nosso meio sportivo se achou tão entusiasmado.

Dis-se que semelhante massa popular foi obra do inesperado.

⁸²⁹ O TRENO, 13 abr. 1918, p. 3.

⁸³⁰ SPORTS. *Correio da Tarde*, 12 dez 1917, p. 2.

⁸³¹ SPORTS. *Diario de Minas*, 3 mar. 1918, p. 2.

As archibancadas estavam replectas, atonetadas; a parte térrea do pavilhão ocupada por completo e, bem assim, todas as demais dependências da nossa praça de sports, a ponto de causar quase um desassocego geral, taes os apertos que se recebiam freqüentemente de um e de outro lado.

A alta sociedade, o belo sexo, – em summa, tudo concorreu para realçar os grandes festejos de domingo.⁸³²

O *football* já conquistara a população belo-horizontina, atingindo uma popularidade ainda não revelada pela imprensa. Essa popularização pode ser vista, também, como uma das marcas de sua consolidação na cultura da cidade.

Além de jogos interestaduais entre clubes cariocas e mineiros, os clubes da cidade aparecem em disputas com diferentes times de cidades do interior do Estado.

Assim, o esporte, especialmente o *football*, continuou a se expandir na cidade, o que podia ser avaliado pelo aparecimento de novos clubes naquele final da década de 1910, como: *Alagoano Football Club*, *Americano F. C.*, *Hellenico F. C.*, *Progresso*, *Ipanema F.*, *Guarany* e *Nacional F. C.*

O crescimento do número de times fez com que o Campeonato de 1920 fosse disputado em duas divisões. Na primeira, jogaram *Athetico*, *America*, *Yale*, *Sete de Setembro*, *Sport Club Luzitano* e *Guarany*, com seus 1º e 2º times, e o *Alves Nogueira* de Sabará, que disputou só o campeonato dos 1ºs times. Na segunda divisão estavam: *Progresso*, *Hellenico*, *Cristovão Colombo*, *Ipanema* e *Palmeiras*.

O desenvolvimento do esporte e, conseqüentemente da imprensa esportiva, levou à criação, em 1919, da *Associação Mineira de Chronistas Sportivos* (AMCS), que foi reconhecida pela Liga em 6 de novembro de 1919, na qual a Assembléia resolveu:

Reconhecer unanimemente a Associação Mineira dos Chronistas Desportivos com séde nesta capital como de utilidade á Liga Mineira, tendo em vista o altruistico fim por ella collimado que é o de, pela imprensa e por todos os meios ao seu alcance, propugnar desenteressadamente ao Lado da Liga, em prol da educação physica e moral da mocidade patrícia, e pelo engrandecimento do desporto em geral. Nessas condições, foram-lhe conferidas pela assembléa as mesmas regalias dos clubs filiados a essa entidade, independentemente de qualquer onus para a sua caixa social.⁸³³

É interessante observar que o *football* na cidade era jogado e dirigido por um mesmo grupo, que participava de todas as questões a ele aliadas. Faziam parte da AMCS, Negrão de

⁸³² FOOTBALL. *A Semana*, 16 ago. 1919.

⁸³³ VIDA sportiva. *Diario de Minas*, 6 nov. 1920, p. 5.

Lima, Minote Mucelli, Antônio Alves, Hermeto Junior, Tolentino Miraglia, Moreira Coelho e Carlos Quadros, dentre outros, dos quais alguns nomes aparecem em composição dos conselhos da Liga como árbitros e como jogadores.

A partir a criação da AMCS, as notícias esportivas passaram a ser mais freqüentes nas páginas dos jornais, que noticiavam quase que diariamente a vida esportiva na cidade. As reportagens também ganharam maiores espaços, nos quais mais detalhes de jogos eram divulgados pelos cronistas. Havia, até mesmo, a descrição de todo o “movimento técnico” do jogo.

É o seguinte o movimento técnico do match América X Sete de Setembro:
 2 e 45 – saída América
 2 e 47 – hands Tônico (AM)
 2 e 49 – hands Taboada (Set)
 2 e 50 – foul (Sete)
 2 e 51 – corner “ [...]”⁸³⁴

Além disso, os cronistas passaram a fazer palpites sobre os jogos dos primeiros e segundos times, e instituíram também um torneio de palpites:

Os palpites dados pelos sócios da A. M. C. D. para os jogos de hoje são os seguintes:
 América X Athletico:
 Negrão de Lima, America 2 X 1 e América 4 X 0;
 Minotti Mucelli, Empate 1 X 1 e empate 1 X 1;
 Antônio Alves, Empate 2 X 2 e America 3X1;
 Tolentino Miraglia, America 4 X 1 e América 3 X 2;
 Hermeto Junior, America 2 X 1 e America 1 X 0;
 Moreira Coelho, Athletico 2 X 1 e America 3 X 1⁸³⁵

Alguns jogos eram representados pelos cronistas com tantos detalhes que até um pequeno currículo dos jogadores mostrando em que times haviam atuado era apresentado, como no jogo realizado no Prado Mineiro, entre Bello Horizonte e Juiz de Fora, que mereceu grande espaço nas páginas do *Diario de Minas*.⁸³⁶

Entre as ações da AMCS, também figurou a organização do *Torneio Acadêmico de Football*, do qual participaram todas as escolas superiores da capital.⁸³⁷

⁸³⁴ AINDA o match.... *Diario de Minas*, 20 out. 1920.

⁸³⁵ VIDA sportiva. *Diario de Minas*, 31 out. 1920, p. 2-3.

⁸³⁶ VIDA sportiva. *Diario de Minas*, 5 set. 1920, p. 3.

⁸³⁷ VIDA sportiva. *Diario de Minas*, 17 set. 1920, p. 3.

Assim, naquele final da década de 1910, o esporte, especialmente o *football*, já se consolidara na cidade. Espaços até então conquistados para a sua prática já começavam a ser questionados, passando a ser discutida a importância de se construir outros condizentes com o seu nível de desenvolvimento. A iniciativa nesse sentido partiu do *America Football Club*, o campeão da cidade, após a conquista definitiva do seu terreno. Segundo Abílio Barreto, em 6 de outubro de 1920, a Lei do Conselho n. 187:

Autoriza a concessão ao ‘America Footbaal_(sic) Club’ mediante prova de sua organização e pelo prazo estabelecido nas leis vigentes, o terreno que atualmente ocupa ou outro que for julgado conveniente aos interesses da Prefeitura, para nele a referida sociedade estabelecer o seu campo de esportes, com arquibancadas etc.⁸³⁸

Abílio ainda completa que, em 9 de dezembro de 1920, “era assinada no gabinete do prefeito a escritura de cessão do campo da Avenida Paraopeba ao América Foot-bal_(sic) Club”.⁸³⁹

Essa conquista movimentou a direção do clube, que, em dezembro de 1920, fez várias reuniões para decidir sobre a construção campo, como mostra o *Diario de Minas*:

O primeiro objectivo da sessão de hoje, já pela segunda vez convocada, é a discussão das primeiras providências a serem tomadas para a construção do campo.

O glorioso club americano, que tantas e tão merecidas victorias tem obtido, pretende agora encetar essa campanha que há de trazer reaes benefícios para todo o sport horizontino.

Para tanto, é necessario, porém, o esforço incansável de todos os associados e o apoio de todos aquelles que sabem apreciar, com a devida justiça, o valor e as vantagens do sportismo na educação physica e moral da mocidade.

É tendo em vista esse escopo que a directoria do America faz realizar hoje a assembleia geral annunciada, esperando o comportamento da maioria dos socios.⁸⁴⁰

Esse iria ser o primeiro campo gramado, e o mais importante é que seria localizado no centro da cidade, diferente do Prado Mineiro, que era um campo térreo, duro, cheio de poeira e de desconforto, principalmente pela distância do centro da cidade, que era agravada pela escassez de transporte.

⁸³⁸ BARRETO, Abílio. Dicionário..., [s.d.].

⁸³⁹ BARRETO, Abílio. Dicionário..., [s.d.].

⁸⁴⁰ VIDA sportiva. *Diario de Minas*, 15 dez. 1920, p. 2.

Assim, com o discurso higienista do seu valor para o desenvolvimento da educação física e moral da mocidade, o esporte foi se constituindo e se enraizando em Belo Horizonte, naquelas duas primeiras décadas do século XX, como uma prática de lazer elitista. Somente no final desse período, como indicado neste capítulo, é que ele apresentou sinais de sua expansão, com acenos de popularização, caracterizada essencialmente no *football*, que mostrava já fazer parte do interesse de grande parcela da população da cidade, uma vez que foi a prática esportiva que efetivamente se enraizou na cidade.

O que se pode avaliar sobre a imprensa esportiva nesse período é que, perpetuando os valores do projeto de modernização positivista-republicano que permeou a construção da cidade, ela não deu visibilidade para sua prática popularizada, divulgando somente representações com um perfil aristocrático e elitista. Desconsiderando a prática do jogo pelas classes populares da cidade, ela distinguia somente a força que o esporte ganhava nos círculos elegantes dos moradores da sua zona urbana. Mesmo quando passou a citar diferentes clubes que apareceram no final dessa década, ela somente se empenhava em dar notícias sobre os jogos, não sendo, assim, possível, distinguir quem eram e de onde vinham as pessoas que faziam parte dessas associações.

Mesmo diante da recusa da imprensa em mostrar a apropriação do esporte pelas camadas populares da cidade, naquele final da década de 1920, pelo imaginário urbano construído por ela, que foi um espectador privilegiado do vivido na cidade, os sintomas de uma consolidação do esporte na cultura urbana de Belo Horizonte podem ser avaliados.

Em suma, as primeiras décadas do século XX foram caracterizadas pelo movimento de constituição do campo esportivo na cidade, permeado por interesses de diferentes atores sociais que foram fazendo de Belo Horizonte uma cidade esportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Belo Horizonte é uma cidade com especificidades interessantes para se compreender, na sua história, a relação entre os fenômenos considerados modernos – a cidade, o lazer e o esporte –, pois foi construída como vitrina da modernidade. Se o esporte e o lazer são também expressões dessa modernidade, ao se juntarem, transformaram-se em instigante objeto de pesquisa para o entendimento dessa relação.

E foi a partir dela que procurei investigar a constituição e o enraizamento do esporte como uma forma de lazer na cidade e sua relação na construção da cultura urbana, no final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. A intenção foi acompanhar as iniciativas que permearam a construção do campo esportivo nos seus momentos iniciais.

Como uma cidade que foi arquitetada e construída de forma oficial pelo Poder Público para ser a capital moderna e progressista do Estado de Minas Gerais, após a Proclamação da República no Brasil, Belo Horizonte foi projetada como uma forma de fazer uma ruptura com o passado colonial, que caracterizava a antiga capital Ouro Preto. Criada por um projeto cujo papel civilizador acompanhava as circunstâncias modernizadoras da República, Belo Horizonte foi idealizada com base em um plano construído exteriormente à realidade espacial em que seria implantado, partindo da premissa de que a sociedade deveria se moldar ao espaço estruturado.

Assim, a cidade idealizada no projeto de criação, realizado pela CCNC, previa um ordenamento espacial vinculado à ordenação social de sua ocupação. Com isso, seus habitantes deveriam desvencilhar-se de hábitos antigos característicos do período colonial e aprender outros, modernos, que marcariam uma nova civilização, que teria como referência a Capital Federal e a Europa. Dessa forma, dentre as pretensões dos “produtores do espaço”, estava o interesse de que a capital de Minas fosse uma cidade não somente construída em padrões modernos, mas também habitada por corpos saudáveis, de hábitos de lazeres civilizados, de acordo com os valores na época.

No entanto, a cidade projetada para uma implantação gradativa com vista à transformação e ao crescimento contínuo, com base em uma estrutura que daria ordem ao conjunto, não foi se constituindo como o idealizado. Seu desenvolvimento foi sendo modificado pela dinâmica que se estabeleceu entre as suas diferentes classes sociais, desde o início do processo de ocupação do seu espaço, que transformaram a cidade. Foram se

desenvolvendo forças antagônicas que criaram verdadeiros “abismos” entre uma cidade racionalmente urbanizada, que se fazia no interior da Avenida Contorno, e outra, que, à revelia do plano inicial, ia se fazendo na periferia, de forma espontânea. As contradições foram progressivamente atingindo limites irremediáveis em todas as esferas da sua cultura.

Mas como “coisa dos homens”, a cidade de Belo Horizonte foi se constituindo não somente pelos valores impostos por seus idealizadores, mas também por aqueles que surgiam da vontade de todos os habitantes que dela se apropriaram. Mesmo ciente de que a cidade, em nenhum momento, pode ser dissociada da sociedade que a produz e em uma análise sobre ela as relações entre a cidade e a sociedade devem ser vistas como um caminho de mão dupla, procurei, inicialmente, analisar a cidade partindo do espaço sonhado, desejado e/ou imposto por um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade, proposto pelos “produtores do espaço”. Nessa perspectiva, na cidade idealizada, foram propostos novos hábitos para fazerem parte de sua cultura. Essa constatação foi feita a partir dos espaços projetados para práticas de lazer, dentre elas o esporte, que foram concebidos como uma forma de divertimento moderno para a cidade.

Partindo da Planta Geral da cidade, elaborada pela CCNC, encontrei projetados o Parque Municipal, o Hipódromo, o Jardim Zoológico, além de algumas praças, que trariam para a cidade diversões saudáveis, ao ar livre, de acordo com argumentos higiênicos ressaltados e valorizados naquele final de século. Esses argumentos estavam representados no social visível – espaços e corpos; e no invisível – ar e costumes.⁸⁴¹

Mesmo sendo uma cidade que se pretendia moderna, seus habitantes demoraram a assimilar esses hábitos, uma vez que preferiam ficar em casa a conviver nos espaços de sociabilidade. Era assunto recorrente em crônicas e notas de jornais o marasmo que nela reinava. Mas a cidade moderna que foi “sonhada” por seus produtores oficiais do espaço foi se constituindo aos poucos não somente numa cidade real, que valorizava práticas sociais em conformidade com os valores do mundo moderno, já pautadas por segregações que se faziam notar em todas as suas esferas, mas também numa cidade real, vivida por seus antigos e novos moradores, que, de acordo com os seus interesses, iam se apropriando de seus espaços e valorizando tanto os velhos como criando novos valores. Esse movimento de constituição da sua cultura foi se fazendo por uma tensão entre o projetado e o praticado.

A palavra “lazer” ainda não fazia parte do vocabulário na época e os termos encontrados nas representações sobre ele eram: divertimento, entretenimento, alimento do

⁸⁴¹ Uso aqui uma interpretação de Sant’Anna (1996, p. 125).

espírito, derivativo salutar, recreio, distração e gáudio. Somente o plural lazeres aparece em algumas situações. A ele se relacionavam atividades lúdicas, realizadas no tempo livre de obrigações, que se apresentassem de forma moralmente aceita.

Entre esses divertimentos estavam os passeios pelo Parque, os clubes, o teatro, as idas à biblioteca e o *footing*, mas continuavam ainda a ser valorizados pelos seus habitantes as festas religiosas, as touradas e o circo, dentre outros. O cinema teve grande atratividade na década de 1910.

Se transformar a cidade em um centro cultural privilegiado era um desejo de seus idealizadores, suas elites procuravam valorizar hábitos e costumes das grandes metrópoles. Enquanto buscavam, cada vez mais, oportunidade de se divertirem em teatros, clubes e espaços criados especificamente para esse fim, os divertimentos dos que não faziam parte desse grupo seletivo continuavam a ser as festas religiosas, as touradas; ou aconteciam na rua e nos bares e eram sempre foco de perseguição policial. Assim, no lazer, as desigualdades de tratamento para as diferentes camadas sociais eram também decorrentes do modelo imposto no projeto da cidade que, além de delimitar os espaços, excluía aqueles não “eleitos” para usufruir os prazeres que a cidade podia oferecer. Essa exclusão levava a constantes tensões provocadas pela busca do direito à cidade pelas camadas populares, cujas atitudes eram taxadas como não civilizadas e inconvenientes aos padrões exigidos pelas elites.

E entre os prazeres estava o esporte. Na cidade sonhada pela CCNC, havia espaços projetados para promover práticas esportivas, que eram sucesso no mundo civilizado, como um velódromo para o ciclismo e um hipódromo para o turfe.

O ciclismo, considerado um “moderníssimo” gênero de esporte, foi um dos principais meios de diversão nos anos iniciais da cidade, tendo como seu incentivador o engenheiro Fernando Esquerdo, que prestava serviços à CCNC. Realizado no velódromo criado no Parque Municipal, foi usado inicialmente como forma de sofisticação da vida social da cidade, despertando grande interesse por parte da elite, por ser uma diversão “fina”, “elegante” e “útil” pelo valor higiênico do seu exercício físico. Não teve participação popular, mas se tornou uma diversão para aqueles que, mesmo do lado de fora do gradil do parque, assistiam às corridas com olhares curiosos. Era um esporte em que somente os *sportmen* participavam de competições, mas foi se constituindo em uma prática higiênica, feita tanto por corpos masculinos quanto por femininos. Sua organização esportiva apresentou somente uma fase embrionária. Apesar de possuir espaço próprio e ter se institucionalizado no *Velo Club*, o ciclismo não possuía regras próprias, uma vez que usava o modelo do turfe nas suas

corridas. Em suma, foi uma prática esportiva que não chegou a se enraizar na cidade, naqueles anos iniciais. Despertou o interesse dos belo-horizontinos por pouco tempo, enquanto novidade, tendo contribuído somente para propiciar divertimento e imprimir na cidade a imagem do espetáculo.

O turfe foi iniciado após várias tentativas de organização, em 1906, com a inauguração do Prado Mineiro, no espaço reservado pela CCNC. As representações destacadas nos sonhos dessa comissão, ao projetar um hipódromo para a cidade, estavam associadas à distinção que ele poderia trazer não somente àqueles que dele participassem, com vestimentas elegantes, a exemplo dos eventos ingleses e franceses, mas também para a cidade que o promoveria. Além de representar um meio de distinção e *status*, era também uma possibilidade de realização de negócios para as elites. Considerado esporte, o turfe não possuía as características de uma prática esportiva moderna, pois não era uma atividade que exigia exercícios físicos salutar e higiênicos de seus *sportmen*, uma vez que ele não era aquele que se envolvia diretamente nas provas, montando os cavalos, mas, sim, o criador dos cavalos, financiador e organizador dos páreos, que dirigia o espetáculo da tribuna. Como jogo de apostas poderia ter sido um grande estímulo para os mineiros, mas estes não se mostraram interessados, a não ser enquanto era ainda uma novidade na cidade. Os cronistas constantemente procuravam desqualificar a população que não queria participar dessa nova forma de diversão na capital, por preferir os espaços domésticos. Essa atitude da população mineira, que possuía valores ainda de outro tempo e de outro lugar, podia ser uma forma de subversão, ou uma recusa, ou mesmo uma forma de rejeição a valores de uma nova cultura imposta, que não possuía atrativo suficiente para sua prática.

Em suma, tanto o ciclismo como o turfe foram modalidades esportivas que se fizeram presentes na cultura da cidade somente em curto espaço de tempo. A visão idealizada da cidade, refinada, moderna, bonita e, sobretudo, repleta de divertimentos que as práticas esportivas escolhidas pela CCNC poderiam oferecer se concretizou, mas de maneira efêmera, não se enraizando na sua cultura, apesar de esforços nesse sentido.

Várias outras práticas, denominadas esporte, surgiram na cidade a partir do interesse de seus habitantes. É importante destacar que tanto as práticas esportivas como todas as atividades a elas relacionadas, durante todo o período estudado, eram identificadas por seus termos ingleses. Essa era uma forma de reproduzir na cidade os costumes ingleses, que em Belo Horizonte foram gradativamente fazendo parte da cultura.

Dentre elas estava o *football*, modalidade esportiva que, além de ter tido maior desenvolvimento e efetivamente se enraizar na cultura da cidade, foi responsável por mudar a sua imagem, uma vez que os belo-horizontinos, especialmente da sua elite, ao se apropriarem de alguns espaços na/da cidade, criaram lugares específicos para sua prática. A antiga Avenida Paraopeba, hoje Augusto de Lima, podia ser vista como o lugar do *football* na cidade, pois a maioria dos clubes criados estabeleceu ali seus campos.

Trazido para a cidade em 1904 por um carioca acadêmico de Direito, que o havia aprendido na Suíça, o *football* foi despertando, gradativamente, o interesse do povo mineiro. Mesmo sendo uma prática criada em razão do interesse dos habitantes da cidade, também vivenciou um período de declínio, marcado pelo desaparecimento da maioria dos seus clubes esportivos. Mas o *football* foi o esporte que entrou na cidade e nela se manteve presente, ainda que suas iniciativas fossem efêmeras inicialmente.

Como um dos interesses iniciais da pesquisa foi saber que práticas eram consideradas esporte na cidade, encontrei na cultura urbana, naquele início de século, referências ao *lawn tennis*, à patinação, à luta romana e ao boxe, ao tiro e à caça, à natação e regatas, e à ginástica. Na cultura escolar foram ainda identificadas: o *basketball*, o *volleyball*, o *hockey* e o *cricket*. Apareceram nessa categoria também a corrida de saco, a corrida de ganso e o pau-de-sebo.

Essas diferentes práticas se apropriaram da cidade e foram por ela apropriadas, inscrevendo-se em lugares sociais específicos, com funções e finalidades específicas. Organizadas em sua maioria pelos setores dominantes da população, eram uma tentativa de copiar práticas associadas ao estilo de vida civilizado europeu, e que, por isso, eram valorizadas e recebiam grande apoio do Poder Público para as suas realizações. Mas nessa apropriação surgiram “lugares” de práticas esportivas que nem sempre foram criados sem tensões, como propõe Chartier,⁸⁴² entre os diferentes habitantes da cidade, principalmente quando a apropriação era feita pela inventividade de populares que desejavam usufruir espaços na zona urbana, mas eram sempre cercados de constrangimentos que os limitavam.

Dentre as modalidades esportivas que apareceram na cidade, as representações do *lawn tennis*, um esporte que possuía grande atratividade para as elites inglesas como uma prática elegante, sadia e civilizada, fez com que ele também fosse valorizado pela elite mineira. Apesar de constar como prática objetivada em estatutos de vários clubes criados na cidade, ela efetivamente foi ser praticada, inicialmente, pelos associados do *Club de Sports Hygienicos*, criado no Parque, em 1913, por um grupo de médicos. A proximidade com outra

⁸⁴² CHARTIER, 1994.

modalidade esportiva valorizada pelos ingleses – o *croquet* – fez com que essas duas modalidades se apresentassem como práticas valorizadas pela elite mineira. Mas a presença do *croquet* na cidade foi percebida somente por meio de fotografias publicadas na revista *Vita*, uma vez que o esporte não aparece referenciado em nenhuma das fontes consultadas. O *tennis*, como já era denominado da década de 1920, momento em que efetivamente se enraizou na cidade como uma prática predileta da elite, muito embrionariamente se fez presente na capital nos meados da década de 1910, praticado no *Club de Sports Hygienicos*, no colégio dos ingleses – o Anglo-Mineiro – e pelas alunas da Escola Normal.

Já o patins teve sua criação ligada ao Poder Público, que construiu um *rink* de patinação na Praça da Liberdade, em 1913, como forma de atrair para os jardins públicos os belo-horizontinos que, até aquele momento, ainda não valorizavam aqueles espaços como lugares de diversão. Identificado como esporte, não se pode dizer que a patinação, naquela época, possuísse característica do esporte moderno, pois não era uma atividade competitiva. Constituiu-se somente como um espaço – o *rink* – onde as pessoas podiam se exercitar de forma prazerosa e saudável. Como quase todas as iniciativas propostas para a cidade, também teve uma vida efêmera.

A luta romana e o boxe apareceram na cidade em 1913, apropriadas por casas de espetáculos que conseguiam despertar o interesse dos habitantes da cidade por suas apresentações, que eram motivadas pela presença de lutadores campeões estrangeiros e nacionais. Usados somente como espetáculos ocasionais, tanto a luta como o boxe também não se consolidaram na cultura da cidade naquele período.

Os interesses no tiro e, conseqüentemente, na caça foram revelados desde os anos iniciais da cidade. A caça aparece como prática de todas as classes sociais, tanto por homens como por algumas mulheres. Aliado ao gosto da caça, a cidade experimentou, a partir de 1902, a educação para o tiro. A motivação inicial era para uma preparação bélica, mas muitas pessoas se interessavam por ele como um exercício esportivo. O tiro foi também apropriado por uma casa de espetáculos como uma das suas promoções. Mesmo sendo denominados de esporte, a caça e o tiro não constituíram uma prática esportiva, pois não atendiam aos pressupostos colocados para serem classificados como tal.

Como uma cidade cercada por montanhas, a natação e as regatas demoraram a se fazer presentes em Belo Horizonte, diferentemente de no Rio de Janeiro, uma cidade litorânea, e em São Paulo, por suas condições fluviais. A primeira piscina construída foi o “tanque de natação” do colégio Anglo-Mineiro, em 1914, mas alguns ensaios foram feitos por

competições realizadas improvisadamente nos lagos do Parque Municipal. A natação somente se desenvolveu na cidade depois de 1930, com a construção de piscinas em seus clubes. Já as regatas, utilizadas inicialmente como atividades lúdicas nos lagos do Parque, se organizaram como uma prática esportiva somente na década de 1940, com a lagoa da Pampulha.

Vista como uma atividade que endireitava, robustecia e fortalecia corpos infantis e adultos, uma atividade higiênica importante para conformar corpos desejados naquele início de século, a ginástica também foi considerada esporte. Constituída inicialmente como componente curricular de ensino nas escolas – a *Gymnastica* –, foi uma prática que contou com jogos esportivos no seu programa somente na segunda metade da década de 1910. Fora do contexto escolar, ela aparece como um dos “ramos do esporte” e foi proposta como uma das atividades da primeira academia da cidade – o Centro de Cultura Physica “Olavo Bilac”. Naquele momento ela era somente uma prática de exercícios, não se enquadrando nas características esportivas, como hoje, em que existem diferentes modalidades de ginástica.

O *basket-ball*, o *voley-ball*, o *hockey* foram práticas esportivas apropriadas como elementos de educação, principalmente na Escola Normal, e que saíram dos muros da escola para se realizarem na cultura urbana da cidade. Desenvolvidas inicialmente por corpos femininos, o *basket-ball* e o *voley-ball* começaram a ser destacados em Belo Horizonte somente no final da década de 1920 e início da década de 1930, o que não aconteceu com o *hockey*. O *cricket*, apesar de constar em estatutos de alguns clubes, não teve representatividade na cidade, uma vez que foi jogado somente pelos professores do colégio Anglo-Mineiro, que convidavam os ingleses da Mina Morro Velho, de Nova Lima, para participarem desses jogos.

Vistas também como esporte, a corrida de saco, a corrida de ganso e o pau-de-sebo eram formas de diversão e competição que nunca chegaram a se constituir como esporte.

Outra modalidade, que hoje é considerada esporte e na época recebeu somente a denominação de jogo, foi a malha. Como jogo popular, realizado nas ruas, principalmente por trabalhadores estrangeiros, a malha nem sequer recebeu o *status* de esporte. Aparece como uma prática que era uma forma de luta pelo direito à cidade, pois recebia críticas de setores dominantes por sua realização nas ruas da cidade.

Assim, foram produzidos diferentes sentidos ao esporte na cidade a partir dos interesses dos atores a ele aliados. Desse modo, a cidade foi envolvida por diferentes representações de esporte, forjadas por esses atores que buscavam legitimar-se na cultura urbana. Dentre elas, sobressai a representação do esporte como uma forma de “recreio e

educação física” para os belo-horizontinos. Diferentes formas de práticas receberam essa representação por serem pautadas pelo ativismo, o exercício, a disputa e a conquista, que promoviam a diversão e tornavam fortes e saudáveis os corpos. Assim, por seus valores educativos e higiênicos, o esporte passou a ser valorizado e aceito como um divertimento organizado e civilizado e a fazer parte dos discursos pedagógicos do corpo.

Para o desenvolvimento do esporte na cultura urbana da cidade, foi preciso educar os corpos para sua prática e organização. Como um lugar que expressava a civilidade, sobretudo depois do século XIX, o corpo deveria receber investimentos que o qualificassem para tal. Nesse sentido, tanto os “produtores do espaço” como “seus consumidores” produziram e reproduziram representações sobre a prática esportiva que se tornaram estratégias que contribuíram para a reordenação da cidade e nela a conformação do campo esportivo.

Inicialmente, a CCNC foi a “grande educadora”⁸⁴³ no sentido de criar a civilização inerente a uma grande cidade, que requeria novos e belos corpos. A organização social, cultural e material que existia no arraial, onde foi edificada Belo Horizonte, teria, aos seus olhos, de ser negada, pois os corpos de seus antigos moradores, “esgrouvinhados, pálidos, anêmicos e tristes como doentes, sem alegrias, nem folguedos próprios e naturais, tendo por consolo as rezas nas Igrejas, os terços e procissões pelas ruas”⁸⁴⁴, não condiziam com a racionalidade desejada para a cidade. O projeto era transformar os corpos e impor novos costumes. Dentre os novos costumes que influenciariam na educação de corpos desejados estava o esporte, ao qual foram reservados espaços específicos na planta da cidade.

Na cidade vivida por seus habitantes, tanto na cultura urbana como na escolar, foram conformados processos educacionais sobre o corpo que propiciaram o desenvolvimento da prática esportiva.

Nos seus espaços de sociabilidade urbana, destaca-se o papel da imprensa, que, ao divulgar representações sobre o esporte e sobre as pessoas que nele atuavam, perspectiva uma verdadeira educação do corpo para sua prática. Como este trabalho foi construído por meio de narrativas do cotidiano urbano belo-horizontino, produzidas principalmente pela imprensa, foi possível perceber os valores da prática esportiva que ela procurava divulgar, difundir e incentivar. Mesmo sob a forma de um discurso restrito e elitista, pôde-se perceber todo o seu processo educativo. A imprensa se apresentava de forma contraditória, pois, ao mesmo tempo em que difundia e incentivava a sua prática, procurava mantê-lo como fruto do interesse do

⁸⁴³ Análise feita por Veiga (2002).

⁸⁴⁴ Descrição do secretário da CCNC Fábio Nunes Leal. (MINAS GERAIS... *Rev. Geral dos Trabalhos*, 1895, p.15.)

high-life belo-horizontino, conformando-o como uma diversão dos circuitos elegantes. E o interesse da elite não era somente a distinção que o esporte conferia, mas, principalmente, o afastamento de grupos não pertencentes ao seu circuito.

Nos espaços escolares, a educação dos gestos e a modificação de hábitos como forma de disseminar novos comportamentos fizeram do corpo um lugar expressivo da civilidade, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da prática civilizada que era o esporte. As escolas belo-horizontinas, destacando-se as que disputavam a preferência da elite da cidade, como o *Gymnasio Mineiro*, Anglo-Mineiro, Arnaldo, Claret, Isabela Hendrix e a Escola Normal, foram lugares não somente responsáveis pela introdução de novas práticas esportivas na cultura urbana da cidade, mas também lugares apropriados para as práticas já nela existentes. Nessas escolas, tanto corpos masculinos como femininos foram educados para o esporte.

Uma influência significativa no processo de constituição do campo esportivo na cidade foi exercida pelo Colégio Anglo-Mineiro, um colégio metodista inglês que atuou durante dois anos – 1914/1915 – na educação mineira, cuja divisa era *mens sana in corpore sano*. Com ele foram divulgados o *cricket*, o *hockey*, além do *lawn tennis*, boxe, esgrima, *football* e a natação. Práticas com gestos e equipamentos desconhecidos dos mineiros faziam parte da sua educação, que procurava conformar os corpos nos valores e gestos da educação inglesa. Nesse processo, algumas resistências podiam ser percebidas nas táticas dos alunos que não obedeciam às leis do lugar, principalmente nas aulas de natação, quando faziam questão de utilizar os seus estilos praticados nos córregos da cidade, para a ira dos professores.

Tanto os colégios católicos, como o Arnaldo e o Claret, como o metodista Isabela Hendrix, dentre outros, começaram também a valorizar o esporte, especialmente o *football*, que naquele momento era visto como uma prática necessária e útil na educação que aqueles colégios queriam promover. Essa visão do *football*, aliada à sua prática prazerosa, era valorizada como uma atividade a ser realizada nos tempos desocupados, principalmente nos colégios internos. Era o esporte sendo utilizado na educação para lazeres úteis e sadios.

Outro papel de destaque nesse processo foi o da Escola Normal, que educou corpos femininos que tiveram realce não somente na escola, como também na cultura urbana da cidade, participando em diferentes práticas esportivas como o *basket-ball*, o *volleyball*, o *lawn tennis* e o *hockey*.

Assim, embora fosse compreendido como uma prática masculina, os corpos femininos também participaram na constituição do campo esportivo. Se inicialmente eram somente espectadores, já tratados como *sportwomen*, no final da década de 1910, passaram a atuar ativamente no esporte. Como espectadora, a presença feminina, principalmente em jogos de *football*, que eram eventos sociais da elite, era sempre incentivada, atendendo aos interesses masculinos, pela motivação que a presença do “belo sexo” trazia aos jogadores. Participavam, ainda, da organização de eventos que extrapolavam o tempo e o espaço do jogo, mas que costumavam ser continuação deles. Sua inserção nas atividades físico-desportivas, inicialmente segregada naquele início do século XX, era preconizada pelo pensamento higienista da época como uma forma de melhorar seu estado de saúde, com o objetivo de gerar filhos mais saudáveis.

Foi se constituindo, aos poucos na cidade, uma verdadeira “civilização esportiva”, como afirma Sevcenko, entendida não como uma prática generalizada de diferentes modalidades esportivas, mas, sim, como a generalização de uma “ética do ativismo, formadora de valores morais.”⁸⁴⁵

No entanto, apesar da existência de diferentes práticas denominadas esporte, a única que efetivamente pode assim ser chamada foi o *football*, por apresentar as características necessárias para constituí-lo como tal: espaços e tempo próprios; calendário de competições; regulamentos; um corpo de legistas capaz de modificá-los, um corpo técnico que foi se especializando; um mercado que foi se constituindo ao seu redor; bem como a popularidade que foi obtendo. Além disso, foi sendo conduzido num universo à parte, com suas instituições, seus juízes, seus administradores e, também, seus heróis.⁸⁴⁶ Foi a única prática esportiva que efetivamente se consolidou e se enraizou na cidade, nas duas primeiras décadas do século XX.

O marco dessa consolidação e desse enraizamento pode ser visto, por um lado, pela criação do primeiro clube, que se caracterizou de forma permanente, e de uma liga perene, que no período foi representado pelo *Athletico Mineiro Foot-ball Club*, que posteriormente veio a se chamar Clube Atlético Mineiro, e pela *Liga Mineira de Sports Athleticos*, que teve sua continuação na Federação Mineira de Futebol. Por outro lado, o movimento de enraizamento pode ser matizado, também, pelo interesse permanente em criar e recriar clubes na cidade.

⁸⁴⁵ SEVCENKO, 1998.

⁸⁴⁶ Características apresentadas por Chartier e Vigarello (1982); Vigarello (2000); Bourdieu (1983).

Como foi se constituindo como um sofisticado modismo, o esporte foi ganhando a simpatia da elite e se tornou a prática esportiva mais distinta, cortês e elegante da cidade. No entanto, com a crescente competitividade que passou a existir com a realização de campeonatos, os *sportmen* foram perdendo a cordialidade e o cavalheirismo até então valorizados, assumindo posturas agressivas e violentas que chegavam a extrapolar os campos e influenciar os habitantes da cidade.

O grande entusiasmo pelo *football* e o seu desenvolvimento foi motivação para a criação dos primeiros jornais esportivos – *O Foot-Ball* e *O Treno* – na segunda metade da década de 1910. Estes constituíram uma forma de incentivo ao esporte, visto como um “atraente e salutar divertimento”. Mas naquele momento já se podia ver aliado a ele um novo sentido – a propaganda patriótica, decorrente das primeiras disputas de brasileiros com times estrangeiros, da força aglutinadora após as tensões vividas na Primeira Guerra Mundial e, principalmente, do investimento da elite intelectual do Brasil na formação da identidade nacional.

Mas, mesmo sendo observado o seu grande desenvolvimento na cidade no final da década de 1910, os jornais esportivos ainda divulgavam as representações em torno dele, destacando somente uma visão anatomofisiológica, centrada no corpo biológico de seus adeptos, ostentando o seu valor somente como um instrumento para o desenvolvimento moral e físico dos indivíduos. Essa visão reafirmava os valores higienistas que permearam os discursos sobre a cidade na época da CCNC – para uma sociedade higiênica e saudável eram necessários corpos sadios e a prática esportiva era uma forma civilizada de conseguir esse objetivo. Destacavam-se, também, os valores que permeavam a administração do esporte, pela sua capacidade de regular, disciplinar e moralizar corpos. Nesse sentido, a imprensa manteve um discurso afinado com os ideais positivistas que fundaram a cidade. Mesmo diante de uma popularização já conquistada pelo esporte, ela não deu visibilidade ao fato, pois até 1920 continuou divulgando somente representações com um perfil aristocrático e elitista.

É interessante observar que o *football* foi se constituindo na cidade pela ação de um grupo da elite, que recebia apoio do Poder Público nas suas realizações, cujos nomes podiam ser encontrados tanto como jogadores, árbitros e cronistas, como na composição dos conselhos da Liga que dirigia o destino do esporte na capital mineira.

Em suma, o que se pode avaliar dos valores associados ao lazer e ao esporte no contexto histórico-social da cidade, até 1920 é que, como fenômenos modernos, eles aqui nasceram e se constituíram, como a cidade, repletos de antagonismos e desigualdades e não

um lugar por excelência da realização da cidadania, pois se revelaram como um o privilégio de classe, um direito de poucos.

No entanto, nas indicações preliminares dos caminhos trilhados pelo esporte a partir de 1920, quando se caracterizou por um verdadeiro *boom* esportivo na cidade, com a criação de vários clubes de *football*, de jornais esportivos e o desenvolvimento de outras modalidades esportivas, o que se pode ver é um *football* que já aparecia na imprensa como uma prática popularizada, com a criação de vários clubes de bairros suburbanos, ligados à classe operária. Com isso, seus jogos foram perdendo sua característica de eventos da elite e se transformando em um espetáculo popular. Mesmo sendo uma prática que inicialmente se caracterizava como elitizada, foi com ela que as classes populares conquistaram o direito ao esporte, ao lazer e à cidade.

Assim, seria interessante analisar a conformação do campo esportivo mediante apropriação da cidade pelas práticas que foram se fazendo não mais elitizadas, e, sim, como um direito de todos, mas essa é uma questão para outra investigação, para outra história.

REFERÊNCIAS

A CAPITAL. Bello Horizonte, 4 ago.1898. Anuncios, p. 3.

A CAPITAL. Bello Horizonte, p. 1, 4 ago.1898. (Nota sem título).

A CORRIDA de domingo. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, p. 2, 10 jul. 1907.

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 1, 18 dez. 1904. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 1, 1 out. 1905. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 1, 18 set. 1904. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 1, 29 jan. 1905. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 1, 5 jul. 1906. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 1, 6 nov. 1904. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 2, 22 jan. 1905. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 2, 29 jan, 1905. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 2, 4 set. 1904. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 3, 20 nov. 1904. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 3, 26 fev. 1905. (Nota sem título).

A EPOCHA. Bello Horizonte, p. 3, 28 ago. 1904. (Nota sem título).

A ESCOLA Americana. *A Capital*, Belo Horizonte, p. 3, 10 mar. 1898.

A ESTAÇÃO. Porto, Portugal, v. 26, n. 1, 15 jan.. 1897.

A EXPOSIÇÃO de animais. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 27 fev. 1908.

A EXPOSIÇÃO de animais. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 29 fev. 1908.

A GAZETA. Belo Horizonte, p. 2, 15 jun. 1915. (Nota sem título).

A GAZETA. Belo Horizonte, p. 3, 21 abr. 1907. (Nota sem título).

A JOGATINA. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 1, 19 jul. 1905.

A NOVA capital de Minas. *A Faísca*, Belo Horizonte, p. 1, 12 dez. 1916.

A PARTIDA do tiro 52 para Curvelo. *A Noticia*, Belo Horizonte, p. 1, 30 dez. 1913.

A PRIMEIRA bola veio da França: como nasceu o Clube Atlético Mineiro, uma concepção de seis garotos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 8, 31 dez. 1949.

A. Perfis: Cyclista. *Jornal do Povo*. Belo Horizonte, p. 1, 14 mar. 1900.

ABEL. A nota esportiva. *As Alterosas*. Belo Horizonte, p. 6, 4 nov. 1916.

ABEL. Nota sportiva. *As Alterosas*. Belo Horizonte, p. 6, 25 dez. 1916.

ABREU, José Cláudio de Almeida. Breve notícia sobre a vida e a produção literária de Abílio Barreto. In: BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. p. 41-50.

ACTA da Assembleia Constituinte da sociedade Prado Mineiro. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 6, 24-25 out. 1904.

AINDA o match America X Sete de Setembro. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 20 out. 1920.

AMERICA F. C. *Minas Sport*, Belo Horizonte, p. 1, 8 nov. 1925.

ANDRADE, Felix. Tiras. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 7 dez. 1907.

AOS TORCEDORES inconvenientes. *O Foot-ball*, Belo Horizonte, p. 2, 21 set. 1917.

ARTHPIN. Notas esportivas. *As Alterosas*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 3, 11 nov. 1916.

ARTHPIN. Sport: A victoria do Athletico. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 8 out. 1915.

ATHAYDE, João Alfredo. Carta assinada por João Alfredo Athayde, endereçada ao Prefeito da capital, em 29 abr. 1902. Documento B preservado na pasta n. 31 da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1902.

ATHLETIC ^(sic) Foot-Ball Club. *O Estado*, Belo Horizonte, p. 2, 18 ago. 1911.

ATHLETICO Mineiro Foot-Ball Club. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 12 dez. 1911.

ATHLETICO Mineiro *versus* Horizontino Foot-Ball Club. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 13 jul. 1910.

AVIAÇÃO em Bellorizonte. *Estado de Minas*, Bellorizonte, p.1, 2 abril 1912.

AZEVEDO, Fernando de. *A poesia do corpo ou a gymnastica escolar: sua história e seu valor*. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1915.

AZEVEDO, Fernando de. *Da educação física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960. 331.

BARRETO, Abílio. *Esportes 1904-1937*. [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 7/061 cx. 36. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 7/061 cx. n.36. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga e história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 2v.

BARRETO, Abílio. Descrição, histórico e comentário de fotografia sobre o Sport-Club do acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, 25 nov. 1944.

BARRETO, Abílio. *Desportos*. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 7/061. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *Dicionário temático de en a es*. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 2/009. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *O passado desportista da capital III – Nasce o futebol na cidade. A fundação e o primeiro jogo público do Sport-Club-Foot-Ball*. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 4/029. Manuscritos.

BARRETO, Abílio. *Os desportos antigos na capital I: Turf Prado Mineiro*. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 4/012. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *Os desportos antigos na capital II: Ciclismo e o Velo Club*. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 4/012. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *Recordar é viver... Os desportos antigos na capital IV*. Belo Horizonte, [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 4/029. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *Resumo histórico de Belo Horizonte-1701-1947*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950. 342p.

BARRETO, Abílio. *Rink de patinação*. [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 7/140, cx. n. 95. Manuscrito.

BARRETO, Abílio. *Societá Sportiva Palestra Itália*, Belo Horizonte. [s.d.]. Museu Histórico Abílio Barreto. ABPi 7/061. Manuscrito.

BASCKO, Bronislaw. A imaginação social. In: ROMANO, Rugiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Antropos-Homem. Trad. port., Lisboa: Casa da Moeda, 1986, v. 5, p.296-332.

BELLO Horizonte. *O Contemporâneo*, Sabará, p. 1, 7 abr. 1895.

BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo prefeito. Benjamim Jacob*. 16 set. 1908. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1908.

BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Relatório de 1899/1902. *Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo prefeito dr. Bernardo Pinto Monteiro*. 12 set. 1899/31 ago. 1902. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1902.

BELLO Horizonte: bilhete postal Coleção Otávio Dias Filho. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, 1997. 203p.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Metrópole: a trajetória de um espaço cultural*. 1993.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria, 9 dez 1904. Documento 2. Pasta 31. Divisão de Patrimônio da PBH.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Termo de contrato feito entre a Prefeitura de Belo Horizonte e a Sociedade Anônima Prado Mineiro, para a construção, uso e gozo de um prado de corridas nesta capital*. 10 jan.1905. Documento B preservado na pasta n. 31, da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BICYCLETTA. *Diario de Minas*, Bello Horizonte, p. 1, 19 fev. 1902.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BOHEMIOS. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, p. 1, 15 jan. 1899.

BOLLE, Willi. *Fisignomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 426p.

BONDES para o Calafate. *O Estado de Minas*, Bello Horizonte, p. 1, 25 mar. 1906.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOX. *A Tarde*, Bello Horizonte, p.1, 8 ago. 1913.

BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 191-205.

BRACHT, Valter. *História do esporte*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1993. (Palestra arquivada em vídeo.)

BRASCH, Rudolph. *How did sports begin? a look at the origins of man at play*. Scotland: Tynron, 1990. 437p.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Reforma do ensino primário e varias instituições complementares da instrução publica*. Parecer e Projecto da Comissão de Instrução Publica. Relator : Rui Barbosa. Sessão de 12 de set. 1882. n.224. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

CAMARGO, Luis Otávio . *O que é o lazer?* 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMPEÃO-MOR. *O Binocular*, Belo Horizonte, p.10, 31 maio 1908.

CAMPEONATO academico de foot-ball. *A Nota*, Belo Horizonte, p. 2,1 set. 1916.

CAMPEONATO academico. *O Foot-ball*, Belo Horizonte, p. 3, 13 set. 1917.

CAMPEONATO da Liga. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 out. 1904. Festas e Diversões, p. 7.

CAMPEONATO da Liga. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 31 out.- 1 nov. 1904. Festas e Diversões, p. 2.

CAMPEONATO de 1904. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27 out. 1904. Festas e Diversões, p. 3.

CAMPEONATO de lucta romana e dansa. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 5 maio 1916.

CAMPEONATO Sul-americano. *O Football*, Belo Horizonte, p. 2, 21 set. 1917.

CANÇADO, J. M. *Colégio Arnaldo: uma escola nos trópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1999. 113p.

CAPELATO, M. H. R.; DUTRA, E. R. F. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Org.). *Representações: contribuição a um debate interdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p. 227-267.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações: contribuição a um debate interdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p. 9-39.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2000. 196p.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. República brasileira: viagem ao mesmo lugar. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 303-321, 1989.

CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. A aventura da imprensa. In: CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola *et al.* *Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p. 19-46.

CENTRO de Cultura Physica Olavo Bilac. *As Alterosas*, Bello Horizonte, v. 2, n. 13, p. 4, 21 jan. 1917.

CENTRO de Cultura Physica Olavo Bilac. *As Alterosas*, Bello Horizonte, v. 1, n. 2, p. 7, 4 nov. 1916.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p.170-192, 1995.

CHARTIER, Roger; VIGARELLO, Georges. Les trajectories du sport: pratiques et spectacles. *Le Débat*, Paris, n.19, p. 34-58, févr. 1982.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.

CHIAVARI, Maria Pace. As transformações urbanas do século XIX. In: BRENNNA, Giovanna Roso Del (Org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Rio de Janeiro: Index, 1985. p. 569-598.

CHRONICA sportiva. *Diario de Minas*. Bello Horizonte, p.2, 5 out. 1919.

CHRONICA. *A Luz*, Bello Horizonte, p. 3, 2 set. 1904.

CHRONICA. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, p. 1, 21 maio 1899.

CHRONICA. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, p. 3, 22 fev. 1907.

CHRONICA. *Tribuna do Norte*, Bello Horizonte, p. 2, 20 jan. 1907.

CINEMA COMMERCIO. *A Tarde*, Bello Horizonte, p. 1, 31 maio 1913.

CINEMA Commercio. *A Tarde*, Bello Horizonte, p. 1, 22 maio 1913.

CINEMA THEATRO COMMERCIO. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, p. 2, 7 fev. 1912.

CINEMATOGRAFOS. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, p. 1, 27 mar. 1908.

CINEMATOGRAFOS. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, p. 2, 29-30 mar. 1908.

CIRCO Chileno. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, 3 jun. 1908. Diversões, p. 1.

CIRCO Chileno. *Jornal do Povo*, Bello Horizonte, p. 1, 31 out. 1900.

CIRCO Universo. *Diario da Tarde*, Bello Horizonte, p.1, 13 jul. 1910.

CLUB Bello Horizonte. *Tribuna do Norte*, Bello Horizonte, p. 1, 27 jul. 1906.

CLUB Bello Horizonte. *Tribuna do Norte*, Bello Horizonte, p. 2, 23 set.1906.

CLUB dos Sports Hygienicos. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, p. 7, 14 out.1917.

CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, Sabará, p. 1, 16 maio 1894

CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, Sabará, p. 1, 27 maio 1894.

CLUB Recreativo. *O Contemporâneo*, Sabará, p. 3, 11 jul. 1894.

CLUB Sportivo. *O Contemporâneo*, Sabará, p. 2, 17 fev. 1895.

CLUB Sports Hygienicos versus Yale Athletic Club. *Commercio & Lavoura*, Bello Horizonte, p. 2, 9 jul. 1916.

CLUB Sports Hygienicos versus Yale Athletic Club. *Commercio & Lavoura*, Bello Horizonte, 9 jul. 1916. Secção de football, p. 2.

COLEGIO Isabella. *A Epocha*, Bello Horizonte, p. 3, 9 out. 1904.

COMMERCIO & LAVOURA. Bello Horizonte, 18 ago. 1916. Secção de football, p. 2.

COMMERCIO & LAVOURA. Bello Horizonte, 18 jun. 1916. Secção de football, p. 2.

COMPANHIA Eqüestre. *Diario de Minas*, Bello Horizonte, p. 1, 25 jul. 1899.

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE – CVRD. *Parque Municipal: crônica de um século*. Belo Horizonte, 1992. 132p.

CORREIO DA TARDE. Bello Horizonte, 27 dez. 1917. Diversões, p. 2.

CORRIDAS no parque. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, p. 1, 30 nov. 1908.

CORRIDAS. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, p. 1, 1 jun. 1901.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidade e identidades coletivas (1897-1927)*. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

COUTO, Fernanda. *Cerveja a toda hora: chegada real*. Disponível em: <<http://bolnamesa.com.br/especiais/pais2002/chegada.jhtm>>. Acesso em 24 set.2005.

CYNERGETICA: o tiro moderno. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1-2, 29 nov. 1901.

DAIUTO, Moacyr. *Basquetebol: origem e evolução*. São Paulo: Iglu, 1991.184p.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. *Revista da USP*, São Paulo, n. 22, 1994.
(Dossiê Futebol)

DE GRAZIA, Sebastin. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Tecnos, 1966.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999. 319p.

DERBY Horizontino. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 26 maio 1902.

DIARIO DE MINAS. Belo Horizonte, 22 mar. 1900, p. 1. (Nota sem título).

DIARIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 1, 29 maio 1902. (Nota sem título).

DIARIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 06 maio 1914. (Nota sem título).

DIARIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 13 set. 1909. (Nota sem título).

DIARIO DE MINAS. Cidade de Minas, 3 jan. 1899. Gazetinha, p. 2.

DIARIO DE MINAS. Cidade de Minas, 30 jul. 1899. Gazetinha, p. 2.

DIARIO DE MINAS. Cidade de Minas, p. 1, 14 abr. 1899. (Nota sem título).

DIARIO DE MINAS. Cidade de Minas, p. 1, 24 ago. 1899. (Nota sem título).

DIARIO DE MINAS. Cidade de Minas, p. 1, 27 ago. 1899. (Nota sem título).

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, 10 abr. 1908. Diversões, p. 2.

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, 17 jun. 1908. Diversões, p. 7.

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, 3 jun. 1908. Diversões, p. 2.

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, p. 1, 23 mar. 1908. (Nota sem título).

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, p. 2, 13 e 14 abril 1908. (Nota sem título).

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, p. 2, 19 e 20 mar. 1908. (Nota sem título).

DIARIO DE NOTICIAS. Bello Horizonte, p. 2, 6 mar. 1907. (Nota sem título).

DIARIO dos esportes. *Diario Mineiro*, Bello Horizonte, p. 7, 12 jun. 1929.

DIAS, Francisco Martins (Pe.). *Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte*. Belo Horizonte: Typ. do Bello Horizonte, 1897. 108p. Edição fac-similada.

DICIONÁRIO biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte: 1894/1940. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1997.

DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991. 133p.

DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. 279p.

DUARTE, Regina Horta. *O circo em cartaz*. Belo Horizonte: Einthoven, [s.d.].

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 336p

DUMAZEDIER, Joffre. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre: CELAR/PUC RGS, [s.d.]. 73p.

DUMAZEDIER, Jofre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 249p.

ECHOS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 28 maio 1902.

ECHOS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 8 maio 1902.

ECHOS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 9 jun. 1902.

ECHOS. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, p. 1, 31 jan. 1901.

ECHOS. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 3 dez. 1911.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel. 1992.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165p.

EM nome da moralidade. *A Capital*, Belo Horizonte, p. 2, 7 maio de 1913.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Melhoramentos, 1976. v. 8.

ENSINO normal. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 6 jan. 1899.

ESCOLA Gymnastica Brasil. *Diario de Minas*. Belo Horizonte, p. 1, 24 mar. 1916.

ESCOLA Normal. *Correio da Tarde*, Bellorizonte, p. 2, 17 nov. 1917.

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 1º jul. 1913. Secção Sportiva, p. 3.

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 17 jun. 1913. Secção Sportiva, p. 2.

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 23 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 28 jul. 1913. Secção Sportiva, p. 2

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 8 jun. 1913. Secção Sportiva, p. 2-3.

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1, 11 jun. 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1, 16 maio 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1, 27 jun. 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1, 4 maio 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, 26 maio 1913. Secção Sportiva, p. 2.

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1, 6 jun. 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1, 9 jun. 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 1,3 jul. 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 2, 21 nov. 1911. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 2, 3 ago. 1912. (Nota sem título).

ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 4, 1 jan. 1906. (Nota sem título).

ESTATUTOS as Sociedade Prado Mineiro. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p.6, 24-25 out. 1904.

ESTATUTOS do Plinio Foot-ball Club. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 3, 4 nov. 1904.

ESTATUTOS do Sport Club. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 set. 1904. Secção Alheia, p. 15.

ESTRELLA FILHO. A pedidos - Foot-ball. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 14 fev. 1917.

EXPOSIÇÃO de animais. *A Gazeta*, Belo Horizonte, p. 1, 26 jan. 1908.

FAGULHAS. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 2, 16 out.1904.

FAGULHAS. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 2, 30 out. 1904.

FAGULHAS. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 2, 4 set. 1904.

FALCON, Francisco J. C. História e representação. *In*: CARDOSO, C. F. ; MALERBA, J. (Org.). *Representações*: contribuição a um debate interdisciplinar. Campinas, SP: Papirus, 2000. p.41-79.

FARIA FILHO, Luciano M. Os desafios da pesquisa em história: reflexões a partir de uma trajetória pessoal. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, 1996, Belo Horizonte. *Coletânea*. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996. p.29-34.

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Programa de Estudos pós Graduados em História da PUC-SP, 1999. v. 1. (Série: Pesquisa em História).

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *A estratégia dos signos*: linguagem/espaço/ambiente urbano. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000. 185p.

FERREIRA, Acácio. *Lazer operário: um estudo de organização social das cidades*. Salvador: Livraria Progresso, 1959. 117p.

FESTA sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 6 ago.1912.

FESTAS do centenário. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, p. 2, 6 maio 1900.

FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, p. 1, 10 ago. 1904. (Nota sem título).

FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, p. 1, 24 set. 1904. (Nota sem título).

FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, p. 1, 25 nov. 1904. (Nota sem título).

FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, p. 1, 5 set. 1904. (Nota sem título).

FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, p. 2, 10 out. 1904. (Nota sem título).

FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, p. 2, 17 set. 1904. (Nota sem título).

FOOT-BALL, olympic, league e outros. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 7 jan. 1916.

FOOT-BALL. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 1, 24 set. 1905.

FOOT-BALL. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 2, 20 ago. 1904.

FOOTBALL. *A Semana*, Belo Horizonte, 16 ago. 1919.

FOOT-BALL. *Bello Horizonte*, p. 1, 13 set. 1917. (Nota sem título).

FOOT-BALL. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 12 out. 1916.

FOOT-BALL. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 21 nov. 1915.

FOOT-BALL. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 9 set. 1916.

FOOT-BALL. *Folha Pequena*, Belo Horizonte, p.1, 24 jun. 1905.

FOOT-BALL. *O Papagaio*, Belo Horizonte, p. 2, 25 jan. 1916.

FÓSCOLO, Avelino. *A Capital*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979. 292p.

FRANÇA, Vera Regina Veiga (Org.). Narrativas do cotidiano: proposição para uma projeto de pesquisa integrado. *Revista Gerais – Estudos em comunicação e sociabilidade*. Belo Horizonte, n.52, p. 4-13, jul. 2001.

FRIEIRO, Eduardo. Introdução – Alfredo Camarate e Nova Capital Mineira. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 36, p.17- 22, 1985.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 309p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Filipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-52.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. 152p.

GRANDE match de foot-ball. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 6, 15 jul. 1911.

GRAVATÁ, Hélio. Contribuição bibliográfica sobre Belo Horizonte. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 33, p. 9-175, 1982.

GRIFI, Giampiero. História da educação física e do esporte. Tradução de Ana Maria Brandri. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1989. 299 p.

GRITO de Minas desportivo. *Grito de Minas*, p. 6, 4 maio 1927.

GUIMARÃES, Berenice Martins. A concepção e o projeto de Belo Horizonte: a utopia de Aarão Reis. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz; PECCHMAN, Robert (Org.). *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 123-140.

GUTTMANN, Allen, *apud* LE DÉBAT, Paris, n.19, p. 34, févr. 1982.

GUTTMANN, Allen. *Women's sports: a history*. New York: Columbia University, 1991. 339p.

HALFELD, Guilherme. De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas: um pouco da historia do America Football Club, por um americano fundador. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, 19 maio 1928. (recorte do Arquivo Privado do Abílio Barreto - MHAB-ABPi 7/061).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220p.

HOLT, Richard. *Sport and the british: a modern history*. Oxford: Claredon, 1992. 396p.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. 243p.

INSTITUTO de Educação de Minas Gerais faz 60 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1966. (Recorte do Arquivo da Biblioteca do IEMG).

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Significados da recreação no Brasil: algumas considerações. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2, 2001, Belo Horizonte. Coletânea...Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2001. p.95-101.

JAL; GUAL. *História do futebol no Brasil através do cartum*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004. 135p.

JESUS, Gilmar M. Os esportes e a modernidade urbana: o advento do futebol no Brasil. *In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA*, 5, Maceió, 1997. *Coletânea...* Ijuí: Ed. Unijuí, 1997. p.188-195.

JOÃO do Rio. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, n. 6, p.28, 15 mar. 1915.

JOGOS e desportos. *Correio Mineiro*, Belo Horizonte, p. 3, 30 ago. 1927.

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, 11 jan. 1900. Gazetilha, p. 3.

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, 12 jan. 1900. Gazetilha, p. 3.

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, 26 dez. 1899. Gazetilha, p. 3.

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, 26 jul. 1900. Anuncios, p. 3.

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, p. 2, 21 fev. 1900. (Nota sem título).

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, p. 2, 26 maio 1900. (Nota sem título).

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, p. 2, 7 ago. 1900. (Nota sem título).

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, p. 3, 17 ago. 1900. (Nota sem título).

JORNAL DO POVO. Belo Horizonte, p.1, 3 out. 1900.

JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. 1992. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1992.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996. p. 49-118.

K. LOURO. Serpentinhas. *Academia*, Belo Horizonte, p. 48, 30 jun. 1898.

LA ORDEN, José Tudela de. El juego de pelota en ambos mundos. In: *Citius Altius Fortius: estudos desportivos*. v. 8, n. 3-4, p. 369-412, jul-dic. 1966.

Lafa. A disciplina e o caracter dos footballers. *O Treno*, Belo Horizonte, p. 3, 30 mar. 1918.

LE DÉBAT. Paris. n.19, p. 34-57, févr. 1982.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

LE VEN, Michel Marie. *As classes sociais e o poder político na formação espacial de Belo Horizonte – 1893-1914*. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - DCP/FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 1977.

LEAL, Fábio Nunes. Ofício assinado pelo Secretário da CCNC, Fábio Nunes Leal, encaminhado ao Chefe da 6ª divisão (Arruamentos, parque), datado de 13 jul. 1895. APCBH CCDa 11/101.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.178p.

LENHARO, Alcir. Prefácio. In: DUARTE, Regina H. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas, SP: Pontes, 1991. p. 13-15.

LICÇÕES de box. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 12 ago. 1913.

LICHT, Henrique. *O ciclismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Centro de Memória da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. 162p.

LINHA de tiro. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 8 nov. 1917.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. 1996. 292f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1996.

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerários da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954; estudo crítico e nota biográfica de Maria Ceres Pimenta S. de Castro*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, 612p.

LOBO, Arthur. *Serões e lazeres*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1906.

LOURDES. Belo Horizonte, jul. 1915 – jun. 1917. (Arquivo da Biblioteca da Igreja de Lourdes).

LUCENA, Ricardo de F. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, SP: Autores Associados/CBCE, 2001. 153p.

LUCTA romana. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 24 maio 1913.

LUCTA romana. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 29 maio 1913.

LUCTA romana. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 3, 23 maio 1913.

MAGNANE, Georges. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. São Paulo: Papyrus, 1987.

MARIA, J. Foot-ball: aos alunos do Instituto Claret. *Lourdes*. Belo Horizonte, p. 764, jul. 1915 – jun. 1917. (Arquivo da Biblioteca da Igreja de Lourdes).

MARIALVA. Incipientes (...). *A Epoca*, Belo Horizonte, 16 out. 1904, p.1.

MARINHO, Inesil Penna. *Historia da educação física e dos desportos no Brasil*. Brasil Colônia – Brasil Império – Brasil República. Rio de Janeiro: MES/DEF, 1952. v. 2.

MARINHO, Inesil Penna. *Sistema e métodos de educação física*. 6. ed. São Paulo: Papelivros, [s.d.]. 444p.

MATCH de football. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 18 nov. 1911.

MATCH de football. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 2, 8 out. 1905.

MATCH de football. *O Estado*, Belo Horizonte, p. 2, 15 nov. 1911.

MATHYS, Fridrich K. História breve de los juegos de pelota. *Citius Altius Fortius: estudos deportivos*, v. 8, n. 3-4, p. 413-446, jul-dic. 1966.

McINTOSH, Peter C. *O desporto na sociedade*. Lisboa: Prelo, 1975.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O lazer no planejamento urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975. 253p.

MELO, Victor A. de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, 233p.

MELO, Victor A. de. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, Paulo C. R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 11-28.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 13 jul. 1904. Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 19 out. 1904. Festas e Diversões, p. 7.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 19-20 dez. 1904. Festas e Diversões, p. 8.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 24 nov. 1904. Festas e Diversões, p. 6.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 25 abr.1909. Festas e Diversões, p. 7.

MINAS GERAIS. Bello Horizonte, p. 6, 9 out. 1904. (Nota sem título).

MINAS GERAIS. Bello Horizonte, p.10, 28 set. 1913. (Nota sem título).

MINAS GERAIS. Decreto n. 1.093, de 3 janeiro de 1898. Declara extinta a Comissão Constructora da Nova Capital e da outras providencias para a continuação das obras em andamento. *Collecção das leis e decretos do Estado de Minas Gerais – 1898*. Cidade de Minas: Imprensa Official, 1899. p. 1.

MINAS GERAIS. Decreto n.680, de 14 de fevereiro de 1894. *Collecção das leis e decretos do Estado de Minas Gerais – 1894*. Ouro Preto: Imprensa Official, 1895. p. 118-129. (Cria a Comissão Constructora da Nova Capital).

MINAS GERAIS. Governo do Estado. Comissão Constructora da Nova Capital. Correspondência n. 595 do Secretário da CCNC para a chefia da 4ª Divisão da CCNC, 11 maio 1895. APCBH CC Da. 11/073.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. Comissão Constructora da Nova Capital. *Revista Geral dos Trabalhos*: publicação periódica, descritiva e estatística, feita com autorização do Governo do Estado, sob a direção do Engenheiro Aarão Reis. Rio de Janeiro: H. Lombaerts & C., n.1, 107 p, abril de 1895. Acervo APCBH.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. Comissão Constructora da Nova Capital. *Planta geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topographica e cadastral de Bello Horizonte*. Rio de Janeiro, 1895.(Escala : 12:2800, 60,5X 44,0, impresso colorido). AN, MHAB.

MINAS GERAIS. Ouro Preto, 12 jan. 1898. Noticias Diversas, p. 6.

MINAS-Geraes Foot-Ball Club. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, p. 1, 25 Out. 1912.

MOURA, Heloisa Soares de. Habitação e produção do espaço em Belo Horizonte. In: MONTE-MOR, Roberto Luís de Melo (Coord.). *Belo Horizonte: espaços e tempos em construção*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994. p. 51-77.

MUNFORD, Lewis. Paisagem natural e paisagem urbana. In: CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 286-291.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade n'Os sertões*. 1995. 230f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

NAVA, Pedro. *Balão cativo: memórias/2*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977. 334p.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 383p.

NEGREIROS, Plínio J. L. de C. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916)*.1992. 188f. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, São Paulo. 1992.

NOVA capital. *O Contemporâneo*, Sabará, p. 2, 2 set. 1894.

NUNES, Clarice. Os desafios da pesquisa histórica. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA*, 4, 1996. Belo Horizonte. *Coletânea*. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996, p. 19-28.

O BOX. *A Tarde*, Bello Horizonte, p. 1, 26 maio 1913.

O CAMPEONATO deste ano. *O treno*, Bello Horizonte, p. 2, 3 abr. 1918.

O DIA. *Diario de Noticias*, Bello Horizonte, p. 1, 25 jan. 1908.

O ESCÂNDALO de hontem no Variedades. *A Tarde*, Bello Horizonte, p. 1, 30 jun. 1913.

O ESTADO DE MINAS. Bello Horizonte, p. 2, 7 jan. 1906. (Nota sem título).

O ESTADO, Bello Horizonte, p. 1, 24 abr. 1913.

O ESTADO. Bello Horizonte, 16 nov. 1911. Anuncios, p. 4,

O FOOT-BALL e a petisada. *O Diario*, Bello Horizonte, p. 1, 16 mar. 1916.

O FOOT-BALL. *O Foot-Ball*, Bello Horizonte, p. 1, 21 set. 1913.

O FOOTBALL. *O Foot-Ball*, Bello Horizonte, p. 3, 13 set. 1917.

O JOGO em ação. *A Capital*, Bello Horizonte, p. 2, 6 abril 1921.

O NOVO teatro. *Diario Mineiro*, Bello Horizonte, p. 1, 25 set. de 1906.

O OPERARIO. Bello Horizonte, p. 2, 2 set. 1900. (Nota sem título).

O OPERARIO. Bello Horizonte, p. 1, 29 jul. 1900. (Nota sem título).

O OPERARIO. Bello Horizonte, p. 3, 19 ago. 1900. (Nota sem título).

O REBATE. Bello Horizonte, p. 1, 9 maio 1906. (Nota sem título).

O TRENO. Bello Horizonte, 30 mar.1918. Secção fox, p. 2.

O TRENO. Bello Horizonte, p. 3, 13 abr. 1918.

O TRENO. *O Treno*, Bello Horizonte, p. 1, 30 mar. 1918.

ORLANDI, Eni P. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos do espaço urbano*. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 9-24.

OS GRANDES jogos do dia 7 na Escola Normal. *O Foot-ball*, Bello Horizonte, p. 3, 13 set. 1917.

OS SARÁOS do Club. *A Epocha*, Bello Horizonte, p. 1, 21 ago.1904.

PAN d`EGA. Semanaes. *A Epocha*, Bello Horizonte, p. 1, 12 fev. 2005.

PARQUE Municipal: grandes festejos populares. *A Nota*, Belo Horizonte, p. 3, 8 set. 1915.

PARTIDA do Tiro 52 para Curvelo. *A Capital*, Belo Horizonte, p.1, 31 dez. 1913.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. *A metrópole cinquentenária: fundamentos do saber arquitetônico e imaginário social da cidade de Belo Horizonte (1897-1947)*. 1996. 309f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 1996.

PATEO e brinquedo para bonecas. *A Estação*, Porto (Portugal), v. 26, n. 1, p. 7, 15 jan. 1897.

PAULA, João Antônio de. *Raízes da modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 154p.

PAVILHÃO Variedades. *A Capital*, Belo Horizonte, p. 2, 12 jul. 1913.

PAVILHÃO Variedades. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 5 jun. 1913.

PAVILHÃO Variedades. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 7 jun. 1913.

PAVILHÃO Variedades. *O Comercio*, Belo Horizonte, p. 1, 5 dez. 1910.

PECHMAN, Robert Moses. O urbano: invenção ou descoberta? Para pensar uma história urbana. In: Padilha, Nino (Org.). *Cidade e urbanismo: história, teorias e práticas*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, 1998. p. 29-34.

PECHMAN, Robert Moses. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade. In: FERNANDES, Ana ; GOMES, Marco Aurélio A. de (Org.). *Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura/ Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1992. p. 33-43.

PELOS palcos e cinemas. *A Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 24 maio 1913.

PENNA, Octavio. *Notas cronológicas de Belo Horizonte 1711-1930*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 276p.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 374p.

PESAVENTO, Sandra J. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz; PECCHMAN, Robert (Org.). *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 377-396.

PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p.279-290, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 393p.

PIF. Bohemios. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, p. 1, 2 jul. 1899.

PIF. Bohemios. *Jornal do Povo*, Cidade de Minas, p. 1, 20 maio 1900.

PIF. Bohemios. *Jornal do Povo*, Cidade de Minas, p. 1, 8 dez. 1899.

PINTO, Leila Mirtes Santos de M. Lazer: concepções e significados. *Licere*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 18-27, set. 1998.

PLAMBEL. *O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970*. Belo Horizonte. 1979.

PRADO Mineiro. *A Gazeta*, Belo Horizonte, p. 2, 10 abr. 1908.

PRADO Mineiro. *A Gazeta*, Belo Horizonte, p. 2, 7 maio 1908.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 2 abr. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 21 maio 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 8 mar. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 12 jul. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 18 jun. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 18 jun. 1908.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 21 fev. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 21^o jul. 1908.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 28 ago. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 5 abr. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 6 abr. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 7 abr. 1907.

PRADO Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 8 maio 1907.

PRADO Mineiro. *Diario Mineiro*. Belo Horizonte, p. 1, 16 out. 1906.

PRADO Mineiro. *O Commercio*, Belo Horizonte, p. 2, 5 dez. 1910.

PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 10 jun. 1906.

PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 19 abr. 1906.

PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 11 mar. 1906.

PRADO Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 21 jun. 1906.

PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, Belo Horizonte, p. 1, 15 jul. 1906.

PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, Belo Horizonte, p. 3, 30 ago. 1906.

PRADO Mineiro. *Vida Mineira*, Belo Horizonte p. 4, 26 maio 1906.

PRADO Mineiro. *Vida Mineira*, Belo Horizonte, p. 2, 8 maio 1906.

PRADO. *A Vanguarda*, Belo Horizonte, p. 1, 11 mar. 1906.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas, SP: Unicamp – IE, 2000. 272p.

PUNCH. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, p. 1, 10 ago. 1901.

QUASI. Belo Horizonte, p. 1, 23 out. 1910.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo. Brasiliense, 1985.

RAMONEDA, Josep. Qué es la ciudad? *In: Visiones urbanas. La Europa 1870-1993. La ciudad del artista, la ciudad del arquiteto*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporanea: Electra, 1994. p. 11.

RECLAMAÇÃO. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 15 mar. 1918.

RECLAMAÇÕES. *Correio da Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 28 fev. 1918.

REFLEXOS. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 2 jun. 1908.

REGISTRO. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, p. 1, 22 abr. 1906.

REGRAS do lawn tennis adoptadas pela Lawn Tennis Association da Inglaterra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 28 jul. 1913.

REIS, Aarão. Circular reservada n.11, para o sr. chefe da Sexta Divisão. 26 mar. 1894b (CC Da 4/001). p. 6.

REIS, Aarão. *Comissão D'Estudo das Localidades indicadas para a nova capital*. Relatório apresentado à S. Ex^a Sr. Dr. Affonso Pena, Presidente do Estado pelo engenheiro... maio 1893. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1893.

REMEMORANDO: os primórdios do football em Belo Horizonte. *Vida Esportiva*, Belo Horizonte, p.1-3, 14 nov.1927.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Uma interpretação sobre a fundação de Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 39, p. 129-161, jul. 1974.

RIANCHO, Alfredo [Alfredo Camarate]. Por montes de vales. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 36, p. 23-198, out. 1985.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CARDOSO, Adauto Lúcio. Da cidade à nação: gênese e evolução do Urbanismo no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert (Org.). *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 53-78.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *Match do dia: ser moderno X marasmo – os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte e as construções em torno do jogo*. 2002. 95p. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ROLETAS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, p. 2, 22 jun. 1900.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: ROMANO, Rugiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. V.8. Região. Trad. Port., Lisboa: Casa da Moeda, 1986, p. 397-487.

ROTISSERIE Sportsman. *A rua*. Bello Horizonte, p. 4, 12 nov. 1907.

ROUANET, Sergio Paulo; PEIXOTO, Nelson Brissac. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? *Revista USP Online*, São Paulo, n.15, [s.d.], Dossiê Walter Benjamin. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/n15/fsptexto.html> . Acesso em 28 fev. 2004.

RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. Rio de Janeiro: Record, 2000. 222p.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. O pensamento francês na fundação de Belo Horizonte. In: _____. (Org.). *Cidade capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. p. 135-181.

SANT'ANNA, Denise B. Educação física e história. In: CARVALHO, Yara M.; RÚBIO, Kátia (Org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. p.105-114.

SANT'ANNA, Denise B. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero/ MCT-CNPq, 1974. 111p.

SANT'ANNA, Denise B. O receio dos trabalhos perdidos: corpo e cidade. *Projeto História*, São Paulo, n.13, p.121-128, jun. 1996.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasilense. 1981. 93p.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 190p.

SCHWARTZMAN, Simon. A força do novo: por uma sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 47-66, out. 1987.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 362p.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 513-619.

SEVCENKO, Nicolau. *O orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letra, 1992. 390p.

SILVA, Armando. La ciudad en sus símbolos: una propuesta metodológica para la comprensión de lo urbano en América Latina. In: HECK, Marina (Org.). *Grandes metrópolis de América Latina*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina; Fondo de Cultura Económica. 1993. p. 87-101.

SILVA, Helenice R. da. A história como a representação do passado: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Org.). *Representações: contribuição a um debate interdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 81-99.

SILVA, Regina Helena A. da. *A Cidade de Minas*. 1991. 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

SILVA, Regina Helena A. da. Belo Horizonte: o que marca sua singularidade. In: ARRUDA, Rogério P. (Org.). *Álbum de Bello Horizonte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 145-154. Edição fac-similada.

SILVA, Regina Helena A. da. *São Paulo, a invenção da metrópole*. 1997. 242f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVÃES. Notas esparças. *Jornal de Minas*, Bello Horizonte, p. 2 e 4, 20 ago. 1905.

SIMÕES, Leandro Ferreira. O jornal e a bola: para onde foi a torcida? In: CASTRO, Maria C. P. S. et al. *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: UFMG; AMI; PMBH. 1997. p. 181-202.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores associados, 1998. 145p.

SOARES, Carmen Lúcia. *Pedagogias do Corpo I*. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/car1.htm>.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SOARES, Magda Becker; PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. *Isabela Hendrix: cem anos - 1904-2004*. Belo Horizonte: Instituto Metodista Isabela Hendrix, 2004. 54p.

SOSNOWSKI, Alice de Salvo. Soirées chics dos jornais. In: CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola *et al.* *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997. p. 129-156.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos à marcha, meninas à sombra: a história da educação física em Belo Horizonte – 1897/1994*. 1994. 265f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

SOUSA, José Gonçalves de. Carta do Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, endereçada ao Prefeito da capital, em 6 maio de 1912, documento B preservado na pasta n. 31, da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1912.

SOUSA, José Gonçalves de. Carta do Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, endereçada ao Prefeito da capital, em 22 outubro de 1912, comunicando o aceite da proposta pela Sociedade Anonyma Prado Mineiro. Documento B preservado na pasta n. 31, da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1912.

SPIRIDIAM. As farpas. *A Epocha*, Belo Horizonte, p. 2, 20 nov. 1904.

SPORT – foot-ball – Liga Mineira de Sports Athleticos. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, 1 mar. 1915.

SPORT – Liga Mineira de Sports Athleticos. *Vida de Minas*, v. 1, n. 6, p. 46, 15 mar. 1915.

SPORT cinegetico. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, p. 2, 26 ago.1900.

SPORT Club Mineiro. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 2, 11 abr. 1908.

SPORT Club. *A Folha*, Belo Horizonte, p. 4, 15 jan.1905.

SPORT Club. *A Gazeta*, Belo Horizonte, p. 3, 1 abr. 1908.

SPORT Club. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p.2, 1 fev. 1916.

SPORT Club. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10-11 out. 1904. Festas e Diversões, p. 3.

SPORT Club. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26-27 abr.1909. Festas e Diversões, p. 7.

SPORT Club. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 out. 1904. Secção Alheia, p. 6.

SPORT. *A Capital*, Belo Hortizonte, p. 5, 21 out. 1913.

SPORT. *A Nota*, Belo Horizonte, p. 2, 8 set. 1915.

SPORT. *A Tribuna*, Belo Horizonte, p. 2, 22 out. 1912.

SPORT. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 30 maio 1902.

SPORT. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 5 jul. 1915.

SPORT. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 26 jan. 1916.

SPORT. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 30 out. 1915.

SPORT. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p. 1, 19 maio 1907.

SPORT – Liga Mineira de Sports Athleticos. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, v. 1, n. 6, 15 mar. 1915.

SPORT: Nullo Savianni: o goal-keeper do Yale. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, v.1, n.1, 1 jan. 1915.

SPORTS. *Correio da Tarde*, Belo Horizonte, 12 dez. 1917. Registo Social, p. 2.

SPORTS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 23 nov. 1915. Chronica Social, p. 2.

SPORTS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 14 jun 1917.

SPORTS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 19 jun. 1915.

SPORTS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 23 nov. 1915. Coluna Crónica Social.

SPORTS. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 3 mar. 1918.

SPORTSMAN. Chronica sportiva. *Folha Pequena*, Belo Horizonte, p.1-2, 11 out. 1904.

SUSSEKIND, Arnaldo; MARINHO, Inesil P.; GÓES, Oswaldo. *Manual de recreação (orientação dos lazeres do trabalhador)*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, 1952.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. *A gymnastica no Gymnasio Mineiro: internato e externato – 1890-1916*. 2004. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

TIRO 52. *Correio da Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 12 nov. 1917.

TORNEIO de foot-ball. *Correio da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 10 dez. 1917.

TURF Horizontino. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 8 maio 1902.

UM baile no Club Belo Horizonte. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, p.1, 14 abr. 1907.

UMA ideia que merece encomios. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p.1, 26 maio 1914.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos*: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 369p.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.127-162.

VALDERRAMA, Jairo Chaparro. *Significados de ciudad*. Banco de la República Biblioteca Luis Angel Arango. Colômbia. Disponível em <<http://www.lablaa.org/blaavirtual/letras/signi/1p.htm>>. Acesso em: 24 maio 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade*: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 347p.

VELO Brasil. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 20 set. 1901.

VELO Club. *Bello Horizonte*, Belo Horizonte, p. 2, 26 jun. 1898.

VELO Club. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, p. 2, 25 maio 1900.

VIANA, Eduardo. *O poder no esporte*. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

VIANA, Natércia Micheletti. As ruas dos jornais. In : SILVA, Regina Helena A. (Coord.). *Narrativas do cotidiano*: na mídia, na rua – sub-projeto: Cenas Urbanas. Belo Horizonte:UFMG, 2003, p. 37-57. Relatório.

VIDA MINEIRA. Bello Horizonte. p. 1, 5 maio 1906. (Nota sem título).

VIDA sportiva. *A Vida de Minas*, Bello Horizonte, v.1, n. 5 - 6, 30 set.1915.

VIDA sportiva. *Diario de Minas*, Bello Horizonte, p. 2 e 3, 31 out. 1920.

VIDA sportiva. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 15 dez. 1920.

VIDA sportiva. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 3, 17 set. 1920.

VIDA sportiva. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 3, 5 set. 1920.

VIDA sportiva. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 5, 6 nov. 1920.

VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Editions du Seuil, 2002. 233p.

VIGARELLO, Georges. *Passion sport: histoire d'une culture*. Paris: Textuel, 2000. 191p.

VIGILANTE. Foot-ball. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, p. 2, 15 ago. 1916.

VIÑAO-FRAGO, Antonio . El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. *Contemporaneidade e Educação*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 93-110, 1º semestre 2000.

VIOLENCIA policial. *Bello Horizonte*, Belo Horizonte, p. 1, 1 out. 1898.

VITA. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1 n. 5, 30 nov. 1913.

VITA. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1 n. 7 - 8, 31 dez. 1913 e 15 jan. 1914.

VITA. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1 n. 9, 15 fev. 1914.

VITA. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1 n.1, jul. 1913.

VITA. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1 n.3, 11 out. 1913.

VITA. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1, n. 15, 26 jul. 1914.

VITA. Bello Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1, n. 4, 30 out. 1913.

VOCAÇÃO sportiva. *O Treno*, Bello Horizonte, p.1, 30 mar. 1918.

WERNECK, Christianne L. G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG; CELAR-DEF/UFMG, 2000.157p.

WERNECK, Christianne L. G. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

WERNECK, Christianne L. G.; MELO, Victor A. Os estudos sobre o lazer no Brasil. *Revista Movimento*. 2004. Disponível em: <<http://www.lazer.eedf.br/produções/>>. Acesso em 10 fev.2005.

YAIE_(sic) versus Morro Velho. *O Estado*, Bello Horizonte, p. 2, 2 ago. 1911.

YALE Club – As festas de ontem. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, p. 2, 12 dez. 1911.

ZILLER, Adelchi L. *Enciclopédia Atlético de todos os tempos: a vida, a luta, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais*. 2. ed. Belo Horizonte, 1997. 199p.

ZUT. Chronica. *Novo Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 6, 1910.